# Um Paraíso Perdido

# *BRASIL 500 ANOS*



COLEÇÃO BRASIL 500 ANOS

*De Profecia e Inquisição* – Padre Antônio Vieira
*O Brasil no Pensamento Brasileiro* (Volume I) – Djacir Meneses (organizador)
*Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros* – Rubens Borba de Morais e William Berrien
*Catálogo da Exposição de História do Brasil* – Ramiz Galvão (organizador)
*Textos Políticos da História do Brasil* (9 volumes) – Paulo Bonavides e Roberto Amaral (organizadores)
*Rio Branco e as Fronteiras do Brasil* – A. G. de Araújo Jorge
*Galeria dos Brasileiros Ilustres* (2 volumes) – S. A. Sisson
*Amapá: A Terra onde o Brasil Começa* – José Sarney e Pedro Costa
*Na Planície Amazônica* – Raimundo Morais
*Por Que Construí Brasília* – Juscelino Kubitschek

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto


Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº
CEP 70168-970
Brasília – DF
CEDIT@cegraf.senado.gov.br
http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm

.............................................................................................................................

Cunha, Euclides da, 1866-1909.
Um paraíso perdido : reunião de ensaios amazônicos / Euclides da Cunha ; seleção e coordenação de Hildon Rocha. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.
393 p. -- (Coleção Brasil 500 anos)

1. Amazônia, descrição. 2. Usos e costumes, Amazônia. 3. Literatura, Brasil. I. Título. II. Série.

CDD 918.11

.............................................................................................................................

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

# *Sumário*

SEGUNDA PARTE

*O rio Purus e outros estudos*

*pág. 221*



TERCEIRA PARTE

*Cartas da Amazônia*

*pág. 365*

ÍNDICE ONOMÁSTICO

*pág. 387*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Textos e critérios adotados*

Os textos e critérios que nos serviram de ponto de partida para a esta Seleção, que obedece a uma temática geral – *a Amazônia* –, foram, em grande parte, reproduzidos da *Obra Completa de Euclides da Cunha*, da Editora Aguilar, organizada por Afrânio Coutinho, a quem se deve o apreciável e erudito trabalho de reunir, naquela edição geral, a totalidade dos estudos esparsamente, publicados em vida ou depois da morte do autor de *Os Sertões*. Queremos, todavia, ressalvar, sem deixar de ressaltar, o nosso empenho em fazer o confronto mais meticuloso com os textos de outras edições, especialmente com as primeiras, sempre procurando alcançar o que seria a expressão exata e original do poderoso ensaísta. O interesse das notas de pé de página da edição acima referida vem a um tempo acrescentar-se ao texto estabelecido e mantido pela notória revisão gráfica da Editora Vozes.

H. R.

# *Prefácio*

*A Amazônia e o Nordeste, ao longo dos últimos cem anos, cnheceram seus grandes intérpretes, assim chamados aqueles ensaístas que tiveram dessas regiões uma visão de conjunto, em seus múltiplos aspectos fisiográficos e sociais.*

*Cada um desses autores se ocupou de uma ou de outra região. O único a produzir obra de fôlego sobre ambas foi Euclides da Cunha, com* Os Sertões *e* À margem da História. *Curiosamente, um homem do Sudeste, que passou apenas alguns meses no Nordeste e na Amazônia. No primeiro, como correspondente de um jornal de São Paulo, durante a campanha de Canudos; na segunda, como engenheiro, a serviço do Itamarati, na demarcação da fronteira do Peru.*

*Não obstante, escreveu dois livros magistrais, que se tornaram clássicos, embora o referente à Amazônia seja uma obra inacabada, esboço apenas do trabalho definitivo, com o título escolhido de* Um Paraíso Perdido*, que ficou no projeto. Ainda assim, preliminar e incompleto, o ensaio é uma das melhores tentativas de interpretação da região, transcorridos mais de noventa anos do seu lançamento.*

*Da leitura dessas páginas, não se sabe o que mais admirar, se a vastidão dos seus conhecimentos, se o brilho do escritor genial ou a pertinácia do homem determinado, que soube executar sua missão integralmente, com enorme senso de responsabilidade, em meio a dificuldades inenarráveis. O relato das vicissitudes dessa viagem, sem laivos de autopiedade, é um testemunho impressionante do espírito estóico que ele foi.*

*No livro que nos deixou sobre a região – ou nos livros, se incluirmos* Contrastes e Confrontos *– não se espere encontrar verdades científicas, como acentuou Artur César Ferreira Reis, ao comentá-los. Ainda hoje, como ele afirmou, apesar da intensificação das pesquisas, ajudadas pelo moderno instrumento tecnológico, a Amazônia continua sendo, talvez, a mais estudada e a menos conhecida das regiões.*

*Conquanto tenha estado em contato direto, durante meses, com o mundo amazônico e, previamente, segundo seus biógrafos, já tivesse lido as obras de muitos dos sábios que o antecederam, desde La Condamine, no século XVII, nem por isso se poderia exigir precisão nas suas análises da realidade multiforme que estudou.*

*Os conceitos discutíveis, inexatos e mesmo errôneos que tenha expendido sobre a região, não tiram o valor do texto, com muito de impressionismo, mas com passagens lapidares, definitivas, apreendidas por intuição de gênio.*

*Misto de poeta e homem de ciência, como alguém já o classificou, sem a preocupação de escrever tese acadêmica, descreve a região como um paisagista, com pinceladas de cores fortes e impressivas. Assinala que o seu primeiro contato com aquela "última página do Gênese" lhe causou desapontamento, por considerar a visão real inferior à imagem prefigurada em sua mente.*

*Constata a fatigante monotonia da paisagem, com seus horizontes vazios, por lhe faltar a presença movimentadora da linha vertical. Mas a seguir, com a lucidez do observador arguto, registra que assim é*

*para o viajante, mas não para o sedentário, porque os cenários, invariáveis no espaço, sofrem mudanças no tempo, por força de transfigurações inesperadas.*

*Mostra-se igualmente magistral como retratista da paisagem social e humana. Irretocável sua descrição do seringal, comparado a um polvo, que tinha seus tentáculos nas "estradas", a sugar as energias do homem, exaurido pelo brutal sistema de exploração a que era submetido. Este ser explorado, o seringueiro, ele compara a um prisioneiro encarcerado numa prisão sem muros, condenado a uma empresa de Sísifo, a rolar não uma pedra, mas seu próprio corpo, na caminhada solitária pela "selva", com retorno obrigatório ao ponto de partida.*

*Notável, por todos os títulos, o capítulo Judas-Asvero, referente à malhação de Judas no sábado de Aleluia, com as peculiaridades que lhe emprestavam, à época, os seringueiros do Alto Purus. A prática local não se limitava à flagelação de um boneco desengonçado, como em toda parte, mas se diferenciava pelo esmero do seringueiro em retocar as vestes e os traços fisionômicos do judas, feito à sua imagem. Diferente também o ato final da cerimônia, que não culminava com a queima do boneco, como em outros lugares, mas com sua colocação numa jangada, empurrada para vagar no rio, correnteza abaixo, espingardeado e apedrejado pelos ribeirinhos, ao longo do percurso, até o desaparecimento. Euclides dá a essa liturgia uma interpretação psicanalítica, ainda nos albores dos estudos de Freud. Com sua imaginação prodigiosa, dá-lhe o sentido de uma catarse do seringueiro, a se autopunir na figura do judas, feito à sua semelhança, pela ambição que o levou a se escravizar à gleba. E sua transformação em Asvero, como um espantalho errante, seria como a materialização do desejo inconsciente de que o mundo tomasse conhecimento do seu infortúnio. Mesmo os que rejeitem a tese, por fantasiosa, dificilmente deixarão de se render à beleza literária do texto, impecável.*

*As passagens aqui citadas não são as únicas dignas de menção, nem talvez as melhores. Pincei-as aleatoriamente, ao sabor das*

*minhas preferências, consciente da enorme dificuldade de selecionar trechos de uma obra, quase toda, antológica. Por isso mesmo, merecedora desta reedição, em boa hora encetada pelo Conselho Editorial do Senado, à frente o Senador Lúcio Alcântara, que assim presta um grande serviço à região amazônica e à cultura brasileira.*

JEFFERSON PÉRES

---

Membro da Academia Amazonense de Letras e senador pelo Amazonas no período 1995-2003.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

# *Epígrafes/Introduções/Biobibliografia*

*O gênio que mais profundamente prescrutou a índole da nossa gente é o paisagista da pena que, mais do que ninguém, soube descrever a natureza do Brasil. O gênio do nosso povo ninguém o compreendeu melhor do que ele. Dominem em nós as idéias que Euclides agitou e com elas façamos desta Pátria o teatro de uma esplêndida realidade, oficina do trabalho, fecundando-se num largo espírito de solidariedade humana.*

TEODORO SAMPAIO

*O único critério eficaz de uma séria política de desenvolvimento da nossa cultura é o critério nacional. Estudar o Brasil, eis o que deverá ser o lema do patriotismo e do zelo pela sorte de nossa terra.*

ALBERTO TORRES

*Euclides da Cunha é um escritor pungente, aflige, emociona, por isso mesmo desperta, como nenhum outro, o ideal nacionalista.*

ROQUETTE PINTO

*Os trabalhos que constituem o presente volume atestam a importância de sua contribuição aos estudos brasileiros. Não revelam apenas o erudito, autor elegante e de português castiço. O escritor não se fixa à fria dissecação dos fatos, em equação sem*

*vida, mas provoca uma energia que se lança ao futuro em profética mensagem. Porque Euclides se encontrava adiante das aspirações de seu tempo, transmitindo as energias latentes de seu povo. O destino talvez lhe tenha roubado a culminância da missão, mas o que produziu no âmbito da temática brasileira encrava raízes profundas nos alicerces das aspirações nacionais.*

PAULO MERCADANTE

*O intérprete autêntico do mundo brasileiro, que criava uma linguagem poderosa para mostrá-lo em sua própria realidade, não valorizou apenas a brasiliana no sentido de um exame horizontal. É uma análise que se verticaliza, sem distorção, captando no acontecimento coletivo ou no episódio histórico – à sombra do testemunho – os elementos culturais que configuram psicologicamente o país e o povo. Foi incorporado o que de telúrico existia sem que se ferisse a ressonância literária.*

ADONIAS FILHO

*O vale do Amazonas é, porém, dentro das fronteiras nacionais, um enigma do futuro. Nenhum rio sobre a Terra ocupa essa posição especialíssima, que parece assinalar no próprio leito o caminho do Sol. Na história da civilização jamais se encontrou o gênero humano em teatro nem mais vasto nem mais prodigiosamente dotado de qualidades antagônicas. No* habitat *amazônico que povo surgirá, que papel lhe estará reservado nos grandes destinos da América?*

TEODORO SAMPAIO

*Depois de tudo que escrevi, depois de tudo o que vi por esse Brasil afora, descobri que o meu brasileirismo é tipicamente de um estrangeiro. Só o meu estrangeirismo, a minha pobre cultura importada, é que eram capazes de descobrir o que há de original no Brasil. O brasileiro vive o Brasil e não o descobre.*

MÁRIO DE ANDRADE

*Ninguém lê; ninguém escreve; ninguém pensa. A mofina literária nacional traduz-se, naturalmente, numa vasta poliantéia, a 100 réis por linha. De todo absorvidos no presente, às voltas com seus interessículos, estes homens, tão descuidados do futuro, ainda menos curam o passado; e decerto não escutarão a grande voz do historiador. Entretanto, quero crer que ainda haverá meia dúzia de espíritos capazes do esforço heróico de um rompimento com tanta frivolidade. E entre estes me alinharei.*

EUCLIDES DA CUNHA (Carta a Oliveira Lima)

*O Dante para zurzir os desmandos de Florença idealizou o Inferno; eu, não; para bater de frente alguns vícios do nosso singular momento histórico, copiei, copiei apenas...*

EUCLIDES DA CUNHA (Carta a Joaquim Nabuco)

*Nosso país é um meio sem uniformidade. Temos climas que se extremam, dispares, ao ponto de se imporem adaptação penosa aos próprios filhos do território, e se exageramos o conceito de Buckle prefiguraríamos na nossa terra a existência futura de muitas nacionalidades diversas. Porque a pressão barométrica, a temperatura e os ventos predominantes, seguindo o litoral extenso ou vingando as bordas dos planaltos, não se entrelaçam num regímen único transcorridos alguns graus além do trópico, na direção do norte, quando as cadeias se alongam perpendiculares ao alísio, observa-se, de pronto, inesperada anomalia climática entre a faixa de terras que lhes demoram a leste e as regiões sertanejas, desdobradas para o poente. Dali por diante, o clima, contraposto a sua definição teórica, começa a definir-se, anormalmente, pelas longitudes.*

EUCLIDES DA CUNHA

*Diante do mundo adusto do sertão, ou da explosão verde da Amazônia, mantinha Euclides a mesma atitude verbal. Transformava a um e a outro em ingredientes de sua grandiloqüência. De uma eloqüência que somente continua viva porque sustentada pela sua poderosa consciência social – a consciência ética que levou Euclides a banir da literatura seu sentido diletante, para à literatura dar espírito de missão.*

FRANKLIN DE OLIVEIRA

*Escapa-se-nos de todo, na Amazônia, a enormidade que só se pode medir, repartida; a amplitude, que se tem de diminuir, para avaliar-se; a grandeza que só se deixa ver, apequenando-se, através dos microscópios, e um infinito que se dosa a pouco e pouco, lento e lento, indefinidamente, torturadamente. A Terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton: esconde-se a si mesmo. Anula-se a própria amplidão, a extinguir-se, decaindo por todos os lados, adstrita à fatalidade geométrica da curvatura terrestre, ou iludindo as vistas curiosas com o uniforme traiçoeiro de seus aspectos imutáveis. A inteligência humana não suportaria de improviso o peso daquela realidade portentosa. Terá de crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la.*

EUCLIDES DA CUNHA

*Seria interessante calcular-se, no caso da atenção despertada por Euclides da Cunha em leitores europeus e anglo-americanos, a relação da importância que principia a ter hoje para eles o assunto principal versado pelo mesmo Euclides – o Brasil, o trópico brasileiro – com o valor ou poder literário desse escritor de tal modo identificado com o seu principal assunto, que sua literatura um tanto ciência, um tanto poesia, tornou-se expressão viva do exotismo ou do tropicalismo brasileiro.*

GILBERTO FREIRE

*A floresta imensa, de árvores augustas e seculares, chegava até a margem do rio quando os primeiros colonizadores, fazendo ressoar o machado nos troncos enormes, ergueram aí a primeira barraca de seringueiro. E pouco a pouco, investindo contra a selva noturna e impenetrável, foi o homem avançando contra a muralha verde, até fixar naquelas brenhas o marco da primeira cidade. Agora, não era mais o casebre isolado. Alinhadas à beira do rio largo e profundo, as casas de negócios e de moradia, comprimidas entre a floresta e a água, eram como ovelhas escuras de um pequeno rebanho, trazidas a beber na torrente por uma legião de gigantes desgrenhados.*

HUMBERTO DE CAMPOS

*O Brasil foi como essas princesas adormecidas por cem anos nos seus castelos encantados, pelo condão mágico de alguma fada, mas que conservam o talismã da juventude, como Marion de Lorme o da virgindade. O mundo antigo esboroou-se sob os pés dos viajantes do progresso, o crepuscular pálido da aurora da civilização tornou-se o irradiar do sol dos trópicos, o raio luminoso da razão rasgou o negrume das nuvens dos preconceitos. Os séculos passaram... passaram, muitas nações romperam suas roupas nos sarçais da experiência. e quando todos os solos já tinham sido o estádio ensangüentado dos paladinos mortos na liça, quando nos outros países cada braça de terra é um túmulo, cada flor medra sobre um cadáver e o pó que se pisa é talvez os restos de algum romeiro que se abismou no nada, então o Brasil, sacudindo os lençóis de neve dos Andes, que lhe escondiam a fronte, despertou das trevas.*

ANTÔNIO DE CASTRO ALVES

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Apresentando dimensões do Brasil*

Artur César Ferreira Reis

Uma nação constrói-se, ao longo do tempo, pelo esforço bem conduzido e coordenado de seus filhos, que lhe asseguram a continuidade, visando ao futuro, mas sem ignorar e preservar o passado, que é lição permanente a significar a ação dinâmica dos que a promoveram antes. Nenhum povo, em conseqüência, pode ater-se apenas ao presente para realizar-se, crescer, multiplicar-se, realizando-se efetiva e permanentemente. Mesmo entre os grupos de cultura menos avançada, essa preocupação em preservar o passado, no que ele possui de mais expressivo, é uma realidade incontestável. Frobenius, por exemplo, encontrou, no coração da África negra, os quadros de elite que rememoravam aos novos o que fora a vida anterior, naquilo que pudesse significar a história venerável do grupo. E entre os que se ufanam de suas linhas de civilização, a defesa e a conservação do patrimônio cultural é um dos pontos altos dessa civilização.

A educação e a formação da inteligência da mocidade de qualquer sociedade política, conseqüentemente, não pode nem deve ser promovida e incentivada apenas em termos de atualidade ou de preocupações futurológicas. Na educação e formação dos futuros quadros de inteligência, em particular nos países novos, não deve faltar nunca o conteúdo cultural, que se adquire no estudo, no exame, na compreensão do

que se fez ontem e resultou na mesma capacidade de criar que preside ao comportamento de hoje e, certamente, vai ser a dos dias a chegar. Em todos os momentos, é certo, enriquecemos esse patrimônio com novos valores, elaborando-os nas mudanças que sempre ocorrem e hão de ocorrer sempre, mesmo porque ninguém deseja a parada, o estancamento das forças da criação. Esse estado de espírito valeria com um fim, um encerramento daqueles valores, essenciais na vida dos povos.

Em nações novas, no entanto, essa renovação ou essas experiências diárias em busca do que, não sendo definitivo, deve ser o melhor, no momento, como fruto de anseios, de aspirações coletivas, precisa ter o respaldo do passado, fundamento da hora atual que se estiver vivendo. Ademais, é valor positivo a considerar como motivação a raiz de tudo que se construiu e constrói. No campo da inteligência, por isso mesmo, os livros que se marcaram iniludivelmente valem como fonte permanente de civismo, de beleza, de espírito criador, indicativos de energia que estuava e os produziu como modelos de toda espécie. Há, neles, não somente um patrimônio a preservar, mas, insistamos, fonte permanente de expressão e interpretação da própria Pátria em busca de uma definição mais permanente.

Ainda há pouco, em Veneza, oitenta e cinco nações se reuniram, convocadas pela Unesco, para examinar a problemática da cultura, como patrimônio que o passado legara e era preciso proteger, manter, assistir, conservar. Foi unânime a decisão de que nesse patrimônio estava todo aquele imenso acervo de produção intelectual, representada nos livros símbolos, que deviam ser difundidos como fundamento do ser nacional. Os africanos, nesse particular, à falta da literatura escrita, apegavam-se à solução da literatura oral, de que dispunham e produziam os melhores resultados emocionais.

A coleção *Dimensões do Brasil*, sob a direção editorial de Hildon Rocha e a responsabilidade de um Conselho Consultivo, que foi organizado tendo em vista o melhor padrão cultural de seus integrantes, programou-se considerando a necessidade de divulgar os textos fundamentais que dignificam e explicam o processo cultural do Brasil, justamente

---

É o que Maurice Houiss, em *Anthropologie linguistique de l'Afrique Noire*, Paris, 1971, chama de “civilização da oralidade”.

no momento em que o próprio governo se volta para a formação cívica das multidões novas que se preparam para assumir o papel que lhes há de caber na condução futura do país.

O objetivo da coleção é, portanto, divulgando aqueles textos clássicos, assegurar o lastro cultural de que os moços de hoje precisam dispor para que não se percam em divagações futurológicas, perigosas, inclusive, à segurança ética e política da nação. O que nela se contém, efetivamente, é o que há de mais representativo naquele processo cultural, tão importante como o processo de desenvolvimento econômico. Como uma nova Brasiliana, servirá ao conhecimento do Brasil nas suas mais variadas formas, estilos, proposições, valendo também para definir-se na multiplicidade de aspectos que nos distinguem no panorama universal.

Somos um continente e ao mesmo tempo um arquipélago. Há hoje o esforço nacional que mobiliza por decisão coletiva para assegurar-nos, num continente-arquipélago, aquela força disciplinadora que nos está conduzindo à potencialidade, que não importa em hegemonias perigosas aos interesses de outros, mas vale para evidenciar que, mesmo sem a explicação de milagre, somos um povo que não se perdeu na desconfiança nem na negação de sua própria existência.

Nesta coleção, de Euclides a Rodolfo Garcia, Gilberto Freire, Cavalcanti Proença, passando por Nabuco, Rui, Oliveira Lima, Perdigão Malheiro, Edison Carneiro, Nina Rodrigues, José Honório Rodrigues, Sílvio Romero, João Francisco Lisboa, Manuel Bonfim, Teodoro Sampaio, Capistrano de Abreu, temos o Brasil nos seus aspectos e peculiaridades regionais, suas gentes, na luta por elaborar a consciência, a base física e o sistema institucional. Teremos o Brasil em corpo inteiro, naquilo que o define, naquilo que se pode orgulhar, naquilo que significa força viva, ímpeto, dinâmica. A ela poderá seguir-se outra, que a complete, escrita pelos de hoje, sob aqueles ângulos variados da vida brasileira, desde a caracterização do espaço físico, às estruturas de toda espécie que permitam a definição mais exata e serena da realidade brasileira.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

# *Brasil em dimensões históricas*

Hildon Rocha

*Comecei a aprender a parte do presente que há no passado, e vice-versa.*

MACHADO DE ASSIS

*Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.*
*Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa e, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.*
*Porém o melhor fruto, que dela se pode tirar, me parece que será salvar esta gente.*

PERO VAZ DE CAMINHA

*Assim como não temos uma ciência completa da própria base física da nossa nacionalidade, não temos ainda uma história. Não aventuro um paradoxo. Temos anais, como chineses. À nossa história, reduzida aos múltiplos sucessos da existência político-administrativa, falta inteiramente a pintura sugestiva dos homens e das coisas ou os travamentos de relações e costumes que são a imprimadura indispensável ao desenho dos acontecimentos.*

EUCLIDES DA CUNHA

Segundo a advertência de credenciado pensador dos nossos dias, cujo nome não me lembra agora, devemos estar atentos para a contemporaneidade do não-coetâneo, o que equivale a dizer que devemos estudar o passado, para tornar-se-nos menos penoso e menos difícil o entendimento do que ocorre no presente. E reencontrando a sabedoria do venerando Benedetto Croce – um sábio da História, dos seus processos intercíclicos e de seus abalos intermitentes, devemos também convencer-nos de que toda História é contemporânea, o que não precisa tanto ser glosado, já que nesses dois conceitos pode resumir-se aquele

outro menos desconhecido: o que nos diz que a História se repete. Para não irmos muito além desse pensamento, estaremos nos três casos – ou nas três conceituações – pegando a ponta do fio do determinismo dialético. E se é mesmo assim, não estamos, por sermos de hoje, de um tempo especial e tantas vezes surpreendente, tão insulados, tão dissociados do que foi, do que se foi, nem do que ainda poderá vir.

O passado, este "sombrio Rio dos Mortos", da imagem de Michelet, deve ser exumado das velhas páginas dos in-fólios e dos códices, para ainda uma vez nos ensinar que nem todos os dias foram tranqüilos noutras eras. E que as tormentas sempre passam, para voltar a "serena claridade, removendo o temor ao pensamento". O não menos sábio Thomas Mann, que tinha em suas veias boa percentagem de sangue brasileiro, no seu prelúdio à longa e fascinante história de *José e Seus Irmãos*, também já prevenia: "é muito fundo o poço do passado. Não deveríamos antes dizer que é sem fundo esse poço?" Thomas Mann falava do passado sem termo e sem fundo, onde sempre haverá "pontas de terra inesperadas e novas distâncias" para continuá-lo e negaceá-lo. Mas nos dias que vivemos, repletos de ameaças, como também de incalculáveis perspectivas, poderemos encontrar-nos melhor, ou talvez nos compreender um pouco mais, se nos deslocarmos numa retrospectiva no tempo e no espaço social brasileiro.

Devemos, por tantas e fortes razões, exumar de sua tumba recoberta não de musgos e ciprestes, mas de traças e poeira, os nossos mortos de melhor memória, para que venham ajudar os vivos a encontrar caminhos claros e firmes. Nessa escolha dos mortos exumáveis, devemos ter cuidado, para que não se interponham aqueles que, ao contrário da ressurreição, devem continuar bem enterrados. Há alguns vivos que os encarnam ou reencarnam, que por eles estão obsidiados – ou incorporados por evocação espiritista – o que nos forçaria a apelar para exorcistas. Não desconhecemos que esses mortos esquecíveis revivem o verso de Castro Alves: "morto entre os vivos a vagar na Terra." Deixemo-los, pois, onde jazem: escondidos pelas traças, *dormindo profundamente*.

Não possuindo tempos imemoriais, como os que Thomas Mann investigara, não nos será tão difícil, embora possa ser um pouco trabalhoso, perceber as razões que nos explicam, de permeio com outras

que nos acusem de hoje faltarmos com a consciência histórica. Mas isto virá dizer-nos que ainda podemos recuperar essa perda circunstancial – ou talvez acidental – da consciência histórica. Outros povos a perderam por algum momento, e a reencontraram depois. Todas essas reflexões ocorrem – ou poderão ocorrer-nos, quando descobrirmos de uma vez o que a nossa época significa em termos de resultados atingidos e de balanço a ser feito, com vista a uma lúcida reativação dos velhos e ultrapassados ritmos de desenvolvimento econômico e de ajustamento social.

### OUTRA REALIDADE

Não há dúvida de que neste momento estamos sendo provocados por um outro tipo de realidade daquela a que nos habituáramos – e bem poderíamos dizer que se trata da realidade que inconscientemente procurávamos, e que talvez tenha chegado vertiginosamente, sem nos dar tempo de refazer o estado psicológico, compondo-nos emocionalmente para enfrentarmos o rumoroso desafio das transformações. Entre outras e necessárias revisões de comportamento político-institucional, não poderemos deixar de rever – na tentativa de revalorizá-lo, o trabalho dos nossos ascendentes. Não somente encarando o esforço dos que fincaram bandeiras de conquista na terra violentada, mas, inclusive, os que melhor souberam descerrar-nos os horizontes ideológicos, através das rotas que indicaram, oferecendo-nos material exaustivamente reunido e coordenado, no qual encontraremos os fundamentos – não só historiográficos, como também exegéticos, de nossa multifacetada sociogenia. Decerto nos deixaram inumeráveis elementos episódicos, enleados nas idéias que atuaram como força inspiradora, valiosa para uma atual retomada de vistas.

Os nossos critérios de análise, destinados ao aproveitamento e à recolocação das velhas fórmulas um tanto malfadadas, poderão ser outros e diferentes, mas sem deixar de recolher os dados de informação que servirão para ligar – ou religar – as várias pontas do misterioso fio dos acontecimentos. E assim poderá cessar a injustiça do nosso tempo ou da nossa geração, que é subestimar ou elidir pela ignorância – quando não pelo desinteresse – a ação material e o pensamento criador dos que aqui lançaram as bases de sustentação histórica de uma civilização de que tantos falam mal sem conhecer como se fez, como se desenvolveu e a que fatores esteve aprisionada.

Desentranhando da pátina cerrada dos arquivos esquecidos – onde desoladamente se escondem e se tornam inabordáveis as obras representativas do nosso pensamento histórico – estaremos removendo as camadas de pó e indiferença que nos vêm seccionando do nosso próprio passado. Este vem sendo, notadamente nestas três décadas, cada vez mais condenado à reclusão, como se encerrasse segredos e revelações que não nos fosse permitido conhecer. Os que agora se estarrecem com a provocadora realidade que defrontam, não se sentem em condições de avaliar coisa alguma, nem mesmo de tentar compreender o que se move e se alteia diante de seus olhos siderados. Não há nem livros, nem mestres que os coloquem face a face com os nossos precedentes históricos, proporcionando uma abordagem ao menos confrontativa entre esses precedentes e a nossa coetaneidade, de que consigam extrair alguma ilação, alguma premissa que possa deflagrar um novo processo de análise e de investigação fundamentada.

Os jovens, particularmente, largados à margem da vivência brasileira, não se preparam para compor o elo de continuidade e ligação entre o passado e o futuro, e se quedam cada vez mais conciliados com a superficialidade e imediatidade das aulas e matérias que lhes cabem em sorte – em má sorte – assim não conseguindo atingir por si próprios os requisitos e instrumentos de cultura irrecusáveis a qualquer tentativa ou esforço de invasão em tais e complexos domínios. Até mesmo as velhas, exauridas e nem sempre válidas relações de causa e efeito não estão eles aptos a arregimentar, sendo isto o mínimo que se admitiria para um esboço de preparação nos vários compartimentos da ciência histórico-política. E estamo-nos referindo aos jovens das faculdades que se dizem de história, direito e ciências sociais, para citarmos tão-somente os exemplos mais desconcertantes, ao lado dos quais se incluíram os ilustres inocentes do Leblon, eternamente preocupados com a pura criação estética, não encarando jamais a sua historicidade. Planando sideralmente no distanciamento emocional e intelectual das coisas da nossa terra e da nossa gente, vivem eles acasulados na ilha dos seus amores e quimeras, repetindo a aventura mágica dos "eternos rimadores de epitalâmios e elegias", que assim prolongam o suntuoso estendal daquelas deploráveis "inutilidades públicas", contra que tanto resmungava o austero Herculano.

Não é admissível, pois, que as novas gerações, que podem ser atraídas para a análise da vida brasileira, continuem ignorando a indesprezável contribuição dos mestres que em suas obras conseguiram revelar as interseções e os travamentos dos nossos vários ciclos de evolução e consolidação, correlacionando-os na sua funcionalidade civilizadora e nas suas correspondentes estruturas econômico-sociais. E no enfoque da globalidade não devendo ser subestimados os que estudaram as situações e contexturas regionais e estaduais, com a incorporação de capítulos e obras específicas que ajudam a constituir a geopolítica nacional, consubstanciada paradoxalmente na vinculação e na variedade dos seus estágios e fenômenos civilizatórios.

E para que possamos ver melhor o que por esses necessários precursores foi realizado (associando os que fizeram e os que escreveram a História), é imperioso o compromisso de estudarmos e percorrermos a sua obra de pensamento ou de ação, como o de desenvolver esse estudo com o debate e a interpretação das idéias e fórmulas por eles ventiladas com seriedade de propósitos. Teremos ainda oportunidade de conhecer as condições ambientais e concretas em que se produziu o nosso fragmentado e interdependente desenvolvimento das partes que teimam em se pertencer mutuamente sem contudo nivelar-se a totalidade orgânica nacional, tudo isto se engendrando à sombra de instituições políticas geralmente macaqueadas em fontes e modelos alienígenas. Poderão dentro da mesma oportunidade avaliar as distâncias geográficas deste país assim interdiversificado, em que logo se sucedem e contrapõem as variantes de clima e a promiscuidade étnica de sua população, resultando nas antinomias e contrastes, que deram até um título de livro e que tanto entravam, embora não improbabilizem a ambiocionada, harmoniosa e nivelada confederação. Todas as propostas que se inclinem à conciliação das nossas melhores, conquanto não idênticas tendências – as melhores e também dominantes – deverão reunir-se em nosso programa de estudos, decididamente interessado em promover o conhecimento do Brasil.

## HISTÓRIA COM H MAIÚSCULO

De nenhum modo nos atrai a "recapitulação sonora de façanhas", às vezes mal forjadas pelos caprichos egocêntricos, pois preferimos, como Eça de Queirós queria e professava – do outro lado avesso

ao de Pinheiro Chagas – "um programa para o movimento social das gerações futuras". Preferimos – e queremos repetir que preferimos, porque não somos patriotinheiros – "o nobre patriotismo dos que amam a pátria, com a serenidade grave e profunda dos corações fortes", para com o mesmo Eça colocar em primeiro lugar os "que respeitam a tradição, mas cujo esforço vai todo para a nação viva, a que em torno deles trabalha, produz, pensa e sofre". São estes os que "se ocupam da pátria contemporânea, cujo coração bate ao mesmo tempo que o seu, procurando perceber-lhe as aspirações, dirigir-lhe as forças, torná-la mais livre, mais forte, mais culta, mais sábia, mais próspera e por todas estas nobres qualidades elevá-la entre as nações". Nada, afinal, em nosso bloco de obras com idéias históricas e sociais, de pretendermos mobilizar "a nação num pasmo fictício para o passado, que a impede de trabalhar pelo futuro", assim concluindo com palavras do sarcasta das *Notas Contemporâneas*, cuja ironia acídula não dissolveu nele o patriota.

A história que aqui vamos coordenar e selecionar nas suas divisões convizinhas e intercaladas – da narrativa ao ensaio, das teses ao debate doutrinário, da investigação antropológica ao alinhavamento dos fatores econômicos, inclusive os extranacionais – será predominantemente aquela que conta as lutas do povo brasileiro e dos seus líderes e heróis libertários e nacionalistas; a dos costumes, crenças e sentimentos coletivos pelos quais a gente brasileira se revela em seus impulsos e inclinações congênitos; a do inumerável repertório das suas lendas; a de seu estranho e às vezes confuso sincretismo religioso; a de seus mitos encantatórios e miraculosos; a de seus arrebatamentos messiânicos tocados de fremências místicas; a de seus desdobramentos étnicos e de suas irreprimíveis atrações pelos aspectos lúdicos, hedonísticos, dionisíacos quando não afrodisíacos de vida; e como exemplar energia humana que nos condiciona e nos recupera se a lembramos, a epopéia dos conquistadores e desbravadores que pisaram pela primeira vez a terra virgem e desconhecida dos mapas, então não atingida pela ciência fria dos cartógrafos. Procuraremos dar aqui além daqueles demais aspectos de nossa formação nacional, exatamente aquela história de semblante sério, eqüidistante dos tambores triunfais, dos mesureiros que ainda se persignam diante das reproduções em cores dos esmaecidos daguerreótipos de príncipes, princesas e rainhas. Será exatamente aquela história de que

Euclides da Cunha nos dá a sugestão: a "que nos abreviasse a distância do passado e, num evocar surpreendente, trouxesse aos nossos dias os nossos maiores com os seus caracteres dominantes, fazendo-nos compartir um pouco as suas existências imortais"... Pretendemos reapresentar, em suma, a história que tenha afinidades com aquela que Herculano e Oliveira Martins escreveram em Portugal e entre nós foi lançada pioneiramente por João Francisco Lisboa, e em seguida por Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Capistrano de Abreu, Teodoro Sampaio e João Ribeiro. É neste estilo de narrativas historiográficas que os cientistas políticos e sociais vão defrontar o ponto de partida, os elementos de apoio para as readaptações da experiência já vivida, às novas situações conjunturais a que sempre resiste e sobrevive a nossa hereditária vocação nacionalista.

### EQUACIONAMENTO E CONFRONTO DOS FATOS

Na amplitude e na variedade das condições, lineamentos e fenômenos históricos levantados e configurados nesta coleção, encontram-se os fundamentos que permitirão uma idéia-síntese do quadro geral da nossa vida de povo e nacionalidade, em todas as dimensões históricas. Encontraremos ainda a imagem multiforme da nossa expressiva e tão mesclada civilização, desde os primórdios de sua existência. Os temas e problemas destacados nesta coleção, cujo primeiro volume só agora conseguimos entregar ao público, com o apoio da atual direção do Instituto Nacional do Livro, são os que mais preocuparam os nossos maiores mestres de história e antropologia. Por este motivo, as obras que a integram, representam a melhor fonte, os alicerces para uma iniciação sistematizada neste complexo campo do saber.

No equacionamento das estruturas políticas, sociais e econômicas, no amplo levantamento das origens, relações e causas que puseram em prática, alguns entre esses escritores conseguiram dimensionar as tendências e as possibilidades de nossa evolução, partindo de pressupostos muitas vezes válidos em suas correspondentes épocas. Entre outras realidades que nos foram reveladas, estão os períodos de nossa história percorridos dentro do espírito e da forma da unidade nacional consolidada pelas instituições políticas emergentes da Independência, até 1889.

Daí por diante, a partir da República e de suas primeiras reformas tanto políticas, como financeiras, tanto sociais como religiosas,

foram sempre dramáticos os avanços e conquistas materiais, emaranhados e confundidos com os retrocessos institucionais.

No confronto com os fatos e com a realidade que vivemos no presente, é que podemos avaliar até onde os nossos antepassados acertaram em suas idéias e proposições. No caso de Euclides da Cunha temos a confirmação do seu poder meio profético, quando soube indicar com veemência o caminho de nossas regiões abandonadas, defendendo seu aproveitamento e sua integração no contexto global da nacionalidade. E quanto a outros entre estes estudos das questões histórico-políticas, a exemplo de Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, poderemos chegar ao menos em face do realismo coetâneo, a conclusões diferentes.

Dividindo-se e concretizando-se entre as idéias de fundo e as de forma a respeito de nossas aspirações sociais e políticas, Rui e Nabuco entregaram-se com muita ênfase a estas últimas, embora de passagem, em manifestações ligadas a fatos decisivos, tivessem formulado algumas equações e diretrizes de indiscutível objetividade. Não há quem possa negar que o Rui da política financeira como ministro da Fazenda foi muito mais realista que aquele da Federação e da República perfeita. O mesmo verificando-se com Joaquim Nabuco, que reclamava uma justa divisão da terra, com vistas à socialização da propriedade, tão mais da história e do progresso que o outro Nabuco da monarquia retardatária.

Atuando dentro do tempo deles, como tantos outros incluídos neste programa de estudos brasileiros, viveram conflitadamente idéias e acontecimentos, ilusões e realidades, mas quase sempre predominando em seu espírito a preocupação política sobre a social e a econômica. Recenseando as experiências que as antigas gerações nos deixaram como legado – na verdade um farto legado de experiências – devemos tomá-las como fonte de pesquisa e algumas vezes de aprendizado. E revendo sua obra de interpretação do Brasil, estaremos abrangendo estágio e espaços de nossas dimensões nacionais, com o conhecimento do passado nos balizando para o estudo do presente e o avanço no futuro. Assim temos certeza de que será menos difícil e penosa a formação de uma consciência histórica fundamentada, que em outros povos e nações, como a França, a Inglaterra, a Alemanha e a Itália, tem valido como fonte de sabedoria política e de equilíbrio entre as forças tumultuosas do presente e as bases dificilmente destrutíveis do passado. É o desafio

destes dias, ficando no ar a interrogação à espera de resposta. Somos ou não somos capazes de enfrentá-lo?

### OS MOMENTOS CÍCLICOS

Reerguendo o nosso passado em seus momentos e movimentos cíclicos, vamos encontrar o Brasil colonial nas páginas desse cronista-historiador que foi João Francisco Lisboa. Ele soube envolver a narrativa dos nossos primórdios nas malhas de um estilo flexível e que lembra as narrações históricas de um Frei Luís de Sousa, em linguagem moderna e desarcaizada.

Visto por Sílvio Romero, como o "pai da nossa História", em nenhum outro historiador, exceção de Capistrano de Abreu, deparamos as primeiras aventuras dos nossos colonizadores, reconstituídas com uma visão em síntese tão bem travejada e movimentada nos seus episódios e nos seus quadros. Mesmo entre aqueles que mais carregaram os nossos primeiros tempos de reconstituições e pormenores eruditos – um Frei Vicente do Salvador, um Varnhagen, um Capistrano – não encontramos aquela naturalidade no contar e recontar a movimentação dos primeiros desbravadores que avançaram no espaço geográfico, no impulso de conquista e de guerra aos invasores da terra recém-descoberta.

E entre os narradores dos primeiros ciclos da nossa vida colonial, que darão neste programa o ponto de partida para o andamento da história brasileira, não deixará de destacar-se Capistrano de Abreu, em cuja obra encontramos realmente a confluência das pioneiras e verdadeiras fontes. Não haverá, é claro, uma precedência para as obras que estudem a primeira etapa ou as primeiras épocas – por não tratar-se de uma programação de cronologias, mas de estudos provocados. Os leitores é que devem procurar os fios de conexão entre os períodos e os aspectos selecionados, segundo, é óbvio, o deflagrar de sua própria curiosidade. Dificilmente evitará esse tipo de curiosidade a de juntar as particularidades episódicas, anexando uma às outras, e assim compondo a sua esteira historiográfica. Com o concurso de José Honório Rodrigues, mestre de hoje e discípulo de ontem de Capistrano de Abreu, o desbravador da história colonial virá fortalecer a nossa condensada brasiliana.

O velho Capistrano é incontestavelmente o historiador mais fundamentado e penetrante de nossas bases e raízes, o maior pesquisador do amanhecer com o descobrimento e o povoamento dos caminhos antigos do Brasil. Prosador vigoroso e enxuto, que nada tem de arcaico, tampouco de simplista e negligente, será bem recebido pelos universitários e estudiosos que se convidem a palmilhar as fontes da nossa história. Tornando-se indispensável a presença de Frei Vicente do Salvador, não será difícil e inabordável o seu estilo meio arcaizante, que é, apesar disso, mais vivo e atraente do que a prosa ríspida, sem qualquer flexibilidade de Varnhagen, o mestre da história geral, que deverá contribuir com uma seleção em que sejam aproveitados alguns dos seus melhores capítulos de muralista da história nacional. Na mesma família ilustre, avultará ainda a presença deste historiador moderno, que é Oliveira Lima, retrazido à luz por Gilberto Freire e Barbosa Lima Sobrinho. Oliveira Lima tem o dom da comunicação com o leitor, pela espontaneidade e modernidade de uma prosa um tanto jornalística sem deixar de pertencer às boas letras.

Outro período significativo, agitado por afirmações civilizadoras na alta linha do humanismo ocidental, foi o das lutas dos emancipadores sociais, representado em sua primeira fase por um Perdigão Malheiro, na sua *História da Escravidão no Brasil,* e, na segunda, por Joaquim Nabuco, em *O Abolicionismo.* Neste livro encontramos todos os lances e aspectos através dos quais o historiador de *Um Estadista do Império* narra os diversos tempos do grande movimento social-libertador.

### A NOSSA FORMAÇÃO INSTITUCIONAL

A nossa formação institucional de povo destinado à vida republicana evolui de Nabuco para Rui Barbosa, que aparece como teorizador político do liberalismo, naqueles seus trabalhos mais doutrinários, em que a eloqüência se fez substituir por aquela força dialética que nele se expandia com poder ainda maior, exatamente quando o estilo se concentrava e as palavras se limitavam à expressão objetiva do pensamento.

É certo que depois de Rui encontraremos concepções institucionais mais ajustadas à nossa realidade de colosso de poucas partes cultivadas, sociologicamente mais próximas daquilo que Euclides da Cunha e Sílvio Romero consideraram a nossa verdadeira realidade político-social.

Os critérios realistas por eles colocados em debate serviram de baliza inicial ao moderno pensamento brasileiro, e esse encontro de idéias teve seu episódio mais revelador e mais polêmico nos discursos de Sílvio Romero e Euclides da Cunha na antes e depois tão literária tribuna da Academia. Partindo de Tavares Bastos, o pensamento realista encontrou em Euclides e Sílvio Romero os seus mais respeitados intérpretes dos primeiros dias do século, para ser levado a novas conseqüências, embora discutíveis em alguns pontos, por Alberto Torres e Oliveira Viana.

Assim vão os aspectos políticos relacionados com os sociais e com os históricos, até cruzarem-se com os econômicos e os regionais, estes se revelando em sua forte densidade sociológica. Será o caso dos ensaios de interpretação localista, em que a peculiar fisionomia de determinadas faixas regionais deverá ser fixada em obras definidoras desses padrões de acentuada cor local e de gritante tipicidade. Em enfoques destacados e variados desse mural brasileiro, algumas de nossas regiões mais contrastantes e contrastadas entre si deverão aparecer em suas peculiaridades mais diferenciadas e diferenciadoras em meio ao complexo sociológico que nos vem caracterizando.

Somando-se e complementando-se tantos fatores, produtos, expressões e traços numerosos, que serão vistos através da obra dos maiores estudiosos da nossa acidentada e jovem geopolítica, quando esta coleção for completada pelos estudos contemporâneos, oferecerá uma visão amplamente abrangente de um país em seu processamento civilizador. Os estudos contemporâneos, fornecendo os resultados de nosso caminhar de povo a vinte e cinco anos do seu meio milênio de existência, com os dados da exatidão e da honestidade crítica, poderão completar aquela moderna e ultra-selecionada bibliografia brasileira que não deverá faltar a nenhuma biblioteca, inclusive de leitores estrangeiros que se interessam pela civilização do nosso mundo tropical.

### OS NOSSOS PRODUTOS ÉTNICOS

De permeio, a exegese dos nossos fundamentos e desdobramentos étnicos proporcionará o conhecimento desse condimento formativo, geradores que são da nossa variegada composição social e etnográfica. Neste lado das angulações salientadas nesta série, teremos Nina Rodrigues, com *Os Africanos no Brasil,* explicado e anotado por Edison

Carneiro; Sílvio Romero estudado por Antônio Cândido e também por Edison Carneiro e presente naquela parte de sua obra em que mais andou em segurança e profundidade, e que está dispersa em vários opúsculos ou sepultada em edições do começo do século, uns e outras constituindo raridade de bibliófilos, como *O Brasil Social, Presidencialismo e Parlamentarismo*, *A Etnografia Brasileira*. A essa parte que insistimos em considerar a mais atual e talvez indestrutível de Sílvio Romero, também pertence como base, e base muito sólida, o primeiro volume da *História da Literatura Brasileira*, de que aproveitamos os capítulos que realmente encerram o mais lúcido roteiro sociológico da organização do nosso país; e ainda ferindo aspectos etnográficos e reerguendo ciclos históricos, teremos Teodoro Sampaio e Rodolfo Garcia, que pesquisaram as raízes e as fontes de muitos dos nossos condicionamentos étnicos, lingüísticos e folclóricos. Entre estes, estarão os condimentos dialetais, os que logo ressoaram na interfusão do étimo nativo com o vernáculo europeu, iniciada com a libertação da língua nacional que devemos pioneiramente a José de Alencar. Os novos sons lingüísticos de *Iracema* e a nova vernaculidade que dali afluiria para compor e recompor uma língua mais brasileira e mais tropical, gerada no ventre da última flor do Lácio, são o resultado da aculturação que não poderia eliminar os seus próprios fundamentos e a sua própria condimentação. O levantamento etnográfico iniciado com Sílvio Romero e seguido por Teodoro Sampaio foi incorporado neste dimensionamento global e ao mesmo passo concentrado, que pretendemos realizar.

Desenvolveremos ainda a nossa abordagem, com os intérpretes contemporâneos, a exemplo de Gilberto Freire em sua positiva e indiscutível contribuição aos estudos reveladores sobre a miscigenação e a nossa sociedade patriarcal; e ainda Alcântara Machado reconstituindo a epopéia dos bandeirantes; Sérgio Buarque de Holanda revivendo a trajetória das monções e das bandeiras; Oliveira Lima remontando às origens e desenvolvimento de nossa composição de povo e nacionalidade marcada por um grande destino na civilização moderna; Nina Rodrigues iniciando pioneiramente os estudos da aculturação africana no Brasil com sua obra máxima e até hoje indispensável a qualquer estudioso deste poderoso condimento de nossa vida social e cultural; Cavalcanti Proença alcançando do alto de uma mirada panorâmica os mais vivos ângulos

sociológicos e históricos da importante região banhada pelo rio São Francisco; e, desdobrando o mapa histórico-social de nossa experiência nacional, estarão as demais obras e autores de irrecusável significação no plano dos estudos especializados do universo brasileiro. E como seta indicativa dos nossos destinos, os estudos de Euclides sobre a Amazônia, compondo a obra que desejou escrever e que afinal acabaria por deixar nestes ensaios agora reunidos numa obra unificada, com introdução do Prof. Artur César Ferreira Reis.

### AS MODIFICAÇÕES

As modificações estruturais que se estão verificando em nossos dias não resultam de sortilégios nem de lances prestigitadores. O nosso processo evolutivo não escapa ao ritmo e ao poder dos impulsos civilizadores da nossa gente dividida entre uma minoria, ontem e hoje tão consciente quanto politicamente antagonizada, e a imensa maioria ainda marginalizada, que tanto participa materialmente com o seu esforço anônimo quanto se distancia espiritualmente por sua incapacidade cultural de assimilar o processo histórico-econômico de que ela é parte decisiva. Aqueles impulsos civilizadores se distribuem em várias etapas do nosso desenvolvimento de povo e nação, todas elas interligadas, apesar da diversidade e dos contrastes fisionômicos entre umas e outras. Sabemos que essas etapas formam e encadeiam os fatos sucessivos, diversificados na sua gestação, opondo-se entre si pela variedade de tendências e direções tomadas, por estarem a isto sujeitos pelos condicionamentos que os vêm impelindo e determinando.

A partir do movimento da Independência, o fato mais notório de uma dinâmica progressista em amplo prosseguimento, temos andado às vezes tumultuariamente em direção a um futuro e a um *encontro histórico* que aqui e ali tentamos visionar. Os altos e baixos de nossa vida política e material nos induzem a fatalismos extremados, que ora nos indicam uma fantasmática beira do abismo, como outras nos apontam uma felicidade edênica, cujos umbrais tocamos. É quando surgem as definições que vêem nisso ora o "fenômeno brasileiro", ora a nossa predestinação, ora o "milagre brasileiro" em que muitos espíritos animados e sinceros acreditam honestamente. Revendo um velho artigo de Gilberto Amado em que ele se entregava a tentativas de definições nossas,

encontramos a expressão "fenômeno brasileiro", com que o estreante pensador político-social dos idos da guerra de 14 pretendia explicar o nosso caso.

### UM COMPORTAMENTO BRASILEIRO

Gilberto Amado reclamava um comportamento brasileiro de cultura, condenando o requinte com que os nossos escritores bovaristicamente imitavam as velhas culturas européias tão estratificadas como decadentes. E situava o nosso caso nestes termos: "Em relação ao nosso país, principalmente, haveria razão de concitar os espíritos ardentes que desabrocham para os ideais, ao estudo dos nossos problemas próprios, do fenômeno brasileiro, do nosso caso particular, ainda que sem preocupação de regionalismos exagerados, sem qualquer empecilho, por mais legítimo que seja, à liberdade amplíssima de concepção." Essa liberdade *amplíssima* que o brilhante ensaísta acentuava poderia levar ao debate das idéias mais antagônicas. É certo que naquele tempo, nos idos de 14-18, ele não previa ainda as avalanches totalitárias que de vários lados viriam carregar de negro e de raios as nuvens do nosso teto, pesando sobre as nossas cabeças. Poderia e deveria estar pensando em termos de idéias democráticas e progressistas, que então extravasavam do liberalismo formalista cuja *morte* ele foi dos primeiro a *profetizar*.

É dentro dessa liberdade *amplíssima*, em termos democráticos e brasileiros, ou adaptavelmente brasileiro, já que estamos sempre atentos à nossa vocação de autonomia, interna e externamente, que concebemos um debate de idéias para a nossa juventude, à base de um programa cultural que pudesse sensibilizar os órgãos culturais do governo. Que inconveniente poderá haver no confronto das idéias de Nabuco, aristocrata e senhor de engenho, com as de Rui, representante máximo da classe média idealista, ou com as de Euclides, outro representante da classe média, porém realista, ou ainda com as de outros pensadores menos jurisdicistas que Rui e Nabuco, entretanto neo-realista em matéria política? Euclides aspirando ao desenvolvimento, à ocupação territorial do "paraíso perdido", ao amparo do homem abandonado dos sertões, será hoje mais atual, certamente, do que o Rui Barbosa das fórmulas institucionais de fontes norte-americanas e de que o Nabuco do alto parlamentarismo inglês. Mas quem ousará afirmar que daqui a vinte

anos as fórmulas institucionalmente avançadas de Rui e Nabuco, estavelmente praticadas nos Estados Unidos e em grande parte do mundo ocidental onde haja autêntico presidencialismo e sério regime parlamentar, não terão a sua vez em nosso país, quando já estiver curado desta sua *juventude* vigorosa, mas cheia de males linfáticos, tão prolongada quanto tumultuada?

### ENCONTRANDO AS RAÍZES

É exatamente para sabermos avaliar as idéias e os fatos históricos de nossa formação política e também cultural que não podemos deixar de conhecer as obras e os autores que, sem compromissos com o poder, em suas respectivas épocas, estudaram e aprofundaram a análise dessas questões. A visão honesta dos nossos problemas revelada nesses estudos é que os torna ainda hoje atuais e inevitáveis a quem pretenda realmente alargar os próprios horizontes ideológicos, vendo em extensão e profundidade e não à base de noções acidentalmente em foco. Desta forma poderemos conhecer os elos anteriores da cadeia episódica, ou sejam os blocos da montanha que escalamos para a conquistar. A consciência da história problematizada e investigada, percorrida e questionada, só pode ser adquirida no bem orientado estudo de suas bases e começos. Os acontecimentos se desdobram e se interligam através das épocas em que se tecem e se estruturam, nem sempre harmoniosamente. E é esse suceder de fatos, de instantes diversificados, mas intersegüentes, de períodos contrastantes porém ligados entre si, que poderemos acompanhar as obras dos autores que souberam avaliar as dimensões do Brasil.

Estamos convencidos de que este encontro com as nossas raízes avoengas, que nesta coleção foram buscadas em profundidade e amplitude de vidas, poderá resultar em novo descobrimento – ou redescobrimento – pelas gerações de hoje, dos nossos autênticos valores originais. Como separar a árvore de suas raízes? Já prevenia Shakespeare.

### AS NOSSAS CONDIÇÕES CONJUNTURAIS

Em seguida a esta fase inicial das *Dimensões do Brasil*, série que poderá alcançar cinqüenta obras fundamentais e indispensáveis a um sólido conhecimento dos nossos primeiros quatro séculos de civilização,

continuaremos com outras já programadas que deverão abordar os aspectos e problemas contemporâneos das nossas estruturas econômicas, sociais e políticas. Sem dúvida, terão as nossas preferências aqueles aspectos e problemas que signifiquem realmente os pontos decisivos, e ostensivos, das nossas condições conjunturais do presente, e cujos dados serão rigorosamente situados na realidade. Esses dados terão de ser racionalmente pesquisados e cientificamente manipulados, antes de serem oferecidos ao exame e ao entendimento dos estudantes e universitários, dos intelectuais, estudiosos e demais interessados na problemática brasileira. E assim esta biblioteca especializada em temas e problemas nossos terá atingido a sua finalidade. Ela se propõe informar, esclarecer e permitir uma visão extensa e objetiva de nossa existência de povo que, apesar de tantos contratempos padecidos, ainda conserva o instinto ou a intuição do progresso, parece que movido por uma como determinação fatalista e indomável no sentido de ultrapassar os acidentes que se lhe vêm embarafustando na afanosa caminhada.

### OS FATORES POSITIVOS

Entre os fatores positivos, atribuíveis à nossa destinação – para não falarmos messianicamente em predestinação –, fomos privilegiadamente dotados de algumas gerações de libertadores, estadistas e pensadores políticos, que em várias fases da nossa existência souberam assumir a responsabilidade da difícil liderança do pensamento nacional, conciliando pragmatismo e idealismo políticos. Aqui não poderíamos deixar de lembrar os nomes de José Bonifácio, Feijó, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Tavares Bastos, Sales Torres Homem, Visconde de Rio Branco, Caxias, Eusébio de Queirós, ao lado de outros que alongariam as enumerações, e que atuaram poderosamente no Império e na República. Mesmo quando derrotados pelos acontecimentos e insucessos mais tarde superados – sofrendo o impacto do realismo que retarda mas não evita o processamento progressista – ainda assim conseguiram impor a firmeza dos princípios e a nobreza das idéias ambiciosas que nortearam a busca das altas formulações institucionais – não raro altas demais e por isto mal ajustadas à nossa desproporcionalidade anátomo-orgânica. No confronto das idéias e dos princípios com os fatos reais e às vezes inarredáveis da nossa experiência nacional – e esta coleção a

isto se destina, em primeiro lugar – poderemos recolher os dados e elementos necessários a uma procura de rumos e a uma retomada da consciência histórica. Fazendo um esforço de avaliação, reavaliação e pesquisa, vamos encontrar fundas razões para acreditarmos em nós mesmos, em nossa vocação autodiretora como povo e nacionalidade.

Sem a perspectiva histórica, que abrange o passado em todos os seus períodos de interfusão social e política, nenhum espírito, por mais lastreado em doutrinas inovadoras ou revolucionárias, poderá conexionar os valores e os fatos de ontem com os de hoje, ou ainda com os que se estão gerando no ventre do presente para a construção do futuro. A História dá a medida deles todos, porque ela se coloca em posição de convergência – a convergência dos fatos – ao mesmo tempo que é a base, a inevitável base resultante dessa convergência, ou seja, de si mesma. E sendo paradoxalmente base e convergência – porque a História está antes como está depois – é também a força motora e propulsora de todos os condicionamentos e temperos formadores de civilização. E a nossa é, apesar de todas as influências alienígenas, uma civilização *sui generis*, com psicologia, impulsos e caldeamentos próprios, natureza moral e emocional peculiar, que tenta assimilar ao mesmo tempo que rejeita, do âmago de suas raízes existenciais e de suas etnias confluídas, aquelas componentes psicossociais que não decorrem de suas afinidades já fixadas e assimiladas, nem da impulsividade fermentada nos desvãos do seu inconsciente coletivo.

Um reexame de alto nível em torno de nossas possibilidades, tendo por base os balanços anteriores, como há de provocar a nossa pequena enciclopédia nativista, nos levará a crer, sem o embalo das ilusões ou das fantasias futurólogas, que indubitavelmente o Brasil tem encontro marcado com a História, e assim será a vez de cumprir a voz dos seus profetas menos pessimistas. E quando admitimos essa caminhada incoercível, não estamos querendo entrar no reino das premonições embaladoras – mas por força de uma análise um tanto dialética dos nossos ímpetos e desfalecimentos – estes parece que definitivamente ultrapassados. E a nossa natureza telúrica – digamos o nosso subsolo – está de novo promandando as riquezas que não devemos alienar se quisermos ser dignos dos fados. E deixamos a ressalva à referência anterior, para reafirmarmos que não nos restringimos apenas ao processo de cresci-

mento material irradiando seus efeitos em nossa vida e em nossos padrões nacionais, mas também admitindo uma contribuição culturológica a ser projetada para além de nossas fronteiras e mesmo do nosso âmbito continental. Longe de pensarmos em irradiação de caráter imperialista, não é difícil pressentir que em termos de possibilidades assimiláveis e assimiladoras poderemos oferecer o maior exemplo de integração comunitária, prodigioso resultado de nossa variada convivência entre valores culturais e tipos étnicos formalmente e às vezes convencionalmente antagônicos.

Esse fenômeno notavelmente brasileiro poderá oferecer ao mundo os efeitos de uma integração que não é apenas lusotropical, conquanto basicamente o seja, mas amplamente compósita. E nesta integração não entra apenas o elemento lusotropical enfatizado pelo professor Gilberto Freire, como ainda vasta contribuição de uma Europa tropicalista, acrescida de correntes orientais, a exemplo da japonesa, todas elas tropicalmente mescladas. É claro que dessa miraculosa composição não deixará de resultar um novo tipo de cultura, de existência humana, de convivência numerosa e fraterna, e que se caracterizará cada vez mais como democracia praticante e praticada, que há de traduzir-se politicamente em fórmulas especiais que ainda poderão ser institucionalizadas e consubstanciadas.

A nossa índole nativista, que regionalmente se exprime por modos diferentes, não perderá seu terreno comum de unidade e comunhão psicológica, e assim formada, ajustada em seus impulsos e tendências aparentemente contrastantes, não deixará de absorver, como aliás vem acontecendo, todos os ingredientes civilizadores que se instalaram entre nós e se libertaram de suas origens. *Componente nova entre as forças cansadas da humanidade*, como nos lembrou Euclides da Cunha, estas serão aqui revigoradas e renovadas, na transfusão feliz que as reintegrará em novo tipo, sem, contudo, nos desfigurar nem descaracterizar como nacionalidade definida e como produto étnico de poderosa reatividade social e criadora. É como resultado dessas tantas etnias e desses múltiplos veios culturais, quimicamente matizados, que continuaremos a existir, sem perdermos o caráter já configurado. Já estabilizado em suas zonas de contrastes e conflitos, e que vem produzindo este povo de natureza emocionalmente mais harmoniosa que passional diferente dos

demais povos sul-americanos que têm raízes hispânicas acentuadas e predominantes e que compuseram outro tipo de temperamentalidade destoante do nosso tipo nacional, intermediário e amalgamado, quando não em termos de fisionomia individual, mas, ao certo, no plano da confluência ou afluência coletiva, condicionadora e diluidora de emoções e impulsos originalmente definidos e caracterizados. Será, sem dúvida, o tipo culturalmente associado ou socialmente integrado, desigual nas tendências específicas, porém interajustável nos seus interesses e aspirações comunitárias. Falta-nos, em verdade, para nosso bem ou nosso mal, a predominância de um temperamento étnico em destaque, comandando os demais. Diríamos, num esforço de leigo, e apenas estimulado pelas colocações antropológicas já mais ou menos em curso, que o nosso tipo, de que vários doutos dão a sua receita, encarna na sua síntese tão manietada quanto convulsionável – dependendo da hora – o lusitanismo tropicalizado ou o tropicalismo lusitanizado, para não sairmos das linhas mestras já traçadas por cientistas sociais contemporâneos como Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, Artur César Ferreira Reis, José Honório Rodrigues, Barbosa Lima Sobrinho, Viana Moog, Edison Carneiro, Roger Bastide e, quando não se estremava em seus momentos infelizes de pré-racismo, o próprio Oliveira Viana.

## INTEGRAÇÃO NA HISTÓRIA

Revendo as nossas antigas formulações ao longo da História e dos seus momentos críticos e decisivos, poderemos compreender e aferir melhor os nossos próprios dilemas e conflitos contemporâneos. Assim tornar-se-á menos difícil a opção pelas tendências mais constantes e espontâneas que estabelecem as motivações condicionadoras do nosso comportamento coletivo. É provável que nessa retomada do nosso processamento em ritmo de formação e de organização comunitária possamos conscientizar os impulsos que nortearam nossas aspirações comuns. E essas aspirações não deixarão de representar a síntese ainda que tumultuada e conflitada de uma contundente multiplicidade de fatores.

Sem nos avaliarmos historicamente – o que vale dizer dialeticamente – como poderemos continuar-nos? Aqui lembraríamos o pensamento de Napoleão Bonaparte: não poderemos continuar a História sem conhecê-la. Desde os fatores étnicos aos geográficos, dos sociais

aos políticos, dos culturais aos econômicos e psicológicos, compondo todos eles juntos e somados uma única globalidade, o que devemos procurar é a unidade tanto orgânica como substancial. É certo – e nisto já insistimos – que somos originalmente entremisturados, tornando-se talvez ainda mais difícil a unificação total no sentido das tendências e finalidades comuns. Mas, se isto pode ser difícil, não será, todavia, inalcançável, fazendo-se motivos ainda maior para irmos ao encontro dos jovens que queiram estar conscientes do seu viver histórico.

### O SENTIMENTO COMUM

Como se formaram as grandes nacionalidades senão à base de um sentimento comum fundamental? No cerne mesmo do nosso entroncamento civilizatório, que é produto de tantos gérmens e sementes tanto nativos como estranhos, poderemos encontrar o denominador comum em que se concentraram as afluências colonizadoras sucessivamente interassimiladas. A decomposição de nossa massa orgânica já iniciada na antropologia brasileira de Artur Ramos ainda é, ao nosso ver, o melhor ponto de referência para os nossos cientistas e psicólogos sociais. Sem exclusões nem prevenções arbitrárias e dentro de uma visão abrangedora, aquele sério pesquisador de nossas gêneses e origens já nos mostrou o que somos em nossa multiplicidade étnica. E ao lado destas, outras situações que ensejam resistências à homogeneidade social.

Formando a base, todavia – e apesar dos pesares – o lastro moral de nosso patrimônio civilizador, que é nossa formação inicial orientada pelo humanismo renascentista, de que somos miraculoso resultado.

Como antídoto ao impulso de aventura e de conquista material que nos gerou, ergue-se o paradoxo de uma espiritualidade, que, tendo ou não o nome de cristã, foi inoculada em nossa natureza humana pelo mágico poder contagiante de um Nóbrega, um Anchieta, um Antônio Vieira, com as suas contradições, no plano social-religioso; um plano político-libertário, por um Frei Caneca, um Tiradentes, um Castro Alves. Daí virá a capacidade brasileira de resistir às tentativas de deformação psicossocial que tanto tem origem nos extremismos políticos como nos extremismos automatizantes da contrafacção tecnocrática. O conhecimento do nosso passado nos autoriza a não descrer da nossa capacidade autodiretora, memória residual e saldo histórico afirmativo do

nosso velho ainda que às vezes buliçoso nativismo. Dentro dele, a índole independente e libertária, a que devemos tantas vezes a faculdade de voltar à conveniência democrático-institucional.

### AS POSIÇÕES ANTAGÔNICAS

Questionando a história brasileira e pretendendo imprimir-lhe adaptações de outras experiências nacionais mais desenvolvidas, alguns entre os nossos mais notáveis teorizadores políticos do passado incorreram em certo idealismo por um lado (o exemplo marcante de Rui e Nabuco) e em talvez exagerado realismo noutros exemplos como Oliveira Viana e outros teóricos da centralização político-administrativa. Entre as extremadas oposições desse idealismo e desse realismo político poderão ser colocados outros espíritos não menos notáveis e que um tanto adiante de seu tempo estiveram interessados na fusão ou interfusão de aspectos aparentemente contrastantes – e já aqui citados – um Tavares Bastos, um Sílvio Romero, um Euclides da Cunha, o primeiro e o segundo admitindo a séria tradição do parlamentarismo que devia ser ajustado à nossa realidade econômico-social, e Euclides decepcionando-se com uma Constituição republicana que marginalizava o país real (o Nordeste e a Amazônia), bem maior e mais brasileiro que o outro, egoisticamente à beira-mar plantado. Neste país real se fixariam depois alguns espíritos reformadores para condenar os erros de nossas instituições até agora bem mais políticas do que sociais e econômicas.

Em posições antagônicas mas não inconciliáveis, os nossos mais eminentes estudiosos e intérpretes – nem todos cidadãos nesta introdução – revelaram em sua ação pública e em suas obras a capacidade de inserir o processo democrático e progressista há muito implantado no Ocidente altamente desenvolvido, em nossas aspirações de povo e de nação. Nos subsídios valiosos que nos souberam legar, nas idéias que defenderam em seus livros e em sua ação pioneira, principalmente naquelas obras em que dimensionaram os vários períodos e ciclos componentes da vida brasileira – vamos sem dúvida alguma encontrar a base essencial para as formulações e diretrizes que possam integrar a tradição na contemporaneidade. E esta contemporaneidade é permanente, segundo a dialética de Croce, se toda história é contemporânea.

## AS PARTES QUE SE COMPLETAM

*As Dimensões do Brasil* não estarão confinadas a uma só época, a um só período ou a um só aspecto da nossa formação nacional. Elas pretendem reunir as partes que se penetram e se completam e não podem ser dissociadas ou isoladas no âmbito de acontecimentos, idéias e aspirações isolados. E assim interligadas e interfundidas poderão nos ajudar a encontrar o que sociologicamente falando seria o caminho da História. E isto, ao que parece, está faltando aos moços desta hora de opções. De opções tão decisivas, quão difíceis e dramáticas em todos os quadrantes onde os conflitos e atritos ideológicos dificultam a abertura da estrada da esperança. Perdidos ao próprio rumo, perplexo diante do próprio destino, por aí estão eles sem saber o certo onde encontrar o que os mais experimentados e sofridos poderiam ver como um programa, como a plataforma inicial de uma geração, ponto de encontro talvez das várias gerações que se separam mais do que se compreendem neste momento singularmente histórico.

E para concluir esta programática editorial, que recebeu o título geral de *Dimensões do Brasil*, nenhum pensamento nos parece mais oportuno para ser lembrado do que aquele enunciado por Joaquim Nabuco, em carta a Rui Barbosa, quando conseguiu esquecer os velhos e sinceros sentimentos monarquistas, para atender à convocação da República, numa hora em que esta reclamava os seus serviços: "É este o tempo para todas as imaginações sugestivas e criadoras se aproximarem, para todas as dedicações e sacrifícios se produzirem, se quisermos salvar a honra e os créditos da nossa geração, à qual veio caber uma hora de tais responsabilidades. Eu repito o que dizia o meu Pai em 1865: *Deus não permita que a História deplore a sorte de uma nação nova cheia de recursos e de vida, mas infeliz por culpa sua*. Há um terreno superior às dissensões políticas em que espíritos de igual tolerância, de igual patriotismo, podem e devem sempre colaborar uns com os outros: é o interesse do país."

## PROGREDIR OU PERECER

Os brasileiros de todas as idades e das várias gerações do nosso tempo não estão vivendo, como Joaquim Nabuco em 1899, o superado dilema entre a Monarquia e a República então recém-instalada, mas sem dúvida estão sofrendo os apelos do presente, que está a interrogar

uma premente encruzilhada histórica. Revendo as trilhas ultrapassadas, poderemos ainda, quem sabe?, reforjar as condições que possam anunciar um tempo menos áspero, diferente deste nosso tempo em que "as leis não bastam, os homens pedem carne e em vão percorremos volumes", como nos grita Carlos Drummond de Andrade. Nesse outro tempo almejado e pressentido, que é ainda futuro mas que poderemos tornar próximo, a mais terrível caminhada já estará vencida – e há de a todos chegar o que com tantos entrechoques se buscou: as soluções brasileiras para os problemas brasileiros. Quando mencionamos as soluções brasileiras, longe estará de nós a idéia de isolamento cultural, desse tipo de insulamento que é fechar os portos à entrada das idéias que renovam e revigoram a sociedade. O que nos move é o impulso autonômico de poder reajustar às nossas condições ambientais e à nossa associação étnico-político-social as melhores e mais amoldáveis proposições ideológicas inspiradas no ideal de liberdade e de justiça, no seu *lato sensu.* Mesmo porque – e são tantos os exemplos diante dos nossos olhos – a terapêutica, nesses casos, mais do que nos de patologia médica, depende em grande parte do organismo ao qual é ministrada.

Nesse tempo em que as leis bastarão, e não teremos em vão percorrido volumes, seremos realmente fortes e cointegrados. E a história nossa, como a dos outros povos, na sua ironia irrecorrível, na sua verdadeira sabedoria de *mater et magistra,* nos dirá, afinal, quanto nos terá sido útil, na luta que travamos para não perecer. Assim teremos respondido afirmativametne ao desafio que o próprio Euclides nos atirou aos brios: *progredir ou perecer.*

**próxima página**

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Euclides e o paraíso perdido*

Artur César Ferreira Reis

Euclides chegou à Amazônia em 1905. Vinha realizar velho sonho. Chefiava a Comissão Brasileira de Limites com o Peru, em momento de certa tensão, conseqüente a conflitos que se verificavam e constituíram capítulo, imenso capítulo, mas ainda capítulo, daquela série de episódios da nossa expansão sobre as terras do sul, onde bolivianos e peruanos possuíam também trechos daquela Amazônia que nós disputávamos, eles a nós e nós a eles.

Ao tempo, a Amazônia vivia seus grandes dias de esplendor, atração de aventureiros de toda espécie e de toda parte, fonte imensa a proporcionar a riqueza de muitos, centro permanente de atração para as gentes do Nordeste, fustigadas desde o século anterior pela inclemência das secas e impulsionadas para o extremo-norte, no *rush* da borracha. De Pernambuco e da Bahia vinham bacharéis em direito e médicos, atraídos pela aventura que lhes asseguraria o êxito generoso. De todo o Nordeste chegavam os que enfrentavam a floresta.

Belém e Manaus experimentavam, à época, as grandes transformações urbanas que lhes garantiam uma projeção especial no quadro nacional. Dois maranhenses eram responsáveis por aquelas mudanças urbanas – em Belém, Antônio José de Lemos; em Manaus, a obra fora iniciada por Eduardo Gonçalves Ribeiro.

página anterior

A conquista do *hinteland* constituía empreendimento da maior significação como comprovação da energia do homem brasileiro – aquele homem sertanejo que Euclides encontrara no Nordeste, no entrevero de Canudos e agora, nos confins da Amazônia, na floresta fechada, nos paranás, nos grandes rios integradores da gigantesca bacia hidrográfica, investindo contra o desconhecido, aquela natureza áspera, inteiramente diferente daquela outra que conformava a paisagem dos sertões – revelava a mesma fibra, o mesmo heroísmo, a mesma decisão de vencer.

Mais de um século antes, outro homem extraordinário, baiano, Alexandre Gonçalves Ferreira, viera fazer a Amazônia na *Viagem Filosófica*, também a serviço do Governo, desta vez em missão de interesse científico na região, então sob as vistas do Poder Público, interessado em ter o conhecimento pormenorizado do que ela valia para seus planos políticos, ao mesmo tempo em que, com a expedição, voltava a incorporar-se ao processo dinâmico de preocupação cultural que sacudia a Europa e atingia o Novo Mundo com idênticos esforços de indagação científica, levada a termo pelo governo espanhol em seus territórios da Sul-América e do Caribe. Da *Viagem*, os resultados seriam extraordinários, bem compensados o tempo e a energia gastos pela pequena equipe de comando do Dr. Alexandre. Então, a Amazônia experimentava, não um *rush* do tipo do que Euclides estava encontrando, mas certa movimentação humana, que criava momento histórico no império de Portugal, no Brasil de oitocentos.

Como na época de Euclides, o problema da fixação das fronteiras era grave, exigindo a adoção de medidas constantes. A fronteira com a Guiana Francesa impunha vigilância permanente. De quando em quando, os conflitos surgiam. A fronteira com o império de Espanha não era de menor tensão nem impunha menores cuidados. Também provocava inquietação permanente e a manutenção de severa fiscalização.

Euclides conhecia toda essa história. Estudara-a lendo cronistas, geógrafos, ensaístas que tinham a Amazônia por tema. Lera-os com vontade de saber, para não tropeçar com a realidade com que se defrontaria comparando o que via e analisava, com o que lera e constituía roteiro de verdades ou de inverdades.

A Amazônia, que ele desejava experimentar, como já experimentara o Nordeste, estava, como hoje, na ordem do dia. Eduardo Prado, por exemplo, em artigos acerca da região, a propósito da chamada "Guerra do Acre", pretendera provocar o interesse nacional para o problema que se criava ali. A diplomacia brasileira e as forças armadas não se cansavam no trato do assunto, que poderia, inclusive, provocar incidente de proporções. A aventura da expansão nordestina criara aquele momento de euforia, é certo, mas criara também a dúvida, o perigo, a ameaça do conflito armado. E fora justamente esse estado de coisas que aguçara o apetite, a curiosidade, o desejo incontido de ver o Acre, sentir o Acre, portanto, experimentar a Amazônia. Com o apetite despertado, Euclides começara a interessar-se pela região, escrevendo seus primeiros artigos, naturalmente fruto do que imaginava ser a região e não o que ela seria realmente e só mais tarde ele iria descobrir, ou verificar na realidade brutal em que encontrou, desvendou e divulgou.

Seus primeiros artigos escritos antes do contato direto com o mundo físico e humano do extremo norte refletem a reação que os acontecimentos políticos provocaram. Viria a guerra com o Peru? Aqueles sucessos militares de episódio recente com a Bolívia repetir-se-iam agora?

A opinião nacional, nos dois países, estava excitada. Os choques entre brasileiros e os peruanos no alto Juruá e no alto Purus, prenunciando desenrolar mais sangrento, seria o prelúdio de uma posição mais firme do Brasil no jogo do equilíbrio de forças no continente?

Os problemas do Prata haviam criado uma imagem negativa para o Brasil nos dias do Império. Agora, talvez ocorresse o mesmo, isto é, a imagem de um Brasil que se definia pela decisão prepotente do exercício do poder que feria os interesses e os possíveis direitos dos vizinhos de cepa espanhola e era, portanto, o mesmo Brasil da fase imperial. A raiz de tudo estava justamente nas origens étnicas. Eles eram filhos de Espanha, e nós, os brasileiros, éramos os filhos de Portugal. As diferenças na Península tinham emigrado com os conquistadores e colonizadores do período colonial, constituindo a primeira e mais remota explicação para tudo que vinha sucedendo.

Euclides era dos poucos brasileiros que possuíam conhecimentos dos fatos históricos que antecediam o que estava ocorrendo

agora. Conhecia-os em profundidade, e mais tarde, em *Peru versus Bolívia*, daria comprovação verdadeiramente suculenta. No livro, faria a história do descobrimento e da conquista do *hinterland* sul-americano com o manejo das melhores fontes e a interpretação lúcida que sabia pôr em todos os trabalhos que saíam de seu espírito e de sua pena afiada.

Os artigos que escreveu refletiam o espírito atilado que compreendia a gravidade do momento, ao mesmo tempo que compreendia o papel admirável que representava, na empresa amazônica, o novo executor da política de consolidação do domínio. Tal personagem não se definia no militar profissional, mas no novo, aparentemente sem a experiência do quartel, onde aprendesse as técnicas da guerra. Esse novo era o seringueiro, o caucheiro, o nordestino, fiel à pátria e disposto a servi-la sem hesitar, com a coragem que ia valer a essa tarefa política de alta significação. A guerra parecia iminente. Os homens que haviam nacionalizado o espaço com a presença dominadora, permanente, deixar-se-iam vencer? O que eles haviam realizado, e não consta dos artigos dessa época, valiam como página extraordinária de decisão, de coragem, através da qual aumentaram o espaço físico e a nova fronteira econômica do país. Seria suficiente?

"Conflito inevitável", "Contra os caucheiros" e "Entre o Madeira e o Javari" compõem a contribuição inicial de Euclides para o entendimento do processo de formação da Amazônia e de sua integração ao complexo brasileiro naqueles momentos difíceis. Seus receios não estavam no conflito com o Peru e seus reflexos na consciência continental no tocante ao papel atual do Brasil no quadro da vida e do equilíbrio da Sul-América. Seus receios estavam no possível irrealismo dos próprios brasileiros, que não se deixavam dominar por uma consciência que não fosse passageira, momentânea, como sucedia naquele instante histórico, e se perdesse com os tempos posteriores. A Amazônia, ignorada, descurada, poderia vir a perder-se para o Brasil, inconsciente do que poderia ocorrer. Daí a afirmativa sensacional: "se não te apercebes para integrar a Amazônia na tua civilização, ela, mais cedo ou mais tarde, se distanciará, naturalmente, como se desprega um mundo de uma nebulosa – pela expansão centrífuga de seu próprio movimento."

Desde quando escrevera sobre um livro de Torquato Tapajós, geógrafo e historiador amazonense, autor de obra sobre a questão de

limites entre o Amazonas e Mato Grosso, ano de 1898, Euclides mostrava-se interessado no estudo do que a Amazônia representava como resultado da façanha de expansão territorial, iniciada na fase portuguesa de nossa história e prosseguida, com intensidade maior, nos dias posteriores ao Sete de Setembro. Naquela análise ao livro de Torquato, sua visão real no que importava a execução da política de incorporação do espaço regional era de uma evidência particular. Soubera ver com segurança o episódio nos seus grandes lances. Essa visão certa seria depois ampliada com a leitura dos chamados "clássicos" do extremo norte, os que, desde os trabalhos demarcatórios, conseqüentes ao Tratado de Madri, de 1750, haviam realizado o estudo científico ou paracientífico da região, ou haviam justificado, com o inventário da presença luso-brasileira, essa mesma presença de que resultara o domínio político, que se transferira de Portugal ao Brasil no momento da independência.

Vencidas certas dificuldades no jogo diplomático, em que Rio Branco mais uma vez se empenhara como negociador e como condutor admirável de nossa política externa, fora assentada, afinal, uma verificação *in loco* do que seria, do ponto de vista geográfico e do ponto de vista da ocupação efetiva, aquele mundo em disputa. Peruanos e brasileiros, em comissão, procederiam ao inquérito de que sairia, posteriormente, o ajuste que poria fim à questão de limites.

Euclides, sugerido a Rio Branco, fora escolhido para a chefia da "partida" brasileira. Sabemos todos, pelos relatórios e pela correspondência com o Itamarati, o que foi o trabalho de campo das duas comissões e de como Euclides soube vencer os obstáculos físicos e humanos com que se defrontou, inclusive vencendo resistências, distanciamentos, incompreensões e desconfianças dos peruanos, sempre a vislumbrar, nas atitudes dos brasileiros, manifestações que escondiam segundas intenções e perigos aos interesses de sua pátria. Se já circulara em livros, em artigos de jornal, em conferências, em discussões, em notas políticas, a acusação ao nosso procedimento, que parecia, aos hispano-americanos, o procedimento de potência imperialista!

Euclides, que ia agora satisfazer curiosidade de muitos anos, preparara-se para a grande aventura. O Brasil, com que tomava contacto, era outro Brasil, inteiramente diferente, nas características fisiográficas, do Brasil nordestino, que já conhecia de sua experiência em Canudos

e através do qual granjeava a fama que o cercava e já lhe valia como uma glória justíssima. O que verificaria, no entanto, e isto está nas páginas que escreveu depois, seria a unidade do povo, povo que se elaborava com os mesmos sentimentos e as mesmas atitudes em face da natureza áspera, na decisão de possuí-la e de utilizá-la, seja no Nordeste, seja na Amazônia.

As leituras a que procedeu, insista-se no fato dos chamados "clássicos" da aventura amazônica, asseguravam-lhe o embasamento preliminar de conhecimentos para a operação de campo: La Condamine, Bates, Wallace, Spruce, Alexandre R. Ferreira, Tavares Bastos, Frei João de São José, Silva Coutinho.

Desembarcando em Belém, não se decepcionou. O que vira, desde o impacto das águas do grande rio no seu lançamento no Atlântico, não fora, porém, o que esperava ver e lhe proporcionara certo desencanto. A cidade, no entanto, espantara-o pela grandiosidade de suas avenidas, de seus edifícios, de suas praças, de "sua gente de hábitos europeus, cavalheira e generosa. À visita ao Museu Paraense de História Natural, quando foi recebido pelos dois homens de ciência que eram Emílio Goeldi e Jaques Huber, começou a primeira impressão do mundo amazônico e a compreender aquele trecho tão estranho da terra brasileira. Impressão negativa causar-lhe-ia, no entanto, Manaus, alcançada a 30 de dezembro de 1904. A Amazônia, nas duas capitais que lhe comandavam a vida, Belém e Manaus, vivia o ciclo áureo do *rush* da borracha. Gente de toda parte afluía à cata de riqueza, de bem-estar material. As grandes casas de negócio que impulsionavam a empresa rendosa da borracha eram casas estrangeiras. Tudo vinha de fora, do exterior. Se não estava numa nova Babel, na verdade Euclides descobria agora um Brasil que se estava afirmando em meio ao que lhe pareceu tremenda desordem, com a participação de uma sociedade em que interferiam valores alienígenas os mais estranhos e a profusão estonteante.

Ora, se eram assim os centros mais ativos de comando daquele mundo, como seria o *hinterland*? Teriam mentido, teriam exagerado, teriam sido envolvidos pelo gigantismo de tudo aquilo os cronistas que lera? Antes de ensaístas, de cientistas, não seriam mais que novelistas, dominados pelo cenário, que lhe teria embotado o entendimento, a compreensão de tão exótica natureza? O clima pareceu-lhe angustiante.

A paisagem, desconcertante, e o homem não possuía as qualidades de triunfador com que sonhava. A aventura amazônica, desordenada no meio físico desolador, não era a aventura que revelasse homens de alta expressão cívica, capazes de lances de proporções. Euclides, emotivo como sempre foi ao impacto dessas primeiras impressões, estaria certo, manteria aqueles sentimentos negativos ou, a contacto mais íntimo, mais demorado com a natureza, com o homem e com o ambiente sociocultural que esse homem estava manipulando, mudaria, alteraria a compreensão do que era a Amazônia?

A história pormenorizada da aventura de Euclides na Amazônia está feita pelos que lhe estudaram a vida e a obra, como sejam Elói Pontes, Francisco Venâncio Filho, Veloso Leão, Olímpio de Sousa Andrade, Leandro Tocantins. O levantamento de sua bibliografia é esforço mais recente, trabalho magnífico realizado por Irene Monteiro Reis. A interpretação de sua obra começa a realizar-se, para melhor identificar, em análise menos apaixonada, o que ela representa para a interpretação do Brasil.

Porque Euclides não pode ser considerado ou entendido apenas como um estilista ou como um paisagista, de lampejos de gênio como se fora o artista provocado pela motivação dos mil aspectos com que se defronta e prefere para seus retratos da natureza ou dos próprios homens. Euclides é um dos raros exegetas da formação e da realidade brutal de nossa vida, realidade que ele encontrou no Nordeste e na Amazônia e sobre que deixou análises admiráveis. Euclides, nem por que experimentasse emoções fortes, que lhe poderiam prejudicar a visão das coisas, como uma força dominadora de que não se pudesse libertar, foi impedido de traçar os períodos que lhe refletiam, não apenas a sensibilidade, mas a inteligência sincera, honesta, em profundidade, sobre os cenários físicos e sociais daquelas duas regiões.

Conhece-se, em minúcias, por sua correspondência com os amigos e pelos relatórios que escrevia ao Itamarati, a marcha de seus esforços por bem conduzir as operações de campo e de relações humanas com os peruanos. Não há mais que registrar. O que se faz necessário é verificar se, na verdade, o que afirmou sobre a Amazônia era e é válido como proposição e análise daquele mundo exótico, em meio a toda uma literatura que nem sempre tem servido à compreensão lúcida de que ela

é ou pode vir a ser como espaço em ser, como natureza conduzida pela vontade humana e como pedaço de terra onde promover-se um capítulo enérgico de civilização.

A entrevista que concedeu ao *Jornal do Comércio,* de Manaus, ao regresso do Purus, pode ser considerada como o pronunciamento inicial que difere integralmente dos anteriores, porque resultante, não mais da simples leitura dos "clássicos", nem daquelas emoções negativas iniciais, mas do que observou, de olhos bem abertos, vendo, sentindo, auscultando, colhendo, no depoimento de quantos estiveram ao seu alcance, meditando. O relatório sobre o Purus, de que as *Observações sobre a História da Geografia do Purus* é parte, mas divulgada, também, em separado, nas páginas da *Revista Americana,* de José Veríssimo, em abril de 1910, constitui, com o artigo, "Entre Seringueiros", publicado na revista *Kosmos*, a reafirmação dessa sua compreensão lúcida da Amazônia, a que se seguem os outros estudos, reunidos nos livros *Contrastes e Confrontos* e *À margem da História,* ambos edições da livraria Chardron, de Lisboa.

Talvez mais que o próprio Nordeste, que lhe revelara um Brasil angustiante, de humanidade profundamente sofrida, que soube apresentar à consciência do país, a Amazônia constitui, para Euclides, a preocupação que o atormentou e, daí por diante, passou a ser mesmo a constante de sua eleição como centro de atenções e de análise. Os dois Brasis estavam à sua frente, diferentes dos outros, os do Sul, o da província fluminense, onde nascera e de que se esquecera na atividade intelectual que o devorava. Os dois Brasis compunham, verificara detidamente, os Brasis que estavam exigindo ação imediata que lhes reformulasse a existência como patrimônio de todos os Brasis. O que escreveria como denúncia, e portanto como proposição de realidades, como geógrafo, como sociólogo, como cientista político, não adianta pretender contestar-lhe as conclusões, valia, no momento, para esclarecer e provocar, insista-se, a consciência nacional. Os que, nesse particular, o haviam antecedido, e eram pouquíssimos, não possuíam o estilo e a sensibilidade necessários para interessar e despertar a Nação. O que lhe devíamos, exceto o livro fundamental de Tavares Bastos, era apenas prefácio ao que Euclides, sem exageros, estava registrando e

analisando. Nordeste e Amazônia não valiam até então senão para as especulações da política partidária.

Euclides (é tempo de lembrar para que se possa ter uma idéia exata do que ele conheceu, por contacto direto), de Belém passou a Manaus e da capital amazonense ao Purus-Acre, que subiu e desceu, regressando à capital amazonense. Foram dias de presença, no mundo amazônico, suficientes para as conclusões a que chegou? Reduzido o campo geográfico de observação, podemos considerar que foi o bastante para assenhorear-se de um conhecimento que lhe autorizasse as reflexões que emitiu? O mundo amazônico será mesmo tão igual que a experiência alcançada e num trecho dele assegure condições para que fiquemos senhores de uma ciência exata sobre a região? Não haverá desiguldades ponderáveis a considerar? A floresta é sempre dominadora? E os campos que afloram em extensões respeitáveis? Os rios são todos piscosos? E as praias de certos rios que não possuem várzeas? E as outras muitas diferenças que marcam o mundo amazônico não pesarão para impedir a globalização dos conceitos? A Amazônia não será um mundo gigantesco por descobrir, por desvendar, por avaliar? Tudo quanto afirmamos, de positivo ou de negativo, não será fruto de um pouco de imaginação ou de imediatismo de impressão?

Euclides não se terá deixado levar também pelo impressionismo selvagem do meio deslumbrante e ficado nas generalizações que, como generalizações, estão sempre em conflito com a verdade?

Euclides viu a Amazônia como um último capítulo do Gênese. O homem teria chegado em hora imprópria ou antes do tempo; o clima seria caluniado, como clima hostil à presença humana; muitos dos rios da bacia hidrográfica não tinham ainda formado o leito definitivo; o homem dos seringais era um escravo. Todo um vasto conjunto de conceitos Euclides emitiu acerca daquele outro Brasil que ele descobria.

Reúnem-se, neste livro, as páginas que escreveu sobre a Amazônia, naquele estilo inconfundível que envolve o leitor, domina-o e lhe tira até a capacidade de raciocínio para aceitar ou não aceitar o raciocínio do autor. Porque, na verdade, esse estilo de Euclides tem tal força que é muito difícil libertarmo-nos dele. Daí a dificuldade de verificar, de pronto, até onde vai, sob a beleza da forma, a exatidão dos períodos e a

mera proposição sem fundamento científico. O que Euclides lera sobre a época, não esqueçamos, fora escrito por aqueles que palmilharam a Amazônia, sempre conscientes, como Euclides, desta grande verdade: "é de toda a América a paragem mais perlustrada dos sábios e é a menos conhecida. De Humboldt a Emílio Goeldi – do alvorar do século passado aos nossos dias, perquirem-na, ansiosos, todos os eleitos. Pois bem, lede-os. Vereis que nenhum deixou a calha principal do grande vale; e que ali mesmo cada um se acolheu, deslumbrado, no recanto de uma especialidade. Wallace, Mawe, W. Edwards, d'Orbigny, Martius, Bates, Agassiz, para citar os que me acodem na primeira linha, reduziram-se a geniais escrevedores de monografias.

"A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa. Quem quer que se abalance a deletreá-la ficará, ao cabo desse esforço, bem pouco além do limiar de um mundo maravilhoso".

O Instituto de Pesquisas da Amazônia e o Instituto de Pesquisas Bibliográficas, organismos do Conselho Nacional de Pesquisas, em ação conjunta elaboraram uma Bibliografia da Amazônia, de que circulou o primeiro volume, com 7.688 verbetes, e está prestes a circular um segundo, com mais alguns milhares de verbetes. Será, portanto, a Amazônia, a região do Planeta das mais estudadas e, por primeira dedução, das mais sabidas. Certo? Euclides teria cometido o pecado da afirmação graciosa? Não. A Amazônia continua a promover o interesse e a provocar encantos, desencantos, surpresas de toda espécie. Será um logro ou estará realmente destinada a representar um papel especial na projeção e na potencialidade do Brasil e das outras cinco repúblicas vizinhas que dispõem também de espaço no mundo amazônico?

A parcimônia de conhecimentos da geografia amazônica levou, em 1950, notem a data – 1950 –, o grupo de estudos, criado por determinação do Presidente da República, para proceder a um inventário preliminar das possibilidades da região, visando-se à programação da política governamental que seria adotada, a concluir, em relatório que foi divulgado, da inutilidade de investimentos para a pesquisa de minérios na região, pois que ela seria a mais pobre, a menos capaz de reagir satisfatoriamente. Meses depois, explodiam as contestações, não em outros relatórios, mas na descoberta de depósitos de minérios, o que está

permitindo a conclusão de que aquela conclusão anterior fora aprovada e baseada no conhecimento precário que, na oportunidade, 1950, possuíamos sobre o assunto.

Euclides não deve ser lido, portanto, para nele encontrarmos as verdades científicas devidamente comprovadas. Quando poucos desviavam suas atenções para o extremo norte, ele soube conduzir a opinião nacional para a primeira meditação acerca dos destinos dele, obrigações e responsabilidades de que o país precisava tomar consciência. Era uma posição de vanguarda, que ninguém pode contestar. Euclides, depois de Tavares Bastos, era uma voz enérgica, objetiva, a indicar a grande problemática com que a nação teria de defrontar-se. O exército de nordestinos, que desbravavam e asseguravam a continuidade da soberania brasileira, não era bastante. Impunham-se medidas do poder público, entre elas a Transacriana, que ligaria os grandes vales da mais nova área integrada politicamente ao Brasil e seria uma demonstração cabal de nossa capacidade para empreendimentos análogos, do tipo daquele que fizera, espetacular, o processo de desenvolvimento dos Estados Unidos quando ligaram, pela via férrea, o Atlântico ao Pacífico. A lição que a façanha representava bem poderia ser repetida por nós na estrada pela selva. A Transacriana transformaria o que era o deserto, penetrado, ousadamente, na investida contra a floresta, pelos novos sertanistas, seringueiros e caucheiros que renovavam, no mesmo estilo de coragem, a façanha dos bandeirantes da quadra colonial.

O que se realiza agora, com a Transamazônica, mais arrojada, não será um capítulo do projeto de Euclides? Euclides não é, assim, o pioneiro de uma ação política da maior envergadura?

Nas páginas que aqui se reúnem, Euclides faz geografia, faz história, faz interpretação e análise sociológica da sociedade amazônica, que conheceu e que lhe permitiu uma grande confiança no que ele pretendeu que fosse raça capaz de enfrentar as reações do meio físico e, adaptando-se ou triunfando sobre a natureza, elaborava epítome de civismo e de heroicidade. A terra e a gente eram admiráveis. Para retratá-las impunha-se um "livro vingador", como já fizera para o Nordeste com *Os Sertões*. Esse "livro vingador", da Amazônia, seria *Um Paraíso Perdido*. O nome era expressivo e estava na linha da imaginativa

que começara com os descobrimentos geográficos, quando África e América tinham parecido, aos navegadores, soldados, missionários, mercadores e colonos da empresa colonial, de quinhentos em diante, trechos do Paraíso. A visão, de que Sérgio Buarque de Holanda nos traçou a crônica, pormenorizada, era a visão do mundo dos primeiros dias, com a humanidade na forma primária, paradisíaca, das origens sociais.

A Euclides, a Amazônia dera a impressão de uma terra que seria a grande prova a que se submeteria o homem, mas era prova que, se ainda se processava timidamente, já refletia uma decisão que destruía todas as "verdades" assacadas contra os trópicos. A Amazônia era ainda intraduzível. Por isso mesmo, escrevendo a Artur Lemos, lembrava "a genial definição do espaço de Milton: esconde-se a si mesma. O forasteiro contempla-a sem ver, através de uma vertigem. Ela só aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente. É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas; é um infinito que deve ser dosado".

Em *Um Paraíso Perdido,* Euclides, refeito de seus primeiros impactos recebidos, já amadurecido para ver e sentir sem as emoções prejudiciais, procedendo a uma revisão de seus conceitos, daria ao Brasil o outro "livro vingador", como procedera em *Os Sertões.* Seria a interpretação da Amazônia como área em ser, mundo por revelar, centro ativo de uma civilização que se criaria para o futuro.

Com a reunião dos artigos em que divulgou o pensamento sobre a Amazônia, dando-lhe a direção Editorial, com o nosso aplauso, o título que ele imaginou, *Um Paraíso Perdido,* estamos satisfazendo seu projeto, seu propósito vingador?

O Brasil, nos dias que correm, tomou-se da decisão de integrar, definitivamente, a Amazônia, por atos de governo, ao seu complexo de civilização. A contribuição de Euclides para a criação desse estado de espírito está nos capítulos deste livro, que se divulga, justamente, para realçar a importância da obra daquele brasileiro admirável como consciência cívica e para evidenciar a participação dele, distante, mas efetiva nesse processo de integração. Euclides, como Alberto Torres e Oliveira Viana, compondo a trilogia fluminense que interpretou o Brasil no realismo cru de suas vicissitudes e êxitos, realizou obra do maior

sentido nacionalista. As páginas que aqui se juntam e o lançaram na linha do melhor nacionalismo constituem, seguramente, os fundamentos do livro em que pretendia “vingar” a Hiléia maravilhosa de todas as brutalidades que a maculavam desde o século XVII, livro que seria *Um Paraíso Perdido*.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

# *Retrato humano de Euclides da Cunha*

Francisco Venâncio Filho

Euclides Rodrigues da Cunha nasceu a 20 de janeiro de 1861, em Santa Rita do Rio Negro (Fazenda da Saudade), município de Cantagalo, antiga província do Rio de Janeiro.[1] Filho legítimo de Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, natural da Bahia, homem culto e de caráter, e D. Eudóxia Moreira da Cunha, de Cantagalo. Aos três anos fica órfão de mãe, ele e mais uma única irmã, sendo levado pelo pai para Teresópolis aos cuidados de D. Rosinda de Gouveia, sua tia, que vem a falecer dois anos mais tarde, indo para a companhia de outra tia, D. Laura Moreira Garcez, em Conceição de Ponte Nova, Fazenda de São Joaquim e São Fidélis, no Estado do Rio. Nesta cidade, aprende as primeiras letras, com o professor provecto e afamado, Francisco José Caldeira da Silva, revelando vivacidade de inteligência, traços precisos de personalidade, como grande piedade pelos escravos, a par de temperamento irritadiço e violento por vezes.

---

In *Euclides da Cunha, Ensaio bibliográfico*. RJ, Academia Brasileira de letras, de 1931.

1 A data do nascimento foi verificada pela certidão de idade obtida na Matriz de Cantagalo, em acordo com os Almanaques Militares, de 1893 a 1896. As outras datas: dada pelo *Jornal do Comércio*, 1868, confirmada por nota fornecida por ele próprio ao Sr. Ernesto Sena; 67 de *À margem da História;* 65 de Vicente de Carvalho e 61 da Biblioteca Internacional de Obras Célebres, estão evidentemente erradas. A de 1866, baseada em documentos autênticos, foi ainda confirmada pelo seu distinto cunhado, Dr. Otaviano Vieira.

Era seu pai então guarda-livros e teve, ausentando-se, de o internar no Colégio Sólon, também ali célebre na época. Tendo necessidade de o encaminhar, resolve vir para o Rio e fica Euclides aos cuidados de seu tio, Antonio Pimenta da Cunha, residindo a princípio no Largo da Carioca e depois em Santa Teresa, na Rua Teresina.

Freqüenta o Colégio Anglo-Americano, de propriedade do Prof. José Pacífico da Fonseca, prestando na Instrução Pública o seu primeiro exame, o de Português, a 25 de novembro de 1879. Freqüenta, em seguida, os colégios Meneses Vieira e Vitória da Costa e Aquino, fazendo em 1880 exames de Geografia, Francês, Retórica e História. Em 1881, Inglês e Aritmética; em 1882, Geometria; em 1883, Latim, tendo sido reprovado em primeira época. No Colégio Aquino deixou traços inapagáveis, que foram salvos do esquecimento. Escragnole Dória, aí seu condiscípulo, que guardou com carinho algumas das reminiscências destes tempos, e o próprio Dr. João Pedro de Aquino, que vislumbrou desde logo a revelação que se iria dar mais tarde, contam vários episódios. Ouvindo a aula de História de Teófilo das Neves Leão, mestre afamado, ocorreu a Euclides, a essa época embriagado de poesia, de reduzir a sonetos todas as figuras da Revolução Francesa. Em pequeno caderno, de folhas de couro, que faz parte do arquivo do Grêmio Euclides da Cunha, intitulado *Ondas,* lá estão: Danton, Marat, Robespierre, Saint-Just. É do período em que fez estes versos a iniciativa da fundação do *Democrata,* o pequeno jornal, que, sob a direção de Eurico Jaci Monteiro, fundaram Euclides e outros colegas: Manuel Francisco de Azevedo Júnior, Natan Sérvio Ferreira, Reinaldo Jaime Maia, Custódia Enes Belchior, Ramiro Carvalho Guimarães, Virgílio Las Casas dos Santos. Nos exemplares salvos encontram-se as primíciasde Euclides. No número de 4 de abril de 1884 está o mais remoto fragmento, em prosa, que dele se conhece. Logo após, palavras de entusiasmo pela libertação no Ceará. Ao lado de artigos, muitos versos, que estão nas *Ondas*. Em 1906, encontrando, certo por acaso, este livrinho, escreveu:

> 14 anos de idade. Observação fundamental para explicar os absurdos que há nestas páginas. 1906, Euclides.

O volume contém oitenta e quatro poesias, além de algumas páginas perdidas. São, em imensa maioria, versos de temas sociais, raros de amor pessoal e apenas em uma poesia transparece uma inicial, revelando a presença de mulher. São versos imperfeitos, em geral, pela forma, mas que retraçam fidedignamente com rigor os sentimentos puros que o animavam e representam documentação preciosa para a reconstrução da sua personalidade. Quando aluno do Dr. João Pedro de Aquino, "o santo da pedagogia brasileira" – na expressão de Escragnole Dória – houve episódio típico do seu feito pessoal.

Assustada a família com os versos e que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa ao que lhe foi respondido que a sua assiduidade e aplicação às aulas nada deixavam a desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranqüilo a ler e fazer versos...

Ainda não se definira claramente se para a Politécnica, se para a Escola Militar. Naquela faz exames de Matemática, a 15 de março de 1884.

Certo, pela influência de Benjamin Constant, de quem fora discípulo no Colégio Aquino, e pela ausência de família no Rio, depois de se ter matriculado na Politécnica, transfere-se para a Militar, da Praia Vermelha, onde assenta praça a 20 de fevereiro de 1886. Ia pertencer a uma geração militar destinada a largo destino quase toda. Os mais preeminentes seriam notáveis na vida civil. É verdade que a Escola da Praia Vermelha era menos de arte da guerra do que de ciências e filosofia. A doutrinação apostólica de Benjamin Constant, cuja figura empolgava os discípulos, fazia de Augusto Comte o nume tutelar de seus ideais. Alguns, raros, dissentiam para Spencer, ainda filósofo... De entremeio, algumas cadeiras guerreiras e, por sobre a disciplina militar, a propaganda abolicionista e republicana. Faziam parte de sua turma Tasso Fragoso, Cândido Rondon, Sebastião Alves, para citar alguns mais conhecidos. Deixou aí, a par de inteligência, vivaz e de fácil capacidade de apreensão, a impressão de rude franqueza, até a violência. Em notas íntimas de um caderno, com o título *Observando (15 dias de vida acadêmica), comédia em 15 atos*, ele próprio se retrata:

> Feliz de mim se conseguir acumular no cérebro força bastante para subjugar o coração, porque para mim é mais difícil e mais perigoso que subjugar um touro.

Acrescenta:

> Estes quinze dias, que vão se suceder, terão em mim uma testemunha leal, incorruptível, inflexível; fotografá-los-ei tais quais forem – não os mascararei; hediondos ou sublimes, registrá-los-ei nestas páginas sem o mínimo detalhe de mais ou menos. Ator também – nesta triste comédia de quinze anos –, serei impiedoso até para comigo mesmo.

Ficou apenas no primeiro... Fundada a revista da escola – *A Família Acadêmica* –, Euclides é colaborador assíduo, seja em prosa, seja em verso.

Revelava também grande inclinação para a tribuna, encontrando-se em vários cadernos desta época escorços de discursos seus. Estudava o bastante para as aprovações justas e dignas, mas a sua tendência maior era para a poesia. Vivia, pelo seu temperamento taciturno, meio isolado dos companheiros. A natureza ambiente, na sua ciclópica grandeza, mais o convidava ainda para a meditação e o insulamento.

O ideal republicano já desabalado pelo país, em propaganda intensa, por linha de maior declive, encontrava, na Escola, um de seus núcleos mais residentes e ativos. E dominava a quase todos, professores e alunos. Diversos episódios característicos de franca rebeldia ou insurbordinação são sem conta. Após a Abolição, o movimento adquiriu velocidade intensíssima. Foi este o maior. Regressava da Europa, no *Ville de Santos*, o tribuno popular Lopes Trovão, e à sua chegada preparavam-se manifestações ruidosas, a que não poderia ficar indiferente a mocidade militar. O navio entraria na manhã de 4 de novembro de 1888, domingo. Para impedir o comparecimento dos alunos, o comandante da Escola, Coronel Clarindo de Queirós, à tarde de 3, comunica a visita para a manhã seguinte do Ministro da Guerra, Conselheiro Tomás Coelho. A revolta não se conteve e explodiu em manifestações visíveis de desagrado. Durante a noite, que foi de recriminações e vigílias, combina-se que manifestação mais positiva seria feita diante da autoridade compressora. Pela manhã de 4, compareceu o Ministro e Senador Silveira Martins, que possuía um filho na Escola. Passa a 1ª Companhia em continência respeitosa. Da 2ª, fora de forma, Euclides, diante dos superiores perplexos, tentando amolgar a lâmina da baioneta, dirige-se ao Ministro, com palavras violentas de protesto. Trava-se diálogo nervoso e comovido. É recolhido imediatamente à prisão, de onde a bondade do

médico da Escola, Dr. Lino de Andrade, o transfere para o hospital, com o diagnóstico de "esgotamento nervoso por excesso de estudo". Da Imprensa e do Parlamento os comentários surgem variados e díspares. Silveira Martins chama, sem generosidade, de histérico – "o pobre moço". Joaquim Nabuco acha que o episódio não tem significação política. Os jornais e demais vozes republicanas, ao contrário, acham no fato o dobre de finados da Monarquia.

Transferido para o Hospital Militar do morro do Castelo, a aguardar Conselho de Guerra, encontrou em seu caminho duas grandes bondades: uma Irmã de Caridade e Francisco de Castro.

Submetido a interrogatório, ao invés de aceitar a escusa com que o quiseram salvar, fez profissão de fé republicana, violenta e corajosa. Mandaram-no, então, para a Fortaleza de São João, até a sentença final. "Vária", do *Jornal do Comércio,* obtinha de ato pessoal do Imperador que fosse desligado do Exército por indisciplina.

Não se ajustava a solução ao seu brio e inicia na antiga Província de São Paulo colaboração de caráter político, em que atingia de frente o regímen monárquico. Trancada a sua matrícula na Escola, a 11 de dezembro vai para São Paulo e a 22 aparece o primeiro artigo "A Pátria e a Dinastia", seguindo-se uma série com o título "Questões Sociais". Regressa ao Rio em 28 de janeiro de 1889 a fim de fazer o curso da Escola Politécnica, para o que teve de prestar vários exames complementares, logrando aprovações satisfatórias.

O último artigo da colaboração da *Província* data de 22 de maio.

A 15 de novembro irrompe o movimento da proclamação da República. Euclides, morador em São Cristóvão, corre a se juntar aos companheiros, mas já encontra os fatos consumados. Apresentado no momento ao Marechal Deodoro, este estranha vê-lo à paisana e Euclides corre aos aposentos vazios da Praia Vermelha, que deixara um ano antes, e veste a farda que lhe coubesse menos mal. Por iniciativa de Rondon, comissão de colegas obtém de Benjamin Constant a sua reintegração no Exército, a 19 de novembro, sendo promovido a alferes-aluno, a 21. Matricula-se no ano seguinte na Escola Superior de Guerra, atingindo o posto de 2º-Tenente a 14 de abril de 1890.

Em dezembro de 1891 deixa a Escola de Guerra, cujo curso completou; promovido a 1º-tenente, da arma de Artilharia, tendo sido

designado para coadjuvante de ensino teórico na Escola Militar. Em 1893, de acordo com solicitação que fizera a Floriano Peixoto, é posto à disposição do Ministério da Viação para praticar na Estrada de Ferro Central, no distrito de São Paulo a Caçapava.

Irrompendo a Revolta da Armada, em setembro, vai servir na Diretoria de Obras Militares, dirigindo as trincheiras da Saúde.

Por esta época, fevereiro de 1894, o senador pelo Ceará, João Cordeiro, escreve no jornal *O Tempo* carta reclamando violências para os adversários. Euclides não se contém e dirige-se, sob a acolhida de Ferreira de Araújo, à *Gazeta de Notícias*, revidando àquele senador, em duas cartas sinceras e corajosas.

Embora lealdade sempre à prova, em riscos e perigos, ficou para logo suspeito à legalidade e foi nomeado em março auxiliar da Diretoria de Obras Militares de Minas Gerais, indo para Campanha.

Incompatibilizado com a farda, a despeito das insistências do seu sogro, General Solon, é reformado em julho de 1893.

Vai para São Paulo, engenheiro-ajudante de 1ª classe da Superintendência de Obras, a 18 de setembro de 1896, a princípio em São Carlos do Pinhal.

Em 1897 estala a sedição de Canudos.

A feição assumida pelos acontecimentos tomou, de regional que fora a princípio, proporções nacionais. A todos, até os mais afastados, como Machado de Assis, a comoção tocou.

Euclides escreve, no *Estado*, dois artigos sob o título "A Nossa Vendéia".

A convite de Júlio de Mesquita, seu companheiro da campanha republicana, segue para o recinto da luta, acompanhando o Estado-Maior do Marechal Bittencourt, Ministro da Guerra, como correspondente do *O Estado de S. Paulo*, levando a idéia de escrever livro.

A 4 de agosto embarca no Espírito Santo para a Bahia, onde chega a 7, pela manhã. Vê a terra generosa "de onde irradiara havia três séculos a prole erradia", e aí aguarda com impaciência, após as primeiras investigações, a partida para o arraial sinistro. Começa a correspondência para São Paulo e a 31 segue para Queimadas e chega a Canudos a 16 de setembro.

Acompanha de preferência as incursões de Siqueira de Meneses, seduzido pelos aspectos da natureza agreste e original.

Assiste, entre entristecido e revoltado, aos últimos dias da luta fratricida, tudo inquirindo, observando, anotando. O Instituto Histórico guarda o documento mais precioso dentre os desta época. Terminada, regressa a Salvador e daí traz, em esboço já bem definido, o projeto do livro, com o título a *Nossa Vendéia*, conforme telegrama ao *Jornal do Comércio*, de 23 de outubro.

Os artigos da correspondência para o *Estado* são em número de vinte e três, o último a saudação feita ao Batalhão Paulista, pelo seu regresso, a 16 de outubro.

Volta ao seu cargo, em São Carlos, em 1898, publicando a 19 de janeiro artigo, que fará parte d' *Os Sertões* – "Excerto de um livro inédito".[6] Em fevereiro de 1899 rui estrondosamente a ponte mandada construir pelo Governo do Estado em São José do Rio Pardo e, em companhia do Diretor de Obras, Dr. Gama Cócrane, vai Euclides inspecionar a obra, cuja reconstrução lhe é confiada. Aí permanece três anos nos trabalhos de reparação e reconstrução da ponte, executados com rigor técnico e econômico.

Cidade tranqüila do Oeste paulista, encontrou aí Euclides a assistência de grande amizade, a que se deve, de fato, a elaboração d'*Os Sertões* – a de Francisco Escobar. Não só criou o ambiente de carinho e interesse que lhe faltara sempre, como também acudia, com a sua notável cultura, às dificuldades de informações e livros. Reunia ainda para a leitura das páginas que se iam compondo alguns espíritos de valor, como Lafaiete de Toledo, Adalgizo Pereira, José Honório de Silos, Valdomiro Silveira.

Graças a esta solicitude, *Os Sertões* se completaram ao mesmo tempo que a ponte. Começam então as preocupações da edição.

Vai a São Paulo e de lá com carta de Garcia Redondo a Lúcio de Mendonça dirige-se ao Rio. Este encaminha-o à Livraria Laemmert, com quem contrata a edição.

---

6 É o capítulo sobre o sertanejo, cap. III – "O Homem".

Para ficar mais próximo do Rio transfere-se para o distrito de Guaratinguetá, residindo em Lorena.

A impressão do livro, com a demora inevitável, trá-lo sempre preocupado, até que afinal, em dezembro de 1902 pronto, verifica Euclides erros e incorreções tipográficos que lhe pareciam enormes e que corrige, uma a uma, a bico de pena e ponta de canivete...

Mas a chegada do Barão do Rio Branco, para assumir a pasta das Relações Exteriores, após as vitórias das Missões e Amapá, assustava-o imaginando que a impressão causada iria esmagar e fazer despercebido o livro.

Saído *Os Sertões*, aguardou apreensivo e desconfiado as primeiras notícias. Estas chegaram ruidosas e enaltecedoras. Em pouco, de engenheiro apenas que era, passou a maior escritor brasileiro do seu tempo. Entre todas, a crítica lúcida de Araripe Júnior promoveu-o de "recruta a triunfador". Em breve esgota-se a primeira edição. O sucesso era inédito, no Brasil, para o livro daquele tomo, nem versos, nem romance.

Vieram-lhe, para logo, as consagrações, que não procurara nem pleiteara. Chamou-o, imediatamente, o Instituto Histórico e a 21 de setembro de 1903 elegia-o a Academia Brasileira para a vaga de Valentim Magalhães.

Enquanto a glória e fama do escritor atingiam bem alto, a vida do homem transcorre penosa e rude. Engenheiro em viagens constantes, sem pausa e sem encanto, assim se lhe apresentava a profissão – "engenharia andante, que ia do estilo aleijado dos ofícios à alma tortuosa dos empreiteiros". Além disso, uma das crises periódicas do café reduzia os vencimentos a não lhe bastarem à própria subsistência. Difícil já lhe era conciliar a vida superior de pensamento e de arte e a labuta diária, descontínua e enfadonha.

Da mesma forma que, por sugestão amiga, pensara em fazer concurso para o Ginásio de Campinas, também agora se candidata à Escola Politécnica de São Paulo, mas a aspiração se malogra.

Organizando-se a Comissão de Saneamento em Santos, obtém a nomeação de engenheiro-fiscal, em janeiro de 1904. Trabalha com Rebouças, mas a linha inflexível e rude de sua conduta em pouco leva-o a demitir-se, em abril do mesmo ano.

Fica ao desamparo. A sua situação, grave de fato, amplia-se, a proporções de terremoto, a seus olhos. Valeram-lhe algumas amizades, que o admiram. Francisco Escobar anima-o com o seu grande coração. Já se tendo aproximado dos confrades da Academia, José Veríssimo solicita a intervenção de Oliveira Lima junto ao Barão do Rio Branco a fim de que lhe fosse dado lugar em uma das comissões de limites com o Peru a se constituir. Domício da Gama leva-o, certa noite, ao Palacete da Vestfália, em Petrópolis, onde ao termo de longa palestra, que se estendeu pela madrugada, o grande estadista resolvera nomear Euclides não auxiliar, mas chefe de uma das comissões – a do Alto Purus. Realizava, do mesmo passo, velho sonho, o de ver a Amazônia.

Entretanto, as complicações da nossa administração demoram as nomeações, o que o impacienta. Continua em Guarujá.

A 9 de agosto telegrafa-lhe Oliveira Lima, anunciando a nomeação. Inicia os preparativos, vindo ao Rio. No intervalo desta expectativa continua a sua colaboração na imprensa. Entretanto a organização das comissões, a sua e a do General Belarmino de Mendonça, do Alto Juruá, é demorada e longa.

Só consegue a partida a 13 de dezembro de 1904 para Manaus, no *Alagoas*. Não se dá bem a bordo, mas aproveita a parada nos portos a ver sobretudo as tradições do passado. Passa por Vitória e pela Bahia. Em companhia de Oliveira Lima visita Olinda e Recife, passa pelo Forte de Cabedelo, que lhe recordaria um poema histórico dos tempos da Escola Militar, Fortaleza, São Luís, chegando por fim a Belém, recebido gentilmente, carinhosamente por toda parte. Maravilha-se diante do Museu do Pará, onde o recebem "dois homens admiráveis", o Dr. Emílio Goeldi e Jacques Huber. Prossegue a viagem pelo rio-mar, sem espanto a princípio, como nos vai descrever mais tarde. Chega por fim a Manaus, a 30 de dezembro, onde encontra o seu antigo companheiro de Escola, amigo fiel de sempre, e ainda mais de sua memória – Alberto Rangel.

Aí fica impacientemente a aguardar as instruções do Governo sobre os trabalhos da Comissão Mista. Estas só chegam em março, o que acarretou perda inútil de tempo, fazendo a subida do rio na época mais imprópria. O que foi esta viagem, de heroísmo e sacrifícios, acompanhando uma comissão estrangeira, mais bem aparelhada, nem mesmo o seu relatório diz com exatidão. O maior ficou oculto, apenas entrevisto na correspondência desta época, oficial e privada. Tudo

sofreram. Enfermidades, escassez de víveres, revolta, naufrágio. A tudo resistira, até o termo da empresa temerária, reduzidos por fim a nove homens, os que atingiram as cabeceiras do Purus. Regressou, depois de lavrado o termo com o comissário Bueñano e ainda na volta realizaram o contralevantamento da região percorrida.

Chegado ao Rio, inicia a redação do Relatório, acompanhado de mapas, entre os quais o do rio Purus, em escala de 1.500.000, que completa o de Chandless, permitindo acompanhar a evolução fisiográfica da bacia do grande afluente do Amazonas. Recusa-se, a esse tempo, a receber os vencimentos em comissão. Terminado o Relatório, em fins de 1905, o Barão do Rio Branco conserva-o, junto ao gabinete, como auxiliar técnico, precioso companheiro. Escreve para jornais impressões da Amazônia, e organiza mapas para as diversas questões de limites, que constituíram a glória maior do grande estadista.

Continua, entretanto, a transcorrer-lhe instável e incerta a vida, que a sua sensibilidade cheia de escrúpulos mais agravava ainda.

O lugar do Itamarati, embora de competência especializada, e de trabalho, exercido com probidade exemplar, não existia em lei e isso o trazia preocupado e acabrunhado.

Assim se passa o ano de 1907.

No improviso de um mês escreve o volume *Peru Versus Bolívia,* sobre o litígio entre os dois países, onde procura "defender a verdade contra o direito". "São páginas à vontade", mas cheias de lógica e de conhecimento assombroso da história e política do continente. Vale-lhe uma consagração entre os sul-americanos. Eduardo Villazou, representante boliviano, fá-lo traduzir para o castelhano, entre palavras de louvor e entusiasmo.

Mas serve-lhe também para grandes aborrecimentos.

E. Zeballos, que fazia política contra Rio Branco, procura envolvê-lo no célebre caso do telegrama número nove. Pretendia o chanceler portenho ter a chave de um despacho brasileiro para o Chile contra a Argentina e insinuou ter documentos particulares de um dos auxiliares de Rio Branco sobre o caso. Euclides, que com ele mantinha relações intelectuais, revida-lhe que traga a público a correspondência a que se refere, repelindo o papel de "Capitão Dreyfus do Ministério do Exterior"

que lhe querem dar. Recebe telegrama desculposo de Zeballos, encerrando o incidente.

Pensa em mudar de rumo. Reclama, a cada passo, na correspondência com amigos íntimos, novo caminho, principalmente o "seu deserto, bravio e salvador".

Organiza, a pedido de Miguel Calmon, Ministro da Viação, as instruções da Madeira-Mamoré, que iria inspecionar. Falava-se em enviá-lo como Ministro Plenipotenciário ao Paraguai. Mas tudo se desfaz. A situação no Itamarati continua a mesma. Várias vezes solicita demissão a Rio Branco, que não lhe pode prescindir da colaboração.

Ainda em 1907, um editor português reúne alguns artigos de colaboração periódica, dá-lhe o título de um deles e publica os *Contrastes e Confrontos*.

Em São Paulo, a convite do Centro Onze de Agosto, realiza, em dezembro, a conferência sobre "Castro Alves e seu Tempo", em benefício da herma do poeta.

Vaga a cadeira de Lógica do Colégio Pedro II (Externato), com a morte de Vicente de Sousa, pensa em inscrever-se. Reluta a princípio, mas instâncias de amigos, principalmente Coelho Neto, decidem-no afinal.

Começam, então, para Euclides, novos tormentos. Não sendo filósofo de profissão, tinha contudo cultura vasta, especialmente científica e percorrera já os grandes pensadores. Inicia uma revisão de conhecimentos e de leituras, de que dão conta alguns dos livros seus salvos e a correspondência desta época. Como acontece quase sempre, surgiu logo o enxame de boatos de toda a espécie. Inscreveram-se quinze candidatos.

A custo conseguiu-se organizar a mesa examinadora, várias vezes demissionária.

Ao par das preocupações, os estudos e trabalhos do Ministério.

Toma parte ativa na questão da Lagoa Mirim, cujos mapas ele próprio fez.

Manuel Bernardes, o representante uruguaio, dá eloqüente testemunho desta colaboração de Euclides.

Afinal, em 17 de maio de 1909 tem início o célebre concurso, caindo para a prova escrita o ponto número três: "Verdade e Erro."

Constituíram a comissão examinadora os professores Paulo de Frontin, Paula Lopes e Raja Gabáglia.

A sua prova, feita em meio a preocupações penosas, revela o seu estado de espírito, cheia de emendas e com a preocupação alarmada do tempo.

A 25, foi a prova oral da quarta turma, composta de Vital de Almeida, Graciano das Neves e Euclides, sobre "A idéia do ser".

É mais um atestado da sua coragem intelectual e moral. Por iniciativa do Sr. Félix Pacheco, esta prova foi taquigrafada e publicada. A 25 de maio foi a argüição. A 7 de junho houve o julgamento final, cujo resultado colocou em primeiro lugar o sr. Farias Brito e segundo Euclides da Cunha.

No correr das provas, pela morte do presidente Afonso Pena, assume o Governo Nilo Peçanha.

Cabia a este a escolha entre os dois, de acordo com o art. 104 do Código do Ensino (Decreto 3.890), em vigor. Puseram-se a campo a seu favor vários amigos, especialmente Érico Coelho e Coelho Neto. O presidente vacilava e Esmeraldino Bandeira, Ministro do Interior, comunica-o a Coelho Neto. Euclides, ciente da situação, escreve ao seu dedicado amigo uma carta que é documento, mais um, de sua nobreza. Declara que não aceita a nomeação diante das vacilações do Governo. Consegue Coelho Neto demovê-lo do propósito e a 17 de julho é lavrada por fim a nomeação.

Recebe de Escragnole Dória, interino, a cadeira que iria lecionar, a 21 de julho.

Por esta época reunira os ensaios que seriam o *À margem da História* aparecido postumamente.

Era na sua vida, sempre instável e incerta, a primeira ancoragem definitiva. Poderia, dora em diante, prosseguir na sua obra de arte e pensamento, que as preocupações cotidianas agora permitiriam.

Mas deu apenas dez aulas, de 21 de julho a 13 de agosto.

A maldade e o perjúrio que lhe vinham tecendo a obra malsã, por toda a vida, a partir de 1889, prepararam a bala assassina, que, na

manhã de 15 de agosto de 1909, por um domingo triste e chuvoso, na Estação da Piedade, fazia cair sem vida, no clarão de uma tragédia esquiliana, o grande escritor brasileiro, que foi também grande coração e grande caráter.

Faltou sempre a Euclides da Cunha a presença indispensável daquele afeto que *"num recanto pôs um mundo inteiro"*.

### EUCLIDES DA CUNHA E A AMAZÔNIA

Coube a Euclides da Cunha revelar a Amazônia à consciência nacional, como já o fizera com as terras ignotas dos sertões brasileiros. Com efeito, se se examinar tudo quanto se escreveu antes e depois da sua viagem ao Purus, a comparação demonstra rigorosamente o acerto. Foi esta viagem que o pôs em contacto com a região, mas a atração pelo seu esplendor e seus mistérios vinha de antes. Já em 1903, em *post scriptum* de carta ao seu mestre Dr. Luís Cruls, escrevia: *"Alimento, há dias, o sonho de uma viagem até o Acre. Mas não vejo como realizá-lo. Nesta terra, para tudo faz-se mister o pedido e o empenho, duas coisas que me repugnam. Elimino por isso a aspiração em que talvez pudesse prestar algum serviço."*

Esta preocupação se revela na colaboração esparsa para jornais entre 1901 e 1904, em que por mais de uma vez o tema o ocupa. Assim nos *Contrastes e Confrontos* há os seguintes artigos sobre a Amazônia: *Contrastes e confrontos,* que deu título ao livro magnífico; "Conflito inevitável"; "Contra os caucheiros"; "Entre o Madeira e o Javari", todos estudando direta ou indiretamente as questões ligadas ao problema acriano, decorrentes do povoamento da região pelos sertanejos que *a miséria expulsou dos lares modestíssimos*. Em 1904, demitindo-se da Comissão de Saneamento de Santos, fica ao desamparo, sujeito a tarefas eventuais. Encontra-o, entre revoltado e desanimado, aquela amizade exemplar de Francisco Escobar. Combinam que pleiteie lugar em uma das Comissões de Limites a se organizar em conseqüência do Tratado de Petrópolis, do qual decorreu a necessidade de um *modus vivendi* nas regiões do Alto Juruá e Alto Purus, assinado em 12 de julho de 1904.

Vencendo constrangimentos procura Oliveira Lima, seu amigo e confrade da Academia Brasileira, que, por motivos pessoais, não se acha em condições de fazer o pedido ou a sugestão a Rio Branco, mas transfere-o para José Veríssimo. O certo é que Domício da Gama é incumbido

de levar Euclides ao ministro das Relações Exteriores, então no Palácio de Vestfália, em Petrópolis. Ficou, felizmente, escrita com aquele gosto e sobriedade que lhe eram típicos a narrativa do encontro entre os dois grandes brasileiros, ao fim do qual o Barão, ao invés de o nomear para cargo qualquer, confiava a Euclides a missão de chefe da Comissão Mista de Reconhecimento do Alto Purus. Volta ao retiro de Guarujá a aguardar a nomeação, sempre impaciente e aflito. Afinal, telegrama de Oliveira Lima, de agosto, anuncia-lhe a nomeação, assinada, de fato, a 9 do mesmo mês.

Imediatamente, como de hábito em tudo o que fazia, põe-se a ler e reunir quanto pudesse servir para um conhecimento prévio da viagem próxima, ao lado da organização e preparativos da Comissão. Deseja seguir logo para a Amazônia, mas as complicações burocráticas retardam a partida, que só se efetua em 13 de dezembro de 1904.

Tocando em vários portos, é recebido com admiração e carinho, graças *"ao seu grande neto", Os Sertões*, dizia em carta ao pai. Chega a 30 de dezembro a Manaus. Aguarda as instruções para a partida, em demanda do Purus, durante 4 meses, o que determinaria época da vazante, imprópria para a viagem. Só a inicia a 5 de abril de 1905. Pôde Afrânio Peixoto dizer: "Esta expedição, se fora contada, daria a *Os Sertões* uma parelha, na intensidade da descritiva, na intrepidez da acusação."

Desejou fazê-lo neste seu "outro livro vingador", a que daria o nome de *Um Paraíso Perdido*, e de que ficaram apenas as páginas portentosas de *À margem da História*, lindamente expressas em *Terra sem História*.

Nada poderia descrever melhor esta viagem do que a entrevista dada por Euclides ao *Jornal do Comércio* de Manaus, de 20 de outubro de 1905, vivo e flagrante relato, feito sem as peias do relatório oficial, ademais assinado a duas penas. (A entrevista de Euclides constitui um capítulo deste livro.)

Regressa ao Rio, onde chega em julho de 1905, todo impregnado das impressões da Amazônia, que seria daí por diante nota dominante em tudo o que iria escrever.

Ocupa-se com o relatório, que aparece em junho de 1906, bem diverso das publicações congêneres, em que pese às normas gerais a que se teve de moldar. Nele, de fato, está, em germe, tudo quanto escreveu posteriormente.

*O Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* contém tudo quanto Euclides escreveu posteriormente sobre a Amazônia.

O volume, de 76 páginas, está dividido em 7 partes:

1º) Organização.

2º) Instruções.

3º) A viagem.

4º) Aspecto geral do Purus e sues afluentes. Levantamento hidrográfico. Determinação das coordenadas dos pontos principais.

5º) Clima.

6º) Considerações gerais sobre os caracteres físicos da região e sobre os seus povoadores.

7º) Anexos.

A Comissão Brasileira ficou assim constituída: comissário, engenheiro Euclides da Cunha; ajudante substituto, 1º tenente de Artilharia Alexandre de Argolo Mendes; auxiliar técnico, engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha; médico, Dr. Tomás Catunda; secretário, engenheiro Manuel da Silva Leme.

As instruções estabelecidas pelo ministro das Relações Exteriores do Brasil e o ministro plenipotenciário do Peru, Dr. Guilherme A. Seonani, determinavam o seguinte, no seu artigo V:

"A comissão incumbida da exploração do rio Purus partirá de Manaus e verificará o curso desse rio, fazendo um simples reconhecimento hidrográfico até o barracão Cataí, cujas coordenadas geográficas determinará, assim como as de alguns outros pontos interessantes no trajeto.

"Daí para cima, até aos varadouros que vão ter ao Ucaiali e que deverão ser explorados em toda a sua extensão, se fará um levantamento expedito do alto Purus, determinando-se aproximadamente as coordenadas da boca de todos os seus principais afluentes, sobretudo as dos chamados Curanja, Curiúja e Manuel Urbano.

A Comissão Mista corrigirá e completará, como puder, a planta levantada por W. Chandless, e verificará a correspondência da nomenclatura geográfica que

> nela se acha com a atualmente em uso. No regresso determinará as coordenadas da confluência do Purus."

As referências, refertas de admiração e de entusiasmo, tão freqüentes de Euclides a W. Chandless, o admirável geógrafo da Sociedade de Geografia de Londres, e com cujo relatório percorreu a região toda, são as mais expressivas.

Felizmente o exemplar se salvou, com uma nota expressiva de "romantismo recalcitrante e teimoso": Euclides juntou à primeira e última página duas lindas borboletas que o acompanharam no termo da viagem.

O percurso realizado pela Comissão Mista não foi totalmente o de Chandless. O relatório di-lo explicitamente.

Chegados a 23 de julho de 1905 à foz do Cavaljani, última das divisões dicotômicas do Purus, restava um trecho inédito, o que confere a Euclides da Cunha a glória de primeiro desbravador.

Eis o trecho:

> "Estávamos, finalmente, no ponto do grande rio de onde avançaríamos para lugares nunca cientificamente explorados. De fato William Chandless, com a sua prodigiosa tenacidade, chegara até ali; mas no prosseguir tomara rumo diverso daquele que devíamos seguir. Avançara pelo ramo extremo do norte, do qual apenas percorreu mui poucas milhas, ao passo que nós prosseguiríamos pelo que investe francamente com o sul. Esta circunstância não pouco contribuiu para que nos refizéssemos de alento. Tratava-se, realmente, de longo trecho do Purus por certo bem conhecido de todos os caucheiros daquelas bandas, mas não apresentado ainda à ciência geográfica, como o revela a mesma circunstância de termos deparado ali o primeiro e talvez o único erro do ilustre Chandless no traçar o Cavaljani com o rumo de todo falso de leste para oeste."

As condições precárias da Comissão Brasileira, sacrificada rudemente por naufrágio, que a desfalcara de víveres, impediu que fosse percorrido totalmente parte do trecho final, aliás, sem grande importância no conjunto.

No capítulo "Clima" não se encontram apenas os dados físicos essenciais, mas também a nosologia, conforme o relatório do médico da Comissão, Dr. Tomás Catunda, ilustre clínico de Santos.

O estudo dos caracteres físicos da região e dos seus povoadores, feito embora em termos gerais, permite suspeitar já as páginas portentosas da *Terra sem História* do livro póstumo.

Mas a parte principal do relatório, porque escrito sob responsabilidade exclusiva de Euclides da Cunha, são as "Notas Complementares".

Constam de três partes:

1º) Observações sobre a história da geografia do Purus.

§ 1º) Da foz às cabeceiras.

§ 2º) Nas cabeceiras.

§ 3º) Os varadouros.

2º) O povoamento.

§ 1º) Da foz às cabeceiras.

§ 2º) Nas cabeceiras.

3º) Navegabilidade do Purus – Trechos que devem ser melhorados – Urgência de uma navegação regular até as cabeceiras.

Além de três cartas, uma do rio Purus, outra das nascentes do Purus, na escala de 1: 1.000.000 e de secções de vários afluentes, nas proximidades das embocaduras, encontra-se parte da correspondência oficial, trocada entre os dois comissários, relativa aos assuntos mais importantes. Nas entrelinhas destas páginas encontram-se, mais do que em outros documentos, todas as dificuldades e sacrifícios que tiveram de vencer.

Ficou, também, como quadro de água-forte, aquela evocação do "Valor de um símbolo", aposto à conferência "Castro Alves e seu tempo".

Vale transcrever a ata de encerramento dos trabalhos:

"Aos dezesseis dias de dezembro de mil novecentos e cinco, achando-se reunida na cidade de Manaus a Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, os dois comissários, engenheiro Euclides da Cunha e capitão-de-corveta D. Pedro Alexandre Buenaño, depois de realizarem a leitura dos relatórios escritos nas duas línguas, portuguesa e castelhana, e de haverem subscrito as plantas que traçavam de harmonia com os dados obtidos por ambos no precitado reconhecimento – deram por ultimados os trabalhos daquela Comissão, não existindo nenhuma divergência técnica a apontar-se.

Notam apenas os referidos comissários que o estado de saúde de ambos, pouco lisonjeiro em virtude dos trabalhos que passaram, não lhes permitiu, por uma maior estada nesta cidade, executar, quer quanto à parte gráfica, quer quanto à descrita, um trabalho mais completo, como desejavam. Acordam, porém, que, subscritas como se acham, por ambos, as conclusões gerais e mais importantes se possam fa-

> zer na carta que subscrevem os ditamentos secundários que melhor a esclareçam, desde que se não alterem, absolutamente, em nenhum ponto o seu traçado.
> Assim nenhum inconveniente haverá em que se indique qualquer circunstância topográfica acessória – como as denominações de alguns acidentes ou a indicação de outros que podem ser encontrados nas suas cadernetas, mas que a carência absoluta de tempo impede sejam discriminados.
> Circunstâncias bem dolorosas, como o falecimento do secretário da Comissão Brasileira, tendo obstado que os relatórios, copiados, guardassem a uniformidade da mesma caligrafia, os referidos comissários trocam os rascunhos que fizeram, os quais servirão como verdadeiras minutas, para que se dissipem quaisquer dúvidas que apareçam.
> E lavraram a presente ata que vai firmada por ambos. – Euclides da Cunha – Pedro Buenaño."

E assim se encerra, com a mesma dignidade e nobreza, sem heroísmos e sacrifícios poupados, mais uma página da vida incomparável de Euclides da Cunha.

Mereceria este relatório, modelar quer na forma, quer no fundo, uma reedição. O Conselho Nacional de Geografia poderia fazê-lo, juntando-o ao de William Chandless e do almirante Ferreira da Silva, iniciando assim, brilhante e justamente, uma série de monografias sobre os rios brasileiros.

Logo, em dezembro de 1906, toma posse na Academia Brasileira, para onde fora eleito em setembro de 1908, com aquele preâmbulo magnificante: *"Há dois anos entrei pela primeira vez naquele estuário do Pará, 'que já é rio e ainda é oceano', tão ineridos estes fácies geográficos se mostram à entrada da Amazônia. Mas contra o que esperava não me surpreendi...*

*Afinal, o que prefigurava grande era um diminutivo: o diminutivo do mar, sem o pitoresco da onda e sem os mistérios da profundura."*

Entretanto, *"na antemanhã do outro dia – um daqueles* glorious days, *de que nos fala Bates, subi para o convés, de onde com os olhos ardidos de insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas..."*

E, descreve, então, maravilhosamente a *"página inédita e contemporânea do Gênese".*

Foram, aliás, as impressões de primeiro contacto com o mundo misterioso e estranho, reproduzidas no flagrante de uma carta, a Artur Lemos:

> "Se escrevesse agora esboçaria miniaturas do caos, incompreensíveis e tumultuárias, uma mistura formidável de vastas florestas inundadas e vastos céus resplandecentes.

> "Entre tais extremos está, com suas inumeráveis modalidades, um novo mundo que me era inteiramente desconhecido...
>
> "Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição do espaço, de Milton: esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem.
>
> "Ela só lhe aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente.
>
> "É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas; é um infinito que deve ser dosado.
>
> "Quem terá envergadura para tanto? Por mim não a terei.
>
> "A notícia que aqui chegou num telegrama, de um novo livro, tem fundamento: escrevo, como fumo, por vício. Mas irei dar a impressão de um escritor esmagado pelo assunto. E, se realmente conseguir escrever o livro anunciado, não lhe darei título que se relacione demais com a paragem onde Humboldt aventurou as suas profecias e Agassiz cometeu seus maiores erros. Escreverei *Um Paraíso Perdido,* por exemplo, ou qualquer outro em cuja amplitude eu não fosse capaz de uma definição positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira."

São, ainda, as idéias nucleares com que compôs o preâmbulo maravilhoso de *O Inferno Verde*.

Alinha os primeiros artigos para o *Jornal do Comércio*.

As descrições que faz, sobretudo da situação moral dos brasileiros da Amazônia, chegam a comover a opinião nacional, a ponto de tocar o governo. O presidente Afonso Pena convida-o para prefeito do Acre, que, recusando, recai no seu velho amigo Bueno de Andrade.

Encontram-se em *À margem da História* as idéias fundamentais de Euclides da Cunha sobre as terras e gentes da Amazônia.

Englobou-as na expressão feliz de "Terra sem História", que cabe a tantas outras regiões, dominadas por um grande rio, de que o Homem não se apossou definitivamente ainda. – Consta de 7 capítulos, diversos no seu contexto, mas unidos pela mesma linha geral de composição, de beleza, de cultura.

Nas "Impressões gerais", nos traça, em face dos dados da ciência, de que se apropriou, com riqueza rara de informações, mas com síntese própria, por vezes genial, um painel largo das condições físicas e sociais, com cores cruas, relatando a situação escravagista, em que vive o seringueiro do extremo norte.

O capítulo seguinte, "Rios em abandono", é monografia que poderia ser assinada por qualquer geógrafo consagrado. Nele revela o conceito de ciclo vital dos rios, de Morris Davis. Conclui: "*Von den Stein, com a agudeza irrivalizável de seu belo espírito, comparou, algures, pinturescamente, o Xingu a um 'enteado' da nossa geografia. Estiremos o paralelo.*

*"O Purus é um enjeitado.*

"*Precisamos incorporá-lo ao nosso progresso, do qual ele será, ao cabo, um dos maiores fatores, porque é pelo seu leito desmedido em fora que se traça, nestes dias, uma das mais arrojadas linhas da nossa expansão histórica."*

A seguir, em "Um clima caluniado", procura demonstrar que as condições em que se fez o povoamento da Amazônia, inçadas de todos os inconvenientes, não justificam a acusação feita ao clima, contrapondo exemplos de caboclos rijos e de estrangeiros que lá triunfaram, concluindo:

*"Policiou, saneou, moralizou. Elegeu e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga e pela morte.*

*"E é por certo um clima admirável o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes, para os bons."*

Em "Os caucheiros", retorna, agora, após a visão direta, ao tema que já tratara em *Contrastes e Confrontos,* mostrando o estado moral daqueles bárbaros.

"Judas-Ashaverus" é um quadro a Rembrandt, em que traça a vingança do sertanejo contra si mesmo, esculpindo o judas à sua própria imagem e semelhança, para, atirando-o à correnteza da estrada que lhe passa à porta, enviar a outras paragens o Ashaverus, como mensagem de sua maldição e sua desdita. Pareceu a Euclides destoar o capítulo do contexto severo do livro.

Depois de o ter lido em prosas a Coelho Neto e senhora, manifestou o desejo de o suprimir. Parecia-lhe por demais caricato. Só à insistência da amizade fraternal e vigilante, foi conservado, para nosso deslumbramento.

Em "Brasileiros", volta igualmente ao assunto da formação do Peru, que tratara nos *Contrastes e Confrontos,* examinando o povoamento violento das regiões amazônicas, que o nomadismo constante abandona, deixando ruínas.

Finalmente, em "Transacriana" se casam o artista e o engenheiro, para mostrar que a natureza indicou uma solução técnica admirável para a civilização daquelas paragens. Aos *"riscos tortuosos do Purus, Juruá e Javari, há que cortar, transversalmente, com uma linha férrea, de cerca de 726 quilômetros",* cujas condições técnicas estuda em suas minúcias, ressaltando a sua função nacional e a outra – a de *"uma grande estrada internacional de aliança civilizadora e de paz".*

Foi tudo quanto ficou da pena de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, no livro póstumo. Certo que se a vida não lhe fosse cortada violentamente a meio, e teria voltado ao assunto. O fascínio da Amazônia, constituindo de alguma sorte o seu *"deserto bravio e salvador",* não o abandona. Assim, em sua correspondência o desejo de revê-la aparece mais de uma vez.

A Henrique Coelho, em 30 de julho de 1906, escreveu: *"... além dos mapas que estou revendo, ando às voltas com as instruções da Estrada de Ferro Madeira–Mamoré, que vai ser construída sob a minha fiscalização."*

Pouco depois, a 30 de setembro do mesmo ano, retorna ao assunto, em carta a Firmo Dutra: *"Recusei a fiscalização da Madeira–Mamoré – não só para evitar grande contrariedade a meu pai – como para não perder viagem que me será mais útil: a demarcação dos limites com a Venezuela, que só não terei se o Barão não continuar no governo".* Ambas se malograram.

Deixou ainda nos arquivos do Itamarati, onde os encontrou a amizade de Firmo Dutra, alguns mapas dos tempos em que Rio Branco o teve como auxiliar, na obra de fixação da moldura do nosso território.

Ei-los:

1º) Mapa da região abrangida pelo litígio do Acre. 26 de outubro de 1904. Primeiro instrumento para a Comissão exploradora do Purus.
2º) Esboço geográfico compreendendo o Departamento do Alto Juruá e o contorno com a fronteira do Peru – 10 de abril de 1907.
3º) Região compreendida entre o Acre e o Abunã, ao norte, e Tauamanu e Orton ao sul. Outubro de 1907.
4º) Carta do Alto Acre, segundo os recentes levantamentos do major Fawcett. 19 de julho de 1909.
5º) Departamento do Alto Juruá – varadouro Saboeiro-Chácara; este do rio Tamoio. Neste mapa há esta nota edificante escrita a lápis: "A diferença de longitude do traçado do Juruá desta planta para a do general Belarmino é aproximadamente de 16', cerca de trinta quilômetros. O erro deve ser meu!"

6º) Esboço da região litigiosa Peru-Bolívia. Rio, julho de 1909. Está reproduzido no *Peru Versus Bolívia*.

Neste livro, *Peru Versus Bolívia,* modelo no gênero, em que, à maneira de teorema matemático, demonstra rigorosamente os direitos da Bolívia, há necessariamente questões amazônicas, presas ao Acre.

Bastaria para justificar a posição de Euclides da Cunha entre os maiores geógrafos, não apenas brasileiros, estas afirmações da autoridade de Roquette Pinto:

> "A divagação hodierna do Purus, documentada pela comparação das cartas de Chandless e Euclides-Buenaño, representa um dos mais importantes fatos adquiridos pela ciência brasileira."

E dizia mais adiante o nosso grande naturalista, para quem Euclides foi admirável ecólogo:

> "Outra contribuição pessoal, nesse mesmo terreno, é a nota referente à formação dos 'sacados' ou 'tipiscas', círculos de erosão, que o rio antigo não apresentava; dos 'salões', segundo a gíria local, baixios fluviais de argila vermelha, e, finalmente, o grupamento de paus caídos, que ele indica de um modo inteiramente original, com a denominação de abatises submersos. Eis aí uma feição puramente brasileira de um fenômeno geral, documentada por Euclides."

Resta examinar rapidamente a repercussão literária que teve a obra amazônica de Euclides da Cunha.

Começou por este estranho e formidável livro, que teve forças para apelidar a região – *O Inferno Verde* – de Alberto Rangel, em cujo prefácio Euclides faz, a seu modo, uma síntese da Amazônia, implicitamente demonstrando como, pela ficção, vinha completar as páginas da sociologia de *À margem da História*.

Em formoso ensaio, publicado em *Legendas e Águas Fortes*, sobre "Intérpretes da Amazônia" o escritor amazonense Péricles de Morais já estudou brilhantemente o assunto, examinando a progênie literária derivada de Euclides.

Humboldt profetizou que mais cedo ou mais tarde na Amazônia se há de concentrar a civilização do globo.

No dia em que for realidade esta visão do futuro, no seu pórtico, se há de insculpir, como de justiça, o nome de Euclides da Cunha, cuja ciência e cuja arte se puseram a serviço das terras e das gentes da Hiléia portentosa.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

# *Recordando Euclides da Cunha*

(No décimo aniversário de sua morte)

Teodoro Sampaio

Por entre tristezas, que um trágico episódio de há dez anos nos desperta, aparece-nos hoje a imagem do Euclides da Cunha, de que me ocupo neste momento dedicado à sua memória, pedindo-vos me consintais encará-la por meio das impressões pessoais que me ficaram do engenheiro e polígrafo que ele foi e da nossa convivência íntima de algum tempo, em S. Paulo, onde ambos fazíamos vida na mesma profissão.

Escusado é dizer-vos que aqui não venho fazer um estudo psicológico do escritor por meio das suas obras. Ser-me-ia difícil tentá-lo agora a contento de mim mesmo e à altura do seu merecimento.

Modestíssima embora a contribuição do meu testemunho, o meu depoimento, que vale pouco, não lhe empanará por certo o brilho de seu nome, mas dirá com verdade como começou a ensaiar os primeiros vôos na difícil arte de escrever o gênio que mais profundamente perscrutou a índole da nossa gente e o paisagista da pena que, mais do que ninguém, soube descrever a privilegiada natureza do Brasil.

Euclides da Cunha chegara, havia pouco, do Rio de Janeiro, saído das fileiras do Exército, quando o conheci em S. Paulo. Casara-se e tinha vindo fazer vida nova, laboriosa, na terra dos Andradas. Uma vulgaríssima transação imposta pela necessidade de se instalar, nos aproximou.

Foi isto ali por 1892, se bem me recordo; mas Euclides, nomeado engenheiro das obras públicas do Estado, na sua faina de construir pontes e estradas e a viajar pelo interior, raro então me aparecia.

De volta dos seus trabalhos de campo, trazia um ar de tédio a trair-lhe uma repugnância invencível. Não que a vida ativa de engenheiro lhe pesasse; mas porque não encontrava na função, como exercida, a superior elevação, capaz de o libertar da pasmaceira de uma técnica que lhe parecia duvidosa.

Maior ainda era o seu nojo pelas cousas públicas, quando consideradas no terreno da política indígena. Não as queria comentadas por mais em foco que se lhe deparassem elas na tela da vida nacional. A república, que ele sonhara e pela qual até sacrifícios fizera, não a reconhecia ele nesse arremedo de instituição política, que então era o governo do Brasil, tão ao avesso dos seus ideais de mocidade ardorosa, intransigente. Abaixava então a vista para não ver a miséria a que chegara a ruína dos seus ideais desvanecidos.

O seu positivismo ou materialismo, já um tanto esmaecido, não colidia com o meu espiritualismo, por ele polidamente respeitado. Havia tanta cousa em que conversar que não fosse política ou filosofia em que militávamos em campos opostos! Tratávamos então dos livros novos, dos que faziam época e logravam interessar-nos, a ambos. Euclides lia, porém, com muito particular atenção a Herculano e a Camilo Castelo Branco nas suas obras de polêmica literária. Vi-o muitas vezes a folhear os escritos de ambos, mas principalmente os escritos de combate, onde a paixão não raro arrebata, e a crítica, posto que sincera, chega a ser cruel e terrível. O vocabulário, aí mais espontâneo e enérgico, seduzia sobremaneira ao escritor *in fieri* dada a sua predileção acentuada pelo frasear enérgico, expressivo, quente, mais de acordo com a sua maneira de sentir.

Mas o Euclides, na sua vida de engenheiro errante pelas regiões do Oeste paulista, me desaparecia por longo tempo. Era uma raridade quando me surgia de improviso em casa a contar-me a sua odisséia e a maldizer o seu tédio que já se prolongava por muito tempo.

Uma vez tornou-me mais depressa do interior, e vinha mais animado. Era outro e tinha como que um vago pressentimento de que o seu destino ia mudar. Aquela pasmaceira de tantos anos ia ter o seu fim.

Foi quando se ateou a guerra de Canudos no íntimo dos sertões baianos, em 1896, após o insucesso de duas sucessivas expedições mandadas contra os jagunços fanatizados de Antônio Conselheiro.

Crescera no país a fama dos atrevidos sertanejos, forçando a retirada de forças regulares federais ao mando do Coronel Febrônio de Brito, há pouco falecido.

A fama tinha dado proporções exageradas ao sucesso; mas subira de ponto a estupefação popular quando se espalhou por todo o país a notícia do desastre completo da expedição Moreira César, a terceira que a jagunçada tinha repelido e esta agora com a perda de vida do próprio chefe da expedição e de boa parte de sua oficialidade.

Grandíssimo foi o abalo na opinião pública nacional. Os republicanos julgavam-se mais uma vez traídos pelo adesismo monárquico, vítimas eles da sua boa-fé e de sua moderação para com os adeptos do decaído regime. Era o sebastianismo impenitente, diziam, que armava essa traição de Canudos, onde, se supunha, estavam refugiados ex-marinheiros da revolta do Almirante Custódio José de Melo, capitaneados por hábeis oficiais europeus contratados. Era a monarquia que levantava o colo, no sertão, apunhalando traiçoeiramente, pelas costas, a república.

O Visconde de Ouro Preto, se então escapou com vida à fúria da multidão ignara e incontida, viu entretanto tombar a seu lado, vítima de celerados energúmenos, o seu amigo, o Coronel Gentil de Castro, apontado como dos principais responsáveis pela revolta sertaneja.

Castro tombara inocente, como inocente estava o monarquismo acusado. Mas a turba dos exaltados queria culpados em que cevar o

seu desejo de sangue, e o *sebastianismo impenitente,* só ele, é que lho podia fornecer.

Canudos, diziam, é por certo uma maquinação de monarquistas; é a restauração que faz volta pelas caatingas e cai agora de improviso sobre a república.

Euclides chegou um instante a acreditar nisto e ainda nutria dúvidas muito sérias quando me veio anunciar que partia e trazer-me as suas despedidas. E partiu como correspondente de *O Estado de S. Paulo,* a seguir de perto a coluna expedicionária do comando do General Artur Oscar.

Levou-me algumas notas das que eu lhe ofereci sobre as terras do sertão que eu viajara antes dele em 1878. Pediu-me cópia de um meu mapa ainda inédito, na parte referente a Canudos e vale superior do Vasa-Barris, trecho de sertão ainda muito desconhecido, e eu lha forneci como forneci ao governo de S. Paulo que dela tirou mais de um exemplar, remetido para o Rio, ao Ministério da Guerra.

Quando, porém, por entre fogo e sangue aquele lúgubre episódio terminou; vencida, mas não rendida, a pertinácia do jagunço, fanatizado, e Euclides, convencido e também desiludido, tornou ao seio da família, a alma do patriota agora é que se revoltava, o coração confrangido, o ânimo a explodir contra a vilania de quem não soube vencer sem manchar; contra a miopia daqueles que não souberam ver, para além do jagunço fanático, a alma do brasileiro do sertão capaz dos mais sublimes rasgos de heroísmo.

Euclides resolveu então escrever as suas impressões daquela tragédia lúgubre; era um como que protesto íntimo contra aquele criminoso extermínio que nem a mulheres e crianças tinha poupado. *Os Sertões,* que ele então escreveu, teve esse fundamento de protesto do seu espírito de patriota revoltado.

Conta-nos contristado os episódios horríveis da caatinga conflagrada. Repugnava-lhe aquela reação da legalidade que não lhe pareceu na altura da nossa força militar, como não agiu consoante à cultura que, como um povo civilizado e cristão, representávamos. Não acusava a indivíduos; reprovava, porém, a ação descabida, errônea, incontida dos responsáveis. Não escreveu para acusar, mas para reprovar. Daí o seu emudecer diante das misérias de que foi testemunha; daí o não

carregar as cores, antes até esse esmaecer de tintas no quadro da realidade amarga, onde se lhe percebe, entre o silêncio por compostura e o estrugir num protesto de indignação, a tortura de sua alma de patriota.

Foi nesse estado d'alma que escreveu *Os Sertões*. O escritor másculo, que se ia ele revelar, vinha pleno das mais desencontradas impressões. As cenas daquelas terras, devastadas pelas secas periódicas e pela cólera insana dos homens, revelavam-se-lhe de um imprevisto inimaginável e ele como que se sentia com forças para fixá-las na tela de uma obra imperecível. Parecia-lhe isso uma reparação, uma dívida a pagar à memória daquela gente obscura que soube morrer por um ideal, fosse embora um ideal obscuro também, mas gente máscula que à rendição humilhante preferiu a morte, ainda que fosse a morte num braseiro ao fundo de um fosso, com tão maior heroísmo quanto o não fora outrora o dos defensores da abrasada Sagunto.

Euclides começou a escrever.

A princípio trazia-me aos domingos os primeiros capítulos, os referentes à natureza física dos sertões, geologia, aspecto, relevo, e mos lia naquela sua caligrafia minúscula que era como a minha também. A leitura fazia-se pausada a meu pedido, porque tinha eu a sensação de com ela estar a trilhar vereda nova, cheia de novidades. Não havia, porém, no novel escritor o abuso da adjetivação, tão comum aos novos. A frase saía-lhe perfeita, moldando-lhe com exatidão e nitidez as idéias. Uma propensão contudo se lhe notava e era a do emprego de termos desusados a que eu, a gracejar, chamava calhaus no meio de uma corrente harmoniosa – que de resto era a sua boa linguagem.

"Por velho ou esquecido", contestava-me, "não perdeu para mim a força de expressão que eu procuro no vocábulo. Que me importa, a mim, que o leitor estaque na leitura corrente, se a impressão que lhe dou com esse termo esquecido é a mais verdadeira, a mais nítida, e, em verdade, a única que eu lhe queria dar?!"

A nitidez da expressão era o seu cunho, o seu empenho maior. Catava termos expressivos até na gíria popular; saboreava o frasear do sertanejo, por achá-lo mais espontâneo e verdadeiro; ávido colhia-os todos, como a diamantes na cata do garimpeiro.

Conversamos uma vez a propósito do estouro da boiada e dos costumes do vaqueiro da caatinga, quando me ocorreu citar-lhe um

bilhete de sertanejo cujo teor, como se vai ver, me deram por autêntico de um vaqueiro dos Inhamuns:

"Ilustríssimo Senhor meu amo.

"Participo-lhe que a sua boiada meteu-se em despotismo. Um boi no deixar o curral entregou o couro às varas. O resto... o resto trovejou naquele mundão."

"Falar assim é que é falar com a natureza", atalhou-me encantado o Euclides. "Não conheço deveras povo, como o nosso do sertão, que por palavras dê mais realce ao seu sentir, tenha mais energia no dizer."

Uma boiada que "se meteu em despotismo", comentávamos então, é em verdade a revolta, a convulsão da bovina caterva, mugindo, arremetendo, arrombando porteiras e levando tudo adiante de si. "Meter-se em despotismo" quer dizer tudo isso numa frase sintética muito verdadeira ao sabor da gente simples do sertão. "Um boi que entrega o couro às varas" é a vítima do incontido tropel sobre cujo cadáver passou a avalanche de manada e de que o provido boiadeiro tirou o couro, espichando-o por meio de varas a secar no oitão da casa da fazenda. "Trovejar naquele mundão..." exprime de modo incomparável o que é o horizonte da caatinga quando, como um furacão, o sacode o arranco da boiada por entre nuvens de pó. O chão treme. O ruído da ramalhada partida e levada a peitos estruge como um trovão ao longe, numa tempestade em que aos euros se substituem bisões furibundos como que tangidos por demônios invisíveis.

Euclides repetia essas frases como que a pesar-lhes as imagens, a haurir-lhes na onomatopéia significativa, a sensação real que lhe produziam.

Tinha eu viajado os sertões muito antes de que Euclides os conhecesse, e daí o assunto predileto das nossas palestras domingueiras, revivendo na memória cenas que ambos contemplamos e que para ele eram tão novas e tão fundamente impressionantes.

Passávamos em revista essas terras adustas do Nordeste Brasileiro que o homem ainda não subjugou e em que a natureza de contínuo vitima o homem, selecionando-o pela energia e resistência que ele

opõe às crises periódicas da seca e da fome. Recordávamos a geologia por meio dos estudos de Hartt, de Derby, e neste examinar em que contemplávamos aquelas extensões de terras salgadas, ou com inflorescências salinas, na caatinga como nas margens do S. Francisco, passávamos dos depósitos calcários, da calheira silicosa das várzeas onde dos rios temporários só se vê o sulco profundo e estéril, que as águas abandonaram, ao relevo antiplano das montanhas de quartzito e de xistos cristalinos do divisor das águas; revíamos de memória aquele cenário imenso das planuras sertanejas com os seus cerros isolados, de um pitoresco sem par, perdidos na caatinga como se foram ilhas num mar petrificado; revíamos os tabuleiros onde por léguas não se encontra uma baixada úmida que sirva de refrigério.

Depois falávamos da história desse Nordeste indomado, onde o brasileiro é sempre o mesmo homem, do Piauí pelo Ceará às terras baianas; o mesmo tipo, os mesmos costumes, o mesmo vestir, o mesmo falar, porque a natureza é a mesma no Parnaíba como no Jaguaripe, no Potengi como no S. Francisco. E ele me pedia apontamentos históricos que eu assim, como os possuía, enfeixados em cadernos de notas, de bom grado lhos fornecia, resultando disso, por acaso, esse manuscrito da lavra de nós ambos, que o Instituto hoje possui, isto é, notas distribuídas em capítulos por mim escritas na primeira parte do livro, observações outras da lavra do Euclides, feitas com a mesma letra miudinha que ambos adotávamos para simples anotações.

Ficou assim esse livrinho manuscrito como um testemunho da nossa prisca comunhão de vista, dos tempos em que o escritor másculo ainda ensaiava os seus vôos que o ergueram tão alto. Dessa íntima convivência, que aliás o lidar da profissão tão breve interrompeu, nada mais me ficou.

Outro homem na pena que não na ordinária conversação era o Euclides. Raro na palestra se animava. Não era verboso, nem álacre, nem causticante no discretear ordinário. Preferia pensar, refletir, ouvir antes que dizer, o que traía natural propensão mais para colher do que para dispartir as jóias do seu espírito.

À mesa o Euclides era um torturado a quem as iguarias faziam mais medo do que as carabinas da jagunçada revolta na caatinga. Comer fosse o que fosse era-lhe um tormento, por mais inocente que lhe

parecesse a iguaria e isso notei-lhe sempre, antes como depois da sua visita a Canudos.

Não tinha prazer à mesa, onde se assentava, de ordinário, conviva taciturno e desconfiado e neste estado de espírito tudo lhe servia de escusa aos obséquios e oferecimentos.

"Que é que se há de oferecer ao Euclides?" Era a pergunta da dona da casa toda vez que se aguardava a visita do autor de *Os Sertões*. E o Euclides, a bem dizer, só se considerava tranqüilo à mesa, quando nada via de especial a se lhe oferecer.

Mordicava, não comia, e ainda assim se enchia de receios. Não sei se mais tarde essa inapetência nervosa se lhe dissipou. O que posso dizer é que o autor de *Os Sertões,* do *À margem da História,* do *Peru Versus Bolívia* de tantos outros escritos fulgurantes que o sagraram o mais potente dos escritores, intérpretes da natureza brasílica, era um doente, talvez imaginário, mas de fato um doente.

Mais tarde o notável escritor deixou S. Paulo e eu lá fiquei por mais anos porque os afazeres me obrigavam e os afetos daquele povo progressista me prendiam.

Não nos encontramos mais. Segui-lhe de longe a trajetória que todos conhecemos, parábola fulgente que rápido ascendeu ao ápice e que também rápido declinou, findando nessa morte trágica, que a solenidade presente rememora e as minhas palavras não têm como vos significar a mágoa desoladora.

A alma boa, que ele foi e que tão profundamente sabia sentir, merecia certamente do destino outro desenlace na vida que não esse da bala assassina que, matando-o, tisnou-lhe de suspeição até o próprio lar da família.

Acima de tudo, antes de tudo, Euclides era um sincero patriota. A nossa natureza ninguém a descreveu com mais verdade nem mais brasileira nem mais legitimamente. O gênio do nosso povo ninguém o compreendeu melhor do que ele.

Estamos num período da História, após essa guerra tremenda de sucessos inauditos, *maxime memorabile omnium,* em que revivesce o espírito das nacionalidades.

Os povos despertam para uma era nova que começa. Agora a reconstrução, um direito novo, uma concepção social nova que já se vem definindo. Seja o nosso despertar na era nova um apelo aos expoentes da genialidade nacional, como o foi o Visconde do Rio Branco, cuja obra memorável o Brasil inteiro hoje celebra.

Lembremo-nos de que as idéias conduzem o mundo e de que fatos nada valem se não encarnam uma grande verdade. Dominem em nós as idéias que Euclides agitou e com elas façamos desta pátria o teatro de uma esplêndida realidade, oficina do trabalho, fecundando-se num largo espírito de solidariedade humana.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Recebendo Euclides na Academia*

(Extratos do discurso de 18-12-1906)

Sílvio Romero

É preciso generalizar e concluir.

Que lição poderemos tirar do discurso, dos artigos, dos estudos, do livro do Sr. Dr. Euclides da Cunha, eu digo lição que possa aproveitar ao povo, que já anda cansado de frases e promessas, desiludido de engodos e miragens, sequioso de justiça, de paz, de sossego, de bem-estar que lhe fogem, esse amado povo brasileiro, paupérrimo no meio das incalculáveis riquezas de sua terra?

É a *terceira tentação,* a que não posso fugir, e não me furtarei a dizer meia dúzia de palavras.

Já andamos fartos de discussões políticas e literárias. O Brasil social é que deve atrair todos os esforços de seus pensadores, de seus homens de coração e boa vontade, todos os que têm um pouco de alma para devotar à pátria.

É onde pulsa a maior intensidade dos problemas nacionais, que exigem solução, sob pena, senão de morte, de retardamento indefinido no aspirar ao progresso, no avançar para o futuro.

Vós, Sr. Euclides da Cunha, em vosso discurso, aludindo, célere, de raspão, aos nossos desvarios, e aos nossos desengonçados e

tumultuários esforços e planos de reforma, dizeis que sofremos da vesânia de *"reformar pelas cimalhas..."* É verdade. Mas por quê? Reformar pelas cimalhas e não pela base, pelo alicerce... Por quê? Donde provém esse perpétuo desatino de tantos homens inteligentes?

Em vosso livro, logo nas primeiras páginas, estabeleceis que a nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social; estamos condenados à civilização: *"ou progredimos ou desapareceremos..."*

Logo, é que não nos julgais no todo civilizados, e, a despeito de tantas aparências enganadoras, corremos perigo... Por quê?

Claro, existe aí um problema a resolver, uma antinomia a explicar.

Noutro lanço de vosso livro, como uma síntese dele, como a lição que brota de vossas meditações, chegastes a este resultado acerca das populações sertanejas do Brasil: "A sua instabilidade de *complexus* de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, *'destinadas a próximo desaparecimento',* ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra... Retardatárias hoje, amanhã se extinguirão de todo. Além disso, mal unidos àqueles patrícios pelo solo, em parte desconhecido deles, de todo nos separa uma coordenada histórica – o tempo."

Logo, temos aqui a mais singular das situações sociais, alguma coisa de gravemente inquietante que há mister esclarecer para afastar, para corrigir, para conjurar, se possível, como que duas nações que se desconhecem, separadas no espaço e ainda mais no tempo, e uma delas votada ao desaparecimento, no pensar dum dos maiores talentos da nossa atualidade, um dos mais completos conhecedores de nosso povo!...

Mas essa parte das nossas gentes, destinada, a seu ver, a apagar-se da vida e da história, é a maior parte da nação e é aquela que fundou as nossas riquezas, e é aquela que tem mantido a nossa independência, porque é aquela que sempre trabalhou e ainda trabalha, sempre se bateu e ainda se bate...

Não há nisso uma anomalia, uma raríssima extravagância da evolução histórica? Evidentemente. E por quê? Eis o problema.

Responder a ele cabalmente não é coisa para ser feita nas quatro palavras do final dum discurso acadêmico. Uma vista completa do assunto exigiria, por assim dizer, o desmontar das diversas peças que formaram e vão formando o nosso povo; o serem elas estudadas, uma a uma, na sua constituição íntima e na grande alteração que têm sofrido, pela fusão, neste clima, neste meio.

Seria indispensável estudar o país zona por zona, porque existem diferenciações várias a notar aqui e ali, exigidoras de diagnósticos divergentes e terapêuticas especiais. Não é aqui, claro, o lugar de o tentar.

Basta-me consignar que o nosso estremecido povo brasileiro apresenta a sintomatologia geral das nações, a cujo grupo pertence esse grande número de povos de índole e formação *comunária,* especialmente os latino-americanos, que têm de suportar a nova concorrência das nações de formação *particularista,* colocadas atualmente à frente da civilização industrial do nosso tempo – ingleses, alemães, americanos, canadenses, australianos, flamengos, holandeses, franceses do norte, povos que retêm em suas mãos os capitais movimentadores do mundo moderno.

Mas apresenta essa sintomatologia, ao lado de caracteres que lhe são próprios e o individualizam mais de perto.

Indicar estes últimos, mesmo de relance, é ter uma resposta à pergunta formulada. Apontarei, por brevidade, minhas observações em proposições sinóticas.

A crise universal hodierna entre a velha e a nova educação, entre a cansada intuição comunária, que procura resolver o problema da existência, apoiando-se na coletividade, na comunhão, no grupo, quer da família, quer da tribo, quer do clã, quer dos poderes públicos, do município, da província, do Estado, dos partidos, jogando como arma principal das classes ditas dirigentes a política *alimentária,* o emprego público, as fáceis profissões liberais, o mero comércio e a intuição particularista, que encara aquele problema, principalmente como coisa a ser solvida pela energia individual, a autonomia criadora da vontade, a força propulsora do caráter, a iniciativa particular no trabalho, as ousadias produtoras do esforço, essa crise universal acha-se no Brasil complicada por causas e circunstâncias especiais de seu desenvolvimento etnológico e histórico.

Entre nós, a raça colonizadora, acostumada geralmente ao comércio e, em várias zonas do sul e das montanhas de sua terra, à vida dum fácil pastoreio, e, no resto do país, à cultura doce, que é quase uma *jardinagem,* dos frutos arborescentes, como as castanhas, as nozes, os figos, as oliveiras, e, em muito menor escala, do centeio e do trigo, foi obrigada a uma cultura rude e penosa. Recorreu, pela força, ao cativeiro de índios e negros, gentes selvagens, alheias quase de todo ao trabalho agrícola.

Os mestiços das três raças eram, por via de regra, pela maior parte incorporados entre os escravos. Os colonos reinóis, de gradações e categorias várias, se encarregavam do suavíssimo ofício de... mandar...

E como não, se eram os senhores dos outros e os donos da terra?

Mas todo mundo não podia ser no campo senhor de engenho, fazendeiro de gado ou de café, proprietário de datas auríferas ou diamantinas, o que importa dizer que grande parte, a maior parte da população, o grosso proletariado rural – não escravo – não possuía um palmo de terra; porque esta foi desde o começo ficando açambarcada em enormes latifúndios pelos concessionários das sesmarias intérminas.

O aludido proletário teve fatalmente de acostar-se como agregado à patronagem dos grandes proprietários. É a origem dos doze milhões de brasileiros que habitam todo o interior do país: matas, sertões, campos gerais, chapadas, chapadões e planaltos, fora das restritas gentes das grandes vilas e cidades da costa ou mesmo do centro. Nestas, os habitantes das vilas e cidades, os mandões, diretamente vindos da Europa ou já nascidos no país, apoderavam-se dos cargos públicos ou exerciam o comércio, a mercancia, que teve, no correr de séculos, entre nós todos os caracteres duma pirataria em grosso.

O resto da população livre, o maior número dividia-se nos povoados ainda em dois grupos, o dos que mourejavam na prática duns ofícios reles que lhes garantiam uma existência penosíssima, e os dos que resvalavam numa pobreza abjeta, repulsiva. Ainda hoje, por essas terras além, no Brasil é fundamentalmente isto mesmo, sendo apenas a grande novidade moderna a incorporação dos ex-escravos nessa enorme massa de população proletária, quer dos campos, quer das grandes povoações.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Falando aos acadêmicos*

Euclides da Cunha

Há dois anos entrei pela primeira vez naquele estuário do Pará, "que é rio e ainda é oceano" tão ineridos estes fácies geográficos se mostram à entrada da Amazônia.

Mas contra o que esperava não me surpreendi...

Afinal, o que prefigurara grande era um diminutivo: o diminutivo do mar, sem o pitoresco da onda e sem os mistérios da profundura. Uma superfície líquida, barrenta e lisa, indefinidamente desatada para o norte e para o sul, entre duas fitas de terrenos rasados, por igual indefinidos, sem uma ondulação ligeira onde descansar a vista. De permeio baixios indecisos, varridos das maretas, mal desenhando-se grosseiramente, à tona, à maneira de caricaturas de ilhas; ou ilhas rasas, meio servidas pelas marés, encharcadas de brejos – uma espécie de naufrágio da terra, que se afunda e braceja convulsivamente nos esgalhos retorcidos dos mangues... Por cima os céus, resplandecentes e vazios, recortando-se no círculo perfeito dos horizontes como em pleno Atlântico. Nada mais.

Calei um desapontamento; e no obstinado propósito de achar tudo aquilo prodigioso, de sentir o másculo lirismo de Frederico Hartt ou as impressões "gloriosas" de Walter Bates, retraí-me a um recanto do

convés e alinhei nas folhas da carteira os mais peregrinos adjetivos, os mais roçagantes substantivos e refulgentes verbos com que me acudiu um caprichoso vocabulário... para ao cabo desse esforço rasgar as páginas inúteis onde alguns períodos muito sonoros bolhavam, empolando-se, inexpressivos e vazios.

Desci para um escaler. Saltei em Belém. E a breve trecho achei-me naquele Museu do Pará, onde se sumariam as maravilhas amazônicas.

Lá encontrei dois homens: Emílio Goeldi, que é um neto espiritual de Humboldt, e o Dr. Jacques Huber, menos conhecido, botânico notabilíssimo, bem que nada nos recorde dessas figuras oleográficas de sábio saxônio, de faces engelhadas e ralas farripas melancólicas.

É um espírito sutilíssimo servido por um organismo de atleta, entroncado e maciço: *vir quadratus* como deve ser o naturalista, porque as ciências naturais exigem hoje uma sorte de titãs pensadores, em que os músculos cresçam como o cérebro, por maneira que a inervação vibrátil e poderosa se justaponha a uma compleição inteiriça e resistente feita para as rudes batidas no deserto. Aquele sábio resolve um passeio de seiscentas léguas, de Belém às margens do Ucaiali, em menos tempo que qualquer de nós uma viagem até à Gávea.

Atravessei a seu lado duas horas inolvidáveis – e ao tornar para bordo levei uma monografia onde ele estuda a região que me parecera tão desnuda e monótona.

Deletreei-me a noite toda: e na antemanhã do outro dia – um daqueles *glorious days* de que nos fala Bates, subi para o convés, de onde, com os olhos ardidos da insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas...

Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era mui outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do *Gênese*.

Compreendi o ingênuo anelo de Cristóvão da Cunha: o grande rio deverá nascer no Paraíso...

Atentei outra vez nos baixios indecisos, nas ilhas ou pré-ilhas meio diluídas nas marejadas – e vi a gestação de um mundo. O que se

me afigurara um bracejo angustioso era um arranco de triunfo. Era a flora salvando a terra numa luta onde vislumbra uma inteligência singular: aqui enfileirando as aningas de folhas rijas, rebrilhantes e agudas à feição de lanças, em estacadas unidas para o combate das águas; além, estendendo diante das correntezas refertas de sedimentos os reteários e os filtros das canaranas e dos aturizais; por toda a banda, alongando e retorcendo os tentáculos flexíveis dos mangues em urdiduras inextricáveis, em cujas malhas infinitas o lodo quase diluído vai transmudando-se em solo resistente; inventando depois a anomalia dos arbustos-cipós e ajustando sobre tudo aquilo os longos traços de união dos galhos estirados das apuiranas e dos juquiris – até acravar-se no primeiro *firme,* que se vai construindo um alto miritizeiro, abrindo no azul os seus enormes leques sussurrantes e prenunciando a floresta que vem logo após, impressionadora e majestosa, destruindo de repente toda a monotonia daquela imensidade nivelada com as frondes das sumaúmas, altas e redondas, a ondearem nos sem-fins das paisagens como se fossem colinas...

Compreendi os mesmos céus resplandecentes e limpos: e que a terra toda surge à flor das águas e emerge mais e mais, crescendo na ascensão da seiva das florestas atraídas vigorosamente pelas energias incomensuráveis da luz.

Prossegui a viagem sob um novo encanto, mas com uma preocupação desanimadora.

Com efeito, a nova impressão verdadeiramente artística, que eu levava, não ma tinham inspirado os períodos de um estilista. O poeta que a sugerira não tinha metro, nem rimas: a eloqüência e o brilho dava-lhos o só mostrar algumas aparências novas que o rodeavam, escrevendo candidamente a verdade. O que eu, filho da terra e perdidamente namorado dela, não conseguira demasiando-me no escolher vocábulos, fizera-o ele usando um idioma estranho gravado do áspero dos dizeres técnicos. Avaliei então quanto é difícil uma coisa trivialíssima, nestes tempos, em que os livros estão atulhando a terra, escrever...

E aquela preocupação, meus eminentes confrades, é a mesma que me constrange no momento de ocupar a cadeira que solicitei e a vossa bondade me emprestou. Não sendo esta investidura uma consagração, mas um tácito compromisso de altear-me por outros trabalhos até à vossa nobilitadora simpatia, imaginai os meus desalentos diante de uma tal empresa.

O caso que vos citei é expressivo. Delata que me desviei, sobremodo, dessa literatura imaginosa, de ficções, onde desde cedo se exercita e se revigora o nosso subjetivismo, tão imperioso por vezes que faz o escritor um minúsculo epítome do universo, capaz de o interpretar *a priori,* como se tudo quanto ele ignora fosse apenas uma parte ainda não vista de si mesmo.

Escritor por acidente – eu habituei-me a andar terra-a-terra, abreviando o espírito à contemplação dos fatos de ordem física adstritos às leis mais simples e gerais; e como é nesta ordem de fenômenos que se aferem, mais de pronto, as transformações contínuas da nossa inteligência, vai-se-me tornando mais e mais difícil esse abranger os caracteres preexcelentes das coisas, buscando-lhes as relações mais altas e formadoras das impressões artísticas, ou das sínteses estéticas.

Realmente, ao contrário do que se acredita, no terreno maciço das indagações objetivas, ao rés da existência, há uma crescente instabilidade. O poeta, o sonhador em geral, quer que se afeiçoe a explicar a vida por um método exclusivamente dedutivo, é soberano no pequeno reino onde o entroniza a sua fantasia. Nós, não. Os rumos para o ideal baralha-no-los o próprio crescer do domínio sobre a realidade, como se à hierarquia lógica dos conhecimentos positivos acompanhassem, justalinearmente, as nossas emoções sempre mais complexas e menos exprimíveis. Sobretudo menos exprimíveis. No submeter a fantasia ao plano geral da natureza, iludem-se os que nos supõem cada vez mais triunfantes e aptos a resumir tudo o que vemos no rigorismo impecável de algumas fórmulas incisivas e secas. Somos cada vez mais frágeis e perturbados. No perpétuo desequilíbrio, entre o que imaginamos e o que existe verificamos atônitos que a idealização mais afogueada, apagam-no-la os novos quadros da existência. Mesmo no recesso das mais indutivas noções, não é fácil saber, hoje, onde acaba o racionalismo e principia o misticismo – quando a própria matéria parece espiritualizar-se no *radium,* e o concreto desfecha no translúcido e no intáctil; ou entram, improvisamente, pelos laboratórios, renascidas, as quimeras transcendentais dos alquimistas... Assim

> diante da realidade crescente – consoante o dizer do menos sonhador dos homens, Rumford – o nosso espírito está em contacto com um maravilhoso que faz empalidecer o de Milton.

Imaginai uns tristes poetas pelo avesso: arrebata-nos também o sonho, mas, ao invés de projetarmos a centelha criadora do gênio sobre o mundo que nos rodeia, é o resplendor deste mundo que nos invade e deslumbra.

Assim como não temos uma ciência completa da própria base física da nossa nacionalidade, não temos ainda uma história. Não aventura um paradoxo. Temos anais, como os chineses. À nossa história, reduzida aos múltiplos sucessos da existência político-administrativa, falta inteiramente a pintura sugestiva dos homens e das coisas, ou os travamentos de relações e costumes que são a imprimidura indispensável ao desenho dos acontecimentos. Está como a da França antes de Thiérry. Não lhe escasseiam fatos, episódios empolgantes e alguns atores esculturais que embalem o nosso orgulho.

Mas o seu discurso é obscuro – e desdobra-se tão mecanicamente e sobremaneira monótono que nos não permite ouvir, por meio do estilo incolor dos que a escreveram, a longínqua voz de um passado que entre nós falou três línguas. É talvez certa, torturantemente certa no fixar não sei quantas datas e lugares ou compridos nomes de bispos e governadores, mas fala-nos tanto da alma brasileira como a topografia nos fala das paisagens. Lendo-a e relendo-a, acode-me sempre o pensamento de Macaulay no demarcar nesta esfera literária um domínio comum da fantasia e da razão, destinado aos eleitos que sejam ao mesmo passo filósofos e poetas – porque se tivemos um Porto Seguro e um Roberto Southey para relacionarem causas e efeitos e respigarem nos velos acontecimentos algumas regras da sabedoria política, certo ainda não tivemos um Domingo Sarmiento ou um Herculano que nos abreviasse a distância do passado e, num evocar surpreendente, trouxesse aos nossos dias os nossos maiores com os seus caracteres dominantes, fazendo-nos compartir um pouco as suas existências imortais...

Se tal acontecesse, eu não me demoraria tanto diante da memória sagrada do poeta.

Recordaria, apenas, de relance, a mais nobre das nossas lutas: a campanha abolicionista, que vindo do princípio ao fim do século XIX, da ditadura mansa de D. João VI aos últimos dias de Império, de Hipólito da Costa a Joaquim Nabuco, foi a “guerra dos cem anos” da liberdade civil neste país. E considerando-a, senão na sua fase mais decisiva, no

seu período mais brilhante, em que tanto a aviventaram as mais ardentes emoções estéticas, eu não me afadigaria em alinhar tantas frases inexpressivas.

Recitaria as "Vozes d'África"...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

# *Obras de Euclides da Cunha*

## Em várias edições e traduções

### OBRAS COMPLETAS

OBRA COMPLETA, organizada sob a direção de Afrânio Coutinho. Ensaios e estudos críticos, literários e biográficos de Olímpio de Sousa Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freire, Araripe Júnior, Afrânio Peixoto, Francisco Venâncio Filho, 1ª ed. 1966. Edição comemorativa do centenário. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1966. 2 v. il. (Bibl. Luso-Brasileira. Sér. Brasileira, 25, 26).

*Conteúdo:* – v. 1 Introdução geral, ensaios, estudos e artigos, crônicas, poesia, números e diagramas. – v. 2 Estudo liminar, ciclo de *Os Sertões,* apêndices.

### ANTOLOGIAS

ANTOLOGIA. Seleção, introdução, notas e vocabulário de Olímpio de Sousa Andrade. Trechos selecionados de *Os Sertões, Contrastes e Confrontos, À margem da História, Peru Versus Bolívia, Castro Alves e seu Tempo* e também prefácios, relatórios e cartas [S. Paulo] Ed. Melhoramentos [1966] 235 p.

ANTOLOGIA EUCLIDIANA [Organizada e prefaciada por] Paulo Dantas, com a colaboração de Dermal Camargo Monfrê, Nair Sáfady [e] Osvaldo Galotti. São Paulo, Ed. Pioneira [1967] XXIV + 250 p.

TRECHOS ESCOLHIDOS por João Etienne Filho. Rio de Janeiro, Liv. Agir, 1961. 113 p. il. (*Nossos Clássicos*, 54).

– 2ª ed. Rio de Janeiro, Liv. Agir, 1966. 107 p. il. (*Nossos Clássicos*, 54).

### LIVROS E FOLHETOS

*À MARGEM DA HISTÓRIA*. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1909. 390 p. il. [edição póstuma].
– 2ª ed. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1913. 400 p. il.
– 3ª ed. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1922. 328 p.
– 4ª ed. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1926. 328 p.
– 5ª ed. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1941. 328 p.
– 6ª ed. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1946. 328 p.
– Estabelecimento de texto e notas a cargo de Dermal de Camargo Monfrê [nota explicativa de Osvaldo Galotti. S. Paulo]. Ed. Lello Brasileira, 1967. 257 p.
CAMPANHA DE CANUDOS: ver *Os Sertões* (Campanha de Canudos).
CANUDOS (DIÁRIO DE UMA EXPEDIÇÃO). Introd. de Gilberto Freire. Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1939. XXV + 186 p. il. (Col. *Documentos Brasileiros*, dir. por Gilberto Freire, 16 [obra póstuma].

– Ilustrações de Poti [Rio de Janeiro]. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil [1956] 99 p. il.

CANUDOS E INÉDITOS. Este volume contém as reportagens intituladas: "Canudos – Diário de uma Expedição", que deram origem a *Os Sertões*, quatorze inéditos em livro, selecionados, e duas cartas, também desconhecidas. Introdução geral, seleção, cronologia e apresentações finais de Olímpio de Sousa Andrade. Estabelecimento do texto a cargo de Dermal de Camargo Monfrê [São Paulo]. Ed. Melhoramentos [1967] 235 p. (*Panorama da Literatura Brasileira*).

CASTRO ALVES E SEU TEMPO; discurso proferido no Centro Acadêmico Onze de Agosto, de S. Paulo. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1907. 44 p.

– 2ª ed. [São Paulo]. Ed. do "Grêmio Euclides da Cunha" [1917] 36 p. il. (*Bibl. Euclidiana*, 1).

CONTRASTES E CONFRONTOS. Pref. de José Pereira de Sampaio (Bruno). Porto, Empresa Literária e Tipográfica Editora, 1907. 257 p.

– 2ª ed. Acrescentada com o retrato e discurso de recepção do autor na Academia Brasileira de Letras e um estudo crítico do Dr. Araripe Júnior. Porto, Empresa Literária e Tipográfica Editora, 1907. 384 p. il.

– 3ª ed. Acrescentado com o retrato e discurso de recepção do autor na Academia Brasileira de Letras, um estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Magalhães & Monis Ltda., 1913. 386 p. il.

– 4ª ed. Acrescentada com o retrato e discurso de recepção do autor na Academia Brasileira de Letras, um estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Comp. Portuguesa Editora, 1917. 342 p. il.

– 5ª ed. Acrescentada com o retrato e discurso de recepção do autor na Academia Brasileira de Letras, um estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Comp. Portuguesa Editora, 1919. 342 p.

– 6ª ed. Com prefácio de José Sampaio (Bruno); estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1923. 300 p.

– 7ª ed. Porto. Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1923.

– 8ª ed. Com prefácio de José Sampaio (Bruno); estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1941. 300 p.

– 9ª ed. Com prefácio de José Sampaio (Bruno); estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso. Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão [s.d. 1946?] XLIV + 300 p.

– Estudo crítico de Araripe Júnior e nota explicativa à margem da 1ª ed. brasileira. Estabelecimento de texto e notas a cargo de Dermal de Camargo Monfrê [São Paulo]. Ed. Lello Brasileira, 1967. 219 p.

DIÁRIO DE UMA EXPEDIÇÃO: ver *Canudos* (Diário de uma expedição).

MARTÍN GARCÍA. Buenos Aires, Cori Hermanos, 1908. 113 p.

PERU VERSUS BOLÍVIA. Rio de Janeiro, Tip. do *Jornal do Comércio*, 1907. 201 p. il.

– 2ª ed. Com 2 mapas e um estudo de Oliveira Lima. Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1939. xi + 194 p. il. (Col. *Documentos Brasileiros,* dir. por Gilberto Freire, 17).

**ESPANHOL**

– LA CUESTIÓN DE LÍMITES *entre Bolivia y el Perú.* Traducción. Buenos Aires, Comp. Sul-Americana de Billetes de Banco, 1908. 151 p. il.
RELATÓRIO da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus. Notas complementares do comissário brasileiro, 1904-1905. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1906. 88, 76 p. il.
O RIO PURUS [Pref. de Leandro Tocantins. Rio de Janeiro] SPVEA [Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia] 1960. 95 p. il. (Col. *Pedro Teixeira,* 3).
OS SERTÕES (Campanha de Canudos). Rio de Janeiro, Laemmert & C. editores, 1902. vii + 632 p. il.
– 2ª ed. corr. Rio de Janeiro, Laemmert & C. editores, 1903. vii + 618 p. il.
– 3ª ed. corr. Rio de Janeiro, Laemmert & C. editores, 1905. vii + 618 p. il.
– 4ª ed. corr. Rio de Janeiro, F. Alves, 1911. vii + 620 p. il.
– 5ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1914. vii + 620 p. il.
– 6ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1923. vii + 620 p. il.
– 7ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1923. vii + 620 p. il.
– 8ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1925. vii + 620 p. il.
– 9ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1926. vii + 620 p. il.
– 10ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1927. vii + 620 p. il.
– 11ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1929. xi + 620 p. il.
– 12ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1933. x + 646 p. il.
– 13ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1936. x + 646 p. il.
– 14ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1938. x + 646 p. il.
– 15ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1940. x + 646 p. il.
– 16ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1942. x + 646 p. il.
– 17ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1944. x + 646 p. il.

– 18ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1945. x + 646 p. il.
– 19ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1946. x + 646 p. il.
– 20ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1946. x + 646 p. il.
– 21ª ed. corr. Ed. definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor. Rio de Janeiro, F. Alves, 1950. x + 646 p. il.
– 22ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1952, xii + 554 p. il.
– 23ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1954, xii + 554 p. il.
– [Il. de Ib. Andersen] 24ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1956. xii + 554 p. il.
– 25ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1957. xii + 554 p. il.
– 26ª ed. [Rio de Janeiro] F. Alves [1963] 2 v. il.
– Capa e ilustrações de Aldemir Martins. 27ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1968. xii + 471 p. il.
– Lisboa, Livros do Brasil [1959] 479 p. il.(Col. *Livros do Brasil,* 41).
– Pref. de M. Cavalcanti Proença [Rio de Janeiro]. Edições de Ouro [1967] 8 + 554 p. il. (*Clássicos Brasileiros,* Águia de Ouro, 1.280).
– Pref. de M. Cavalcanti Proença Rio de Janeiro. Edições de Ouro 1969. 14 + 560 p. il. (*Clássicos Brasileiros,* Leão, 1.280, reimpressão).
– Seleção, introdução e vocabulário de Olímpio de Sousa Andrade. Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1970. 225 p. (Col. *Calouro,* Estrela, 1.669).

## TRADUÇÕES DE *OS SERTÕES*

### ALEMÃO

DIE SERTÕES. Edição alemã traduzida por Karl Schwarzenbach. Hamburgo.

### CHINÊS

[Os Sertões]. Edição chinesa traduzida por Pei Chin. Pequim, 1959. 597 p. il.

### DINAMARQUÊS

OPRORET paa hojsletten [Oversat af Richard Wagner Hansen, illustrationer of Ib. Andersen]. Copenhague, Westermann, 1948, 339 p. il.

### ESPANHOL

LOS SERTONES (*Os Sertões).* Traducción del original de Benjamín de Garay; prólogo de Mariano de Vedia. Buenos Aires [Ministério de Justiça e Instrucción Pública] 1938. 2 v. *(Bibl. de Autores Brasileros Traducidos al Castellano, 3-4)*.
– Versión compendiada por Enrique Pérez Mariluz. Ilustraciones de Castelao. Buenos Aires, Editorial Atlántida [1941] 172 p. il. *(Bibl. Billiken,* Col. *Azul*).

– *La tragedia del hombre derrotado por el medio* [Traducción directa del portugués por Benjamín de Garay. 2ª ed.]. Buenos Aires, Editoral Claridad [1942] 452 p. il, (*Bibl. de Obras Famosas,* 73).

– Trad. de Benjamín de Garay, Reseña de la historia cultural del Brasil, por Afrânio Peixoto. Buenos Aires, W. M. Jackson [c. 1957] xxvi + 535 p. (Col.*Panamericana,* 4).

**FRANCÊS**

LES TERRES DE CANUDOS. *Os Sertões.* Trad. de Sereth Neu, préf. du dr. Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro, Edições Caravela, 1947. xi + 412 p. il.

**HOLANDÊS**

DE BINNENLANDEN, opstand in Canudos [Uit het Portugees door dr. de Jong]. Amsterdam, Wereldbibliotheek, 1954. 290 p. il.

**INGLÊS**

REBELLION IN THE BACKLANDS. Translater from *Os Sertões* by Euclides da Cunha, with introduction and notes by Samuel Putnam. Chicago, University of Chicago Press [1945] xxxii + 526 p. il.
– Translated from *Os Sertões* by Euclides da Cunha, with introduction and notes by Samuel Putnam. Chicago, University of Chicago Press [1952] xxxii + 526 p. il.
– Translated from *Os Sertões* by Euclides da Cunha, with introduction and notes by Samuel Putnam. Chicago, University of Chicago Press [1957] xxx + 532 p. il. (Phoenix Books, P 22).
REVOLT IN THE BACKLANDS by Euclides da Cunha. Translated by Samuel Putnam. Londres, Victor Gollancz, 1947. 347 p. il.

**ITALIANO**

BRASILE IGNOTO (*L'assedio di Canudos*) [Trad. di Cornelio Bisello]. Milão, Sperling & Kupfer [1953] 452 p. il.

**SUECO**

MARKERNA BRINNA *(Os Sertões)* [Svenk översättning och bearbetning av Th. Warburton]. Estocolmo, Wshlström & Widstrand [1945] 365 p. il.

## ADAPTAÇÕES DE *OS SERTÕES*

CAMPANHA DE CANUDOS (episódio de *Os Sertões*). Adaptação de A. Miranda Bastos, desenhos de José Geraldo, capa de Antônio Eusébio. *Edição Maravilhosa,* Rio de Janeiro, n. 136 (extra) nov. 1956, 48 p. (*Os Sertões* em quadrinhos).
OS SERTÕES. Adaptação e desenhos de Mário Jaci. *Brincar e Aprender,* Boletim dos clubes agrícolas, Rio de Janeiro, 3 (13) out./dez. 1944; 8 (33) jan./dez 1951.

# TEXTOS DE EUCLIDES

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Primeira Parte*

# Amazônia: terra sem história

*A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenares de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; o observador imóvel que lhe estacione às margens sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o.*

*A adaptação exercita-se pelo nomadismo.*

*Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril.*

*...subi para o convés, de onde, com os olhos ardidos da insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas. Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era muito outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênese.*

*

*Há, certo, naquela sociedade principiante, os vícios e os desmandos imanentes dos grandes deslocamentos sociais – é que ali repontam, como repontaram nos primeiros tempos do Transval e na azáfama tumultuária do* rush *do Far West, ou nas minas da Califórnia. A propriedade mal distribuída, ao mesmo passo que se dilata nos latifúndios das terras que só se limitam, de um lado, pela beirada dos rios, reduz-se economicamente nas mãos de um número restrito de possuidores. O rude seringueiro é duramente explorado, vivendo despeado do pedaço de terra em que pisa longos anos – e exigindo, pela sua situação precária e instável, urgentes providências legislativas que lhe garantam melhores resultados a tão grandes esforços. O afastamento em que jaz, agravado pela carência de comunicações, redu-lo, nos pontos mais remotos, a um quase servo, à mercê do império discricionário dos patrões. A justiça é naturalmente serôdia e nula. Mas todos esses males, que fora longo miudear, e que não velamos, provêm, acima de tudo, do fato meramente físico da distância. Desaparecerão, desde que se incorpore a sociedade seqüestrada ao resto do país.*

EUCLIDES DA CUNHA

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Impressões gerais*

Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que sobressalteia geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento. A massa de águas é, certo, sem par, capaz daquele *terror* a que se refere Wallace; mas como todos nós desde mui cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente líricas dos não sei quantos viajantes que desde Humboldt até hoje contemplaram a *Hylae* prodigiosa, com um espanto quase religioso – sucede um caso vulgar de psicologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada. Além disto, sob o conceito estreitamente artístico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em imagens capazes de se fundirem harmoniosamente na síntese de uma impressão empolgante, é de todo em todo inferior a um sem-número de outros lugares do nosso país. Toda a Amazônia, sob este aspecto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à ponta do Munduba.

É, sem dúvida, o maior quadro da Terra; porém chatamente rebatido num plano horizontal que mal alevantam de uma banda, à feição de restos de uma enorme moldura que se quebrou, as serranias de arenito de Monte Alegre e as serras graníticas das Guianas. E como lhe falta a linha vertical, preexcelente na movimentação da paisagem, em

poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inaturável e sente que seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos sem-fins daqueles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares.

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem... Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis, contorcidos em *sacados*, cujos istmos a revezes se rompem e se soldam numa desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses, e até criando formas topográficas novas em que estes dois aspectos se confundem; ou expandindo-se em *furos* que se anastomosam, reticulados e de todo incaracterísticos, sem que se saiba se tudo aquilo é bem uma bacia fluvial ou um mar profusamente retalhado de estreitos.

Depois de uma única enchente se desmancham os trabalhos de um hidrógrafo.

A flora ostenta a mesma imperfeita grandeza. Nos meios-dias silenciosos – porque as noites são fantasticamente ruidosas –, quem segue pela mata, vai com a vista embotada no verde-negro das folhas; e ao deparar, de instante em instante, os fetos arborescentes emparelhando na altura com as palmeiras, e as árvores de troncos retilíneos e paupérrimos de flores, tem a sensação angustiosa de um recuo às mais remotas idades, como se rompesse os recessos de uma daquelas mudas florestas carboníferas desvendadas pela visão retrospectiva dos geólogos.

Completa-a, ainda sob esta forma antiga, a fauna singular e monstruosa, onde imperam, pela corpulência, os anfíbios, o que é ainda uma impressão paleozóica. E quem segue pelos longos rios não raro encontra as formas animais que existem, imperfeitamente, como tipos abstratos ou simples elos da escala evolutiva. A *cigana* desprezível, por exemplo, que se empoleira nos galhos flexíveis das oiranas, trazendo ainda na sua asa de vôo curto a garra do réptil...

Destarte a natureza é portentosa, mas incompleta. É uma construção estupenda a que falta toda a decoração interior. Compreende-se bem isto: a Amazônia é talvez a terra mais nova do mundo, consoante as conhecidas induções de Wallace e Frederico Hartt. Nasceu da última convulsão geogênica que sublevou os Andes, e mal ultimou o seu processo evolutivo com as várzeas quaternárias que se estão formando e lhe preponderam na topografia instável.

Tem tudo e falta-lhe tudo, porque lhe falta esse encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da arte e da ciência – e que é como que a grande lógica inconsciente das coisas.

Daí esta singularidade: é de toda a América a paragem mais perlustrada dos sábios e é a menos conhecida. De Humboldt a Emílio Goeldi – do alvorar do século passado aos nossos dias, perquirem-na, ansiosos, todos os eleitos. Pois bem, lede-os. Vereis que nenhum deixou a calha principal do grande vale; e que ali mesmo cada um se acolheu, deslumbrado, no recanto de uma especialidade. Wallace, Mawe, W. Edwards, d'Orbigny, Martius, Bates, Agassiz, para citar os que me acodem na primeira linha, reduziram-se a geniais escrevedores de monografias.

A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa. Quem quer que se abalance a deletreá-la, ficará, ao cabo desse esforço, bem pouco além do limiar de um mundo maravilhoso.

Há uma frase do Professor Frederico Hartt, que delata bem o delíquio dos mais robustos espíritos diante daquela enormidade. Ele estudava a geologia do Amazonas, quando em dado momento se encontrou tão despeado das concisas fórmulas científicas e tão alcancorado no sonho, que teve de colher de súbito todas as velas à fantasia:

– Não sou poeta. Falo a prosa da minha ciência. *Revenons!*

Escreveu: e encarrilhou-se nas deduções rigorosas. Mas decorridas duas páginas não se forrou a novos arrebatamentos e reincidiu no enlevo... É que o grande rio, malgrado a sua monotonia soberana, evoca em tanta maneira o maravilhoso, que empolga por igual o cronista ingênuo, aventureiro romântico e o sábio precavido. As "amazonas" de Orellana, os titânicos "curriquerés" de Guillaume de l'Isle, e a "Manoa del Dorado", de Walter Raleigh, formando no passado um tão des-

lumbrante ciclo quase mitológico, acolchetam-se em nossos dias às mais imaginosas hipóteses da ciência. Há uma hipertrofia da imaginação no ajustar-se ao desconforme da terra, desequilibrando-se a mais sólida mentalidade que lhe balanceie a grandeza. Daí, no próprio terreno das indagações objetivas, as visões de Humboldt e a série de conjeturas em que se retravam, ou contrastam, todos os conceitos, desde a dinâmica de terremotos de Russell Wallace ao bíblico formidável das geleiras prediluvianas de Agassiz.

Parece que ali a importância dos problemas implica o discurso vagaroso das análises: às induções avantajam-se demasiado os lances da fantasia. As verdades desfecham em hipérboles. E figura-se alguma vez em idealizar aforrado o que ressai nos elementos tangíveis da realidade surpreendedora, por maneira que o sonhador mais desinsofrido se encontre bem, na parceria dos sábios deslumbrados.

Vai-se, por exemplo, com Fed. Katzer a seriar, a escandir e a confrontar velhíssimos petrefatos ou gratolitos numa longa romaria ideal pelos mais remotos pontos nas mais remotas idades – largo tempo, a debater-se entre as classificações maciças, a enredar-se na trama das raízes gregas das nomenclaturas bravias – e, de improviso, os dizeres da ciência desfecham num quase idealismo: as análises rematam-nas prodígios; as vistas abreviadas nos microscópicos desapertam-se no descortino de um passado muitas vezes milenário; e esboçados os contornos estupendos de uma geografia morta, alonga-se-lhe aos olhos a perspectiva indefinida daquele extinto oceano mediodevônico que afogava todo o Mato Grosso e a Bolívia, cobrindo quase toda a América meridional e chofrando no levante as antiqüíssimas arribas de Goiás, últimos litorais do continente brasílio-eliópico que aterrava o Atlântico indo abranger a África... Segue-se com os naturalistas da "Comissão Morgan", e a história geológica, a de linhas mais seguras, não perde o traço grandioso, desenvolvendo-se às duas margens do largo canal terciário que por longo tempo separou os planaltos brasileiros e os das Guianas, até que o vagaroso sublevar dos Andes, no Ocidente, cerrando-lhe um dos extremos, o transmudasse em golfo, em estuário, em rio...

Ao cabo, ainda atendo-se aos fatos atuais da fisiografia amazônica, restam outros agentes nímios perturbadores da fria serenidade das observações científicas.

Baste mostrar-se, de relance, que ainda nos casos mais simples, há no Amazonas um flagrante desvio do processo ordinário da evolução das formas topográficas.

Em toda a parte a terra é um bloco onde se exercita a molduragem dos agentes externos entre os quais os grandes rios se erigem como principais fatores, no lhe remodelarem os acidentes naturais, suavizando-lhos. Compensando a degradação das vertentes com o alteamento dos vales, corroendo montanhas e edificando planuras, eles vão em geral estrelaçando as ações destrutivas e reconstrutoras, de modo que as paisagens, lento e lento transfiguradas, reflitam os efeitos de uma estatuária portentosa.

Assim o Hoang-Ho aumentou a China com um delta, que é uma província nova; e, ainda mais expressivo, o Mississípi assombra o naturalista, com a expansão secular do aterro desmedido que em breve chegará às bordas da profundura onde se encaixa o *Gulf-stream.* Nas suas águas barrentas andam os continentes dissolvidos. Mudam-se países. Reconstituem-se territórios. E há um encadeamento tão lógico nos seus esforços contínuos, onde incidem as grandes energias naturais, que o acompanhá-los implica algumas vezes o acompanhar-se o próprio rumo de um apelo qualquer da atividade humana: das páginas de Heródoto às de Maspero, contempla-se a gênese de uma civilização de par com a de um delta; e o paralelismo é tão exato, que se justificam os exageros dos que, a exemplo de Metchnikoff, vêem nos grandes rios a causa preeminente do desenvolvimento das nações.

Ao passo que no Amazonas, o contrário. O que nele se destaca é a função destruidora, exclusiva. A enorme caudal está destruindo a terra. O Prof. Hartt, impressionado ante as suas águas sempre barrentas, calculou que

> se sobre uma linha férrea corresse dia e noite, sem parar, um trem contínuo carregado de tijuco e areias, esta enorme quantidade de materiais seria ainda menor do que a de fato é transportadas pelas águas...[1]

Mas toda esta massa de terras diluídas não se regenera. O maior dos rios não tem delta. A ilha de Marajó, constituída por uma flora seletiva de vegetais afeitos ao meio maremático e ao inconsistente da vasa, é uma

1 F. Hartt. *A Geologia do Pará.* Relatório impresso no *Diário do Grão-Pará,* 1870.

miragem de território. Se a despissem, ficariam só as superfícies rasadas dos "mondongos" empantanados, apagando-se no nivelamento das águas; ou, salteadamente, algumas pontas de fraguedos de arenito endurecido, esparsas, a esmo, na amplidão de uma baía. À luz das deduções rigorosas de Walter Bates, comprovando as conjeturas anteriores de Martius, o que ali está sob o disfarce das matas é uma ruína; restos desmantelados do continente, que outrora se estirava, unido das costas de Belém às de Macapá – e que se tem de restaurar, hipoteticamente, em passado longínquo, para explicar-se a identidade das faunas terrestres, hoje separadas pelo rio, do Norte do Brasil e das Guianas.[2]

O Amazonas, entretanto, poderia reconstruí-lo em pouco tempo, com os sós 3.000.000 de metros cúbicos de sedimentos, que carrega em vinte e quatro horas. Mas dissipa-os. A sua corrente túrbida, adensada nos últimos lances de seu itinerário de 6.000 milhas, com os desmontantes dos litorais, que dia a dia se desbarrancam, fazendo recuar a costa que se desenrola desde o Peru ao Araguari, decanta-se toda no Atlântico. E os resíduos das ilhas demolidas – entre as quais a de Caviana, que lhe foi antiga barragem e se bipartiu no correr de nossa vida histórica – vão cada vez mais delindo-se e desaparecendo, no permanente assalto daquelas correntezas poderosas. Destarte, desafoga-se mais e mais a desembocadura principal da grande artéria e acentua-se o seu desvio para o norte, com o abandono contínuo das paragens que lhe demoram a leste e sobre as quais ela passou outrora, deixando ainda, nas áreas recém-desvendadas dos brejos marajoares, um atestado tangível daquele deslocamento lateral do leito, que tem dado aos geólogos inexpertos a ilusão de um levantamento ou de uma reconstrução da Terra.

Porque, na realidade, esta se reconstituiu mui longe das nossas plagas. Neste ponto, o rio, que sobre todos desafia o nosso lirismo patriótico, é o menos brasileiro dos rios. É um estranho adversário, entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra. Herbert Smith, iludido ante a poderosa massa de águas barrentas, que o viajante vê em pleno oceano antes de ver o Brasil, imaginou-lhe uma tarefa portentosa: a construção de um continente. Explicou: depondo-se aqueles sedimentos

2 Walter Bates, *The naturalist on the river Amazon*. Londres, 1892.

no fundo tranqüilo do Atlântico, novas terras aflorariam nas vagas e ao cabo de um esforço milenário encher-se-ia o gólfão aberto, que se arqueia do cabo Orange à ponta do Gurupi, dilatando-se desta sorte, consideravelmente, para nordeste, as terras paraenses.[3]

*The king is building his monument!* bradou o naturalista encantado e acomodando às ásperas sílabas britânicas um rapto fantasista capaz de surpreender a mais insofregada alma latina. Esqueceu-lhe, porém, que aquele originalíssimo sistema hidrográfico não acaba com a terra, ao transpor o Cabo Norte; senão que vai, sem margens, pelo mar dentro, em busca da corrente equatorial, onde aflui entregando-lhe todo aquele plasma gerador de territórios. Os seus materiais, distribuídos pelo imenso rio pelásgico que se prolonga com o *Gulf-stream,* vão concentrando-se e surgindo a flux, espaçadamente, nas mais longínquas zonas: a partir das costas das Guianas, cujas lagunas, a começar no Amapá, a mais e mais se dessecam avançando em planuras de estepes pelo mar em fora, até aos litorais norte-americanos, da Geórgia e das Carolinas, que se dilatam sem que lhes expliquem o crescer contínuo dos breves cursos d'água das vertentes orientais dos Alleghanys.

Naqueles lugares, o brasileiro salta; é estrangeiro; e está pisando terras brasileiras. Antolha-se um contra-senso pasmoso: à ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem a pátria. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandona o homem. Vai em busca de outras latitudes. E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas do outro hemisfério, traduz, de fato, a viagem incógnita de um território em marcha, mudando-se pelos tempos adiante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores, num desgaste ininterrupto, as largas superfícies que atravessa.

Não se lhe apontam formações duradouras ou fixas. Por vezes, nas arqueaduras de seus canais remansam-se as águas fazendo que se deponham os sedimentos conduzidos e as sementes que acarretam. Então as faculdades criadoras do rio despontam surpreendedoramente.

---

3 Herbert Smith. *The Amazons and the Coast.* Nova Iorque, 1879.

O baixio prestes, recém-formado e aflorando à superfície, delineia-se, em contornos indecisos; define-se logo, vivamente; dilata-se e ascende, bombeando levemente nas águas; e na ilha que se gera, crescendo e articulando-se a olhos vistos, aponteada de cabuchos, que se alongam e se retorcem à superfície à maneira de tentáculos de um prodigioso organismo – desencadeia-se para logo a luta das espécies vegetais tão viva e tão dramática que nem lhe faltam no baralhamento dos colmos, das hastes ou das ramagens revoltas, estirando-se, enredando e confundindo-se, todos os movimentos convulsivos de uma enorme batalha sem ruídos; dos aningais, que consolidam o tijuco inconsciente com a infibratura dos rizomas estirados; aos mangues, que os suplantam e repelem para as bordas, em violentos e tumultuários bracejos; aos javaris altaneiros, que por sua vez recalcam os últimos expelindo-os para as margens apauladas, e senhoreando os tesos consistentes...

Assim se erigiu recentemente a ilha de Cururu, com $2km^2$ de área; e se constroem todas as que se observam acima dos canais de Breves.

Mas formam-se para se destruírem, ou deslocarem-se incessantemente. As ilhas trabalhadas pelas mesmas correntes que as geraram, desbarrancam-se a montante e restauram-se a jusante, e vão, lento e lento, derivando rio abaixo, ao modo de monstruosos pontões desmastreados, de longas proas abatidas e popas altas, a navegarem dia e noite com velocidade insensível. Por fim, desgastam-se e acabam. A de Urucurituba durou dez anos (1840-1850) mercê da superfície vastíssima; e apagou-se numa enchente...

O mesmo fato, nas margens. Os litorais do Amazonas mal lhe definem a calha desmedida. São margens que evitam o rio. Ficam-lhe, normalmente, fora das águas, para além das vastas planuras salpintadas de "lagos de terra firme", que atenuam, feito compensadores, a violência das caudais, nas cheias. Aí, num cenário mais amplo, se desdobra por vezes a aparência de uma construção, em larga escala, de solo. O rio, multífluo nas grandes enchentes, vinga as ribanceiras e desafoga-se nos plainos desimpedidos. Desarraiga florestas inteiras, atulhando de troncos e esgalhos as depressões numerosas da várzea; e nos remansos das planícies inundadas, decantam-se-lhe as águas carregadas de detritos,

numa colmatagem plenamente generalizada. Baixam as águas e nota-se que o terreno cresceu; e alteia-se de cheia, aprumando-se as "barreiras" altas, exsicando-se os pantanais e "igapós", esboçando-se os "firmes" ondeantes, para logo invadidos da flora triunfal... até que num só assalto, de enchente, todo esse delta lateral se abata.

Numa só noite (29 de julho de 1866) as "terras caídas" da margem esquerda do Amazonas desmoronaram numa linha contínua de cinqüenta léguas.

É o processo antigo, invariável – patenteando-se ainda no diminuto raio da nossa história. As ribanceiras a pique da antiga costa do Peru, onde apareceram aos condutícios de Orellana as amazonas lendárias, reduzem-se hoje a um baixio degradado, visível apenas nas vazantes excessivas.

A inconstância tumultuária do rio retrata-se ademais nas suas curvas infindáveis, desesperadoramente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos. Assim ele se precipitou pela angustura afogante de Óbidos num abandono completo do antigo leito, que ainda hoje se adivinha no enorme plaino maremático, ganglionado de lagoas, de Vila Franca; ou vai, noutros pontos, em "furos" inopinados, afluir nos seus grandes afluentes, tornando-se ilogicamente tributário dos próprios tributários; sempre desordenado, e revolto, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios – com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido...

Tal é o rio; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine

que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, àqueles rincões solitários, e armavam rapidamente no antiplano das "barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra.

Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Já nos fins do século XIII, Alexandre Rodrigues Ferreira, ao realizar a sua "viagem filosófica", pela calha principal do grande rio, andara entre ruínas. Na vila de Barcelos, capital da circunscrição longínqüa, antolhara-se-lhe, tangível, a imagem do progresso tipicamente amazônico, naquele presuntuoso palácio das Demarcações – amplíssimo, monumental, imponente – e coberto de sapé! Era um símbolo. Tudo vacilante, efêmero, antinômico, na paragem estranha onde as próprias cidades são errantes, como os homens, perpetuamente a mudarem de sítio, deslocando-se à medida que o chão lhes foge roído das correntezas, ou tombando nas "terras caídas" das barreiras...

Vai-se de um a outro século na inaturável mesmice de renitentes tentativas abortadas. As impressões dos mais lúcidos observadores não se alteram, perpetuamente desinfluídas pelo espetáculo de um presente lastimável contraposto à ilusão de um passado grandioso.

Tenreiro Aranha em 1852, ao erigir-se a província do Amazonas, assumiu a sua direção, e numa resenha retrospectiva diz-nos do extraordinário progresso que se perdera, referindo-se a "manufaturas primorosas", a uma indústria extinta em que

> o algodão, o anil, a mandioca e o café tiveram cultura tal que dava para o consumo sobrando para a exportação; e assim as fábricas de anil, as cordoarias de piaçaba, de fiação, tecidos de algodão, de palhinha ou de penas; as telhas e alvenarias; as de construção civil e naval, com hábeis artistas, fazendo aparecer templos, palácios, ou possantes embarcações...

Recua-se, porém, exatamente um século, a buscar o período decantado – e num grande desapontamento observa-se, à luz do relatório feito em 1752 por outro insigne governador, o Capitão-general Furtado de Mendonça, que a "capitania estava reduzida à última ruína..." Assim se desconchavavam os pareceres, agitando idênticos desânimos. Ou então se harmonizavam de modo impressionador no firmarem a mesma decadência das gentes singulares. Em 1762 o bispo do Grão-Pará, aquele extraordinário Fr. João de São José – seráfico voltairiano que tinha no estilo os lampejos da pena de Antônio Vieira – depois de resenhar os homens e as cousas, "assentando que a raiz dos vícios da terra é a preguiça", resumiu os traços característicos dos habitantes, deste modo desalentador: – "lascívia, bebedice e furto". Passam-se cem anos justos. Procura-se saber se tudo aquilo melhorou; abrem-se as páginas austeras de Russell Wallace, e vê-se que alguma vez elas parecem traduzir, ao pé da letra, os dizeres do arguto beneditino, porque a sociedade indisciplinada passa adiante das vistas surpreendidas do sábio – *drinking, gambling and lying* – bebendo, dançando, zombando – na mesma dolorosíssima inconsciência da vida...

Assim, essa indiferença pecaminosa dos atributos superiores, esse sistemático renunciar de escrúpulos e esse coração leve para o erro são seculares, e surgem de um doloroso tirocínio histórico, que vem da "Casa do Paricá" à "barraca dos seringueiros". Compulsai os nossos velhos cronistas, com especialidade o imaginoso Padre João Daniel, e avaliareis o travamento de motivos físicos e morais que há muito, ali, entibiam os caracteres. E lede Tenreiro Aranha, José Veríssimo, dezenas de outros. Nestes livros se espalham, fracionadas, todas as cenas de um dos maiores dramas da impiedade na História.

Depois há o incoercível da fatalidade física. Aquela natureza soberana e brutal, em pleno expandir das suas energias, é uma adversária do homem. No perpétuo banho de vapor, de que nos fala Bates, compreende-se sem dúvida a vida vegetativa sem riscos e folgada, mas não a delicada vibração do espírito na dinâmica das idéias, nem a tensão

superior da vontade nos atos que se alheiem dos impulsos meramente egoísticos. Não exagero. Um médico italiano – belíssimo talento – o Dr. Luigi Buscalione,[4] que por ali andou há pouco tempo, caracterizou as duas primeiras fases da influência climática – sobre o forasteiro – a princípio sob a forma de uma superexcitação das funções psíquicas e sensuais, acompanhada, depois, de um lento enfraquecer-se de todas as faculdades, a começar pelas mais nobres...

Mas neste apelar para o clássico conceito da influência climática esqueceu-lhe, como a tantos outros, o influxo porventura secundário, mas apreciável, da própria inconstância da base física onde se agita a sociedade.

A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos sente, ao cabo de centenares de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; o observador imóvel que lhe estacione às margens, sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o.

A adaptação exercita-se pelo nomadismo.

Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril.

Como quer que seja, para a Amazônia de agora devera restaurar-se integralmente, na definição da sua psicologia coletiva, o mesmo doloroso apotegma – *ultra aequinoctialem non peccavi* – que Barleaus engenhou para os desmandos da época colonial.

---

4 *Una scurzione botanica nell'Amazonia*, 1901.

Os mesmos amazonenses, espirituosamente, o perceberam. À entrada de Manaus existe a belíssima ilha de Marapatá – e essa ilha tem uma função alarmante. É o mais original dos lazaretos – um lazareto de almas! Ali, dizem, o recém-vindo deixa a consciência... Meça-se o alcance deste prodígio da fantasia popular. A ilha que existe fronteira à boca do Purus, perdeu o antigo nome geográfico e chama-se "Ilha da Consciência"; e o mesmo acontece a uma outra, semelhante, na foz do Juruá. É uma preocupação: o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável.

É que, realmente, nas paragens exuberantes das héveas e castiloas, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo.

De feito, o seringueiro, e não designamos o patrão opulento, se não o freguês jungido à gleba das "estradas", o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.

Demonstra-se esta enormidade precipitando-a com alguns cifrões secamente positivos e seguros.

Vede esta conta de venda de um homem:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa ao Pará (35$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150$000). Depois vem a importância do transporte, num *gaiola* qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é na média, de 150$000. Aditem-se cerca de 800$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um *rifle* (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no *barracão* senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um *brabo,* isto é, ainda não aprendeu o corte da *madeira* e já deve: 1:135$000. Segue para o posto solitário encalçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 *paneiros* de farinha-d'água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo

isto lhe custa cerca de 750$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o *brabo* canhestro, de quem chasqueia o manso experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090$000.

Admitamos agora uma série de condições favoráveis, que jamais concorrem: *a)* Que seja solteiro; *b)* Que chegue à barraca em maio, quando começa o corte; *c)* Que não adoeça e seja conduzido ao barracão, subordinado a uma despesa de 10$000 diários; *d)* Que nada compre além daqueles víveres – e que seja sóbrio, tenaz, incorruptível; um estóico firmemente lançado no caminho da fortuna arrostando uma penitência dolorosa e longa. Vamos além – admitamos que, malgrado a sua inexperiência, consiga tirar logo 350 quilos de borracha fina e 100 de sernambi, por ano, o que é difícil, ao menos no Purus.

Pois bem, ultimada a safra, este tenaz, este estóico, este indivíduo raro ali, ainda deve. O patrão é, conforme o contrato mais geral, quem lhe diz o preço da fazenda e lhe escritura as contas. Os 350 quilos remunerados hoje a 5$000 rendem-lhe 1:750$000; os 100 de sernambi, a 2$500, 250$000. Total 2:000$000.

É ainda devedor e raro deixa de o ser. No ano seguinte já é *manso;* conhece os segredos do serviço e pode tirar de 600 a 700 quilos. Mas considere-se que permaneceu inativo durante todo o período da enchente, de novembro a maio – sete meses em que a simples subsistência lhe acarreta um excesso superior ao duplo do que trouxe em víveres, ou seja, em números rendondos, 1:500$000 – admitindo-se ainda que não precise renovar uma só peça de ferramenta ou de roupa e que não teve a mais passageira enfermidade. É evidente que, mesmo neste caso especialíssimo, raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna.

Agora vede o quadro real. Aquele tipo de lutador é excepcional. O homem de ordinário leva àqueles lugares a imprevidência característica da nossa raça; muitas vezes carrega a família, que lhe multiplica os encargos; e quase sempre adoece, mercê da incontinência generalizada.

Adicionai a isto o desastroso contrato unilateral, que lhe impõe o patrão. Os "Regulamentos" dos seringais são a este propósito dolorosamente expressivos. Lendo-os, vê-se o renascer de um feudalismo acalcanhado e bronco. O patrão inflexível decreta, num emperramento gramatical estupendo, cousas assombrosas.

Por exemplo: a pesada multa de 100$000 comina-se a estes crimes abomináveis:

> *a)* Fazer na árvore um corte inferior ao gume do machado; *b)* Levantar o tampo da madeira na ocasião de ser cortada; *c)* Sangrar com machadinhas de cabo maior de quatro palmos.

Além disto o trabalhador só pode comprar no armazém do barracão,

> não podendo comprar a qualquer outro, sob pena de passar pela multa de 50% sobre a importância comprada.

Farpeiem-se de aspas estes dizeres brutos. Ante eles é quase harmoniosa a gagueira terrível de Calibã.

É natural que ao fim de alguns anos o *freguês* esteja irremediavelmente perdido. A sua dívida avulta ameaçadoramente: três, quatro, cinco, dez contos, às vezes, que não pagará nunca. Queda, então, na mórbida impassibilidade de um felá desprotegido dobrando toda a cerviz à servidão completa. O "Regulamento" é impiedoso:

> Qualquer *freguês* ou *aviado* não poderá retirar-se sem que liquide todas as suas transações comerciais...

Fugir? Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distância a percorrer. Buscar outro barracão? Há entre os patrões acordo de não aceitarem, uns os empregados de outros, antes de saldadas as dívidas, e ainda há pouco tempo houve no Acre numerosa reunião para sistematizar-se essa aliança, criando-se pesadas multas aos patrões recalcitrantes.

Agora, dizei-me, que resta no fim de um qüinqüênio do aventuroso sertanejo que demanda aquelas paragens, ferretoado da ânsia de riquezas?

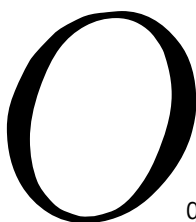
Não o ligam sequer à terra. Um artigo do famoso "Regulamento" torna-o eterno hóspede dentro da própria casa. Citemo-lo com todo o brutesco de sua expressão imbecil e feroz:

> Todas as benfeitorias que o liquidado tiver feito nesta propriedade perderá totalmente o direito uma vez que retire-se.

Daí o quadro doloroso que patenteiam, de ordinário, as pequenas barracas. O viajante procura-as e mal descobre, entre as sororocas, a estreitíssima trilha que conduz à vivenda, meio afogada no mato. É que o morador não despende o mais ligeiro esforço em melhorar o sítio de onde pode ser expelido em uma hora, sem direito à reclamação mais breve.

Esta resenha comportaria alguns exemplos bem dolorosos. Fora inútil apontá-los. Dela ressalta impressionadoramente a urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer do *homestead* que o consorcie definitivamente à terra.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

# *Rios em abandono**

O geógrafo norte-americano Morris Davis revelou o "ciclo vital" dos rios. Era uma concepção revolucionária; e não houve cientista jungido à enfezada geografia descritiva, dominante ainda entre nós, que se não escandalizasse ante o conceito desassombrado do *Yankee*. Mas o antagonismo foi passageiro e frágil. Uma simples monografia, *Rivers and Valleys of Pennsylvania,* deslocou, de golpe, desde 1889, toda a fortaleza inerte da rotina; e firmou um novo rumo ao critério geográfico, não já apenas pelo associar à forma a estrutura dos terrenos, completando os fácies inexpressivos das superfícies com os elementos geológicos, senão também esclarecendo a gênese dos mais breves acidentes e descobrindo nas linhas pinturescas da móvel fisionomia da terra a expressão eloqüente das energias naturais que a modelaram e sem cessar a transfiguram. Por fim ninguém mais estranhou que Morris Davis, impelido aos últimos corolários da nova doutrina, se abalançasse a uma espécie de fisiologia monstruosa e descrevesse dramaticamente as complexas vicissitudes da existência milenária dos fartos cursos de água, mostrando-no-los com uma infância irrequieta, uma adolescência revolta, uma virilidade equilibrada e uma velhice ou uma decrepitude melancólica, como se eles fossem estupendos organismos, sujeitos à concorrência e à seleção, destinados

* Publicado no *Almanaque Brasileiro,* sob o título "Um Rio Abandonado", Garnier, RJ, 1908.

ao triunfo, ou ao aniquilamento, consoante mais ou menos se adaptam às condições exteriores.

Não acompanharemos o genial biógrafo dos rios pensilvânicos no explanar a teoria admirável, que é o caso impressionador de uma entrada triunfante – ou de uma *rush* atrevida – da imaginação e da fantasia nos remansos da ciência. Basta-nos notar que ela foi aceita em toda a linha e é infrangível, esteando-se em dados indutivos e seguros.

Todas as caudais, de feito, atravessam períodos inevitáveis, de ritmos uniformes e constantes, malgrado a variabilidade do teatro em que se operam: a princípio indecisas, errantes e frágeis, derivando ao acaso, ao viés dos pendores, como à procura de um berço em cada dobra do chão, e acumulando-se nos numerosos lagos, incoerentemente esparsos, onde repousam; depois, definidas nas primeiras linhas de drenagem mais estáveis e fundas para onde convergem, adensadas, as chuvas, formando-se o aparelho das correntes, reprofundando-se os leitos esboçados e iniciando-se com a energia tumultuária das cachoeiras o choque secular com as asperezas da terra, longo tempo; até que, extintos os empeços estruturais, estabelecido um leito e definido um traçado, o rio se constitua, com os seus afluentes fixos, um declive contínuo em curvaturas regulares, um *thalweg* ajustado à contextura do solo e à diferenciação morfológica que lhe reflete a um tempo os seus vários estádios – das cabeceiras onde perduram as águas selvagens do antigo regímen torrencial ao curso médio que lhe caracteriza a situação presente, e ao trecho inferior, prefigurando-lhe a decrepitude, onde ele se espraia repousadamente e constrói; pela *colmatage* das vasas que acarreta com velocidade insensível, a própria planície aluvial em que descansa.

É a fase de madureza. O rio está na plenitude da vida, depois da molduragem complexa de todos os relevos. Atinge-a rematando um esforço pertinaz, que é por vezes toda a história geológica da região.

Não houve um ponto em todo o percurso de centenares ou de milhares de quilômetros que ele não atacasse, um grão de areia que não removesse, balanceando as escavações a montante com os aterros a jusante – construindo-se a si mesmo – obediente à tendência universal para as situações estáveis. Adquiriu, por fim, o seu perfil longitudinal de equilíbrio, e este, ainda abrupto nas vertentes onde a correnteza é máxima e

o volume mínimo, vem continuamente amortecendo-se, em sucessivo decair de declive, até ao quase horizontalismo no nível de base, da foz, onde aqueles elementos se invertem, resultando o equilíbrio dinâmico do sistema da relação inversa entre as massas líquidas e as velocidades que se arrastam.

Como quer que seja, desde que alcança este período, todos os elementos do seu *thalweg* projetados em plano vertical desenham-se com a forma aproximada de um ramo de desmedida parábola, de concavidade volvida para as alturas.

Assim se traduz geometricamente um fato mecânico complexo. E bem que a tendência para aquela figura seja em geral perturbada ou extinta nas camadas de resistência variável, onde as rochas desvendadas originam o antagonismo das cachoeiras, é inegável que a curva parabólica se delineia nos terrenos homogêneos como sendo a forma definitiva da seção longitudinal de todos os rios no remate de suas vicissitudes evolutivas.

O Purus é um dos melhores exemplos.

Desenhando-se o perfil em toda a extensão itinerária de 3.210 quilômetros que vai da embocadura no Solimões aos últimos manadeiros do ribeirão Pucani, na serraria deprimida e sem nome que separa as maiores bacias hidrográficas da Terra, chega-se muito aproximadamente àquele ramo de parábola.

Pelo menos nenhuma outra curva o definirá melhor.

Demonstra-o este quadro onde os vários trechos se sucedem de modo a acompanhar-se em todo o seu percurso a queda regularíssima das águas:

| **Seções** | **Distâncias itinerárias** | **Diferenças de nível** | **Declive geral** | **Declive quilométrico** |
|---|---|---|---|---|
| | (km) | (metros) | | (metros) |
| Das nascentes ao Curiúja | 117 | 189 | 1/619 | 1,60 |
| Do Curiúja a Curanja | 278 | 60 | 1/4.500 | 0,22 |
| Do Curanja à Foz do Chandless | 304 | 49 | 1/6.500 | 0,16 |

| Seções | Distâncias itinerárias | Diferenças de nível | Declive geral | Declive quilométrico |
|---|---|---|---|---|
| Do Chandless à Foz do Iaco | 300 | 39 | 1/7.700 | 0,13 |
| Do Iaco ao Acre | 237 | 27 | 1/8.700 | 0,115 |
| Do Acre ao Pauini | 233 | 20 | 1/11.000 | 0,085 |
| Do Pauini ao Mucuim | 740 | 58 | 1/12.900 | 0,077 |
| Do Mucuim ao Solimões | 990 | 15 | 1/66.700 | 0,015 |

Aí só há um dado vacilante: o que resulta da diferença de nível nos pontos extremos do último trecho. Deduzimo-lo adotando um mínimo de 18 metros para a altura da foz do Purus, sobre o nível do mar, quando ela é certamente maior e mais favorável, portanto, às nossas conclusões. Os demais elementos, devemo-los aos trabalhos de William Chandless e às nossas observações recentes.

Ora, ao mais rápido lance de vistas, e sem que se exija um desenho facílimo, verifica-se que o grande rio, atravessando um terreno homogêneo e mais ou menos impermeável, subordinado a um declive que, apesar de diminuto, é dominante na vasta planura, onde as chuvas se distribuem com regularidade incomparável – é dos que mais se adaptam às condições teóricas indicadas por Morris Davis; e no ultimar a sua evolução geológica retrata-se admiravelmente na parábola majestosa e que tratamos há pouco.

No estudar o seu regímen geral, vamos, portanto, com a firmeza de quem discute a equação de uma curva.

Assim, considerando o primeiro trecho, aquela declividade de 1,60m por quilômetro, tão diversa da que se lhe sucede, de 0,22m diz-nos para logo, dispensando o exame local, que o verdadeiro Alto Purus – demarcado oficialmente a partir da boca do Acre, e estendido por alguns geógrafos ainda mais para jusante – principia de fato muito além a 3.019 quilômetros da foz, na confluência do Cujar e do Curiúja, os dois tributários em que ele se reparte numa dicotomia perfeita, perdendo o nome e esgalhando-se largamente fracionado pelos mais remotos pontos da sua vasta bacia de captação.

Por outro lado, o declive real de 1/619 mal se aproxima da conhecida relação 1/500 firmada como o limite mínimo das vertentes torrenciais.

Conclui-se, então, de pronto, que o rio, até no seu último segmento, onde é sempre mais difícil e remorada a regularização dos leitos, está numa fase avançadíssima de desenvolvimento. É o caso excepcional de uma grande artéria, entre as maiores existentes, capaz de ser navegada nas mais extremas nascentes, durante as cheias que lhe encubram os numerosos degraus das corredeiras – porque em tal quadra, admitindo que as águas subam de três metros numa calha de dez, com aquele declive, que corresponde a 0,0016m por metro, o simples emprego da fórmula de D'Aubuisson nos diz que as correntes derivarão com a velocidade máxima de apenas 2,20m, facilmente balanceada por uma lancha veloz.

Ora, estas deduções resultantes de breve contemplação de um quadro tão expressivo que dispensa o diagrama correspondente, ressaltam, vivamente, às mais incuriosas vistas de observador escoteiro, que ali passe depois de varar a planura amazônica num itinerário de quinhentas léguas.

De fato, o que sobremaneira o impressionou é o espetáculo da terra profundamente trabalhada pelo indefinido e incomensurável esforço dos formadores do rio. Chega, depois de trilhar o *cañón* coleante do Pucani, ao sopé das últimas vertentes; defronte a clivosa escarpa de uma corda insignificante de cerros deprimidos; vinga-lhe em três minutos a altura relativa de sessenta metros escassos – e não acredita que esteja na fronteira hidrográfica mais extraordinária do globo podendo ir de uma passada única do Amazonas ao vale do Ucaiali...

A altura em que se vê não lhe basta a despertar os horizontes, ou a atalaiar as distâncias. É inapreciável. Não há abrangê-la com a escala mais favorável dos mapas. E sem dúvida jamais compreenderia tão indeciso *divortium aquarum* a tão opulentas artérias, se ao buscar aqueles rincões, varando, ao arrepio das itaipavas, por dentro das calhas reprofundadas do Cujar, do Cavaljani e do Pucani, o observador se não habituasse a contemplar, longos dias, os mais enérgicos efeitos da dinâmica poderosa das águas que transmudaram a paragem outrora mais em relevo e dominante. Não lhe importa a inópia de conhecimentos paleontológicos

ou a carência de fósseis norteadores. Está, evidentemente, sobre a ruinaria de uma sublevação quase extinta, cujo sinclinal ele pôde reconstruir, prolongando as linhas dos estratos que afloram nos sulcos onde se encaixam aqueles últimos tributários, denunciando todos na tranqüilidade relativa, quase remansados nos intervalos de suas corredeiras (restos de velhíssimas catadupas destruídas), a derradeira fase de uma luta em que o Purus, para alongar a sua seção de estabilidade, teve que derruir montanhas. Pelo menos a atividade erosiva e o volume de materiais arrebatados de todos aqueles pendores foram incalculáveis, para que as linhas de drenagem se abastassem até ao *substractum* rochoso e declinassem, como vimos, aos graus apropriados aos cursos navegáveis.

Apesar disto, a transição para o trecho seguinte ainda é repentina. Passa-se da declividade quilométrica de 1,60m para a de 0,22m.

Mas é o único salto. Daí por diante, como o revela o quadro anterior, até ao último segmento extremado pela foz, onde, para descer-se um metro se tem de caminhar 66,700, a atenuação dos declives prossegue com uma regularidade perfeita, incluindo o Purus entre as caudais de todo regularizadas, cujo ciclo vital progressivo vai cerrando-se.

Não aprofunda mais o leito. Os próprios afloramentos de grés *(Parasandstein)* aparecendo nas vazantes, dispersos entre Huitanaã e embocadura do Acre, e dali para cima ainda mais raros até pouco além do Iaco, reforçam a afirmativa, bem que na aparência a invalidem. Restos de antigas corredeiras desmanteladas surgem como testemunhos das razões primitivas e não provocam, em geral, o mínimo desnivelamento. O pequeno povoado da Cachoeira, que se erige defrontando um trecho tranqüilo do rio, tem o mais impróprio dos nomes expressivos apenas no recordar um acidente perdido em remoto passado geológico e do qual perduram tão-somente alguns blocos desordenadamente acumulados em minúsculos recifes, e breves "travessões". Ali, como nos outros trechos, o mesmo quadro da terra estirando-se, complanada, pelos quadrantes, ou docemente ondulada denunciando a mais completa molduragem, associa-se aos demais caracteres no sugerir a derradeira fase do processo evolutivo do vale.

Um elemento apenas falta: a regularidade na sucessão das curvas de nível das vertentes imediatas às margens, que se fronteiam. Qualquer secção transversal do Purus representa as mais das vezes uma praia

da deprimida que mal se alteia vagarosamente até ao rebordo longínquo da planície pouco elevada, contraposta a uma barranca despenhada, como a da margem oposta à boca do Chandless, ou caindo às vezes a prumo, feito uma muralha, como na situação admirável do Cataí.

É que à imutabilidade daquele perfil de equilíbrio se antepõe a variabilidade da sua planta, em escala capaz de justificar aos que a incluem entre os rios

> cujos leitos e margens não estão sequer delineados em seus perfis de estrutura definida e assente.

Realmente, o Purus, um dos mais tortuosos cursos d'água que se registram, é também dos que mais variam de leito. Divaga, consoante o dizer dos modernos geógrafos. A própria velocidade diminuta, que adquiriu e vai decrescendo sempre até ao quase rebalçamento, nas cercanias da foz, aliada à inconsistência dos terrenos aluvianos, formados por ele mesmo com os materiais conduzidos das nascentes, determina-lhe este caráter volúvel. Às suas águas, derivando em correntezas fracas, falta a quantidade de movimento necessária às distorções intorcíveis. O mínimo obstáculo desloca-as. Um tronco de samaúma que tombe de uma das margens, abarreirando-se ligeiramente, desvia o empuxo da massa líquida contra a outra, onde de pronto se exercita, menos virtude da força viva da corrente que da incoerência das terras, intensíssima erosão de efeitos precipitados.

A indecisa arqueadura, que logo se forma, circularmente, se acentua, e, à medida que aumenta, vai tornando mais violentos os ataques da componente centrífuga da correnteza que lhe solapa a concavidade crescente, fazendo que em poucos anos todo o rio se afaste, lateralmente, do primitivo rumo. Mas como este se traçou adstrito aos pontos determinantes de um perfil de equilíbrio inviolável, aquele desvio nunca é uma bifurcação, ou definitiva mudança. O rio, depois de rasgar o amplo circo de erosão, procura volver ao antigo canal, como quem contorneou apenas um obstáculo encontrado em caminho.

O círculo por onde ele se alonga tende a fechar-se. De sorte que toda a área de terrenos abrangidos se transmuda em verdadeira península, ligada por um istmo tão delgado, às vezes, que o caminhante o atravessa em minutos, enquanto gasta um dia inteiro de viagem, embarcado, para perlongar o contorno da terra quase insulada. Por fim

esta se destaca, ilhando-se de todo. No sobrevir de uma enchente o Purus despedaça a frágil barreira do istmo; e retoma, de golpe, o primitivo curso, deixando à margem, a relembrar o desvio por onde divagou, um lago anular, não raro amplíssimo. Prossegue. Reproduz adiante outros meandros caprichosos, completados sempre pela criação dos mesmos lagos, ou *sacados*. E assim vai – perpetuamente oscilante aos lados de seu eixo invariável – num ritmo perfeito, refletindo o jogar de leis mecânicas capazes de se sintetizarem numa fórmula, que seria a tradução analítica de curioso movimento pendular sobre um plano de nível.

Desta maneira, ali se resolve naturalmente um dos mais sérios problemas de hidráulica fluvial. De fato, aqueles lagos são verdadeiros diques, funcionando com um duplo efeito: de um lado impedem as inundações devastadoras, absorvendo os excessos das cheias transbordantes; de outro lado, regulam o regímen das águas, durante as grandes estiagens, em que se abrem por si mesmos, automaticamente, *estourando,* para usar uma expressão local, e restituindo ao rio empobrecido da vazante parte das massas líquidas que economizaram.

Não se calcula o valor destes trabalhos colossais da natureza.

Revela-no-los bem um confronto expressivo. Os hidráulicos franceses que averbaram em 1856, como pormenor inverossímil, uma subida de 10,90m das águas do Garonne, originando uma das inundações mais funestas que têm ocorrido na Europa, certo não compreenderiam a própria existência do vasto território amazônico convizinho ao Purus (que vale cerca de cinqüenta Garonnes cheios) se soubessem que ele se alteia 15 metros na foz, onde tem uma milha de largo, e que dali à montante as águas tufam num crescendo espantoso até 23 metros sobre as estiagens, na confluência do Acre.

No entanto estas enchentes são inócuas.

A massa líquida inflada logo às primeiras chuvas sobe, galgando velozmente as barrancas, e em poucos dias vai bater nos esteios dos barracões erectos nos firmes mais altos do terreno... e todo este dilúvio em marcha não acachoa, não tumultua, não se arremessa em correntezas vertiginosas, não enleia as embarcações torcendo-as nas espirais vibrantes dos remoinhos e não devasta a terra. Difunde-se; extingue-se silenciosamente; perde-se inofensivo naqueles milhares de válvulas de segurança; e espraiando-se, raso, pelo chão das matas, ou espalmando-se,

desafogadamente, em desmarcadas superfícies onde repontam, salteadas, as últimas ramas floridas dos igapós afogados, vai, ao contrário, regenerando aquela mesma terra, e reconstruindo-a porque a torna de ano em ano mais elevada com a *colmatage* perfeita de toda a vasa que acarreta.

Assim, em toda aquela planura, o notável afluente amazônico, serpenteando nas inumeráveis sinuosas que lhe tornam as distâncias itinerárias duplas das geográficas, inclui-se entre os mais interessantes "rios trabalhadores", construindo os diques submersíveis que o aliviam nas enchentes – e lhe repontam, intermitentemente às duas bandas, ora próximos, ora afastados, salpitando todas as várzeas ribeirinhas, e avultando maiores e mais numerosos à medida que se desce, e se amortecem os declives, até a larga baixada centralizada em Canutana; onde as grandes águas tranqüilas derivam majestosamente, equilibradas, sulcando de meio a meio a vastidão de nível de um mediterrâneo esparso.

Mas esta formação de lagos ou reservatórios naturais, cuja função benéfica vimos de relance, acarreta inconvenientes de tal porte, que tornam, por vezes, em alguns pontos, quase impenetrável uma artéria fluvial que pelos elementos privilegiados de seu perfil concorre com as mais acessíveis à navegação regular.

Realmente nesse afonoso derruir de barrancas, para torcer-se em seus incontáveis meandros, o Purus entope-se com as raízes e troncos das árvores que o marginam.

Às vezes é um lanço unido, de quilômetros, de "barreira", que lhe cai de uma vez e de súbito em cima, atirando-lhe, desarraigada, sobre o leito, uma floresta inteira.

O fato é vulgaríssimo. Conhecem-no todos os que por ali andam. Não raro o viajante, à noite, desperta sacudido por uma vibração de terremoto, e aturde-se apavorado ouvindo logo após o fragor indescritível de miríades de frondes, de troncos, de galhos, entrebatendo-se, rangendo, estalando e caindo todos a um tempo, num baque surdo e prolongado, lembrando o assalto fulminante de um cataclismo e um desabamento da terra.

São, de fato, as "terras caídas", das quais resultam sempre duas sortes de obstáculos; de um lado o inextricável acervo de galhadas

e troncos, que se entrecruzam à superfície d'água, ou irrompem em pontas ameaçadoras, do fundo; e de outro as massas argilosas, ou argilo-arenosas, que a corrente pouco veloz não dissolve, permitindo-lhes acumularem-se nas minúsculas ilhotas dos "torrões", ou, mais prejudiciais, nos rasos bancos compactos dos "salões", impropriando a passagem aos mais diminutos calados.

Não precisamos insistir neste fato.

A sua gravidade é intuitiva. E considerando-se que ele se reproduz em toda a extensão de 480 quilômetros, que vai da embocadura do Iaco à do Curiúja, onde se acumulam cada vez mais aqueles entraves, indefinidamente crescentes, chega-se a concluir que o Purus, depois de haver conseguido um dos mais regulares perfis de toda a hidrografia e de aparelhar-se com os melhores elementos predispostos e uma rara fixidez de regímen, erigindo-se modelo admirável entre as caudais mais bem talhadas à grande navegação – está, agora, a pouco e pouco perdendo a maior parte dos seus requisitos superiores, com o progredir de um atravancamento em larga escala, que o tornará mais tarde inteiramente impenetrável.

Dizemo-lo baseando-nos em penosa experiência culminada por um naufrágio. Sobretudo além da embocadura do Chandless, multiplicam-se tanto estes empecilhos de todo estranhos à "tectônica" especial do rio, que em longos "estirões" com a profundidade média de cinco a seis pés, nas vazantes, onde passariam carregadas as mais poderosas lanchas, mal pode deslizar uma montaria ligeira. Escusamo-nos de exemplificar alongando estas considerações ligeiras. Notemos apenas que a partir do tributário precitado até à bifurcação Cujar-Curiúja, o Purus em vários lugares parece correr por cima de uma antiga derrubada. Vai-se como entre os galhos estonados e revoltos de uma floresta morta. E se observamos que, além dos empeços em si mesmos encerrados, estas tranqueiras, rebalçando as águas que se filtram entre os ramos unidos, facilitam a formação de toda a sorte de baixios, compreender-se-á em toda a sua latitude o progredimento contínuo dessa obstrução prejudicialíssima.

Porque os homens que ali mourejam – o caucheiro peruano com as suas *tanganas* rijas, nas montarias velozes, o nosso seringueiro, com os varejões que lhes impulsionam as ubás, ou o regatão de todas as pátrias

que por ali mercadeja nas ronceiras alvarengas arrastadas à sirga – nunca intervêm para melhorar a sua única e magnífica estrada; passam e repassam nas paragens perigosas; esbarram mil vezes a canoa num tronco caído há dez anos junto à beira de um canal; insinuam-se mil vezes com as maiores dificuldades numa ramagem revolta barrando-lhes de lado a lado o caminho, encalham e arrastam penosamente as canoas sobre os mesmos "salões" de argila endurecida; vezes sem conta arriscam-se ao naufrágio, precipitando, ao som das águas, as ubás contra as pontas duríssimas dos troncos que se enristam invisíveis, submersos de um palmo – mas não despendem o mínimo esforço e não despendem um golpe único de facão ou de machado num só daqueles paus, para desafogar a travessia.

As lanchas, e até os vapores, que ali vão aparecendo mais a miúdo, à medida que avultam as safras dos cento e vinte opulentos seringais que já se abriram acima da confluência do Iaco, viajam, invariavelmente, nas quadras favoráveis das cheias, quando aqueles entraves se afogam em alguns metros de fundo.

Sobem, velozes, o rio; descarregam, precipitadamente, em vários pontos as mercadorias consignadas; carregam-se de borracha; e tornam logo, precípites, águas abaixo, fugindo. Apesar disto, algumas não se forram a repentinas descidas de nível, prendendo-as. E lá se ficam, longos meses – esperando a outra enchente, ou o inesperado de um "repiquete" propício, invernando paradoxalmente sob as soalheiras caniculares – nas mais curiosas situações: ora em pleno rio, agarradas pelos centenares de braços das árvores secas, que as imobilizam; ora a meio da barranca, onde as surpreendeu a vazante, grosseiramente especadas, encombentes, com as proas afocinhando, inclinadas, em riscos permanentes de queda; ora no alto de uma barreira, como autênticos navios-fantasmas, aparecendo, de improviso e surpreendentemente, em plena entrada da mata majestosa.

O contraste desta navegação com as admiráveis condições técnicas imanentes ao rio é flagrante. O Purus – e como ele todos os tributários meridionais do Amazonas, à parte o Madeira – está inteiramente abandonado.

Entretanto, o simples enunciado destes inconvenientes, evidentemente alheios às suas admiráveis condições estruturais, delata que a remoção deles, embora demorada, não demanda trabalhos excepcionais de engenharia e excepcionais dispêndios.

O que resta fazer, ao homem, é rudimentar e simples.

Os grandes, os sérios problemas de hidráulica fluvial que ali houve, resolveu-os o próprio rio agindo no jogo harmonioso das forças naturais que o modelaram.

E eles representam um trabalho incalculável. O Purus é uma das maiores dádivas entre tantas com que nos esmaga uma natureza escandalosamente perdulária.

Vejamo-lo, de relance.

Toda a hidráulica fluvial parece ter nascido entre os leitos do Garonne e do Loire, tais e tantos os monumentos que ali levantou a engenharia francesa. Nunca o homem arremeteu com tamanha pertinácia e brilho com a brutalidade dos elementos. Os romanos transfigurando a Argélia e os holandeses construindo a Holanda, emparelham-se bem com os abnegados profissionais que, durante um século, impassíveis ante sucessivos reveses, se devotaram à empresa exaustiva de paralisar torrentes, de atenuar inundações e de encadear avalanchas, na dupla tentativa de facilitar a navegação e de proteger os territórios ribeirinhos. E todo esse magnífico esforço em que se imortalizaram Deschamps, Dieulafoy e Belgrand, resultou em grande parte inútil. Inútil ou contraproducente. Os primores da engenharia estragaram o Loire.

Os diques submersíveis ou insubmersíveis destinados a salvarem as povoações, os canais de socorro que se lhes anexavam, as margens artificiais ladeando em dezenas de quilômetros o leito menor das caudais, os enrocamentos antepostos às erosões, as barragens antepostas às correntezas – tinham em geral a duração efêmera dos seis meses da estiagem, tal a inconstância irreparável daquelas artérias.

Por fim engenharam-se estupendos reservatórios alcandorados nos Pirineus, escalonando-se por todos os pendores, para armazenar as inundações. E armazenavam catástrofes – rompendo-se-lhes os muros, de onde saltavam as ondas despenhadas varrendo povoados inteiros...

Mas ainda quando estas roturas dos reservatórios compensadores não formassem os episódios mais dramáticos da história da engenharia, e eles pudessem erigir-se estáveis e sem riscos, nós, quaisquer

que fossem os nossos esforços e os nossos dispêndios, jamais os construiríamos como no-los construiu o Purus.

Considere-se, para isto, este exemplo. Duponchel, para dar ao Neste – um pequeno rio com a despesa média de 25 metros cúbicos – um modelo constante, que lhe amortecesse as inundações, calculou um reservatório de 300.000.000.000 de litros e recuou ante o algarismo colossal.

Ora, o Neste é três vezes menor que o Iaco, que, entretanto, não se inclui entre os maiores afluentes do Purus.

Diante destes dados formidáveis põe-se de manifesto que a construção de reservatórios compensadores no grande rio seria o mesmo que fazer um mar; e conclui-se que os existentes, numerosíssimos, às suas margens, representam um capital inestimável e acima dos mais ousados orçamentos.

Precisamos ao menos conservá-lo. Aproveitemos uma lição velha de um século. O Mississípi, que no seu curso inferior retrata o traçado do Purus com a exação de um decalque, era, pelas mesmas causas, ainda mais inçado de empecilhos, tornando-o quase impenetrável e em muitos lugares de todo intransponível. Alguns dos seus tributários não estavam apenas trancados; desapareceriam literalmente, sob os abatises.

No entanto o grande rio, hoje transfigurado, desenha-se como um dos traços mais vivos da pertinácia norte-americana.

Lá está, porém, no seu vale, em um de seus afluentes, o rio Vermelho, um caso desalentador. É um rio perdido. O *yankee* descobriu-o tarde demais. A desmedida tranqueira, *the great raft,* exatamente formada como as que estão formando-se no Purus, estira o labirinto de seus madeiros e das suas frondes mortas por 630 quilômetros – e lá está, indestrutível, depois de desafiar durante vinte e dois anos os maiores esforços para uma desobstrução impossível.

Estabelecida a proporção entre aquele rio minúsculo e o Purus, entre nós e o norte-americano, aquilatam-se as dificuldades que nos aguardarão, se progredirem os obstáculos apontados, e cuja remoção atual, completando-se com a defesa, embora rudimentar, das margens mais ameaçadas pelas erosões, é ainda de relativa facilidade. Ao mesmo passo se atenuarão consideravelmente as "divagações" precipitadas, que

constituem verdadeira anomalia num rio aparelhado de um perfil de estabilidade demonstrável até geometricamente, como vimos.

De qualquer modo urge iniciar-se desde já modestíssimo, mas ininterrupto, passando de governo a governo, numa tentativa persistente e inquebrantável, que seja uma espécie de compromisso de honra com o futuro, um serviço organizado de melhoramentos, pequeno embora em começo, mas crescente com os nossos recursos – que nos salve o majestoso rio.

Von den Stein, com a agudeza irrivalizável de seu belo espírito, comparou, algures, pinturescamente, o Xingu a um "enteado" da nossa geografia.

Estiremos o paralelo.

O Purus é um enjeitado.

Precisamos incorporá-lo ao nosso progresso, do qual ele será, ao cabo, um dos maiores fatores, porque é pelo seu leito desmedido em fora que se traça, nestes dias, uma das mais arrojadas linhas da nossa expansão histórica.

próxima página

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Um clima caluniado*

Na definição climática das circunscrições territoriais criadas pelo Tratado de Petrópolis tem-se incluído sempre um elemento curiosíssimo, ante o qual o psicólogo mais rombo suplanta a competência do Professor Hann, ou qualquer outro mestre em cousas meteorológicas: o desfalecimento moral dos que para lá seguem e levam desde o dia da partida a preocupação absorvente da volta no mais breve prazo possível. Cria-se uma nova sorte de exilados – o exilado que pede o exílio, lutando por vezes para o conseguir, repelindo outros concorrentes, ao mesmo passo que vai adensando na fantasia alarmada as mais lutuosas imagens no prefigurar o paraíso tenebroso que o atrai.

Parte, e leva no próprio estado emotivo a receptividade a todas as moléstias.

Atravessa quinze dias infindáveis a contornear a nossa costa. Entra no Amazonas. Reanima-se um momento ante a fisionomia singular da terra; mas para logo acabrunha-o a imensidade deprimida – onde o olhar lhe morre no próprio quadro que contempla, certo enorme, mas em branco e reduzido às molduras indecisas das margens afastadas. Sobe o grande rio; e vão-se-lhe os dias inúteis ante a imobilidade estranha das paisagens de uma só cor, de uma só altura e de um só modelo, com a sensação angustiosa de uma parada na vida: atônicas todas as impressões, extinta a idéia do tempo, que a sucessão das aparências exteriores, unifomes,

página anterior

não revela – e retraída a alma numa nostalgia que não é apenas a saudade da terra nativa, mas da Terra, das formas naturais tradicionalmente vinculadas às nossas contemplações, que ali se não vêem, ou se não destacam na uniformidade das planuras...

Entra por um dos grandes tributários, o Juruá ou o Purus. Atinge ao seu objetivo remoto; e todos os desalentos se lhe agravam. A terra é, naturalmente, desgraciosa e triste, porque é nova. Está em ser. Faltam-lhe à vestimenta de matas os recortes artísticos do trabalho.

Há paisagens cultas que vemos por vezes, subjetivamente, como um reflexo subconsciente de velhas contemplações ancestrais. Os cerros ondulantes, os vales, os litorais que se recortam de angras, e os próprios desertos recrestados, afeiçoam-se-nos às vistas por maneira a admitirmos um modo qualquer de reminiscência atávica. Vendo-os pela primeira vez, temos o encanto de equipararmos o que imaginamos com o que se nos antolha, numa exteriorização tangível de contornos anteriormente idealizados.

Ali, não. Desaparecem as formas topográficas mais associadas à existência humana. Há alguma cousa extraterrestre naquela natureza anfíbia, misto de águas e de terras, que se oculta, completamente nivelada, na sua própria grandeza. E sente-se bem que ela permaneceria para sempre impenetrável se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronto sem a constância e a continuidade das culturas. As gentes que a povoam talham-se pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heróicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável.

O recém-vindo do Sul chega em pleno desdobrar-se daquela azáfama tumultuária, e, de ordinário, sucumbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela sociedade de caboclos titânicos que ali estão construindo um território. Sente-se deslocado no espaço e no tempo; não já fora da pátria, senão arredio da cultura humana, extraviado num recanto da floresta e num desvão obscurecido da História.

Não resiste. Concentra todos os alentos que lhe restam para o só efeito de permanecer algum tempo, inútil e inerte, no posto que lhe marcaram; mal desempenhando os mais simples deveres; indo-se-lhes os olhos em todos os vapores que descem e o espírito ausente nos lares afastados, longo tempo, em um exaustivo agitar de apreensões e conjeturas – até que o sacuda, inesperadamente, em pleno dia canicular, um súbito estremeção de frio, delatando-lhe a vinda salvadora, e por vezes reconditamente anelada, da febre. E é uma surpresa gratíssima. A vida desperta-se-lhe de golpe, naquela cotovelada da morte que passou por perto. O impaludismo significa-lhe, antes de tudo, a carta de alforria de um atestado médico. É a volta. A volta sem temores, a fuga justificável, a deserção que se legaliza e o medo sobredoirado de heroísmo, desafiando o espanto dos que lhe ouvem o romance alarmante das moléstias que devastam a paragem maldita.

Porque é preciso coonestar o recuo. Então cada igarapé sem nome é um Ganges pestilento e lúgubre; e os igapós, ou os lagos, espalmam-se nas várzeas empantanadas como lagunas Pontinas incontáveis. Traça-se um quadro nosológico arrepiador e trágico, num imaginoso fabular de agruras; e, dia a dia, a natureza caluniada pelo homem vai aparecendo naquelas bandas, ante as imaginações iludidas, como se lá se demarcasse a paragem clássica da miséria e da morte...

O exagero é palmar. O Acre, ou, em geral, as planuras amazônicas cindidas a meio pelo longo sulco do Purus, tem talvez a letalidade vulgaríssima em todos os lugares recém-abertos ao povoamento. Mas consideravelmente reduzida.

Demonstra-no-lo um ligeiro confronto.

As “Escolas de Medicina Colonial” da Inglaterra e da França revelam-nos, pelos simples títulos, os resguardados com que se rodeia sempre o transplante dos povos para os novos *habitats*. Há esta linha de nobreza no moderno imperialismo expansionista capaz de absolver-lhe os máximos atentados: os brilhantes generais transmudam-se em batedores anônimos dos médicos e dos engenheiros: as maiores batalhas fazem-se-lhe simples reconhecimento da campanha ulterior, contra o clima; e o domínio das raças incompetentes é o começo da redenção dos territórios, num giro magnífico que do Tonquim à Índia, ao Egito, à Tunísia, ao Sudão, à ilha de Cuba e às Filipinas, vai generalizando em todos os meridianos a empresa maravilhosa do saneamento da terra.

Da terra e do homem. A tarefa é dúplice. Aos conquistadores tranqüilos não lhes basta o perquirir as causas meteorológicas ou telúricas das moléstias imanentes aos trechos recém-conquistados, na escala indefinida que vai das anemias estivais às febres polimorfas. Resta-lhes o encargo maior de justapor os novos organismos aos novos meios, corrigindo-lhes os temperamentos, destruindo-lhes velhos hábitos incompatíveis, ou criando-lhes outros até se construir, por um processo a um tempo compensador e estimulante, o indivíduo inteiramente aclimado, tão outro por vezes nos seus caracteres físicos e psíquicos que é, verdadeiramente, um indígena transfigurado pela higiene. Para isto o colono, ou o emigrante, torna-se em toda a parte um pupilo do Estado. Todos os seus atos, desde o dia da partida, prefixo nas estações mais convenientes, aos últimos pormenores de alimentação ou de vestir, predetermina-se em regulamentos rigorosos. Dentro dos lineamentos largos das características fundamentais do clima quente para onde ele se desloca, urde-se a trama de uma higiene individual, onde se prevêem todas as necessidades, todos os acidentes e até os perigos da instabilidade orgânica inevitável à fase fisiológica da adaptação a um meio cósmico, cujo influxo deprimente sobre o europeu vai da musculatura, que se desfibra, à própria fortaleza de espírito, que se deprime. Assim as medidas profiláticas, que começam inspirando-se no estudo dos fatores físicos acabam, não raro, prolongando-se em belíssimo código de moral demonstrada. De permeio com os preceitos vulgares para o reagir contra a temperatura alta, e a umidade excessiva que lhe abatem a tensão arterial e a atividade, lhe trancam as válvulas de segurança dos poros e lhe fatigam o coração e os nervos, criando-lhe, ao cabo, a iminência mórbida para os males que se desdobram do impaludismo que lhe solapa a vida, às dermatoses que lhe devastam a pele – despontam, mais eficazes e decisivos, os que o aparelham para reagir aos desânimos, à melancolia da existência monótona e primitiva; às amarguras crescentes da saudade: à irritabilidade provinda dos ares intensamente eletrizantes e refulgentes; ao isolamento – e, sobretudo, ao quebrantar-se da vontade numa decadência espiritual subitânia e profunda que se afigura a moléstia única de tais paragens, de onde as demais se derivam como exclusivos sintomas.

Abra-se qualquer regulamento de higiene colonial. Ressaltam à mais breve leitura os esforços incomparáveis das modernas missões e o seu apostolado complexo que, ao revés das antigas, não visam arrebatar para a civilização a barbaria transfigurada, senão transplantar, integralmente, a própria civilização para o seio adverso e rude dos territórios bárbaros.

Nas suas páginas, o que por vezes nos maravilha mais do que os prodígios da previdência e do saber, desenvolvidos para afeiçoar o forasteiro ao meio, é o curso sobremaneira lento, senão o malogro dos mais pertinazes esforços.

A França na Indochina, de clima quase temperado, despendeu quinze anos de trabalhos contínuos para que sobrestivesse a mortalidade; e, obedecendo aos pareceres dos seus melhores cientistas, renunciou, depois de longas tentativas, ao povoamento sistemático da África equatorial. O mesmo sucede no geral das colônias inglesas, alemãs ou belgas. Baste-nos notar que a estadia regulamentar dos seus agentes oficiais tem o período máximo de três anos. A volta aos lares nativos é uma medida de segurança indispensável a restaurar-lhes os organismos combalidos. Deste modo, a despeito de tão grandes sacrifícios e dispêndios, e dos prodígios de engenharia sanitária que transformam a rudeza topográfica dos lugares novos, formando-se uma verdadeira geografia artística, o que neles se forma, por fim, são umas sociedades precárias de perpétuos convalescentes jungidos a dietas inflexíveis e vivendo através das fórmulas inaturáveis dos receituários complexos.

Ora, comparando-se estas colonizações adstritas às cláusulas de rigorosos estatutos – e de efeitos tão escassos – com o povoamento tumultuário, com a colonização à gandaia do Acre – de resultados surpreendentes – certo não se faz mister registrar um só elemento para o acerto de que o regímen da região malsinada não é apenas sobradamente superior ao da maioria dos trechos recém-abertos à expansão colonizadora, senão também ao da grande maioria dos países normalmente habitados.

De fato – à parte o favorável deslocamento paralelo ao Equador, demandando as mesmas latitudes – não se conhece na História exemplo mais golpeante de emigração tão anárquica, tão precipitada e tão violadora dos mais vulgares preceitos de aclimamento, quanto o da

que desde 1879 até hoje atirou, em sucessivas levas, as populações sertanejas do território entre a Paraíba e o Ceará para aquele recanto da Amazônia. Acompanhando-a, mesmo de relance, põe-se de manifesto que lhe faltou desde o princípio, não só a marcha lenta e progressiva das migrações seguras, como os mais ordinários resguardos administrativos.

O povoamento do Acre é um caso histórico inteiramente fortuito, fora da diretriz do nosso progresso.

Tem um reverso tormentoso que ninguém ignora: as secas periódicas dos nossos sertões do Norte, ocasionando o êxodo em massa das multidões flageladas. Não o determinou uma crise de crescimento, ou excesso de vida desbordante, capaz de reanimar outras paragens, dilatando-se em itinerários que são o diagrama visível da marcha triunfante das raças; mas a escassez da vida e a derrota completa ante as calamidades naturais. As suas linhas baralham-se nos traçados revoltos de uma fuga. Agravou-o sempre uma seleção natural invertida: todos os fracos, todos os inúteis, todos os doentes e todos os sacrificados expedidos a esmo, como  o rebotalho das gentes, para o deserto. Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 flamejavam sobre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia, de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores, com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços da família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febrentos e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem...

E não desapareceram. Ao contrário, em menos de trinta anos, o Estado que era uma vaga expressão geográfica, um deserto empantanado,

a estirar-se, sem lindes, para sudoeste, definiu-se de chofre, avantajando-se aos primeiros pontos do nosso desenvolvimento econômico.

A sua capital – uma cidade de dez anos sobre uma tapera de dois séculos – transformou-se na metrópole de maior navegação fluvial da América do Sul. E naquele extremo sudoeste amazônico, quase misterioso, onde um homem admirável, William Chandless, penetrara 3.200 quilômetros sem lhe encontrar o fim – cem mil sertanejos, ou cem mil ressuscitados, apareciam inesperadamente e repatriavam-se de um modo original e heróico; dilatando a pátria até aos terrenos novos que tinham desvendado.

Abram-se os últimos relatórios das prefeituras do Acre. Nas suas páginas maravilha-nos mais do que as transformações sem par que ali se verificam, o absoluto abandono e o completo relaxo com que ainda se efetua o seu povoamento. Hoje, como há trinta anos, mesmo fora das aperturas e dos tumultos das secas, os imigrantes avançam sem o mínimo resguardo, ou assistência oficial.

No entanto, as populações transplantadas se fixam, vinculadas ao solo; o progresso demográfico é surpreendente – e das cabeceiras do Juruá à confluência do Abunã alonga-se, cada vez mais procurada, a terra da promissão do Norte do Brasil.

O paralelo é expressivo. Não se compreende a reputação de insalubridade de um tal clima. Evidentemente o que se realizou e se realiza ainda, embora em menor escala no Acre, foi a "seleção telúrica", de que nos fala Kirchhoff: uma sorte de magistratura natural, ou revista severa exercida pela natureza nos indivíduos que a procuram, para só conceder o direito da existência aos que se lhe afeiçoam. Mas o processo é geral.

Em todas as latitudes foi sempre gravíssima nos seus primórdios a afinidade eletiva entre a terra e o homem. Salvam-se os que melhor balanceiam os fatores do clima e os atributos pessoais. O aclimado surge de um binário de forças físicas e morais que vão, de um lado, dos elementos mais sensíveis, térmicos ou higrométricos, ou barométricos, às mais subjetivas impressões oriundas dos aspectos da paisagem; e de outro, da resistência vital da célula ou do tônus muscular, às

energias mais complexas e refinadas do caráter. Durante os primeiros tempos, antes que a transmissão hereditária das qualidades de resistência, adquiridas, garanta a integridade individual com a própria adaptação da raça, a letalidade inevitável, e até necessária, apenas denuncia os efeitos de um processo seletivo. Toda a aclimação é desse modo um plebiscito permanente em que o estrangeiro se elege para a vida. Nos trópicos, é natural que o escrutínio biológico tenha um caráter gravíssimo.

Não há fraudes que lhe minorem as exigências. Caem-lhe sob exame incorruptível, por igual – o tuberculoso inapto à maior atividade respiratória nos ares adurentes, pobres de oxigênio, e o lascivo desmandado; o cardíaco sucumbido pela queda da tensão arterial, e o alcoólico candidato contumaz a todas as endemias; o linfático colhido de pronto pela anemia e o glutão; o noctívago desfibrado nas vigílias, ou o indolente estagnado nas sestas enervantes; e o colérico, o neurastênico de nervos a vibrarem nos ares eletrizados, descompassadamente, sob o influxo misterioso dos firmamentos deslumbrantes, até aos paroxismos da demência tropical que o fulmina, de pancada, como uma espécie de insolação de espírito.

A cada deslize fisiológico ou moral antepõe-se o corretivo da reação física. E chama-se insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes. Ao cabo verifica-se algumas vezes que não é o clima que é mau; é o homem.

Foi o que sucedeu em grande parte do Acre. As turmas povoadoras que para lá seguiam, sem o exame prévio dos que as formavam e nas mais deploráveis condições de transporte, deparavam, além de tudo isso, com um estado social que ainda mais lhes engravecia a instabilidade e a fraqueza.

Aguardava-as e ainda as aguarda, bem que numa escala menor, a mais imperfeita organização do trabalho que ainda engenhou o egoísmo humano.

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

Enquanto o colono italiano se desloca de Gênova à mais remota fazenda de São Paulo, paternalmente assistido pelos nossos poderes públicos, o cearense efetua, à sua custa e de todo em todo desamparado,

uma viagem mais difícil, em que os adiantamentos feitos pelos contratadores insaciáveis, inçados de parcelas fantásticas e de preços inauditos, o transformam as mais das vezes em devedor para sempre insolvente.

A sua atividade, desde o primeiro golpe de machadinha, constringe-se para logo num círculo vicioso inaturável: o debater-se exaustivo para saldar uma dívida que se avoluma, ameaçadoramente, acompanhando-lhe os esforços e as fadigas para saldá-la.

E vê-se completamente só na faina dolorosa. A exploração da seringa, neste ponto pior que a do caucho, impõe o isolamento. Há um laivo siberiano naquele trabalho. Dostoiévski sombrearia as suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constrangido a calcar durante a vida inteira a mesma "estrada", de que ele é o único transeunte, trilha obscurecida, estreitíssima e circulante, ao mesmo ponto de partida. Nesta empresa de Sísifo a rolar em vez de um bloco o seu próprio corpo – partindo, chegando e partindo – nas voltas constritoras de um círculo demoníaco, no seu eterno giro de encarcerado numa prisão sem muros, agravada por um ofício rudimentar que ele aprende em um hora para exercê-lo toda a vida, automaticamente, por simples movimentos reflexos – se não o enrija uma sólida estrutura moral, vão-se-lhe, com a inteligência atrofiada, todas as esperanças, e as ilusões ingênuas, e a tonificante alacridade que o arrebataram àquele lance, à ventura, em busca da fortuna.

Paralelamente, a decadência orgânica.

A alimentação, que é a base mais firme da higiene tropical, não lhe fornece, durante largos anos, a mais rudimentar cultura. Constitui-se, ao revés de todos os preceitos, adstrita aos fornecimentos escassos de todas as conservas suspeitas e nocivas, com o derivativo aleatório das caçadas.

Sobretudo isto, o abandono. O seringueiro é, obrigatoriamente, profissionalmente, um solitário.

Mesmo no Acre propriamente dito, onde a densidade maior das árvores de borracha permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta área capaz de sustentar, de acordo com a unidade agrícola corrente, cinqüenta famílias de pequenos lavradores, requer a atividade de oito homens apenas, que lá se espalham e raramente se vêem. Calcule-se um seringal médio, de duzentas "estradas": tem cerca

de 15 léguas quadradas; e este latifúndio, que se povoaria à larga com 3.000 habitantes ativos, comporta apenas a população invisível de 100 trabalhadores, exageradamente dispersos.

É a conservação sistemática do deserto, e a prisão celular do homem na amplitude desafogada da terra.

Ante estes lineamentos de um quadro social tão anômalo, não é apenas opinável a letalidade do Acre. O que ressalta, irreprimível, é o conceito de uma salubridade capaz de garantir tantas existências submetidas a tão imperfeito regímen. Acredita-se até que as características tropicais meramente teóricas se reduzem aos paralelos de baixas latitudes, de 8° a 11°, que interferem a região; e aquilatando-se a influência moderadora sem dúvida exercida pela estupenda massa de florestas, que a circulam e a invadem, chega-se a concluir que ulteriores observações meteorológicas, mal-iniciadas agora, talvez lhe apaguem nos mapas o isotermo de 25 graus que a esmo lhe traçaram.

Porque a despeito do incorreto e do vicioso do povoamento e da vida, a sociedade recém-chegada aclima-se e progride.

Ao mais incurioso viajante que perlustre o Purus não escapa a transformação lenta e contínua.

O primitivo explorador vai, afinal, ajustando-se ao solo, sobre o qual pisou durante tanto tempo indiferente. As suas barracas desafogam-se nas derrubadas; e já nas praias, que as vazantes desvendam, já nos "firmes", a cavaleiro das cheias, se delineiam as primeiras áreas de cultura. Os tristonhos barracões cobertos de folhas de ubuçu, transmutam-se em vivendas regulares, ou amplos sobrados de pedra e cal. Sebastopol, Canacori, São Luís de Cacianã, Itatuba, Realeza, e dezenas de outros sítios do baixo Purus; Liberdade e Concórdia, nos mais longíquos trechos, com as suas casas numerosas, que se arruam às vezes ao lado de pequenas igrejas, ampliam-se em verdadeiras vilas. São a imagem material do domínio e da posse definitiva.

A evolução é, desse modo, tangível.

Delatam-se até os nomes originais, extravagantes alguns, mas eloqüentes todos, das primitivas e das recentes fundações. Na terra sem

história os primeiros fatos escrevem-se, esparsos e desunidos, nas denominações dos sítios. De um lado está a fase inicial e tormentosa da adaptação, evocando tristezas, martírios, até gritos de desalento ou de socorro; e o viajante lê nas grandes tabuletas suspensas às paredes das casas, de chapa para o rio: *Valha-nos Deus, Saudade, São João da Miséria, Escondido, Inferno*... De outro um forte renascimento de esperanças e a jovialidade desbordante das gentes redimidas: *Bom Princípio! Novo Encanto, Triunfo, Quero Ver! Liberdade, Concórdia, Paraíso*...

À medida que se sobe o rio a renascença se acentua. Passada a confluência do Acre vai-se, em vários trechos, entre as estâncias que se defrontam ou se ligam às margens, como se se percorresse cultíssima paragem há muito descoberta. Nada mais do tosco e do brutesco dos primitivos abarracamentos.

Em Catiana, em Macapá, como nas demais a montante, até a última, Sobral, com a minúscula plantação de cafeeiros que lhe bastam ao consumo, nota-se em tudo, da pequena cultura que se generaliza, aos pomares bem cuidados, o esforço carinhoso do povoador que aformoseia a terra para não mais a abandonar.

E os homens são admiráveis.

Vimo-los de perto; conversamo-los.

Guardamo-lhes os nomes e os apelidos bizarros – do opulento *Caboclo-Real,* da cachoeira, ao gárrulo *Cai n'Águas* das cercanias de Chandless; do velho *João Amarelo*, que fundou Cataí, e leva ainda, sem titubear, pelos torcicolos das "estradas", os seus setenta anos trabalhados, ao destemeroso *Antônio Dourado,* da Terra Alta, impecável atirador de rifle, cujos lances de ousadia nas arrancadas de 1903, com os *caucheros,* são uma página vibrante de bravura.

Considerando-os, ou revendo-lhes a integridade orgânica a ressaltar-lhes das musculaturas inteiriças, ou a beleza moral das almas varonis que derrotaram o deserto – e recordando as circunstâncias lastimáveis, que os rodearam nos primeiros dias do povoamento ou que ainda os rodeiam porventura minoradas – não se lhes explicam as exigências vigorosas sob regímen climatológico tão maligno e bruto como o que se fantasiou no Acre.

Não vinga, ademais, o argumento de que o sertanejo nortista, ou mais incisivamente, o jagunço, dotado da abstinência pastoral e guerreira

do árabe, se tenha apercebido para o novo habitat, sob a disciplina inexorável das secas, além de haver-se deslocado seguindo mais ou menos os paralelos do torrão nativo.

O Purus e o Juruá abriram-se há muito à entrada dos mais díspares forasteiros – do sírio, que chega de Beirute, e vai pouco a pouco suplantando o português no comércio do "regatão"; ao italiano aventuroso e artista que lhes bate as margens, longos meses, com a sua máquina fotográfica a colecionar os mais típicos rostos de silvícolas e aspectos bravios de paisagens; ao saxônio fleumático, trocando as suas brumas pelos esplendores dos ares equatoriais. E, na grande maioria, lá vivem todos; agitam-se, prosperam-se e acabam longevos.

Registre-se este caso. Em 1872, Barrington Brow e Lidstone percorreram o baixo Purus até Huitanaã, embarcados na lancha *Guajará* sob o comando do Capitão Hoefner, *a German both English and Portuguese in addition,* consoante explicam os dois viajantes no interessante livro[5] que escreveram.

Há trinta e cinco anos...

E o capitão Hoefner lá está, eterno comandante de lancha, a mourejar sem descanso sobre aquelas águas malditas, onde fervilham os piuns sugadores, os carapanãs emissários das febres, e se espalmam, derivando à feição da correnteza insensível, os mururés boiantes, de flores violáceas recordando as grinaldas tristonhas dos enterros. Mas não agorentaram o germano.

Vimo-lo, em fins de 1904, na confluência do Acre. É um velho vivaz e prestadio, diligente e ativo, de rosto aberto e rosado emoldurado de cabelos inteiramente brancos. Se aparecesse em Berlim, mal lhe descobririam na pele, de leve amorenada, o sombrio estigma dos trópicos.

Multiplicam-se os casos deste teor, acordes todos na extinção de uma lenda.

Resta, talvez, à teimosia no propagá-la, um derradeiro argumento: aqueles caboclos rijos, e esse saxônio excepcional, não são efeitos do meio; surgem a despeito do meio; triunfam num final de luta, em que sucumbiram, em maior número, os que se não aparelhavam dos mesmos requisitos de robustez, energia e abstinência.

---

5 *Fifteen Thousand Miles on the Amazon and its Tributaries.*

Neste caso atiremos de lado, de uma vez, um estéril sentimentalismo e reconheçamos naquele clima uma função superior. Ante as circunstâncias nocivas que originaram e impulsionaram o povoamento do Acre, largos anos aberto à intrusão de todas as moléstias e de todos os vícios favorecidos pela indiferença dos poderes públicos, ele exercitou uma fiscalização incorruptível, libertando aquele território de calamidades e desmandos, que seriam, além de toda a proporção, muito maiores do que os que ainda hoje lá se observam.

Policiou, saneou, moralizou. Elegeu e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga ou pela morte.

E é certo um clima admirável o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes e para os bons.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Os* caucheros

Aquém da margem direita do Ucaiali e das terras onduladas, onde se formam os manadeiros do Javari, do Juruá e do Purus, apareceu há cerca de cinqüenta anos uma sociedade nova. Formara-se obscuramente. Perdida longo tempo no afogado das selvas, apenas a conheciam raros comerciantes do Pará, onde, desde 1862, começaram a chegar, provindas daqueles pontos remotos, as pranchas pardo-escuras de uma outra goma-elástica concorrente com a seringa às exigências da indústria.

Era o caucho. E *caucheros* apelidaram-se para logo os aventurosos sertanistas que batiam atrevidamente aqueles rincões ignorados.

Vinham do ocidente, transpondo os Andes e suportando todos os climas da Terra, dos litorais adustos do Pacífico às punas enregeladas das codilheiras. Entre eles e o torrão nativo ficavam duas muralhas altas de seis mil metros e um longo valo escancelado em abismos. Adiante os plainos amazônicos; um estiramento de centenares de milhas para NE, a perder-se, indefinido, na prolongação atlântica, sem a *juga* de um cerro balizando a imensidade.

Nunca se armou tão imponente cenário a tão pequeninos atores.

É natural que os sertanistas pervagassem largos anos, esparsos, diminutivos, invisíveis, tateantes no perpétuo crepúsculo daquelas matas longíquas, onde, mais sérias que o desmedido das distâncias e os bravios da espessura, outras dificuldades lhes renteavam ou perturbavam os passos vacilantes.

Realmente, toda a zona em que se traça, ainda pontoada, a linha limítrofe brasílio-peruana, e irradiam para os quadrantes os formadores do Purus e do Juruá, as vertentes mais setentrionais do Urubamba e os últimos esgalhos do Madre-de-Dios, figurava entre as mais desconhecidas da América, menos em virtude de suas condições físicas excepcionais, vencidas em 1844 por F. Castelnau, que pelo renome temeroso das tribos que a povoam e se tornaram, sob o nome genérico de *chunchos,* o máximo pavor dos mais destemerosos pioneiros.

Não há nomeá-las todas. Quem sobe o Purus, contemplando de longe em longe, até às cercanias da Cachoeira, os *pamaris* rarescentes, mal recordando os antigos donos daquelas várzeas; e dali para montante os *ipurinãs* inofensivos; ou a partir do Iaco, os *tucurinas* que já nascem velhos, tanto se lhes reflete na compleição tolhiça a decrepitude da raça – tem a maior das surpresas ao deparar, nas cabeceiras do rio, com os silvícolas singulares que as animam. Discordes nos hábitos e na procedência, lá se comprimem em ajuntamento forçado; os *amauacas* mansos que se agregam aos *puestos* dos extratores do caucho; os *coronauas* indomáveis, senhores das cabeceiras do Curanja; os *piros* acobreados, de rebrilhantes dentes tintos de rena escura que lhes dão aos rostos, quando sorriem, indefiníveis traços de ameaças sombrias; os barbudos *cashillos* afeitos ao extermínio em correrias de duzentos anos sobre os destroços das missões do Pachiteá; os *conibos* de crânios deformados e bustos espantadamente listrados de vermelho e azul; os *setebos, sipibos* e *yurimauas;* os *mashcos* corpulentos, do Mano, evocando no desconforme da estrutura os gigantes fabulados pelos primeiros cartógrafos da Amazônia; e, sobre todos, suplantando-os na fama e no valor, os *campas* aguerridos do Urubamba...

A variedade das cabildas em área tão reduzida trai a pressão estranha que as constringe. O ajustamento é forçado.

Elas estão, evidentemente, nos últimos redutos para onde refluíram no desfecho de uma campanha secular, que vem do apostolado das mainas às expedições modernas e cujos episódios culminantes se perderam para a História.

O narrador destes dias chega no final de um drama, e contempla surpreendido o seu último quadro prestes a cerrar-se.

A civilização, barbaramente armada de rifles fulminantes, assedia completamente ali a barbaria encontrada; os peruanos pelo ocidente e

pelo sul; os brasileiros em todo o quadrante de NE; no de SE, trancando o vale do Madre-de-Dios, os bolivianos.

E os caucheiros aparecem como os mais avantajados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naqueles sertões remotíssimos os mais interessantes aborígines sul-americanos.

Esta missão histórica advém-lhes da fragilidade de uma árvore. O caucheiro é forçadamente um nômade votado ao combate, à destruição e a uma vida errante ou tumultuária, porque a *castilloa elastica* que lhe fornece a borracha apetecida, não permite, como as *heveas* brasileiras, uma exploração estável, pelo renovar periodicamente o suco vital que lhe retiram. É excepcionalmente sensível. Desde que a golpeiem, morre, ou definha durante largo tempo, inútil. Assim o extrator derruba de uma vez para aproveitá-la toda. Atora-a, depois, de metro em metro, desde as sapopembas aos últimos galhos das frondes; e abrindo no chão, ao longo do madeiro derrubado, rasas cavidades retangulares correspondentes às secções dos toros, delas retira, ao fim de uma semana, as *planchas* valiosas, enquanto os restos aderidos à casca, nos rebordos dos cortes, ou esparsos a esmo pelo solo, constituem, reunidos, o "sernambi" de qualidade inferior.

O processo, como se vê, é rudimentar e rápido. Esgota-se em pouco tempo o cauchal mais exuberante; e como as castiloas não se distribuem regularmente pelas matas, viçando em grupos por vezes bastante separados, os exploradores deslocam-se a outros rumos, reeditando quase sem variantes todas as peripécias daquela vida aleatória de caçadores de árvores.

Deste modo o nomadismo impõe-se-lhes. É-lhes condição inviolável de êxito. Afundam temerariamente no deserto; insulam-se em sucessivos sítios e não revêem nunca os caminhos percorridos. Condenados ao desconhecido, afeiçoam-se às paragens ínvias e inteiramente novas. Alcançam-nas: abandonam-nas. Prosseguem e não se restribam nas posições às vezes arduamente conquistadas.

Atingindo qualquer trecho onde os pés de caucho se descubram, levantam à beira de uma quebra o primeiro "tambo" de paxiúba, e atiram-se à tarefa agitadíssima. Os seus primeiros instrumentos de trabalho são a carabina Winchester – rifle curto adrede disposto aos encontros no traçado das ramarias – o "machete" cortante que lhes destrama os cipoais, e a bússola portátil, norteando-os no embaralhado das veredas.

Tomam-nos e lançam-se a uma revista cautelosa das cercanias. Vão em busca do selvagem que devem combater e exterminar ou escravizar, para que do mesmo lance tenham toda a segurança no novo posto de trabalhos e braços que lhos impulsionem.

São bem poucos às vezes os que se abalançam a esta preliminar obrigatória e temerária: meia dúzia de homens, dispersando-se e mergulhando silenciosamente na espessura. E lá se vão, perquirindo e sondando todos os recessos; batendo palmo a palmo todos os recantos suspeitos; anotando de cor, num exaustivo levantamento topográfico, de memória, os mais variados acidentes; ao mesmo passo que com os olhos e ouvidos armados aos mais fugitivos aspectos e aos mais vagos rumores dos ares murmurantes da floresta, vão premunindo-se dos resguardos e ardilezas que se exigem naquele assombroso duelo sevilhano com o deserto.

Alguns não tornam mais. Outros, volvem indenes aos pousos, depois da perquirição inútil. Algum, porém, ao cabo da pesquisa fatigante, lobriga ao longe, meio indistintas nas folhagens, as primeiras cabanas de selvagem.

Mal refreia um grito de triunfo, e não volve logo a comunicar aos companheiros o achado.

Refina a sua astúcia extraordinária. Cose-se com o chão, e de rastros, *fareando el peligro,* aproxima-se quanto pode do inimigo descuidado.

Há, realmente, neste lance, um traço comovente de heroísmo. O homem perdido na solidão absoluta vai procurar o bárbaro, levando a escolta única das dezoito balas de seu rifle carregado.

É um rastejamento longo, tortuoso e lento, em que ele aproveita todos os acidentes encobrindo-se por detrás dos troncos ou entaliscando-se nos ângulos das sapopembas, deslizando sem ruído sobre as camadas das ramas decompostas, ou insinuando-se entre as hastes unidas das helicônias de largas folhas protetoras, até que possa, no termo da investida surda e angustiosa, contemplar e ouvir de perto, quase à orla do terreiro claro, os adversários inexpertos, e incientes do civilizado sinistro que os espia e os conta e lhes observa as maneiras e lhes avalia os recursos – e volta depois do exame minucioso, levando aos companheiros, que o aguardam, todos os informes necessários à "conquista".

Conquista é o termo predileto, usado por uma espécie de reminiscência atávica das antiqüíssimas algaras dos condutícios de Pizarro. Mas não a efetuam pelas armas sem esgotarem os efeitos da diplomacia rudimentar dos presentes mais apetecidos do selvagem. A um ouvimos certa vez o processo seguido:

> *Se los atrae al ambo por medio de regalos: ropa, rifles, machetes, etc.; y sin hacerlos trabajar, se les deja que vayan a tolderio a decir a sus compañeros ele como son tratados por los caucheros, que no los obligan a trabajar, sino que les aconsejar que trabajen un poco y a voluntad, para pagar aquilo que les dieron...*

Estes meios pacíficos, porém, são em geral falíveis. A regra é a caçada impiedosa, à bala. É o lado heróico da empresa: um grupo inapreciável arrojando-se à montaria de uma multidão.

Não se lhe pormenorizam os episódios.

Subordina-se a uma tática invariável: a máxima rapidez do tiro e a máxima temeridade. São garantias certas do triunfo. É incalculável o número de minúsculas batalhas travadas naqueles sertões onde reduzidos grupos bem armados suplantam tribos inteiras, sacrificadas a um tempo pelas suas armas grosseiras e pela afoiteza no arremeterem com as descargas rolantes das carabinas.

Citemos um exemplo único. Quando Carlos Fiscarrald chegou em 1892 às cabeceiras do Madre-de-Dios, vindo do Ucaiali pelo varadouro aberto no istmo que lhe conserva o nome, procurou captar do melhor modo os *mashcos* indomáveis que as senhoreavam. Trazia entre os *piros* que conquistara um intérprete inteligente e leal.

Conseguiu sem dificuldades ver e conversar o *curaca* selvagem.

A conferência foi rápida e curiosíssima.

O notável explorador, depois de apresentar ao "infiel" os recursos que trazia e o seu pequeno exército, onde se misturavam as fisionomias díspares das tribos que subjugara, tentou demonstrar-lhe as vantagens da aliança que lhe oferecia contrapostas aos inconvenientes de uma luta desastrosa. Por única resposta o *mashco* perguntou-lhe pelas flechas que trazia. E Fiscarral entregou-lhe, sorrindo, uma cápsula de Winchester.

O selvagem examinou-a, longo tempo, absorto ante a pequenez do projétil. Procurou, debalde, ferir-se, roçando rijamente a bala contra o peito. Não o conseguindo, tomou uma de suas flechas; cravou-a de golpe,

no outro braço, varando-o. Sorriu, por sua vez, indiferente à dor, contemplando com orgulho o seu próprio sangue que esguichava... e sem dizer palavra deu as costas ao sertanista surpreendido, voltando para o seu tolderio com a ilusão de uma superioridade que a breve trecho seria inteiramente desfeita. De fato, meia hora depois, cerca de cem *mashcos*, inclusive o chefe recalcitrante e ingênuo, jaziam trucidados sobre a margem, cujo nome, *Playamashcos,* ainda hoje relembra este sanguinolento episódio...

Assim vai desbravando-se a região bravia. Varejadas as redondezas, mortos ou escravizados num raio de poucas léguas os aborígines, os caucheiros agitam-se febrilmente na azáfama estonteadora. Em alguns meses ao lado do primitivo *tambo* multiplicam-se outros; a *casucha* solitária transmuda-se em amplo *barracone* ou *embarcadero* ruidoso; e adensam-se por vezes as vivendas em *caserios,* a exemplo de Cocama e Curanja, à margem do Purus, a espelharem, repentinamente, no deserto, a miragem de um progresso que surge, se desenvolve e acaba num decênio. Os caucheiros ali estacionam até que caia o último pé de caucho. Chegam, destroem, vão-se embora. Nada pedem, em geral, à terra, à parte exíguas plantações de *yucas* e bananas, a que se dedicam os índios domesticados. A única agricultura regular, embora diminuta, que se observa no Alto Purus, para lá das últimas barracas dos nossos seringueiros, é a do algodão, dos *campas* aldeados, que até nisto delatam a independência nativa: colhendo, cardando, fiando, tecendo e pintando as *cushmas* de que se revestem, e descem-lhes dos ombros até aos pés, com feitio de longas togas grosseiras. Assim, entre os estranhos civilizados que ali chegam de arrancada para ferir e matar o homem e a árvore, estacionando apenas o tempo necessário a que ambos se extingam, seguindo a outros rumos onde renovam as mesmas tropelias, passando como uma vaga devastadora e deixando ainda mais selvagem a própria selvageria – aqueles bárbaros singulares patenteiam o único aspecto tranqüilo das culturas. O contraste é empolgante. Seguindo do povoado Campa de Tingoleales para o sítio peruano de Shambolaco, perto da foz do rio Manuel Urbano, o viajante não passa, como a princípio acredita, dos estádios mais primitivos aos mais elevados da evolução humana. Tem uma surpresa maior. Vai da barbaria franca a uma sorte de civilização caduca em que todos os estigmas daquela ressaltam mais incisivos, dentre as próprias conquistas do progresso.

Aborda a estância peruana; e nas primeiras horas encanta-o o quadro de uma existência movimentada e ruidosa. A vivenda principal e as que se lhe subordinam, arruadas alguma vez à maneira de pequenas vilas, erigem-se sempre num ponto bem escolhido a cavaleiro do rio; e a despeito de se construírem exclusivamente com as folhas e estípites da *paxiúba* – que é a palmeira providencial da Amazônia – são em geral de dois andares e têm na elegância das linhas e nas varandas desafogadas, que as circuitam, uma aparência de todo contraposta ao aspecto tristonho dos chatos barracões dos nossos seringueiros.

No terreiro amplo, acabando na crista da barranca caindo em talude vivo sobre o rio, uma agitação animadora e álacre; carregadores possantes passando em longas filas sucessivas arcados sob as pranchas de caucho; administradores ativos rompendo das portas do andar térreo e correndo para toda a banda, para os armazéns refeitos de conservas ou para as tendas fulgurantes, onde estridulam malhos e bigornas, reparando as *achas* e *machetes*.

Embaixo no *embarcadero,* coalhado das ubás velozes, onde as tanganas fisgam vivamente os ares, vozeia a algazarra dos práticos e proeiros, e espalmam-se nas águas as balsas feitas exclusivamente de caucho, formando-se sobre o "caminho que marcha" a "mercadoria que conduz os condutores". E em todo o correr da ladeira que dali serpeia até em cima, as saias vermelhas e os corpinhos brancos das *cholas* graciosas de Iquitos, passando e entrecruzando-se, num embandeiramento festivo...

O viajante atravessa os grupos agitados e as surpresas não cessam. Galga a escada que o leva à varanda da frente, para onde dão os principais repartimentos da vivenda. No alto o caucheiro – um triunfador jovial e desempenado sobre os rijos tacões das suas botas de mateiro – recebe-o ruidosamente, abrindo-lhe de par em par as portas numa hospitalidade espetaculosa e franca. E completa-se o encanto. Extinta a noção do tempo, ou do longo espaço de milhares de quilômetros gastos no sulcar os rios solitários para atingir aquela estância longínqua, o forasteiro insensivelmente se imagina em algum entreposto comercial de qualquer cidade da costa. Nada lhe falta ao engano: o longo balcão de pinho abarreirando a sala principal e cerrando o recinto, onde se aprumam as prateleiras atestadas de mercadorias; os empregados solícitos obedientes às ordens do guarda-livros corretíssimo, que o cumprimentou

ao entrar e volveu logo à sua escrita, acurvado sobre a secretária inclinada; o copo de cerveja que lhe oferecem, ao invés da *chicha* tradicional; a folhinha artística a um lado, marcando o dia certo do ano; os jornais de Manaus e de Lima; e até – o que é inverossímil – a tortura requintada e culta de um fonógrafo, gaguejando, emperradamente, naquele fundo de desertos, uma ária predileta de tenor famoso...

Mas toda esta exterioridade surpreendente desaparece ante uma observação permitindo ao visitante ver o que lhe não mostra o seu garboso hospedeiro. A desilusão assalta-o então de chofre; e é impressionadora. Aquele reflexo de vida superior não vai além da escassa nesga de chão, de menos de um hectare, constrita entre a mata ameaçadora e próxima ao fundo, e a barranca despenhada rio adiante.

Fora deste falso cenário, o drama real que se desenrola é quase inconcebível para o nosso tempo.

Abaixo do caucheiro opulento, numa escala deplorável, do mestiço loretano, que ali vai em busca da fortuna, ao quíchua deprimido trazido das cordilheiras, há uma série indefinida de espoliados. Para vê-los tem-se que varar os obscuros recessos da mata sem caminhos e buscá-los nas *hurmas* solitárias, onde assistem completamente sós, acompanhados apenas do rifle inseparável, que lhes garante a existência com os recursos aleatórios das caçadas. Ali mourejam improficuamente longos anos; enfermam, devorados das moléstias; e extinguem-se no absoluto abandono. Quatrocentos homens às vezes, que ninguém vê, dispersos por aquelas quebradas, e mal aparecendo de longe em longe no castelo de palha do acalcanhado barão que os escraviza. O “conquistador” não os vigia. Sabe que lhe não fogem. Em roda, num raio de seis léguas, que é todo o seu domínio, a região, inçada de outros *infieles,* é intransponível. O deserto é um feitor perpetuamente vigilante. Guarda-lhe a escravatura numerosa. Os mesmos *campas* altanados, que ele captou esgrimindo uma perfídia magistral contra a bravura ingênua do bárbaro, não o deixam mais, temendo os próprios irmãos bravios, que nunca lhes perdoam a submissão transitória.

Desta sorte o aventureiro feliz que dois anos antes, em Lima ou Arequipa, exercitava o trato mais gentil – sente-se inteiramente livre da pressão e dos infinitos corretivos da vida social, e adquirindo a consciência do mando ilimitado, ao mesmo tempo que o invade o sentimento da impunidade parta todos os caprichos e delitos, cai, de um salto, numa selvageria

originalíssima, em que entra sem ter tempo de perder os atributos superiores do meio onde nasceu.

Realmente, o caucheiro não é apenas um tipo inédito na História. É, sobretudo, antinômico e paradoxal. No mais pormenorizado quadro etnográfico não há lugar para ele. A princípio figura-se-nos um caso vulgar de civilizado que se barbariza, num recuo espantoso em que se lhe apagam os caracteres superiores nas formas primitivas da atividade.

E é um engano. Estes estádios contrapostos ele não os combina criando uma atividade híbrida embora, mas definida e estável. Junta-os apenas sem os caldear. É um caso de mimetísmo psíquico de homem que se finge bárbaro para vencer o bárbaro. É *caballero* e selvagem, consoante as circunstâncias. O dualismo curioso de quem procura manter intactos os melhores ensinamentos morais ao lado de uma moral fundada especialmente para o deserto – reponta em todos os atos da sua existência revolta. O mesmo homem que com invejável retitude esforça-se por satisfazer os seus compromissos, que às vezes sobem as milhares de contos, com os exportadores de Iquitos ou Manaus, não vacila em iludir o *peón* miserável que o serve, em alguns quilos de sernambi ordinário;[6] ou passa por vezes da mais refinada galanteria à máxima brutalidade, deixando em meio um sorriso cativante e uma me-

6 Por exemplo, são vulgares casos deste teor, contados pelos próprios peruanos. Sai um batelão de Iquitos carregado das mercadorias mais apetecidas dos habitantes ribeirinhos. Chega a um *tambo* do Ucaiali, de infieles ou de *cholos*. Salta o patrão e trava logo com o proprietário do sítio este diálogo invariável:

– *Tienes caucho*?

– *Sí, tengo; pero es del comerciante F... a quien debo por la habilitación que me dió hace cuatro meses. Segun sé su lancha debe venir a recogerlo dentro de pocos dias...*

– *No seas cándido, hombre! contravém o caucheiro, e acrescenta mentindo imperturbavelmente: F... no puede mandar por el caucho porque su lancha está descompuesta..*

– *No importa, recalcitra o selvagem, yo cumpliré con esperar las órdenes que me mande.*

*E o civilizado, insistente:*

– *Y mientras tanto de perjudicas por que F... nunca te pagará más de 12 soles por arroba, y yo te daré en el acto 16 soles...*

*O peão, ávido do lucro inesperado, abala-se, o caucheiro aproveita-se habilmente da vacilação:*

– *Vamos a la lancha que te voy a convidar a una buena copa*...

Lá se vão. E em pouco, o peão embriagado cede ao caucheiro o melhor da sua fazenda pelos mais diminutos preços.

sura impecável, para saltar com um rugido, de *cuchillo* rebrilhante em punho, sobre o *cholo* desobediente que o afronta.

A selvageria é uma máscara que ele põe e retira à vontade.

Não há ajustá-la ao molde incomparável dos nossos bandeirantes. Antônio Raposo, por exemplo, tem um destaque admirável entre todos os conquistadores sul-americanos. O seu heroísmo é brutal, maciço, sem frinchas, sem dobras, sem disfarces. Avança ininteligentemente, mecanicamente, inflexivelmente, como uma força natural desencadeada. A diagonal de mil e quinhentas léguas que traçou de São Paulo até ao Pacífico, cortando toda a América do Sul, por cima de rios, chapadões, de pantanais, de corixas estagnadas, de desertos, de cordilheiras, de páramos nevados e de litorais aspérrimos, entre o espanto e as ruínas de cem tribos suplantadas, é um lance apavorante, de epopéia. Mas sente-se bem naquela ousadia individual a concentração maravilhosa de todas as ousadias de uma época.

O bandeirante foi brutal, inexorável, mas lógico.

Foi o super-homem do deserto.

O caucheiro é irritantemente absurdo na sua brutalidade elegante, na sua galanteria sangüinolenta e no seu heroísmo à gandaia. É o homúnculo da civilização.

Mas compreende-se esta antilogia. O aventureiro ali vai com a preocupação exclusiva de enriquecer e voltar; voltar quanto antes, fugindo àquela terra melancólica e empantanada que parece não ter solidez ara agüentar o próprio peso material de uma sociedade. Acompanha-o, em todas as conjunturas da sua atividade nervosa e precipitada, o espetáculo das cidades vastas, onde brilhará um dia transformando em esterlinos o *oro negro* do caucho. Dominado de todo pela nostalgia incurável da paragem nativa, que ele deixou precisamente para a rever apercebido de recursos que lhe facultem maiores somas de felicidades – atira-se às florestas; enterreira e subjuga os selvagens; resiste ao impaludismo e às fadigas: agita-se, adoidadamente, durante quatro, cinco, seis anos; acumula algumas centenas de milhares de soles e desaparece, de repente...

Surge em Paris. Atravessa em pleno esplendor dos teatros ruidosos e dos salões, seis meses de vida delirante, sem que lhe descubram, destoando da correção impecável das vestes e das maneiras, o mais leve

resquício do nomadismo profissional. Arruína-se galhardamente; e volta... Reata a faina antiga: novos quatro ou seis anos de trabalhos forçados; nova fortuna prestes adquirida; novo salto sobre o oceano; e quase sempre novo volver ansioso em busca da fortuna perdidiça, numa oscilação estupenda das avenidas fulgurantes para as florestas solitárias.

A este propósito correm as mais curiosas versões em que se destacam famosos caucheiros conhecidíssimos em Manaus.

Neste viver oscilante ele dá a tudo quanto pratica, na terra que devasta e desama, um caráter provisório – desde a casa que constrói em dez dias para durar cinco anos, às mais afetuosas ligações que às vezes duram anos e ele destrói num dia. Neste ponto, sobretudo, desenha-se-lhe a inconstância irrivalizável. Um deles, como lhe perguntássemos, em Curunja, onde desposara a amahuaca gentilíssima que lhe assistia há dez anos com os desvelos de uma esposa exemplar, retorquia-nos, levemente irônico:

– *Me han hecho regalo en Pachitea.*

Um *regalo,* um presente, um traste que ele abandonaria à primeira eventualidade, sem cuidados.

Reportado negociante daquele vilarejo decaído, que em Lima ou Iquitos seria um belo molde de burguês pacífico e abstêmio, ali, hambriento de *mujeres* apresenta aos amigos e ao forasteiro adventício, o seu harém escandaloso, onde se estremam a interessante Mercedes, de *ojillos de venado* que custou uma batalha contra os coronauas, e a encantadora Facunda, de grandes olhos selvagens e cismadores, que lhe custou cem soles. E narra o tráfico criminoso, a rir, absolutamente impune, e sem temores.

Não há leis. Cada um traz o código penal no rifle que sobraça, e exercita a justiça a seu alvedrio, sem que o chamem a contas. Num dia, de julho de 1905, quando chegava ao último *puesto* caucheiro do Purus uma comissão mista de reconhecimento, todos os que a compunham, brasileiros e peruanos, viram um corpo desnudo e atrozmente mutilado, lançado à margem esquerda do rio, num claro entre as frecheiras. Era o cadáver de uma amahuaca. Fora morta por vingança, explicou-se vagamente depois. E não se tratou mais do incidente – coisa de nonada e trivialíssima na paragem revolvida pelas gentes que a atravessam e não povoam, e

passam deixando-a ainda mais triste com os escombros das estâncias abandonadas...

Estas lá estão em todas as voltas do Alto Purus, aparecendo, entristecedoras, sob os vários aspectos que vão das *hurmas* humildes dos peões às vivendas outrora senhoris dos caucheiros.

Pouco acima do Shambolaco, uma, sobre todas, nos impressionou, quando descíamos.

Fora um posto de primeira ordem. Saltamos para o examinar; e vingando a custo a barranca mal gradada, descobrindo em cima o velho caminho invadido de vassouras bravas, chegamos ao terreiro onde o matagal inextricável ia peneirando e cobrindo os acervos de vasilhas velhas, farragens repugnantes, restos de ferramentas, e ciscalhos em montes deixados pelos prófugos habitantes. A casa principal, defronte, meio destruída, tetos abatidos, paredes encombentes e a tombarem despegando-se dos esteios desaprumados, figurava-se sustida apenas pelas lianas que lhe irrompiam de todos os pontos, furando-lhe a cobertura, enleando-se-lhe nas vigas vacilantes, amarrando-lhes, e estirando-se à feição de cabos até às árvores mais próximas, onde se enlaçavam impedindo-lhe o desabamento completo; e as vivendas menores, anexas, cobertas de trepadeiras exuberando floração ridente, apagavam-se, desaparecendo a pouco e pouco na constrição irresistível da mata que reconquistava o seu terreno primitivo.

Mal atentamos, porém, no magnífico lance regenerador, da flora, juncando de corolas e festões garridos aquela ruinaria deplorável. Não estava inteiramente desabitada a tapera.

Num dos casebres mais conservados aguardava-nos o último habitante. Piro, amahuaca ou campa, não se lhe distinguia a origem. Os próprios traços da espécie humana, transmudava-lhos a aparência repulsiva: um tronco desconforme, inchado pelo impaludismo, tomando-lhe a figura toda, em pleno contraste com os braços finos e as pernas esmirradas e tolhiças como as de um feto monstruoso.

Acocorado a um canto, contemplava-nos impassível. Tinha a um lado todos os seus haveres: um cacho de bananas verdes.

Esta cousa indefinível que por analogia cruel sugerida pelas circunstâncias se nos figurou menos um homem que uma bola de caucho ali jogada a esmo, esquecida pelos extratores – respondeu-nos às perguntas num regougo quase extinto e numa língua de todo incompreensível. Por fim, com enorme esforço levantou um braço; estirou-o, lento, para a frente, como a indicar alguma cousa que houvesse seguido para muito longe, para além de todos aqueles matos e rios; e balbuciou, deixando-o cair pesadamente, como se tivesse erguido um grande peso:

"Amigos".

Compreendia-se: amigos, companheiros, sócios dos dias agitados das safras, que tinham partido para aquelas bandas, abandonando-o ali, na solidão absoluta.

Das palavras castelhanas que aprendera restava-lhe aquela única; e o desventurado murmurando-a, com um tocante gesto de saudade, fulminava sem o saber – com um sarcasmo pungentíssimo – os desmandados aventureiros que aquela hora prosseguiam na faina devastadora: abrindo a tiros de carabinas e a golpes de *machetes* novas veredas a seus itinerários revoltos, e desvendando outras paragens ignoradas, onde deixariam, como ali haviam deixado, no desabamento dos casebres ou na figura lastimável do aborígine sacrificado, os únicos frutos de suas lides tumultuárias, de construtores de ruínas.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Judas-Asvero*

No sábado de Aleluia os seringueiros do Alto Purus desforram-se de seus dias tristes. É um desafogo. Ante a concepção rudimentar da vida santificam-se-lhes, nesse dia, todas as maldades. Acreditam numa sanção litúrgica aos máximos deslizes.

Nas alturas, o Homem-Deus, sob o encanto da vinda do filho ressurreto e despeado das insídias humanas, sorri, complacentemente, à alegria feroz que arrebenta cá embaixo. E os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes.

Não tiveram missas solenes, nem procissões luxuosas, nem lava-pés tocantes, nem prédicas comovidas. Toda a semana santa correu-lhes na mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, de meios-jejuns permanentes, de tristezas e de pesares, que lhes parecem uma interminável sexta-feira da Paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo afora.

Alguns recordam que nas paragens nativas, durante aquela quadra fúnebre, se retraem todas as atividades – despovoando-se as ruas, paralisando-se os negócios, ermando-se os caminhos – e que as luzes agonizam nos círios bruxuleantes, e as vozes se amortecem nas rezas e nos retiros, caindo em grande silêncio misterioso sobre as cidades, as vilas e os sertões profundos onde as gentes entristecidas se associam à mágoa prodigiosa de Deus. E consideram, absortos, que esses sete dias

excepcionais, passageiros em toda a parte e em toda a parte adrede estabelecidos a maior realce de outros dias mais numerosos, de felicidade – lhes são, ali, a existência inteira, monótona, obscura, dolorosíssima e anônima, a girar acabrunhadoramente na via dolorosa inalterável, sem princípio e sem fim, do círculo fechado das "estradas". Então pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espessa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver das suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfreqüentados rincões.

Mas não se rebelam, ou blasfemam. O seringueiro rude, ao revés do italiano artista, não abusa da bondade de seu deus desmandando-se em convícios. É mais forte; é mais digno. Resignou-se à desdita. Não murmura. Não reza. As preces ansiosas sobem por vezes ao céu, levando disfarçadamente o travo de um ressentimento contra a divindade; e ele não se queixa. Tem a noção prática, tangível, sem raciocínios, sem diluições metafísicas, maciça e inexorável – um grande peso a esmagar-lhe inteiramente a vida – da fatalidade; e submete-se a ela sem subterfugir na cobardia de um pedido, com os joelhos dobrados. Seria um esforço inútil. Domina-lhe o critério rudimentar uma convicção talvez demasiado objetiva, mais irredutível, a entrar-lhe a todo o instante pelos olhos adentro, assombrando-o: é um excomungado pela própria distância que o afasta dos homens; e os grandes olhos de Deus não podem descer até àqueles brejais, manchando-se. Não lhe vale a pena penitenciar-se, o que é um meio cauteloso de rebelar-se, reclamando uma promoção na escala indefinida da bem-aventurança. Há concorrentes mais felizes, mais bem protegidos, mais numerosos, e o que se lhe figura mais eficaz, mais vistos, nas capelas, nas igrejas, nas catedrais e nas cidades ricas onde se estadeia o fausto do sofrimento uniformizado de preto, ou fugindo na irradiação das lágrimas, e galhardeando tristezas...

Ali – é seguir, impassível e mudo, estoicamente, no grande isolamento da sua desventura.

Além disto, só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entregá-lo, maniatado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem – e este pecado é o seu próprio castigo,

transmudando-lhe a vida numa interminável penitência. O que lhe resta a fazer é desvendá-la e arrancá-la da penumbra das matas, mostrando-a, nuamente, na sua forma apavorante, à humanidade longínqua...

Ora, para isso, a Igreja dá-lhe um emissário sinistro: Judas; e um único dia feliz: o sábado prefixo aos mais santos atentados, às balbúrdias confessáveis, à turbulência mística dos eleitos e à divinização da vingança.

Mas o mostrengo de palha, trivialíssimo, de todos os lugares e de todos os tempos, não lhe basta à missão complexa e grave. Vem batido demais pelos séculos em fora, tão pisoado, tão decaído e tão apedrejado que se tornou vulgar na sua infinita miséria, monopolizando o ódio universal e apequenando-se, mais e mais, diante de tantos que o malquerem.

Faz-se-lhe mister, ao menos, acentuar-lhe as linhas mais vivas e cruéis; e mascarar-lhe no rosto de pano, a laivos de carvão, uma tortura tão trágica, e em tanta maneira próxima de realidade, que o eterno condenado pareça ressuscitar, ao mesmo tempo, que a sua divina vítima, de modo a desafiar uma repulsa mais espontânea e um mais compreensível revide, satisfazendo à saciedade as almas ressentidas dos crentes, com a imagem tanto possível perfeita da sua miséria e das suas agonias terríveis.

E o seringueiro abalança-se a esse prodígio de estatuária, auxiliado pelos filhos pequeninos, que deliram, ruidosos, em risadas, a correrem por toda a banda, em busca das palhas esparsas e da ferragem repulsiva de velhas roupas imprestáveis, encantados com a tarefa funambulesca, que lhes quebra tão de golpe a monotonia tristonha de uma existência invariável e quieta.

O judas faz-se como se fez sempre: um par de calças e uma camisa velha, grosseiramente cosidos, cheios de palhiças e mulambos; braços horizontais, abertos, e pernas em ângulo, sem juntas, sem relevos, sem dobras, aprumando-se, espantadamente, empalado, no centro do terreiro. Por cima uma bola desgraciosa representando a cabeça. É o manequim vulgar, que surge em toda a parte e satisfaz à maioria das gentes. Não basta ao seringueiro. É-lhe apenas o bloco de onde vai tirar a estátua, que é a sua obra-prima, a criação espantosa do seu gênio rude longamente trabalhado de reveses, onde outros talvez distingam traços

admiráveis de uma ironia subtilíssima, mas que é para ele apenas a expressão concreta de uma realidade dolorosa.

E principia, às voltas com a figura disforme: salienta-lhe a afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as órbitas; esbate-lhe a fronte; acentua-lhe os zigomas; e aguça-lhe o queixo, numa massagem cuidadosa e lenta; pinta-lhe as sobrancelhas, e abre-lhe com dois riscos demorados, pacientemente, os olhos, em geral tristes e cheios de um olhar misterioso; desenha-lhe a boca, sombreada de um bigode ralo, de guias decaídas aos cantos. Veste-lhe, depois, umas calças e uma camisa de algodão, ainda servíveis; calça-lhe umas botas velhas, cambadas...

Recua meia dúzia de passos. Contempla-a durante alguns minutos. Estuda-a.

Em torno a filharada, silenciosa agora, queda-se expectante, assistindo ao desdobrar da concepção, que a maravilha.

Volve ao seu homúnculo: retoca-lhe uma pálpebra; aviva um ríctus expressivo na arqueadura do lábio; sombreia-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o; ajeita-lhe melhor a cabeça; arqueia-lhe os braços; repuxa e retifica-lhe as vestes...

Novo recuo, compassado, lento, remirando-o, para apanhar de um lance, numa vista de conjunto, a impressão exata, a síntese de todas aquelas linhas; e renovar a faina com uma pertinácia e uma tortura de artista incontentável. Novos retoques, mais delicados, mais cuidadosos, mais sérios: um tenuíssimo esbatido de sombra, um traço quase imperceptível na boca refegada, uma torção insignificante no pescoço engravatado de trapos...

E o monstro, lento e lento, num transfigurar-se insensível, vai-se tornando em homem. Pelo menos a ilusão é empolgante...

Repentinamente o bronco estatuário tem um gesto mais comovedor do que o *parla!* ansiosíssimo, de Miguel Ângelo; arranca o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça de Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra do seu próprio pai.

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalcando-o cada vez mais ao plano inferior da

vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram.

Isto, porém, não lhe satisfaz. A imagem material da sua desdita não deve permanecer inútil num exíguo terreiro de barraca, afogada na espessura impenetrável, que furta o quadro de suas mágoas, perpetuamente anônimas, aos próprios olhos de Deus. O rio que lhe passa à porta é uma estrada para toda a terra. Que a terra toda contemple o seu infortúnio, o seu exaspero cruciante, a sua desvalia, o seu aniquilamento iníquo, exteriorizados, golpeantemente, e propalados por um estranho e mudo pregoeiro...

Embaixo, adrede construída, desde a véspera, vê-se uma jangada de quatro paus boiantes, rijamente travejados. Aguarda o viajante macabro. Condu-lo, prestes, para lá, arrastando-o em descida, pelo viés dos barrancos avergoados de enxurros.

A breve trecho a figura demoníaca apruma-se, especada, à popa da embarcação ligeira.

Faz-lhe os últimos reparos: arranca-lhe ainda uma vez as vestes; arruma-lhe às costas um saco cheio de ciscalho e pedras; mete-lhe à cintura alguma inútil pistola enferrujada, sem fechos, ou um caxenrenguengue gasto; e fazendo-lhe curiosas recomendações, ou dando-lhe os mais singulares conselhos, impele, ao cabo, a jangada fantástica para o fio da corrente. E Judas feito Asvero vai avançando vagarosamente para o meio do rio. Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles, aquele bota-fora. As balas chofram a superfície líquida, eriçando-a; cravam-se na embarcação, lascando-a; atingem o tripulante espantoso; trespassam-no. Ele vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros, indeciso, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até reavivar no sentido geral da correnteza. E a figura stdesgraciosa, trágica, arrepiadoramente burlesca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, defasiando maldições e risadas, lá se vai na lúgubre viagem sem destino e sem fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em todas as voltas, à mercê das correntezas, "de bubuia" sobre as grandes águas.

Não pára mais. À medida que avança, o espantalho errante vai espalhando em roda a desolação e o terror; as aves retransidas de

medo, acolhem-se, mudas, ao recesso das frondes; os pesados anfíbios mergulham, cautos, nas profunduras, espavoridos por aquela sombra que ao cair das tardes e ao subir das manhãs se desata estirando-se, lutuosamente, pela superfície do rio; os homens correm às armas e numa fúria recortada de espantos, fazendo o "pelo-sinal" e aperrando os gatilhos, alvejam-no desapiedadamente.

Não defronta a mais pobre barraca sem receber uma descarga rolante e um apedrejamento.

As balas esfuziam-lhe em torno; varam-no; as águas, zimbradas pelas pedras encrespam-se em círculos ondeantes; a jangada balança; e, acompanhando-lhe os movimentos, agitam-se-lhe os braços e ele parece agradecer em canhestras mesuras as manifestações rancorosas em que tempesteiam tiros, e gritos, sarcasmos pungentes e esconjuros e sobre tudo maldições que revivem na palavra descansada dos matutos, este eco de um anátema vibrado há vinte séculos:

– Caminha, desgraçado!

Caminha. Não pára. Afasta-se no volver das águas. Livra-se dos perseguidores. Desliza, em silêncio, por um "estirão" retilíneo e longo; contorneia a arquadura suavíssima de uma praia deserta. De súbito, no vencer uma volta, outra habitação; mulheres e crianças, que ele surpreende à beira-rio, a subirem, desabaladamente, pela barranca acima, desandando em prantos e clamor. E logo depois, do alto, o espingardeamento, as pedradas, os convícios, os remoques.

Dois ou três minutos de alaridos e tumulto, até que o judeu errante se forre ao alcance máximo da trajetória dos rifles, descendo...

E vai descendo, descendo... por fim não segue mais isolado. Aliam-se-lhe na estrada dolorosa outros sócios de infortúnio; outros aleijões apavorantes sobre as mesmas jangadas diminutas entregues ao acaso das correntes, surgindo de todos os lados, vários no aspeito e nos gestos: ora muito rijos, amarrados aos postes que os sustentam, ora em desengonços, desequilibrando-se aos menores balanços, atrapalhadamente, como ébrios; ou fatídicos, braços alçados, ameaçadores, amaldiçoando; outros humílimos, acurvados num acabrunhamento profundo; e por vezes, mais deploráveis, os que se divisam à ponta de uma corda amarrada no extremo do mastro esguio e recurvo, a balouçarem, enforcados...

Passam todos aos pares, ou em filas, descendo, descendo vagarosamente...

Às vezes o rio alarga-se num imenso círculo; remansa-se; a sua corrente torce-se e vai em giros muito lentos perlongando as margens, traçando a espiral amplíssima de um redemoinho imperceptível e traiçoeiro. Os fantasmas vagabundos penetram nestes amplos recintos de águas mortas, rebalçadas; e estacam por momentos. Ajuntam-se. Rodeiam-se em lentas e silenciosas revistas. Misturam-se. Cruzam então pela primeira vez os olhares imóveis e falsos de seus olhos fingidos; e baralham-se-lhes numa agitação revolta os gestos paralisados e as estátuas rígidas. Há a ilusão de um estupendo tumulto sem ruídos e de um estranho conciliábulo, agitadíssimo, travando-se em segredos, num abafamento de vozes inaudíveis.

Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos – lá se vão, em filas, um a um, vagarosamente, processionalmente, rio abaixo, descendo...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## "Brasileiros"*

O Peru tem duas histórias fundamentalmente distintas. Uma, a do comum dos livros, teatral e ruidosa, reduz-se ao romance rocambolesco dos marechais instantâneos dos pronunciamentos. A outra é obscura e fecunda. Desdobra-se no deserto. É mais comovente; é mais grave; é mais ampla. Prolonga, noutros cenários, as tradições gloriosas das lutas da Independência; e veio até aos nossos dias tão impartível e sem hiatos, apesar de seus aspectos variáveis, que pode acapitular-se sob o título único, geralmente adotado pelos melhores publicistas daquela República: *El problema del Oriente*.

A designação é perfeita. Trata-se de assunto rigorosamente positivo a resolver.

Ao peruano não lho impuseram maciços argumentos de sociólogos ou a intuição feliz de um estadista, senão o próprio empuxo material do meio. Constrangida numa fita de terrenos adustos entre as cordilheiras e o mar, onde acampara durante três séculos iludida pelo fausto dos "conquistadores" e dos vice-reis, a nacionalidade, maior herdeira das virtudes e dos vícios por igual notáveis da Espanha cavalheiresca e decaída do século XVII, compreendeu afinal, pelo simples instinto da

---

* *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1907.

defesa, a necessidade imperiosa de abandonar a clausura isolante que a seqüestrava todo o resto da Terra.

E começou a transmontar os Andes...

Fora longo recontar a sua hégira para o levante, nas investidas sucessivas por cinco penosíssimas estradas desesperadoramente retorcidas no boleado das serras, empinando-se em ladeiras altas de milhares de metros, e unindo os portos do litoral entre Mollendo e Paita às paragens apetecidas da *montaña* na extrema orla amazônica expandida do pongo de Manseriche às *hurmanas* acachoantes do Urubamba.

Baste-nos notar que depois de transposta a última cordilheira do oriente e atingida a bacia do Ucaiali, pôs-se de manifesto aos seus mais incuriosos pioneiros, a par da exuberância do vale maravilhoso capaz de regenerar-lhes a nacionalidade exausta, uma anomalia física oriunda dos relevos orográficos ali predominantes: a melhor porção do país entre os que mais se afiguram ribeirinhos do Pacífico, tem como único e verdadeiro mar, capaz de consorciá-la pelo intercâmbio comercial à civilização longínqua, o Atlântico, que se lhe prende graças aos três longos sulcos desimpedidos do Purus, do Juruá e do Ucaiali.

Nenhum milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem. A linha férrea de Oroya e as que se lhe emparelham nas ousadias do traçado – tornejando escarpas a pique, enfiando em túneis afogados nas nuvens, e correndo em viadutos alcandorados nos abismos – não criarão sistemas de comunicações mais práticas e seguras.

As suas condições técnicas excepcionais, industrialmente desastrosas, tornam-nas para sempre impropriadas a transportarem, sem fretes excessivos, os produtos do Oriente, ainda quando a abertura do canal de Panamá dispense, mais tarde, a longa travessia contorneante do Cabo Horn.

Assim, a saída para o Atlântico, pelo Amazonas e seus tributários de sudoeste, se tornou a primeira solução claríssima do problema. E nas paragens novas, erigidas administrativamente no atual Departamento de Loreto, começou para logo um intensivo trabalho de domínio, que persiste, crescente, em nossos dias.

Abriram-se caminhos demandando a opulenta zona fluvial; planearam-se, a despeito de sucessivos malogros, colônias militares e agrícolas; reatou-se, na revivescência das missões apostólicas, a tradição

admirável dos jesuítas de Mainas; engenhou-se uma vasta regulamentação de terras; construiu-se o porto de Iquitos, e, para aviventar o povoamento, aboliram-se todos os impostos, agindo o homem aforradamente na terra feracíssima. Ao mesmo tempo as expedições geográficas, iniciadas em 1834 por P. Beltran e W. Smith, em que tanto se ilustraram depois F. de Castelnau, Faustino Maldonado, A. Raimondi, John Tucker e hoje G. Stiglich, rumaram a todos os quadrantes, ininterruptas e pertinazes, na tarefa complexa que era uma espécie de levantamento expedito de uma nova pátria.

Aos caudilhos irrequietos contrapuseram-se os exploradores tranqüilos. No litoral revolto pelas sedições e guerrilhas sistematizava-se a incapacidade crônica dos governos revolucionários, e, derrancados os melhores estímulos da recente campanha pela liberdade, os bravos salteadores do poder desmandavam-se num militarismo pernicioso que ali, como em toda parte, era a fraqueza irritável da nação enferma. Nos desertos floridos da *montaña* – ao arrepio ou à feição dos rios ignorados, remoinhando nos giros estonteantes das *muyunas*, canoas despedidas, de frecha, nas *correntadas* célebres dos pongos, ou embatendo nas travancas abruptas das cachoeiras – os geógrafos, os prefeitos e os missionários demarcavam novos cenários à pátria regenerada e, apurando em tirocínio de perigos os mais nobres atributos da sua raça, reconstruíam o caráter nacional que se abatera, e davam àqueles rumos, secamente definidos por traçados geométricos, um prolongamento inesperado na História.

Porque o problema do Oriente, afinal, incluía nas suas numerosas incógnitas os destinos do Peru inteiro.[7]

Reconheciam-nos os próprios caudilhos esmaniados. Não raro no estavanado e vacilante de seus atos, entre dois fuzilamentos ou entre dois combates, acertavam de considerar por momentos as paragens insistentemente aneladas, e muitos deles, de golpe, transfiguravam-se patenteando lúcidos descortinos de estadistas.

A este propósito poderiam citar-se numerosos casos delatores da política bifronte, do mesmo passo reconstituinte e demolidora, que

---

7 Es evidente que, en el fondo de este asunto hay una necesidad imperiosa de la república... los destinos del Perú no puedem ser cumplidos sin el dominio de esa zona (Dr. Y. Capelo, *Exposición Histórica de la Vía Central,* 1898).

com o rigorismo de um decalque retrata na ordem moral do Peru o contraste físico entre o ocidente obscurecido, onde as energias se quebrantam malignadas pela histeria emocional epidêmica dos pronunciamentos – e o levante resplandecente, onde alvorecem as esperanças renascidas.

Aponte-se um exemplo.

Em 1841 a República estava a pique das maiores catástrofes. Imperava D. Agustín Gamarra. Aquele zambo cesariano refletia nos atos tumultuários os desequilíbrios de seu temperamento instável, de mestiço, ferrotoado dos temores e das impaciências de um prestígio improvisado, à ventura, nos sobressaltos das guerrilhas.

O seu governo – governo de quem inaugurou no Peru o regímen das deposições apeando o virtuoso La Mar – foi naturalmente agitadíssimo. O restaurador imposto pelas armas dos chilenos, De Bulnes, sobre os destroços da efêmera confederação peru-boliviana, assediado pelas ambições contrariadas, pelas exigências dos condutícios incontestáveis e pelas ameaças dos conspiradores recidivos, tonteava na vertigem daquela eminência, onde chegara desprendendo-se da parceria dos *cholos* e pisoando todos os melindres aristocráticos da terra que sobre todas herdara a sobranceria tradicional da Espanha. Nas conjunturas prementes dependeu-lhe, por vezes, a fortuna, até do gesto de uma mulher – a sua própria esposa, amazona gentilmente heróica, que não raro travando de uma espada e precipitando-se, à espora feita, a cavalo, pelo campo das manobras ou no mais aceso dos combates, ia eletrizar com a presença encantadora os coronéis embevecidos e os regimentos vacilantes...

Assim não se poderiam exigir à vida em tanta maneira perturbada e romântica, daquele presidente, ponderosas medidas administrativas. Acompanhamo-la apenas com o interesse artístico de quem segue a urdidura de imaginosa novela sulcada de episódios alarmantes, ou dramáticos, até desfechar no sacrifício, inútil e glorioso, do protagonista, sucumbindo sob uma carga furiosa dos lanceiros bolivianos nas esplanadas de Viacho...

Mas no volver de uma das páginas salteia-nos esta surpresa:

*El ciudadano Agustín Gamarra – Gran mariscal restaurador del Perú, benemérito a la pátria en grado heroico y eminente, etc.*

*Considerando que para promover la navegación por vapor en el río de Amazonas y sus confluentes es necesario proporcionar facilidades y ventajas que indemnicen a los empresarios...*
*Decreta: 1º Se concede al ciudadano brasilero D. Antonio Marcelino Pereira Ribeiro el privilegio exclusivo de navegar por buques de vapor en el río Amazonas, en la parte que corresponde al Perú y todos sus afluentes.*
*... 3º Los buques de vapor llevarán el pabellón brasilero...*
*Dada en la casa de Gobierno de Lima a 6 de Julio de 1841.*[8]

Este decreto, extratado nos trechos principais, inculca ao mesmo tempo o caudilho, no recacho presuntuoso que lhe emprestam aqueles adjetivos e substantivos constrangidos a escoltarem-lhe o nome, e o governante, que primeiro traçou aos seus patrícios a marcha regeneradora para o oriente. Mas não o reproduzimos apenas para realce dos aspectos contrariantes da história peruana; senão também para destacar aquela figura de brasileiro, que seria inexpressiva se não constituísse o primeiro termo de uma série de compatriotas obscuros, erradios dos nossos fastos e elegendo-se por atos memoráveis entre os melhores servidores da nação vizinha.

De fato, à medida que se rastreia a marcha peruana para o levante, exposta em todos os seus pormenores, miudeada em regulamentos, em decretos, em circulares e em ofícios – porque é a suprema preocupação política, militar e administrativa do Peru – observa-se nas referências obrigatórias e incisivas ao elemento brasileiro, o intercurso de uma outra avançada obscura, mas vigorosa, e contrapondo-se-lhe numa expansão tão enérgica, para o ocidente, que com os seus efeitos a despontarem de longe em longe, precisamente nos períodos mais decisivos da primeira, se restauraria todo um capítulo da nossa história, que se perdeu ou se fracionou despercebido à visão embotada dos cronistas, para ressurgir agora, esparso em fragmentos surpreendentes, nas entrelinhas da história de outro povo.

É o que demonstram outros casos, entre nós inéditos. Apontemo-los de relance.

No período abrangido pelos governos do austero Marechal Castilla, as explorações prosseguiram. Castelnau desceu das cabeceiras do

8 *El Peruano*. Tomo VIII, n. 9

Urubamba às ribas do Amazonas; Maldonado imortalizou-se descobrindo, numa excursão temerária, a nova estrada para o Atlântico ajustada ao sulco desmedido do Madre-de-Dios; e Raimondi desvendou os tesouros da Mesopotâmia de 16.000 léguas quadradas de terras exuberantes, interferidas pelos cursos do Huallaga e do Ucaiali. Por fim, Montferrir calculou, rigorosamente, as riquezas da Canaã vastíssima: 50.000.000 de hectares, valendo o mínimo de meio bilhão de pesos.

A aritmética tornava-se quase lírica nesta dilatação de números maravilhosos.

As medidas governamentais do grande marechal tiveram para logo o alento dos mais enérgicos estímulos patrióticos, a par do anseio da fortuna dos mais desassombrados aventureiros.

Os peruanos, iludidos durante largo tempo no litoral estéril, viam pela primeira vez o Novo Mundo. E a conquista da terra, numa de suas fases mais agudas, desenrolou-se em toda a plenitude.

Então, contravindo a tantas esperanças sob o amparo das mais lúcidas resoluções governativas – leis, regulamentos e decretos enfeixando-se num volumoso compêndio de administração fecunda e militante – principiou uma fase desalentadora de brilhantes tentativas abortícias.

As colônias planeadas, e para logo erigidas, espelhavam por algum tempo naqueles rincões solitários a fantasmagoria de um progresso artificial: e extinguiam-se prestes. Já em 1854 o governo do Loreto, *pueblo* obscuro cujo nome irradia hoje abrangendo aqueles lugares, ao informar do estado de duas colonizações sucessivas que ali se estabeleceram, centralizadas em Caballo-Cocha, próximas à fronteira do Brasil, indicava-se completamente extintas. E idênticos malogros generalizavam-se por toda a banda.

Eram naturais. As vagas humanas nas paragens virgens não se aquietam de súbito. Caracterizava-se nos primeiros estádios a instabilidade inevitável imposta pela própria força viva adquirida no movimento da marcha. Precedendo ao equilíbrio das culturas, surge a pesquisa dos frutos ou das riquezas imediatas, como a permitir aos recém-vindos, na vida errante das colheitas, dos garimpos, dos pastorejos ou das caçadas, um reconhecimento imprescindível de seu novo *habitat,* antes da escolha de uma situação de descanso.

É a eterna função social do nomadismo, que mesmo no Peru já se manifestara na azáfama devastadora dos *cascarileros,* desvendando as paragens ignotas que vão dos cerros de Carabaya às vertentes mais afastadas do Beni.

Este incentivo, porém, ali, estava extinto.

Por aquele tempo, um tenaz explorador, Marckam, comissionado pelo Governo inglês, andava nas regiões da *quina calysaia;* e conseguira transplantar tão prontamente para as Índias aquele elemento da fortuna peruana que, já em 1862, mais de quatro milhões de árvores, em Darjeenling, com a produção extraordinária de 370 toneladas de quinino, iniciavam uma concorrência triunfante no primeiro assalto. Deste modo, as paragens tão ansiosamente apetecidas mostravam-se, ante os novos povoadores, desnudas desses recursos que em toda a parte se figuram adrede predispostos a que não se desinfluam as esperanças sempre exageradas dos que emigram.

Não lhes bastariam, certo as *bombanajes* para os chapéus de palha oriundos da indústria graciosa das mulheres de Moyobamba, ou os cascalhos auríferos das vertentes do Pastaza guardadas pelos huambizas ferocíssimos.

Assim, todos os atos e magníficos decretos, e lúcidos regulamentos, e generosas concessões de terras, do último governo de Castilla, desfechariam nos mais lastimáveis insucessos se, precisamente na derradeira quadra da sua presidência, e no mesmo ano (1862) em que a cultura indiana na quina arrebatava daqueles desertos o seu maior atrativo – um anônimo, um outro imortal humílimo evadido da nossa história, não aparecesse, eclipsando de golpe os mais imponentes lances administrativos e oferecendo aos peruanos o reagente enérgico que os alentaria até aos nossos dias na rota da Amazônia.

Um brasileiro descobriu o caucho; ou, pelo menos, instituiu ali a indústria extrativa correspondente.

No reconstruir esse trecho da nossa história, que versado mais tarde por um historiador merecerá o título de *Expansão Brasileira na Amazônia,* não vamos desacompanhados.

Diz-nos um narrador sincero:[9]

9 J. Wilkens de Matos, *Dicionário Topográfico do Departamento de Loreto.* Páginas 30 e 31. Pará, 1874.

> Antes do ano de 1862, não tinha ainda sido explorada a incalculável riqueza da goma elástica... Depois da entrada de alguns brasileiros para o território do departamento, principalmente do laborioso José Joaquim Ribeiro, começou este rico produto a figurar no catálogo dos que o departamento exporta para o Brasil. A primeira quantidade exportada foi de 2.088 quilogramas, produto dos ensaios daquele brasileiro que muito teria contribuído para o desenvolvimento dessa indústria, se ao iniciá-la não encontrasse contrariedades nascidas do cupidismo de alguns agentes subalternos que contra ele exerceram todos os ardis...

Não comentemos o desquerer das autoridades peruanas. Era antigo. Desde 1811 o reportado D. Manuel Ijurra denunciava

> *los brasileiros más próximos al Perú que tiemen la bárbara costumbre de armar expediciones militares con objeto de hacer correrías sobre los indios Maynas, atropelando muchas veces las autoridades...*

ou apresentava como

> *absolutos monopolizadores del comercio de importación ó exportación.*[10]

Cinco anos depois, em ofício alarmante, o Subprefeito de Mayanas solicitava providências urgentíssimas.

> *al intuito de que los Brasileiros moradores de Caballo-Cocha, salgam fuera de esta provincia, se buenamente no quieren, por la fuerza;*

e pintava-os laivando-os dos mais denegridos estigmas. Por fim o Governador-Geral das Missões (1849) determinou se exigissem passaportes de todos os brasileiros que lá entrassem, gaguejando num castelhano emperrado esta razão curiosíssima:

> *que no se experimentaba provecho alguno en estos negociantes del Brasil; ni menos hay bayonetas com que poder conterlos; hacen lo que quieren metiéndose por los rios, extraiendo zarza, manteca, salado e otras especies..*.[11]

Não prossigamos.

Adivinha-se nestas linhas, que poderiam ser prolongadas, a invasão formidável que se alastrava avassaladora para o ocidente, desafiando os ódios do estrangeiro; espraiando-se pelo vale do grande rio, por Loreto, Caballo-Cocha, Moremote, Perenate, Iquitos, até Nauta, na embocadura do Ucaiali; subindo pelo Ucaiali em fora até além do Pachitea; e deixando nos mais vários pontos, nos sítios numerosos, nas trilhas coleantes do deserto, e até nos costumes ainda persistentes, os traços indeléveis da passagem.

---

10 M. Ijurra. *Resumen de los Viajes e las Montañas de Maynas. 1811-1815.*

11 *Colección de Leyes, Decretos etc., referentes al departamento de Loreto.* Tomos V (p. 198) e VII (p. 5).

Se a historiássemos contraporíamos às verrinas oficiais dos subprefeitos apavorados, cujos dizeres se pejoravam à medida que progredia aquela surda conquista do solo, os próprios conceitos de Antonio Raimondi. Mas aquele belo tipo de Joaquim Ribeiro, que em 1868 o maior naturalista peruano foi encontrar nas margens do Itaya possuindo as melhores fazendas do departamento, concretiza uma réplica irrefragável. Não o pearam tão pequenino empeços. Criada a indústria extrativa, a exportação da borracha a partir de 1871 erigiu-se preeminente entre as dos demais produtos de Loreto. E as turmas dos extratores, sem nenhuns amparos oficiais, rompendo espontâneas de toda a parte e arremetentes com as mais desfreqüentadas espessuras, ultimaram em pouco tempo a empresa quase secular tantas vezes cindida de reveses.

Desvendou-se todo o Oriente.

Mas há um reverso no quadro.

A exploração do caucho como a praticam os peruanos, derribando as árvores, e passando sempre à cata de novas "canchas" de castiloas ainda não conhecidas, em nomadismo profissional interminável, que os leva à prática de todos os atentados nos recontros inevitáveis com os aborígines – acarreta a desorganização sistemática da sociedade. O caucheiro, eterno caçador de territórios, não tem pega sobre a terra. Nessa atividade primitiva apuram-se-lhe, exclusivos, os atributos da astúcia, da agilidade e da força. Por fim, um bárbaro individualismo. Há uma involução lastimável no homem perpetuamente arredio dos povoados, errante de rio em rio, de espessura em espessura, sempre em busca de uma mata virgem onde se oculte ou se homizie como um foragido da civilização.

A sua passagem foi nefasta. Ao cabo de 30 anos de povoamento, as margens do Ucaiali tão nobilitadas outrora pela abnegação dos missionários de SaraIaco, patenteiam, hoje, nos seus vilarejos diminutos, uma decadência moral indescritível.

O Coronel Pedro Portillo, atual prefeito de Loreto, que as visitou em 1899, denunciou-a, indignado: *"Alli no hay ley... El más fuerte, que tiene más rifles, es el dueño de la justicia."* Verberou depois o tráfico escandaloso

de escravos...[12] E, afinados pelo mesmo tom, um sem-número de outros excursionistas, que fora longo citar, delatam, em narrativas expressivas, o regímen de tropelias que se normalizou naquelas terras – e se amplia seguindo os rastros do homem que passa pelo deserto com o só efeito de barbarizar a própria barbaria.

Ora, na paciência dos inconvenientes desta exploração, que, entretanto, determinou o pleno desdobramento de seu domínio no oriente, o Governo peruano nunca renunciou ao seu primitivo propósito de uma colonização intensiva. E para ao mesmo tempo garantir o tráfego do melhor caminho para o amazonas, pelo Ucaiali, que vai da estação *terminus* de Oroya aos tributários principais do Pachitea, estabeleceu em 1857, à margem de um deles, o rio Pozuzo, a colônia alemã, que sobre todas lhe monopolizou os cuidados e uma solicitude nunca interrompida.

Realmente, a situação era admirável. À média distância de Iquitos, próxima aos afluentes navegáveis do Ucaiali e num solo exuberante, o núcleo estabelecido era, militar e administrativamente, o mais firme ponto estratégico daquele combate com o deserto, justificando-se os esforços e extraordinárias despesas que se fizeram para um rápido desenvolvimento, que as melhores condições naturais favoreciam.

Mas não lhe vingou o plano. A exemplo do que acontecera em Loreto, os novos povoadores, embora mais persistentes, anulavam-se, estéreis. A colônia paralisara-se, tolhiça, entre os esplendores da floresta. Reduziu-se a culturas rudimentares que mal lhe satisfaziam o consumo. E o progresso demográfico, quase insensível, retratava-se num prole linfática, em que o rijo arcabouço prussiano se engelhava na envergadura esmirrada do quíchua. Ao visitá-la, em 1870, o Prefeito de Huánuco, Coronel Vizcarra, quedou atônito e comovido: os colonos apresentaram-se-lhe andrajosos e famintos, pedindo-lhe pão e vestes para velarem a nudez. O romântico D. Manuel Pinzás, que descreveu a viagem, pinta-nos em longos períodos soluçantes os lances daquele *cuadro desgarrador!,* suspendendo-o em dois rijos pontos de admiração.[13]

---

12 *Colección de Leyes,* tomo III, p. 506.

13 D. Manuel J. Pinzás. *Diario de la Exploración de los Ríos Palcazu, Matro y Pachitea.* Huanaco, 1870.

Viu-o ainda, passado um lustre, com as mesmas cores sombrias, o Dr. Santiago Tavara, ao descrever a primeira viagem do Almirante Tucker.

Por fim, transcorridos trinta anos, o Coronel P. Portillo na sua rota do Ucaiali teve notícias certas do núcleo povoador: era uma Tebaida aterradora. Lá dentro os primitivos colonos e seus rebentos degenerados, agitavam-se vítimas de um fanatismo irremediável, na mandria dolorosa das penitências, a rezarem, a desfiarem rosários e a entoarem umas ladainhas intermináveis numa concorrência escandalosa com os guaribas da floresta.[14]

Ora, o excursionista, que é hoje um dos mais lúcidos políticos peruanos, para agravar-se-lhe o desapontamento ante este malogro completo da colônia predileta da sua terra, tivera dias antes, ao passar em Puerto Victoria, na confluência do Pichis e do Palcazu, formadores do Pachitea, um espetáculo completamente diverso. De fato, Puerto Victoria surgira e desenvolvera-se, tornando-se a estância mais animada e opulenta daquela redondeza, sem que o Governo peruano soubesse ao menos do seu aparecimento.

Jamais cogitara em povoar aquele trecho.

A paragem era malsinada. Rodeavam-na os mais bravios entre os selvagem sul-americanos: os *campas* do Pajonal, ao sul, e ao norte os *cashibos* indomáveis, que em 1866 haviam trucidado em *Chonta-Isla,* que lhe demora a jusante, os oficiais de marinha Tavara e West. O Prefeito Benito Araña, que ali andara naquele mesmo ano, fora, em som de guerra, com dois vapores e uma lancha artilhada, em revide àquela afronta sangüinolenta. Saltou em terra; meteu-se pela mata; travou pequeninos recontros em formidáveis tiroteios; volveu num triunfo singularíssimo, encalçado de perto pelos selvagens, que o fechavam; embarcou no tumulto da sua gente vitoriosa, e fugindo; canhoneou furiosamente as barrancas; volveu, precípite, águas abaixo, deixando na *Playa del Castigo* um traço romanesco da sua empresa tormentosa...

E durante três decênios a região sinistra permaneceu no isolamento que lhe criavam as gentes apavoradas...

---

14 *Colección de Leyes*. T. III, p. 531.

Até que, provindos do ocidente e vencendo à voga arrancada nas ubás esguias as correntezas fortes do Pachitea, atravessaram-na de extremo a extremo e foram abordar na confluência do Pichis alguns aventureiros destemerosos.

Eram uns caboclos entroncados, de tez morena e baça, e musculatura seca e poderosa. Não eram caucheiros. A palavra remorada não lhes vibrava na fanfarrice ruidosa. Ao invés de um *tambo* improvisaram um tejupar mal-arranjado. Não se armaram do *cuchillo,* misto de punhal e de navalha. Pendiam-lhes à cintura as *facas de arrasto,* longas como as espadas.

Aperceberam-se sem ruídos para a empresa e penetraram, vagarosamente, na floresta...

Não se conhecem as peripécias da entrada temerária, que foram sem dúvida excepcionalmente dramáticas. Os *cashibos* têm no próprio nome a legenda da sua ferocidade. *Cashi,* morcego; *bo,* semelhante. Figuradamente: sugadores de sangue. Ainda nos seus raros momentos de jovialidade aqueles bárbaros assustam, quando o riso lhes descobre os dentes retintos do sumo negro da palmeira chonta; ou estiram-se de bruços, acaroados com o chão, as bocas junto à terra, ululando longamente as notas demoradas de uma melopéia selvagem.

Atravessaram, indenes na bruteza, trezentos anos de catequese; e são ainda a tribo mais bravia do vale do Ucaiali.

Mas ao que se figura não pulsearam com vantagem o vigor nos novos pioneiros.

É que o bárbaro sangüinário tinha pela frente, enterreirando-o, um adversário mais temeroso, o jagunço.

Os recém-vindos eram brasileiros do Norte; e o seu patrão, Pedro C. de Oliveira, mais um modelo de lidador obscuro aparecendo em lances de fecundas iniciativas entre os acontecimentos de uma história estranha. Para aquilatar-se-lhe a valia, observemos de relance que em janeiro de 1990 foi nomeado, apesar da sua nacionalidade, governador de toda a zona que o seu barracão centralizava.[15]

O Coronel Portillo, que ali o deparou agasalhado sincero sem o pregão de rasgados oferecimentos, tão característicos da nossa *gens* obscura,

15 *Registro Oficial del Departamento de Loreto.* Página 10. Ano 1900.

trai em todos os conceitos que emitiu no seu relatório – desde o primeiro dia até despedir-se da muy estimable familia del señor Oliveira, o encanto que lhe causou a estância animadíssima no centro de suas culturas fartas, e inteligentemente tocada com as numerosas vivendas circulantes no alto da barraca, a prumo sobre a margem esquerda do rio, que se alcançava subindo uma longa escadaria resistente e tosca. Cativaram-no, sobretudo, os valentes tranqüilos que se lhe mostraram modestíssimos em pleno triunfo sobre a barbaria e a terra. Por fim, à sua visão esclarecida não escapou que aquele forasteiro, sem um decreto e sem uma subvenção, resolvera o problema colimado pelo governo de seu país, fundando no lugar mais conveniente a estação garantidora da "Via central" demandando a Amazônia. Disse-o nuamente: Porto Victoria era o lugar mais apropriado para a guarnição militar e alfândega que protegessem a importação e exportação da colônia de Chanchamayo, norte de Pajonal, Tarma e *montañas* do Palcazu, Mantro e Pozuzo.

Concluiu:

> *La casa de Oliveira debe ser tomada por el Supremo Gobierno como la más aparente para las oficinas de la capitanía, aduana e comandancia militar.*

Foi aceito o alvitre. Um decreto do Presidente Piérola ordenou a demarcação de "Puerto Victoria" para estabelecer-se a *comisaría* destinada a proteger os colonizadores daquelas terras; e num grande ciúme da situação vantajosa adquirida revelou o intento de uma posse exclusiva *no consintiendo, alli en el radio de un quilómetro, poblador alguno.*[16]

O Peru conseguiria realmente uma estação fluvial admirável. E os brasileiros retiraram-se.

Passaram cinco anos.

Em 1905 um *touriste* parisiense, J. Delebecque, desceu o Pachitea, em viagem para o Amazonas, e não notaria a estância outrora florescente se não o acompanhassem alguns índios mansos conhecedores dos lugares.[17]

---

16 *La Montaña.* 1889.

17 Delebecque. *A Travers l'Amérique du Sud.* 1907.

No alto da barranca, que os enxurros solapavam, viam-se apenas alguns tetos abatidos e restos de culturas afogadas num carrascal bravio.

O porto era uma ruína.

O viajante ali permaneceu por algumas horas a fim de secar as suas roupas encharcadas ao calor de uma fogueira feita com as portas desquiciadas e ombreiras vacilantes das vivendas, consoante praticam todos os que por ali passam na travessia de Iquitos; e considerou, melancolicamente, que daquele jeito "Puerto Victoria" seria em breve apenas uma recordação.

Depois abalou rio abaixo, a toda a voga, fugindo da paragem que se ermara no mais completo abandono...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *A Transacriana*

A Carta da Amazônia, no trato que demora ao ocidente do Madeira, é o diagrama de seu povoamento inicial. A história da paragem nova, antes de escrever-se, desenha-se. Não se lê, vê-se. Resume-se nos longos e tortuosos riscos do Purus, do Juruá e do Javari.

São linhas naturais de comunicação a que nenhuma se emparelha no favorecer um dilatado domínio. Geometricamente, os seus *thalwegs,* rumados no sentido geral de S.O. para N.E., num quase paralelismo, oblíquos aos meridianos, facultam avançamentos simultâneos em latitude e em longitude; sob o aspecto físico à parte os entraves artificiais oriundos do abandono em que jazem, estiram-se de todo desimpedidos. Travam-se-lhes os mais privilegiados requisitos. Na grande maioria dos rios amazônicos e sobretudo no vale do Ucaiali, os empeços naturais acumulam-se ao ponto de originarem estranhos termos geográficos. Neles não há citar-se um só. Nem *pongos* vertiginosos, nem despenhadas *hurmanas,* nem *muyunas* remoinhantes ou *vueltas del diablo* desesperadores...

Daí essa expressiva conseqüência histórica: enquanto no Tocantins, no Tapajós, no Madeira e no Rio Negro o povoamento, iniciado desde os tempos coloniais, se entorpeceu ou retrogradou, retratando-se na ruinaria dos vilarejos a caírem com as barrancas solapadas; ali,

ajustando-se-lhes às margens, progrediu tão de improviso que determinou, em menos de cinqüenta anos, uma dilatação de fronteiras.

Era inevitável. O forasteiro, ao penetrar o Purus ou o Juruá, não carecia de excepcionais recursos à empresa. Uma canoa maneira e um varejão, ou um remo, aparelhavam-no às mais espantosas viagens. O rio carregava-o; guiava-o; protegendo-o. Restava-lhe o só esforço de colher à ourela das matas marginais as especiarias valiosas; atestar com elas os seus barcos primitivos e volver águas abaixo – dormindo em cima da fortuna adquirida sem trabalho. A terra farta, mercê duma armazenagem milenária de riquezas, excluía a cultura. Abria-se-lhe em avenidas fluviais maravilhosas. Impôs-lhe a tarefa exclusiva das colheitas. Por fim tornou-lhe lógico o nomadismo.

O nome de "montaria", da sua ubá aligeirada é extremamente expressivo. Ela o ajustou àquelas solidões de nível, como o cavalo adaptou o tártaro às estepes. Esta diferença apenas: ao passo que o calmuco tem nos infinitos pontos do horizonte infinitos rumos atraindo-o ao nomadismo irradiante à roda da sua *yurte,* que ao mudar-se se afigura imóvel no círculo indefinido das planuras – o jacumaúba amazonense, subordinado a roteiros lineares, adscrito a direções imutáveis, ficou largo tempo constrangido entre as barrancas dos rios. Mal poderia libertar-se em desvios de poucas léguas pelos sulcos laterais dos tributários. Ao invés do que se acredita, aquelas redes hidrográficas, entretecidas de malhas tão contínuas, não misturam as águas das caudais diversas em largas anastomoses, insinuando-se pelas imperceptíveis linhas de vertentes abatidas nas planícies encharcadas. O Paranamirim volve sempre ao leito principal de onde se esgalhou, e o igarapé acaba no lago que ele alimentou nas cheias para que o alimente nas vazantes, correndo em sentidos opostos consoante as estações; ou extingue-se, ampliando-se nos planos empantanados escondidos pela flórula anfíbia dos igapós inextricáveis de lianas. Entre um curso d'água e outro, a faixa da floresta substitui a montanha que não existe. É um isolador. Separa. E subdividiu, de fato, em longos caminhos isolados, as massas povoadoras que demandavam aquela zona.

Viu-se então, de par com primitivas condições tão favoráveis, este reverso: o homem, em vez de senhorear a terra, escraviza-se ao rio. O povoamento não se expandia: estirava-se. Progredia em longas filas,

ou volvia sobre si mesmo sem deixar os sulcos em que se encaixa – tendendo a imobilizar-se na aparência de um progresso ilusório, de recuos e avançadas, do aventureiro que parte, penetra fundo a terra, explora-a e volta pelas mesmas trilhas – ou renova, monotonamente, os mesmos itinerários da sua inambulação invariável. Ao cabo, a breve, mas agitadíssima história das paragens novas, à parte ligeiras variantes, ia imprimindo-se toda secamente, naquelas extensas linhas desatadas para S.O.: três ou quatro riscos, três ou quatro desenhos de rios, coleando, indefinidos, num deserto...

Ora, este aspecto social desalentador, criado sobretudo pelas condições, em começo tão favoráveis, dos rios, corrige-se pela ligação transversa de seus grandes vales.

A idéia não é original, nem nova. Há muito tempo, com intuição admirável, os rudes povoadores daqueles longíquos recantos realizaram-na com a abertura dos primeiros "varadouros".

O varadouro – legado da atividade heróica dos paulistas compartido hoje pelo amazonense, pelo boliviano e pelo peruano – é a vereda atalhadora que vai por terra de uma vertente fluvial a outra.

A princípio tortuoso e breve, apagando-se no afogado da espessura, ele reflete a própria marcha indecisa da sociedade nascente e titubeante, que abandonou o regaço dos rios para caminhar por si. E foi crescendo com ela. Hoje nas suas trilhas estreitíssimas, de um metro de largura, tiradas a facão, estirando-se por toda a parte, entretecendo-se em voltas inumeráveis, ou encruzilhadas, e ligando os afluentes esgalhados de todas as cabeceiras, do Acre para o Purus, deste para o Juruá e daí para o Ucaiali, vai traçando-se a história contemporânea do novo território, de um modo de todo contraposto à primitiva submissão ao fatalismo imponente das grandes linhas naturais de comunicação.

Nos seus torcicolos, impostos pelas linhas mais altas das pequenas vertentes deprimidas, sente-se um estranho movimento irrequieto, de revolta. Trilhando-os o homem é, de fato, um insubmisso. Insurge-se contra a natureza carinhosa e traiçoeira, que o enriquecia e matava. Repelem-lhe tanto os amparos antigos que realiza na maior das mesopotâmias a anomalia de navegar em seco; ou esta transfiguração: carrega de

um rio para o outro o barco que o carregava outrora. Por fim, numa afirmativa crescente da vontade, vai estirando de rio em rio, retramada com os infinitos fios dos igarapés, a rede aprisionadora, de malhas cada vez menores e mais numerosas, que lhe entregará em breve a terra dominada.

E do Acre para o Iaco, para o Tahuamano e para o Orton; do Purus para o Madre-de-Dios, para o Ucaiali, para o Javari, trilhando aforradamente o território em todos os quadrantes, os acrianos, despeados do antigo traço de união do Amazonas longínquo, que os submetia, dispersos, ao litoral afastado, vão em cada uma daquelas veredas atrevidas, firmando um símbolo tangível de independência e de posse.

Tomemos um exemplo de testemunho estrangeiro.

Em 1904 o oficial da marinha peruana, Germano Stiglich, encontrou no Javari vários brasileiros, que o surpreenderam com a simples narrativa de uma travessia costumeira, ante a qual se apequenavam as suas mais estiradas rotas de explorador notável. Registrou-a em um de seus relatórios: os sertanistas entram pelo Javari, subindo o Itacoaí até às cabeceiras; varam dali, por terra, a buscarem as vertentes do Ipixuna; alcançam-nas; transmontam-nas; descem o pequeno tributário; chegam ao Juruá; navegam até S. Filipe, onde infletem, penetrando o Tarauacá, o Envira e o Jurupari até aonde subam as suas canoas ligeiras; deixam-nas; rompem outra vez por terra a encontrarem o Purus nas cercanias de Sobral; descem, embarcados, 760km do grande rio até à foz do Ituxi; e, enveredando por este último vão, depois de uma outra varação por terra, atingir o Abunã, que baixam, abordando, afinal, à margem esquerda do Madeira.

A derrota, com a percentagem de 20% sobre as retas da desmedida linha quebrada que a define, avalia-se em 3.000km ou o dobro da estrada tradicional, dos bandeirantes, entre S. Paulo e Cuiabá. Os obscuros pioneiros prolongam a estes dias a tradição heróica das "entradas", que constituem o único aspecto original da nossa história.

Aquele roteiro, entretanto, alonga-se contorcendo-se em voltas sobremaneira extensas. Abreviemo-lo, baseando-nos em alguns dados seguros.

Partindo de Remate dos Males, no Javari, nas cercanias de Tabatinga, o viajante, em qualquer estação, pode sulcar num dia o Itacoaí

até a confluência do Ituí, percorrendo 140km, itinerários. Prossegue por terra em terreno firme, no rumo de S.E. pelo extenso varadouro de 190km que corta as cabeceiras do Jutaí e termina em S. Filipe, à margem do Juruá, empregando apenas cinco dias de marcha. Sobe o Tarauacá, embarcado, até à foz do Envira; e desta à do Jurupari, prosseguindo a buscar as suas mais altas vertentes, num percurso máximo de 350km que vencerá em pouco mais de uma semana. Rompe o breve varadouro que o leva ao Furo do Juruá, e atinge, descendo-o, ao fim de dois dias, o Purus. Daí à foz do Iaco há 392km, que se correm em dois dias, de lancha, realizados os ligeiros reparos de que carece o rio. A sede da Prefeitura do Alto Purus, distante 24km, alcança-se em duas horas de navegação; e dali, pelo varadouro do Oriente, longo de 25 léguas, percorrido normalmente em cinco dias, chega-se ao seringal Bagé, à margem esquerda do Acre. Transpondo este rio e seguindo para leste a cortar os derradeiros tributários do Iquiri e aos campos do Gavião, o caminhante vai ao Abunã, a jusante da embocadura do Tipamanu, e daí ao Beni, na confluência do Madeira, percorrendo cerca de 300km em oito dias, por terra.

Deste modo, em pouco mais de um mês de travessia, vencendo-se 907km por águas e 660 por terra, pode-se vir de Tabatinga à Vila Bela, diagonalmente, de um a outro extremo da Amazônia, naquele itinerário de 250 léguas.

A estes números falta, sem dúvida, o rigorismo das quilometragens regulares; mas não variam talvez de um décimo sobre a realidade, à parte os dados demasiado falíveis relativos à navegação do Tarauacá e ao rumo por terra do Jurupari ao Purus.

Excluamo-los nesta variante: Partindo do mesmo ponto à margem do Javari e sulcando o Itacoaí até aos seus derradeiros formadores, o viajante encontra o antigo varadouro do Ipixuna que o conduz ao Juruá e ao Cruzeiro do Sul, capital do departamento, em percurso pouco maior do que o anterior por São Filipe.

Ora, de Cruzeiro do Sul às sedes dos Departamentos do Purus e do Acre podem remover-se todos os inconvenientes daquela navegação precária, sujeita a fatigante roteiro.

De fato, o extenso segmento retilíneo, de 605km, da linha Cunha Gomes, é a própria linha de ensaio de um varadouro notável ligando

as três sedes administrativas. Dando-se-lhe o desenvolvimento, exagerado de 20% sobre a distância, terá a extensão de 726km; ou seja, exatamente, 110 léguas, que podem ser transpostas em grande parte, a cavalo, em menos de doze dias. Observe-se, de passagem, que este projeto não se delineia nos riscos arbitrários a que se avezam os exploradores de mapas, ou consoante

> o conhecido processo do czar Nicolau I riscando com a unha do polegar o traçado da estrada de Petersburgo a Moscou.

Esteja-se em reconhecimentos, certo despidos de azimutes, ou cotas esclarecedoras de aneróides, mas práticos e concludentes. O primeiro trecho, normal ao vale do Tarauacá, planeado pelo General Taumaturgo de Azevedo, já se acha em grande parte aberto por um seringueiro de Cocamera – e estende-se em terrenos tão afeiçoados à marcha que, depois de concluído o caminho, ir-se-á do Juruá ao Tarauacá, a cavalo, em quatro dias, conforme afirma o ex-prefeito em seu penúltimo relatório; ao passo que atualmente, para efetuar-se a mesma viagem,

> em vapor, que faça poucas escalas e dobre a foz do Tarauacá, consomem-se 15 dias, no mínimo.

O segmento intermédio, de Barcelona ou Novo Destino à confluência do Caeté, no Iaco, por sua vez estudado pela prefeitura do Alto Purus, é de execução facílima, todo desatado sobre breve antiplano livre das inundações. E o último, do Iaco ao Acre, tem há muito tempo um tráfego permanente.

Deste modo, a grande estrada de 726km, unindo os três departamentos, e capaz de prolongar-se de um lado até ao Amazonas, pelo Javari, e de outro até ao Madeira, pelo Abunã, está de todo reconhecida, e na maior parte trilhada.

A intervenção urgentíssima do Governo Federal impõe-se como dever elementaríssimo de aviventar e reunir tantos esforços parcelados.

Deve consistir porém no estabelecimento de uma via férrea – a única estrada de ferro urgente e indispensável no Território do Acre.

A fisiografia amazônica figura-se sempre obstáculo indispensável a tais empresas. Mas os que a agitam, em argumentos que temos por escusado reproduzir, não podem, certo, compreender as linhas férreas da Índia. De fato, no Industão propriamente dito, o nivelamento

superficial, o solo aluviano de areias e argilas acumuladas em espessuras indefinidas, e as características climáticas, patenteiam-se em condições idênticas. Ali, como na Amazônia, os rios destacam-se pela grandeza, volumes excessivos nas cheias, amplitudes das inundações e volubilidade dos canais nos leitos divagantes. Os *nullas* incontáveis, serpentes por toda a banda, desenham-se na hidrografia caótica dos *igarapés;* e o Purus, o Juruá, o Acre e seus tributários, não variam tanto de curso e de regime quanto o Ganges e os rios de Punjab, cujas pontes foram o maior problema que resolveu a engenharia inglesa.

Na Índia, como entre nós, não faltaram profissionais apavorados ante as dificuldades naturais – esquecidos de que a engenharia existe precisamente para vencê-las. Ao discutir-se o *memorandum* Kennedy, onde germinou a viação hindu, o Coronel Grant, do corpo de engenheiro de Bombaim, pilheriou sisudamente, propondo com a maior seriedade que os trilhos se suspendessem em todo o correr das linhas por meio de séries regulares de cadeias, em rijos postes fronteantes, a oito pés acima do solo... E desafiou o *humour* magnífico de seus fleugmáticos colegas. Os rígidos *railroodmen* replicaram-lhe tempos depois, esmagadoramente, com a "West Indian Peninsular", e nobilitaram toda a engenharia de estradas de ferro obedecendo a uma de suas fórmulas mais civilizadoras, enunciada por Mac George:

> *In every coutry it is necessary that railway should be laid out with references to the distribution of population and to the necessities of people, rather than to the mere physical characteristics of its geography...*

Ora, no caso atual, ainda esses caracteres físicos e geográficos evidenciam-se favoráveis.

A estrada de Cruzeiro do Sul ao Acre não irá, como as do sul do nosso país, justapondo-se à diretriz dos grandes vales, porque tem um destino diverso. Estas últimas, sobretudo em S. Paulo, são tipos clássicos de linhas de penetração: levam o povoamento ao âmago da terra. Naquele recanto amazônico esta função, como o vimos, é desempenhada pelos cursos de água. À linha planeada resta o destino de distribuir o povoamento, que já existe. É uma auxiliar dos rios. Corta-lhes, por isto, transversa, os vales.

Daí esta conseqüência inegável; adapta-se, naturalmente, mercê da própria direção, às deprimidas áreas divisórias dos afluentes laterais, e, acompanhando-os, forra-se em grande parte aos empecilhos daquela hidrografia embaralhada.

Por outro lado, ao sul do paralelo de 8º persiste, certo, o fácies predominante da enorme várzea amazonense. Mas atenuado. A inconstância tumultuária das águas não se retrata em curvas tão numerosas e volúveis. Os terrenos, expandindo-se em ondulações ligeiras com a altitude média, absoluta, de 200 metros, são, no geral, firmes e a cavaleiro das enchentes. Trilhamo-los em vários pontos. Está-se, visivelmente, sobre formações mais antigas, definidas e estáveis, que as da imensa planura pós-quaternária onde ainda se adivinham as derradeiras transformações geológicas do Amazonas, no conflito inevitável entre os cursos de água inconstantes e a várzea inconsistente.

Além disto, os obstáculos naturais, reduzem-nos, ou amortecem-nos, os traçados que se lhe afeiçoem. A vida férrea em questão deve modelar-se pelas condições técnicas menos dispendiosas a um primeiro estabelecimento – caracterizando-se, sobretudo, por uma via singela, de bitola reduzida, de 0,76m ou 0,91m, ou no máximo de 1,0m entre trilhos, que lhe permita os maiores declives e as menores curvas, dando-lhe plasticidade para volver-se em busca dos terrenos mais altos e estáveis, que lhe alteiem o *grade* acima das zonas inundadas em traçados quase à flor da terra. Deve nascer como nasceram as maiores estradas atuais: trilhos de 18 quilos, no máximo, por metro corrente, capazes de locomotivas de escasso peso aderente de 15 a 20 toneladas; curvas que se arqueiem até aos raios de 50 metros; e declives que se aprumem até 5% submetidos a todos os movimentos do solo.

Não os tem muito melhores a Central Pacific, de Nevada, com a sua bitola estreita, sem balastro, serpeado com a mesma levidade de trilhos em curvas de 90 metros, e tornejando pensadores em rampas inclassificáveis. Ou o Transiberiano, onde locomotivas de 30 toneladas, rebocando 1/6 de peso aderente sobre trilhos de 10 quilos, andando com a velocidade de 20km por hora, não raro recuavam, desandando, constrangidas se encontravam de frente, repelindo-as, ponteiras, as ventanias ríspidas das estepes...

Sem dúvida, de uma tal superestrutura, a que se liga o imperfeito do material rodante, de tração ou transporte, resultará reduzidíssima capacidade de tráfego. Mas a linha acriana, a exemplo da Union Pacific Railway, não vai satisfazer um tráfego, que não existe, senão criar o que deve existir.

Como as norte-americanas, construir-se-á aceleradamente, para reconstruir-se vagarosamente.

É um processo generalizado.[18] Todas as grandes estradas, no evitarem os empeços que se lhes antolham, transpondo as depressões e iludindo os maiores cortes com os mais primitivos recursos que lhes facultem um rápido estiramento dos trilhos, erigem-se nos primeiros tempos como verdadeiros caminhos de guerra contra o deserto, imperfeitos, selvagens. E como para justificar o acerto, o primeiro engenheiro das suas obras rudimentares – que hoje se fazem como há dois mil anos – de suas estacadas, de suas pontes e pontilhões de madeira mal lavradas, superpostas em linhas sobre os *styli fixidos* tanchões roliços, é César.

Depois envolvem; e crescem, aperfeiçoando os elementos da sua estrutura complexa, como se fossem enormes organismos vivos transfigurando-se com a própria vida e progresso que despertam.

É o que sucederá com a que prefiguramos. Das primeiras linhas deste artigo ressaltam-lhes os efeitos sociais, que se não pormenorizam por demasiado intuitivos, nos múltiplos aspectos que vão do simples fato concreto da redistribuição do povoamento – locando-se com segurança os núcleos coloniais ou agrícolas e demarcando-se legalmente as terras indivisas – à gerência mais pronta, mais desempedida, mais firme, dos poderes públicos, que hoje ali se triparte, desunida, em sedes administrativas impostas exclusivamente pelas vicissitudes geográficas.

Tais resultados por si sós bastariam a justificar excepcionais dispêndios.

Entretanto, estes são opináveis. Sob a ação imediata do Governo, e entregue desde a exploração definitiva à nossa engenharia militar, tudo induz a crer que as três principais seções – do Juruá ao Purus, deste ao Iaco, e do Iaco ao Acre – atacadas ao mesmo tempo e favorecidas pelo fácil transporte fluvial dos materiais necessários, por aqueles rios, se construirão de maneira expedita e com os recursos das próprias rendas locais.

---

18 Exemplo: Recentemente ainda, o Dr. H. Schnoor, um mestre, a quem se devem 2.000km de linhas férreas, ao discutir no Clube de Engenharia as condições técnicas da Madeira–Mamoré, não vacilou em aconselhar: bitola de 0,60m, trilhos de 10k, tipo *Decauville;* locomotivas de 20 toneladas, declives de 5% e curvas de 20 metros de raio! E diz, textualmente: "Será necessário, a meu ver, ir assentando logo os trilhos de qualquer modo, tocando para diante de quaquer forma, fazendo pontes de madeira no lugar de todo o bueiro, de toda a obra d'arte, para construir as definitivas depois de assente a linha" (*Revista do Clube de Engenharia,* VII série, nº 11, 1905).

Realmente, as suas obras de arte são inapreciáveis e os trabalhos mais sérios limitam-se à construção de pontilhões e aterros, e a extensa derrubada, larga de 40 metros, para a mais intensa insolação do leito.[19]

Sobre não carecer de extensos desenvolvimentos para captar alturas, a linha não só dispensará túneis para vará-las, ou viadutos, e até cortes apreciáveis, como ainda as três grandes pontes que a princípio se afiguram obrigatórias sobre o Tarauacá, o Purus e o Iaco. Cada estação *terminus,* extremando-lhe os segmentos precipitados, servirá ao mesmo passo à navegação fluvial do rio correspondente, e as baldeações de uma a outra margem deste far-se-ão nos primeiros tempos sem perturbarem demais o tráfego naturalmente restrito.

Assim se prorrogam dispendiosos serviços que podem efetuar-se depois, a pouco e pouco, à feição das circunstâncias. A estrada crescerá com o povoamento. E ainda que atinja aquele enorme desdobramento de 726km e se reduza a uma via singela, com os necessários desvios, comportando apenas a velocidade diminuta de 20km por hora, será percorrida em 36 horas justas, que podem subir a 48 adiantando-se-lhe as que se empregam na travessia dos rios.

Realizar-se-á em dois dias a viagem de Cruzeiro do Sul ao Acre, que hoje, nas quadras mais propícias, dura mais de um mês.

A conclusão é infrangível. Não nos delonguemos enumerando-lhe os efeitos extraordinários.

Fixemos outra face da questão.

A engenharia de estradas de ferro definem-na os norte-americanos nesta fórmula concisa e irredutível:

> é a arte de fazer um dólar ganhar o maior juro possível.

Dobremo-nos ao preceito barbaramente utilitário.

O valor econômico daquele traçado é incalculável. E evidencia-se sob múltiplas formas; sendo naturalmente mais dignas de apreço as mais remotas, oriundas do progredimento ulterior, inevitável, da região atravessada.

---

19 Esta grande avenida, com o seu maior desenvolvimento, terá uma superfície de 726.000m x 40m = 29.040,00m$^2$. Admitindo-se o valor exagerado de 0,50 por m$^2$ (duplo do que orçou o Dr. Chrockatt de Sá para a Madeira-Mamoré) a sua abertura custará apenas Rs. 1:452.000$000.

Fora longo apontá-las. Indiquemos uma única, mais próxima, imediata e impondo-se ao raciocínio mais obtuso.

A safra da borracha nos três departamentos, entre a oblíqua Cunha Gomes e a faixa neutralizada, durante o penúltimo período comercial de 1905, conforme os documentos mais seguros foi esta:

| | |
|---|---|
| Rio Juruá | 3.382.134kg |
| Acre e Purus | 5.256.984kg |
| Total | 8.639.118kg |

Variando os preços atuais entre os extremos de 6$346 e 3$865, deduz-se, em números redondos, a média de 5$000 por quilo; e, subsecutivamente, o valor total da produção – Rs. 43.195:590$000; acarretando os réditos gerais (23%) de 9.934:985$700.

O números são claros e irrefragáveis.

Ora, estes rendimentos tenderão a duplicar, não já em virtude de um desenvolvimento remoto, senão pelo simples fato da abertura do caminho.

A demonstração é de algum modo gráfica, visível.

A exploração das seringueiras, toda a gente o sabe, opera-se, de um modo geral, exclusivamente nas longas fitas das massas que debruam as duas margens dos rios. Os "centros", anexos aos barracões de primeira ordem, são raros e de ordinário pouco afastados. Ali não há propriamente superfícies exploradas, há linhas exploradas. E estas, de acordo com os dados existentes, podem ser medidas com razoável aproximação. Alongam-se, no Purus, de Barcelona até Sobral; no Iaco, de Caeté até pouco além do seringal de São João; de Cruzeiro à foz do Breu, no Juruá; e no Acre do porto do mesmo nome até pouco a montante da confluência do Xapuri. Somando-se a estes grandes segmentos os menores, do Tarauacá, do Envira e Jurupari, chega-se à dimensão total, aproximada, de 150 léguas das faixas exploradas, admitindo-se, o que nem sempre se verifica, a continuidade das mesmas. De qualquer modo, aquela extensão é um *maximum;* e é a definição gráfica, visível, da importância econômica, atual, do Território.

Surge, como se vê, dos simples sulcos dos rios.

Ora, a nova linha será desde logo uma nova estrada aberta à entrada dos extratores na colheita pronta de produtos que até hoje não

lhes exigiram nenhum esforço de cultura. Antes de ser uma estrada de ferro será, de fato, uma enorme "estrada" de 120 léguas, quase igual à soma das que se exploram. E como as *heveas brasiliensis,* ao revés das *castiloas elasticas* geradoras do caucho, se caracterizam pela distribuição uniforme nas florestas, não é aventurosa a proporção que nos dê, de pronto, calcada em números rigorosos, o valor imediato da linha planeada – que se construirá, inevitavelmente, em futuro mais ou menos próximo, submetida à diretriz que lhe marcamos.

Porque à importância que lhe é própria agregam-se as decorrentes do seu traçado articulando-se a outros.

Assim, desde que se ultime a Madeira–Mamoré, esta a atrairá, irresistivelmente, para o levante, realizando-se o fenômeno vulgaríssimo de uma captura de comunicações. Então ela transporá o Acre indo buscar o Madeira na confluência do Abunã, ou em Vila Bela, extinguindo, de golpe, todos os inconvenientes de três navegações contornantes e longas. Ao mesmo tempo, no outro extremo, dilatando-se para oeste, perlongando o Moa e indo transmontar os cerros batidos de Contamana, alcançará o Ucaiali, deslocando para Santo Antônio do Madeira parte da importância comercial de Iquitos. Então, a transacriana modestíssima, de caráter quase local, feita para combater uma disposição hidrográfica, se transmudará em estrada internacional, de extraordinários destinos.

Considere-se, a correr, outro lado, menos atraente, deste assunto.

O valor estratégico é supletivo obrigatório dos melhores requisitos que possua qualquer sistema de comunicações em zonas fronteiriças. Mede-se, avalia-se e estuda-se friamente, tecnicamente, sem intuitos agressivos, que não seriam apenas condenáveis: seriam francamente ridículos no nosso tempo e na América.

Assim apresentemo-lo em linhas despidas e secas, com a só eloqüência das que se gizam no resolver um problema de geometria elementar.

Considere-se no mapa os traçados do Purus, do Juruá e do Javari, e os do Madre-de-Dios e do Ucaiali. São contrariantes. Os primeiros,

nos seus rumos a bem dizer uniformes e por igual intervalados, delineiam-se como distensos valos divisórios: subdividem a terra. Os últimos são desmedidos laços de união: abarcam-na. O Ucaiali, a partir da conferência do Marañón, alonga-se, contorcido, de oito graus para o sul; inflete depois para leste, pelo Urubamba; e esgalhando-se no Mishagua e no Serjali vai quase anastomosar-se com os últimos manadeiros orientais do Madre-de-Dios. Este, a partir da confluência do Beni, que o leva ao Madeira, desata-se em extensíssima arqueadura cortando sete graus de longitude, para o ocidente; inflete, de leve, para o norte pelo *thalweg* do Manu; e, repartindo-se no Caspajali e no Shauinto, vai quase ao encontro das derradeiras vertentes ocidentais do Ucaiali. De permeio uma tira de chão, com 5 milhas de largura: o istmo de Fiscarrald. Os dois rios abarcam quase toda a Amazônia numa área de cerca de 1.100.000 km$^2$ formando a maior península da Terra.

A pintura hidrográfica é a de desconforme tenaz agarrando um pedaço de continente nas hastes que se encurvam, constritoras, articuladas naquele istmo.

E figura-se-nos sobremodo desfavorável à defesa e garantia das nossas fronteiras naqueles lados.

Demonstremo-lo sem atavios.

Há a princípio uma ilusão oposta. Na hipótese de um conflito com os países vizinhos, acredita-se, à primeira vista, na valia incomparável daquelas três ou quatro estradas extensíssimas. Entrando pelo Purus, pelo Acre, pelo Juruá, ou ainda pelo Javari, podem mobilizar-se simultaneamente quatro corpos expedicionários em busca de outros tantos pontos longamente afastados numa faixa de operações de 700km, distendida de N.E. para S.O.; e aqueles cursos de água recordam as diretrizes estratégicas das “vias consulares” dos romanos. Caem de rijo, perpendiculares, golpeantemente, em cima da fronteira...

Anula-os, porém, a circunvolação desmesurada Madre-de-Dios/Ucaiali.

Revela-se o simples contraste das posições geométricas.

De fato, ao perpendicularismo de nossos caminhos de acesso arremetentes em cheio com a orla limítrofe, que entalham – contrapõe-se o paralelismo dela com as duas enormes caudais que a envolvem, ou se lhe ajustam.

Daí esse corolário: os pontos obrigados daquelas lindes remotas, que para nós se erigem em objetivos longínquos no termo da navegação dos rios – serão para os adversários os próprios pontos determinantes de suas linhas de operações. Para garantirmos um número limitado de posições precisamos de igual número de unidades combatentes e de outras tantas viagens; eles, com algumas lanchas ligeiras e de calado exíguo, defendem todas as entradas.

No caso de um recontro feliz, a nossa vitória resumir-se-á na conquista do campo do combate; para eles será o alastramento do triunfo. Vencidos em qualquer daqueles pontos isolados, sem ligações transversais com os restantes, resta-nos o recurso único do recuo, deixando a entrada franca à invasão; o antagonista, batido e refluindo ao Pachitea, pelo Ucaiali, ou ao Inambari pelo Madre-de-Dios, pode refazer-se em mobilizações vertiginosas.

São deduções seguras. Completa-as outra, preexcelente, enfeixando-as: excluída a hipótese de uma ofensiva temerária, buscando o território estranho, as forças expedicionárias, no Juruá, no Purus e no Acre, predestinam-se à imobilidade, depois de chegarem aos seus objetivos remotos: expectantes, sem poderem fiscalizar os estirões de matas que as separam; ao passo que o Ucaiali e o Madre-de-Dios de Nauta ao istmo de Fitz-Gerald e deste à embocadura do Beni, são caminhos desimpedidos para as rondas permanentes de uma fiscalização generalizada.

Não se comparam sequer recursos tão diversos. Os dois últimos rios são uma estrada militar incomparável – no ligar rapidamente todos os elementos de resistência e no facilitar as mais complexas mobilizações.

Ora, a linha férrea do Cruzeiro ao Acre balancear-lhe-á o valor.

Dirigida segundo a corda daquela enorme circunvalação, contrapesará a sua influência, erigindo-se com os mesmos requisitos.

Não precisamos demonstrar. A imagem geográfica é de si mesma bastante sugestiva.

Além disto, o que se deve ver naquela via férrea é, sobretudo, uma grande estrada internacional de aliança civilizadora, e de paz.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Contra os caucheiros**

A remessa de sucessivos batalhões para o Alto Purus – movimento de armas recordando um começo de guerra declarada – parece uma medida elementar de previdência.

É um erro. Não implica apenas o desfalecido das nossas finanças, nem se limita a projetar, de golpe, um brilho perturbador de baionetas no meio de um debate diplomático; vai além: prejudica de antemão a campanha provável e torna desde já precária a defesa das circunscrições administrativas criadas pelo Tratado de Petrópolis.

Estas afirmativas parecem paradoxais, e vão muito ao arrepio da corrente geral da opinião revoltadíssima contra esse Peru – tão fraco diante da nossa própria fraqueza. Mas são demonstráveis. Está passado o tempo em que a honra e a segurança das nacionalidades se entregavam, exclusivamente, ao rigor das tropas arregimentadas.

A última guerra do Transvaal, à parte os efeitos materiais, teve conseqüências surpreendentes. Estão ainda vivíssimos em todas as memórias os admiráveis episódios daquela esgrima magistral dos bôeres contra as armas pesadas da Inglaterra; e entre eles, um que pelo aparecer constante e invariável nos dois campos adversos, se reveste quase do caráter de uma lei, se é que as tem a maneira heróica de brutalidade humana.

---

*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 maio 1904.

Indiquemo-lo: em Paardeberg, quando as tropas regulares inglesas recuaram rudemente repelidas dos entrincheiramentos de Cronje, ampararam-nas os voluntários canadenses num assalto brilhante, que ultimou no assédio; Kimberley, defendida pelos cidadãos armados, reagiu com mais eficácia e diante de mais numerosos sitiantes do que Ladsmith guarnecida pela tropa de linha; em Magersfontain o pânico dos soldados teve o corretivo instantâneo de uma ducha, na fria impassibilidade dos *highlanders* escoceses... São fatos expressivos. Não escaparam à visão dos modernos profissionais da guerra. O Coronel Henderson, que os testemunhou de perto, no estado-maior de Lorde Roberts, explica-os pelos terríveis efeitos desmoralizadores do armamento moderno e pelos embaraços criados pela pólvora sem fumaça.

O espírito de classe e a alta responsabilidade que lhe advêm do cargo que ocupou junto do comandante-chefe, não lhe tolheram o dizer nuamente que toda a luta sul-africana fora a glorificação dos lutadores improvisados, e

> *A triumph for the principal of voluntary service*.

De Bloch foi ainda mais incisivo: a preeminência do civil resulta-lhe, ineludível, das mesmas condições do campo das batalhas modernas, onde a virulência e rapidez do tiro impõem uma dispersão de todo oposta aos dispositivos das paradas e das manobras. Em tais circunstâncias os oficiais não podem dirigir efetivamente os soldados, e estes, sem o hábito das deliberações próprias, estonteiam, desunidos e inúteis, porque quanto maior é a sua disciplina e o *training* da fileira, tanto menor é a aptidão individual de agir.

O argumento é impressionadoramente claro: o civil apanhado a laço, o voluntário de pau e corda, o caipira a quem a farda aterroriza – mas cuja capacidade de ação se desenvolveu autônoma nas caçadas, na faina da lavoura, nos múltiplos ofícios, nas viagens e nas várias peripécias de uma existência modesta e livre, surge de improviso desarticulando todas as peças da sinistra entrosagem em que a arte militar tem triturado os povos.

E para que isso sucedesse, bastou que esta última se desenvolvesse ao ponto de deslocar todas as velharias da tática, firmando a única garantia dos combates nas faculdades de iniciativa.

A conclusão é tão arrojada, e deforma tanto os moldes do conceito vulgar, que precisamos afastá-la da nossa responsabilidade de latinos sentimentais e exagerados. Deixamo-la aí blindada na rigidez britânica:

> It is this quality which makes the superiority of the Boers over the British. And it is this also which accounts for the superiority of the British civilian over the British regular. (De Bloch, *The wars of the Future*.)

Assim se esclarecem notáveis anomalias: a glória napoleônica, em que colaborou talvez o precipitado de recrutas colhidos em todos os pontos e que iam aperrar pela primeira vez as espingardas na frente do inimigo; as batalhas estupendas da guerra da Sucessão; o *sport* ruidoso e álacre dos americanos em Cuba; e, neste momento, os desfalecimentos da formidável disciplina russa diante da vibratibilidade japonesa...

Inesperado desfecho: a guerra cresceu para diminuir na guerrilha; e depois de devorar os povos, devora os próprios filhos, extinguindo o soldado. Não é Marte, é Saturno.

Reagiu à reprimenda dos filósofos e ao sentimentalismo dos poetas; evolveu ilogicamente apropriando-se dos recursos da ciência, que a repelem, e dos da indústria, que é a sua antítese; por fim, armou-se com uns dez milhões de baionetas e transformou-as na arma única que a trespassa. Acaba como os velhos facínoras salteados pela fadiga moral dos próprios crimes. Suicida-se.

Ora, um fator que ressalta tão vivo no esmoitado e no desimpedido dos campos mais próprios aos combates e aos seus alinhamentos prescritos, naturalmente se ampliará no embaralhado e no revolto do Alto Purus e do Alto Juruá, onde, até materialmente, são impossíveis aqueles dispositivos.

Ali não nos aguardam tropas alinhadas. Esperam-nos os caucheiros solertes e escapantes, mal reunidos nos batelões de voga, dispersos nas ubás ligeiras, ou derivando velozmente, isolados, à feição das correntes, nos mesmos paus boiantes que os rios acarretam; e repontando, a súbitas, na orla florida dos igapós, e desaparecendo, impalpáveis, no afogado dos paranamirins, onde se entrançam as ramagens das árvores que os escondem; ou girando pelas infinitas curvas e pelos incontáveis furos que formam a interessantíssima anastomose hidrográfica dos tributários meridionais do Amazonas.

A imagem material de uma campanha, ali, será o labirinto inextricável dos igarapés. Aos nossos estrategistas não impenderá a tarefa relativamente fácil de bater o inimigo – mas a empresa, talvez insuperável, de lobrigar o inimigo. Iludem-se os que imaginam que o só aparecimento de alguns corpos de tropas regulares no desmarcado trato de terras que demoram entre o Juruá e o Acre baste a policiá-las, e a garantir os povoadores, e a impedir a violação de uma fronteira indeterminada. Os batalhões maciços, presos a uns tantos preceitos e ao retilíneo das formaturas, serão tanto mais inúteis quanto mais disciplinados e feitos à solidariedade de movimentos. O melhor de sua organização militar impecável culminará no péssimo da mais completa inaptidão a se ajustarem ao teatro das operações, e a enfrentarem o torvelino dos recontros súbitos ou a se subtraírem aos perigos das tocaias.

Não exemplifiquemos recordando lastimáveis sucessos da nossa história recente.

Sobre tudo isto uma consideração capital. Aqueles longínquos lugares do Purus – mais conhecidos hoje, depois da exploração de Chandless, do que muitos pontos do nosso *far-west* paulista – exigem uma aclimação dificílima e penosa. Apesar de um rápido povoamento, de cem mil almas em pouco mais de trinta anos, têm ainda o caráter nefasto das paragens virgens onde a copiosa exuberância da vida vegetal parece favorecida por um ambiente impróprio à existência humana. O seu quadro nosológico assombra, pela vasta série de doenças, que vão das maleitas permanentes à hipoêmia intertropical entorpecedora e àquela originalíssima "purupuru" que não mata mas desfigura, embaciando a pele do selvagem e dando-lhe um fáceis de cadáver, pondo no rosto do negro, salpintado de manchas brancas, uma espantada máscara demoníaca, e imprimindo no do branco a brancura repulsiva do albinismo...

Vê-se bem quantos agentes, díspares nos aspectos, mas convergentes nos efeitos, das conclusões mais recentes da técnica guerreira às mínimas exigências climáticas, concorrerão no invalidar a ocupação estritamente militar daquela zona.

Além disto, as forças para repelir a invasão já ali se acham, destras e aclimadas, nas tropas irregulares do Acre, constituídas pelos destemerosos sertanejos dos Estados do Norte, que há vinte anos estão

transfigurando a Amazônia. Eles formam o verdadeiro exército moderno como o preconizam, como o desejam, como o proclamam altamente, dentro dos círculos militares da Europa, os luminares da guerra precipitados – não já para o caso especial das guerrilhas, mas para todas as formas das campanhas, quer estas se desenrolem nos campos clássicos da Bélgica, quer na topografia revessa do Transvaal. E confiados naqueles minúsculos titãs de envergadura de aço enrijada na têmpera das soalheiras calcinantes, a um tempo bravos e joviais, afeitos às deliberações rápidas e decisivas de uma tática estonteadora, que improvisam nos combates com a mesma espontaneidade com que lhes saltam das bocas as rimas ressoantes dos folguedos – poderemos permanecer tranqüilos.

Para o caucheiro – e diante desta figura nova imaginamos um caso de hibridismo moral: a bravura aparatosa do espanhol difundida na ferocidade mórbida do quíchua –, para o caucheiro um domador único, que o suplantará, o jagunço.

## *Entre o Madeira e o Javari**

Não há em todo o Brasil região alguma que tenha tido o vertiginoso progresso daquele remotíssimo trecho da Amazônia, onde não vingou entrar o devotamento dos carmelitas nem a absorvente atividade, meio evangelizadora, meio comercial, dos jesuítas. Há pouco mais de trinta anos era o deserto. O que dele se conhecia bem pouco adiantava às linhas desanimadoras do Padre João Daniel no seu imaginoso *Tesouro Descoberto:*

> Entre o Madeira e o Javari, em distância de mais de 200 léguas, não há povoação alguma, nem de brancos nem de tapuias mansos ou missões.

O dizer é do século XVIII e podia repetir-se em 1866 na frase de Tavares Bastos:

> O Amazonas é uma esperança; deixando as vizinhanças do Pará penetra-se no deserto.

Entretanto, nada explicava o olvido daquele território.

Compreende-se que os próprios norte-americanos tenham reprimido até 1868 a vaga povoadora impetuosíssima que assoberbou a barreira dos Allenghanys e a transformou, espraiando-se no *far-west*, sopeara-lhe

---

* *O Estado de S. Paulo,* São Paulo, 29 maio 1904.

o arremesso e maninhez desalentadora dos terrenos absolutamente estéreis que se desatam a partir das vertentes orientais das Rocky Mountains.

Entre nós, não. As nossas duas maiores linhas de penetração, a de São Paulo e a do Pará, convergentes ambas em Cuiabá, nortearam-se desde o começo como à procura de empecilhos de toda a ordem.

Os sertanistas que abalaram de Porto Félix à feição do Tietê e do Paraná, para vencerem as águas torrenciais do Pardo até alcançarem pelo Taquari e pelo São Lourenço aquele longínquo objetivo depois de uma navegação de cerca de quatro mil quilômetros – e os que demandavam a partir de Belém, sempre ao arrepio das águas do Amazonas, do Madeira e do Guaporé, numa travessia de mais de setecentas léguas, iam apostados à luta formidável com os baques das catadupas, com o acachoar das itaipavas, com a monotonia inaturável das varações remoradas, com o choque das correntes e com os torvelinos dos peraus. Venceram-nos; e o planalto dos Parecis, expressivo *divortium aquarum,* de onde irradiam caudais para todos os quadrantes, teve, em pleno contraste com este caráter físico dispersivo, uma função histórica unificadora que só será bem compreendida quando o espírito nacional tiver robustez bastante para escrever a epopéia maravilhosa das *Monções*.

Entretanto, demoravam-lhes no ocidente paragens que seriam facilmente percorridas sem aquela extraordinária dissipação de esforços.

A queda do maciço brasileiro irregular e abrupta noutros pontos e originando regimes fluviais perturbadíssimos, que alguns rios, como o Tocantins e o São Francisco, prolongam quase ao litoral, ali se desafoga na maior expansão em longitude da América do Sul, precisamente na zona em que a viva deflexão dos Andes para o ocidente propiciou uma área à maior bacia hidrográfica da Terra. Daí o remansado e o desimpedido dos seus fartos tributários. O Purus e o Juruá são, depois do Paraguai e do Amazonas, os rios mais navegáveis do continente. Descidas as vertentes orientais dos últimos contrafortes andinos, onde lhes abrolham as fontes, e repontam as suas únicas cachoeiras, volvem as águas num declive que o mais rigoroso aparelho às vezes não distingue. Ajustam-se à rara uniformidade dos terrenos tão eloqüentemente exposta, à mais breve contemplação de um mapa, no paralelismo dos grandes cursos de água que correm entre o Madeira e o Javari, drenando

lentamente a região desimpedida que prolonga os plainos bolivianos e onde a natureza equilibrada esconde as opulências de uma flora incomparável nos labirintos dos igarapés...

Mas ninguém a procurou. A metrópole que firmava a posse da terra nas cabeceiras do rio Branco, do rio Negro, no Solimões e no Guaporé com as paliçadas e os pedreiros de bronze dos velhos fortes de São Joaquim, Marabitanas, Tabatinga e Príncipe da Beira – quatro enormes escudos desafiando a rivalidade tradicional da Espanha – evitara por completo (como se recuasse ante a ferocidade, tão fabulada pelos cronistas, dos muros irradios) aqueles longínquos tratos do território – até que nô-los desvendassem, em 1851, Castelnau e o tenente da marinha norte-americana F. Maury.

Foi uma revelação. O descobrimento coincidia com uma renascença da atividade nacional. Na imprensa, o robusto espírito prático de Sousa Franco aliara-se à inteligência fulgurante de Francisco Otaviano nessa propaganda irresistível pela franquia do Amazonas a todas as bandeiras, a que tanto ampararam o lúcido critério de Agassiz, as pesquisas de Bates, as observações de Brunet e os trabalhos de Sousa Coutinho, Costa Azevedo (Ladário) e Soares Pinto, até que ela desfechasse no decreto civilizador de 6 de dezembro de 66.

Tavares Bastos, não lhe bastando, à alma varonil e romântica, o tê-la esclarecido com o fulgor das melhores páginas das *Cartas de um Solitário,* transmudava-se num sertanista genial: perlustrou o grande rio trazendo-nos de lá um livro, *O Vale do Amazonas,* que é um reflexo virtual da *hylaea* portentosa e é ainda hoje o programa mais avantajado do nosso desenvolvimento.

Ora, neste largo expandir de novos horizontes, um explorador tenaz, Chandless, traçou repentinamente a diretriz de um objetivo definido. Levara-o até lá no trecho onde os grandes rios misturaram as suas águas na anastomose das nascentes, o intento de descobrir uma passagem do Acre para o Madre-de-Dios – o velho problema da ligação das bacias do Amazonas e do Paraguai. Não o resolveu. Fez mais: sugestionado pelas maravilhas naturais, transformou-se num pioneiro salteado de ambições e fundou ali o primeiro estabelecimento que fixou o homem à terra; enquanto um mateiro destemeroso, Manuel Urbano da Conceição, um quase anônimo, como o é a grande maioria dos nossos

verdadeiros heróis, batia longamente o reticulado inextricável dos furos e, desvendando as nascentes de todos os tributários do Purus, preparava a um outro dominador de desertos, o Coronel Rodrigues Labre, grande parte do terreno para um rápido e intensíssimo povoamento.

De feito, foi uma transfiguração. Em pouco, sucessivas vagas de imigrantes reproduziam em nossos dias o tumulto das entradas do século XVIII.

O látex das seringueiras, o cacau, a salsa, a copaíba e toda espécie de óleos vegetais, substituindo o ouro e os diamantes, alimentavam as mesmas ambições insofreadas.

A terra, até então entregue às tribos erradias, teve em cerca de dez anos (1887) uma população de 60.000 almas, ligando-se as suas mais remotas paragens de Sepatini e Huitanaã a Manaus, pela Companhia Fluvial de Amazonas, com um primeiro desenvolvimento de 1.014 milhas, logo depois de distendidas na navegação dos tributários superiores que vão do Ituxi ao Acre. E por fim uma cidade, uma verdadeira cidade, Lábrea, repontou daquela forte convergência de energias trazendo desde o nascer um caráter destoante de nossos povoados sertanejos – com o requinte progressista de uma imprensa de dois jornais, *O Purus* e *O Labrense,* e o luxo suntuário de um teatro concorrido, e colégios, e as ruas calçadas e alinhadas: a molécula integrante da civilização aparecendo, repentinamente, nas vastas solidões selvagens...

Ora, estes sucessos, que formam um dos melhores capítulos da nossa história contemporânea, são também o exemplo mais empolgante da aplicação dos princípios transformistas às sociedades. Realmente, o que ali se realizou, e está realizando-se, é a seleção natural dos fortes. Para esse investir com o desconhecido não basta o simples anelo das riquezas: requerem-se, sobretudo, uma vontade, uma pertinácia, um destemor estóico e até uma constituição física privilegiada. Aqueles lugares são hoje, no meio dos nossos desfalecimentos, o palco agitadíssimo de um episódio da concorrência vital entre os povos. Alfredo Marc encontrou, nas margens do Juruá, alguns parisienses, autênticos parisienses, trocando os encantos dos *boulevards* pela exploração trabalhosa de um seringal fartíssimo; e acredita-se que o viajante não exagerou. Lá estão todos os destemerosos convergentes de todos os quadrantes. Mas, sobrepujando-os pelo número, pela robustez, pelo melhor equilíbrio

orgânico da aclimação, e pelo garbo no se afoitarem com os perigos, os admiráveis caboclos do Norte que os absorverão, que lhes poderão impor a nossa língua, os nossos usos e, ao cabo, os nossos destinos, estabelecendo naquela dispersão de forças a componente dominante da nossa nacionalidade.

É o que deve acontecer.

Volvendo ao paralelo que, há pouco, indicamos, ao notarmos a súbita parada da expansão norte-americana no *far-west,* levemo-lo às últimas conseqüências.

Por uma circunstância realmente interessante, os *yankees,* depois de estacionarem largos anos diante das Rochosas, saltaram-nas, vivamente atraídos pelas minas descobertas na Califórnia, precisamente no momento em que nos avantajávamos até ao Acre. O paralelismo das datas é perfeito. No mesmo ano de 1869, em que nos prendíamos por uma companhia fluvial àquelas esquecidas fronteiras, eles se ligavam ao Pacífico pela linha férrea do Missouri, audaciosamente locada nas cordilheiras e nos desertos.

Emparelhamo-nos, neste episódio da vida nacional, com a grande república.

Aceitemos, por isto mesmo, uma lição de Bryce. Traçado magistralmente o quadro da expansão *yankee,* o historiador nos demonstra que, diante do exagerado afastamento da costa oriental, as gentes localizadas nas novas terras do Pacífico formariam inevitavelmente uma outra nacionalidade, se os recursos da engenharia atual lhes não houvessem permitido uma intimidade permanente com o resto do país.

O nosso caso é idêntico, ou mais sério.

As novas circunscrições do Alto Purus, do Alto Juruá e do Acre devem refletir a ação persistente do governo em um trabalho de incorporação que, na ordem prática, exige desde já a facilidade das comunicações e a aliança das idéias, de pronto transmitidas e traçadas na inervação vibrante dos telégrafos.

Sem este objetivo firme e permanente, aquela Amazônia onde se opera agora uma seleção natural de energias e diante da qual o espírito de Humboldt foi empolgado pela visão de um deslumbrante palco,

*onde mais cedo ou mais tarde se há de concentrar a civilização do globo*, a Amazônia, mais cedo ou mais tarde, se destacará do Brasil, natural e irresistivelmente, como se despega um mundo de uma nebulosa – pela expansão centrífuga do seu próprio movimento.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

# *Segunda Parte*
# O rio Purus e outros estudos

*A partida para o Alto Purus é ainda o meu maior, o meu mais belo e arrojado ideal. Estou pronto à primeira voz.*
*Partirei sem temores; e nada absolutamente me demoverá de um tal propósito.*

EUCLIDES DA CUNHA
(Carta a José Veríssimo)

*... ainda desta vez nada lhe poderei contar, senão que estou bom, embora pressinta que os longos dias de ansiedade, de misérias e triunfos, passados nas cabeceiras do Purus me prejudicaram a vida. Misérias e triunfos... "somente à viva voz lhe poderei contar como fundi aquelas coisas antinômicas, numa batalha obscura e trágica com o deserto".*

EUCLIDES DA CUNHA
(Carta a José Veríssimo)

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Carta a Rio Branco*

Manaus, 1º de novembro de 1905.

Ex$^{\underline{mo}}$ Sr.,

O rápido relatório que tenho a honra de enviar a V. Exª, para não perder o primeiro correio que se nos oferece, tem, naturalmente, todas as imperfeições de um trabalho precipitadamente realizado. Não leva outro fim além de dar a V. Exª uma idéia dos nossos trabalhos. Terei o trabalho de completá-lo e ampliá-lo mais tarde em todos os seus pontos. Dada a sua rapidez, peço também a V. Exª que me desculpe o não ter podido subordinar-me sempre aos preceitos comuns de redação oficial.

A planta que juntamente também segue pouco divergirá da definitiva. Infelizmente, por mais que nos esforçássemos, não conseguimos estendê-la até Lábrea, sem prejuízo da perfeição do trabalho. Vai na escala de 1:100.000 altamente favorável à designação de seus pontos principais.

As inclusas fotografias são apenas amostras das que tiramos em grande número e que oportunamente enviaremos a V. Exª

Também, na próxima correspondência, enviaremos a estatística cuidadosa que efetuei no Purus, entre Barcelona e Sobral, assim como outros esclarecimentos que por escassez de tempo deixaram de seguir.

Saudando mui respeitosamente a V. Exª em nome de todos os meus companheiros de trabalho, subscrevo-me com a mais elevada consideração.

*a) Euclides da Cunha*

Sr. Ministro,

De volta ao Alto Purus, cujo reconhecimento efetuei, vou expor a V. Exª os fatos capitais sucedidos durante a nossa viagem, e como no momento atual tenho que atender a muitos trabalhos, me limitarei a apontar os mais dignos de nota que deverão ser pormenorizados ou esclarecidos mais tarde. Durante a viagem tive a honra de enviar a V. Exª muitas comunicações. Mas eram, em geral, incompletas – já pela precipitação com que eram escritas, já pela nenhuma garantia de sigilo nas cartas que passavam por várias mãos antes de chegarem a Manaus.

Renovarei, por isso, alguns dados nelas expostos e iniciarei esta exposição com a nossa partida da confluência do Chandless – certo de que até aquele ponto, graças aos ofícios que remeti a V. Exª por um portador seguro, tem V. Exª pleno conhecimento de nossa situação.

Iniciamos a nossa partida no dia 30 de maio – ao meio-dia – e apesar das grandes dificuldades facilmente previstas e do dilatado de nosso itinerário, íamos animados. A minha Comissão – como em tempo comuniquei – reduzira-se pela força das circunstâncias a 14 homens apenas (o chefe, o auxiliar, o médico, 1 sargento e 6 praças, e quatro trabalhadores), ao passo que a pergunta, íntegra, levava, à parte o pessoal superior, 21 homens. Esta disparidade, porém, figurou-se-me sem importância. As relações das duas eram muito cordiais; marchamos até ali de inteira harmonia em todos os atos, e, graças a esta circunstância, previu-se o êxito da jornada, por mais difícil que ela parecesse.

Num ponto apenas surgiu o desânimo franco: a travessia dos varadouros. Este remate do nosso esforço, desde Manaus que se preestabelecera impossível. Mais bem-informado do que eu pelos seus patrícios do Alto Ucaiali e do Alto Purus, o Sr. Pedro Buenaño por vários meses me expôs os sérios empeços que nos fariam recuar, numa impressionadora resenha de perigos que iam das cachoeiras e tremedais intransponíveis dos caminhos às bravuras dos *campas* indomáveis. Tomaram tal vulto estas dificuldades futuras que nas vésperas de nossa partida

se aventou a idéia de uma ata em que, expostos os tropeços numerosíssimos, os dois comissários de antemão ressalvassem ou atenuassem as grandes dificuldades de um inevitável recuo. Declaro francamente que fui a princípio partidário desta idéia. Repeli-a depois. Repeli-a precisamente no momento em que nos reuníamos para lavrar aquela ata – e expliquei a minha atitude declarando ao Comissário peruano e aos demais companheiros presentes que, embora bem-intencionados, o nosso ato daria motivos a comentários talvez prejudicialíssimos e cujo caráter não podíamos prever. Não me arrependo ainda hoje do que fiz. Infelizmente, o incidente parece haver desgostado aquele Comissário que, numerosas vezes, no decorrer de nossa viagem, a ele se referia deixando transparecer em veladas recriminações todo o desapontamento que tivera. E insistia sempre sobre a impossibilidade de atingir e transpor os varadouros – de sorte que ao partir da confluência do Chandless era essa a causa única de desânimo. Mas avançamos efetuando os trabalhos de levantamento hidrográficos com a luneta de Lugeol, para as distâncias, e o compasso de levantamento, para os rumos. As paradas forçadas impostas por este processo, porém, fizeram que a breve trecho, ao cabo de 3 dias, o abandonássemos. Realmente, seguíamos com a marcha de todo inaceitável para o dilatado da viagem – de 3 a 4 milhas por dia – sem que a falibilidade própria daquele instrumento compensasse tal delonga. De comum acordo – como sempre procedíamos – mudamos de processo: ao invés das distâncias fornecidas pela luneta, adotamos as que nos dariam as velocidades das canoas, repetidas vezes aferidas pelas medições diretas nas praias, que íamos perlongando. Como V. Exª verá depois, este processo deu resultados admiráveis, muito superiores ao caráter ligeiro exigido pelas instruções.

Assim prosseguíamos numa constante harmonia para a qual eu contribuía mais do que o meu colega – porque fazia constantemente o sacrifício de escutar-lhe insistentes queixumes e lamentações amargas acerca dos sucessos ocorridos nesta zona, de setembro de 1903 a abril de 1904. Tolerava-os não só pelo respeito aos que se lamentam como por não perturbar ou destruir tantos esforços já despendidos numa discussão cujas conseqüências poderiam ir até a um rompimento franco. O evitá-lo foi para mim uma preocupação – e esta exposição, onde a mais ligeira referência não poderá ser contestada, dirá mui claramente que levei

aquele proposito ao máximo limite, até o ponto em que tive de atender à própria dignidade pessoal.

De qualquer modo, chegamos a *Novo Lugar* onde estacionava provisoriamente a Comissão Administrativa dirigida pelo Sr. Capitão Borges Leitão, tolhido pela vazante do rio – sem que o menor incidente alterasse as nossas relações e os nossos trabalhos. Estes consistiam durante o dia no levantamento ininterruptamente efetuado, e durante a noite na observação de alturas para latitudes e longitudes. Perturbados os nossos cronômetros pelo tumulto do naufrágio, limitamo-nos aos primeiros, aguardando a chegada a *Curanja,* onde, baseado nas coordenadas de Chandless, eu pudesse formar um juízo sobre o seu estado absoluto e movimento diário. Era o alvitre único imposto pelas circunstâncias – desde que o rudimentar sistema de transporte em canoa, sem capacidade para os nossos próprios gêneros, me impedia livrar o pesado teodolito astronômico que facultaria, em condições favoráveis, uma longitude absoluta. Ao invés dele, levava o sextante, aparelho náutico, de algum modo estranho à engenharia, e que só apliquei de um lado porque as instruções se satisfazem com coordenadas aproximadas, de outro porque sob o ponto de vista das determinações astronômicas reconhecemos – eu e o chefe peruano –, desde o começo, a exação muito acentuável dos dados fornecidos por W. Chandless, o que constitui sempre elemento preciosíssimo no permanente cálculo da falsa posição que é toda a astronomia prática. Além disso, mais valiosa que as de *Curanja* (comezinhas por estima), tínhamos as coordenadas da *Forquilha* do Purus, onde me seria dado realizar uma retificação acentuável.

Como quer que seja, chegáramos a *Novo Lugar* sem nenhum incidente perturbador e prosseguiríamos com o alento amigo, se um fato aparentemente desvalioso não me revelasse que o meu colega tinha, a cavaleiro da preocupação científica, outras, estranhas à sua missão.

Ali, ao lhe ser apresentado pelo Com. Borges Leitão um proprietário convizinho, o Sr. Buenaño recusou-se a aceitar-lhe a mão, com estranheza geral dos circunstantes. Explicou depois seu ato exculpando-se: soubera que aquele homem tomara parte nos lutuosos acontecimentos que aqui houve entre brasileiros e peruanos. Semelhante incorreção de um homem finamente educado revelou-me para logo as paixões que o dominavam – e preveni-me de resguardos para salvar as nossas

relações futuras. Demorei-me... dias em Novo Lugar para transportar até lá 30 volumes de víveres que se despacharam em Manaus e se achavam num barracão armado pela casa consignatária depois do encalhe da *Phenix* que os trouxera.

A Comissão peruana prosseguiu dois dias antes prometendo-me o Sr. Buenaño fazer viagem vagarosa, de modo que eu em pouco tempo o alcançasse. Assim, ao reatar a subida, deixando Novo Lugar, onde ficou o nosso médico, Dr. Tomás Catunda, a pedido do Com. Leitão, no dia... segui isolado até ao seringal do Funil onde cheguei pela manhã de... Os peruanos estavam muito na frente. Saltei, por isto, apenas para um exame rápido ao local – mas tive de demorar-me por um fato de todo inesperado.

Sabe V. Exª que aquele sítio se celebrizou nos lamentáveis sucessos que agitaram esta zona: ali foram fuzilados vários peruanos. Ao que se afirma não os enterraram, os corpos estiveram expostos até à completa decomposição, permanecendo no local as ossadas das vítimas. O Sr. Buenaño saltou com a sua gente, recolheu piedosamente os restos de seus compatriotas e deu-lhes um título. A ação foi nobilíssima – e só mereceria os mais francos aplausos se S. Sª não a maculasse com um traço infelicíssimo de ódio que não pôde conseguir refrear – e ficou exposto num extravagante epitáfio rabiscado numa folha de zinco:

"F. La Fuente

F. Ruiz

D. Ocampa

P. Reategui

M. Montalbán

Peruanos fuzilados y quemados por bandoleros brasileiros".

Ao considerar estes dizeres – vi-lhe, de pronto, a desvalia – mas ao mesmo passo avaliei os deploráveis efeitos que eles causariam no meio de uma população em cujo ânimo estão ainda bem vivas as recordações dos fatos ali ocorridos. Pensei em retirar a improvisada lápide, tornando logo ciente disto o comissário peruano a quem enviaria um próprio. Mas em tal caso o sítio do *Funil* seria o termo de nossa missão. Haveria um rompimento que eu de modo algum poderia temer sob o ponto de vista do seu resultado material porque à primeira voz teria ao meu lado, além dos que me acompanhavam, numerosos patrícios convizinhos que me dariam incalculável superioridade de forças. Mas compreendi

que isto era antes uma desvantagem: estávamos ainda em lugares somente povoados de brasileiros, tínhamos a força – e por mais lealdade que houvéssemos naquela emergência não faltaria quem lobrigasse no fato uma traição, um atentado capaz de comprometer a minha terra. Além disto temi perturbar negociações que sabia estarem entabuladas e cujo desenvolvimento ignorava. Compreendi também que não devia anular tantos esforços e dispêndios já feitos com o dar demasiado valor ao que era apenas um erro, um deslize de bom senso, infinitamente abaixo da honra de nossa pátria que de modo algum poderá estar ofendida. Balanceadas estas razões, resolvi deixar as coisas como estavam, embora tivesse de providenciar na volta. Entreguei-me à minha preocupação – avançar, avançar o mais possível por maneira a cumprir, arrostando todas as dificuldades, a missão que me fora confiada. Mas segui sob a impressão daquele fato. Encontrei a comissão peruana dois dias depois – e quando o Sr. Buenaño, procurando-me logo, aludiu ao que se passara, contrariei de pronto declarando-lhe que o assunto me era por demais doloroso e perturbador dos trabalhos que até ali nos levavam – pedindo-lhe que volvêssemos a outras questões.

Aquiesceu – mas percebi que a minha atitude lhe agravara o malquerer que principiava a votar-me embora velado por uma afabilidade que sempre me foi altamente surpreendedora.

Assim prosseguimos até o Cataí e Curanja. A viagem tornara-se penosíssima. Levando um único auxiliar, este embora dedicadíssimo, não me podia libertar dos meus disparatados trabalhos que iam das observações astronômicas aos mínimos pormenores da economia do acampamento.

Já cuidando de uma alimentação que a escassez de nossos gêneros exigia fosse fiscalizada, já interrompendo os trabalhos a que me entregava para manter a ordem, contendo um doloroso contraste da correção da tropa estrangeira abarrancada ao nosso lado. Ao chegar no dia... em Cataí, onde estive de cama com forte acesso de febre, avaliei com segurança a gravidade de nossa situação. O longo afastamento em que nos achávamos, a escassez visível de nossos víveres, os trabalhos passados e os que se prefiguravam e a impressão acabrunhadora daquele avanço para o deserto com um objetivo quase indefinido, haviam implantado visível desânimo em quase metade da gente que me acompa-

nhava. Notando tudo isto, não demorei a minha parada ali. Prossegui doente no dia... saindo do leito para a proa da canoa onde ia realizando o levantamento de subida – e embora um outro acesso mais violento me prostrasse em caminho, não foi demorada a subida. Apenas, na manhã de..., dias antes de chegar a Curanja, um incidente desastroso – a sublevação de cinco soldados que tive de abandonar, remetendo os presos para Cataí. Deste modo, ao chegar a Curanja no dia..., pisando a terra exclusivamente povoada de estrangeiros e tendo adiante uma dilatadíssima região a percorrer, restavam-nos apenas sete homens – e vinham estropiados, com os pés sangrando, corroídos das areias, porque durante a subida numerosíssimas vezes tivemos de arrastar as canoas, vencendo sucessivos bancos oriundos do extremo esgotamento do rio. Além disso, compreendi logo que, mesmo para número tão reduzido, éramos 9, ao todo – os nossos gêneros eram escassos. Não dariam para dois meses. Por outro lado, as nossas embarcações cada vez mais se impropriavam às águas cada vez mais escassas – eram duas pesadas canoas de itaúba em que vínhamos desde a boca do Chandless. Os paus que atravancam o rio desde Novo Destino pareciam mais numerosos arrumando-se em cerrados aleatórios mal facultando estreitíssimos canais à travessia. Durante esta, os nossos cronômetros, já tão abalados por um naufrágio, haviam sofrido numerosos saltos em virtude de constantes choques nos paus submersos pouco abaixo da superfície, e de Curanja para cima, além daqueles, teríamos os choques incomparavelmente mais perigosos nas pedras, que num crescendo avultavam à medida do avanço, dali para montante. O volume do rio Curanja, quase igual ao do Purus, facilitava a previsão de uma duplicação de trabalhos. O rio principal, já antes tão esgotado, deveria ser impraticável depois de perder tal tributário.

V. Exª avaliará por estes dados esparsos a seriedade da nossa situação. Entretanto, não cogitei sequer em voltar. Mas para seguir, fazia-se mister aproveitar o mais possível o tempo. Qualquer delonga acarretava dois inconvenientes cada dia maiores: a diminuição dos gêneros e o aumento da vazante. Assim, resolvi precipitar o prosseguimento da marcha – embora o regulamento tão indispensável aos nossos cronômetros exigisse estadia mais demorada e calma. Felizmente me restava, ainda adiante, um ponto intermédio, a confluência Cujar-Curiúja onde

poderia efetuá-lo. Deste modo, durante os... dias de demora (de... a...) em Curanja, efetuei observações sem a segurança dos que dispõem de tempo para a espera de céus próprios e condições favoráveis, encontrando-se entre o nosso *standard* e o peruano uma diferença de 18 segundos que na sua maior parte se deve atribuir às vicissitudes passadas pelo nosso.

Em Curanja – onde fomos muito bem acolhidos – avultaram mais desanimadoras as informações acerca da região que vamos atravessar. Concluía-se que era impenetrável, somente acessível às ubás ligeiras dos caucheiros tripuladas pelos *amauacas* domesticados: multiplicavam-se os paus, as pedras e os bancos que trancavam o rio, repontavam intransponíveis os obstáculos novos das cachoeiras, no leito, e grandes tremedais, às margens dos rios inteiramente impraticáveis, e, aumentando estes entraves, ao cabo, o antagonismo dos amauacas *traiçoeiros* e dos *campas* destemerosos. Citava-se o homicídio recente de um empregado da casa Arana, no varadouro do Cujar, e apenso a este caso verídico, sem-número de outros, vinham aumentar os desalentos, dando-nos a quase certeza de que não iríamos até ao fim.

Assim, ao prosseguirmos no dia..., de Curanja para as cabeceiras, confesso a V. Exª que levava o intento de encontrar a impossibilidade tangível, evidentíssima, que me justificasse, completamente, um recuo que supunha inevitável. O Comissário peruano, coerente com a sua atitude em Manaus, levava o mesmo propósito. Não podíamos atravessar “los varaderos”... Mas contra o que esperávamos, a navegação se não melhorou também não piorou. O Purus parecia não ter perdido um afluente do porte do Curanja. Pouco variava na largura, na mesma profundidade, embora tendo, inexplicavelmente, uma velocidade maior. Deste modo, a nossa viagem até à Forquilha, onde chegamos no dia... se fez em... e está entre as mais rápidas que ali se tem efetuado. Não contribuiu pouco para isso a mudança bastante sensível do clima, que rapidamente varia, tornando-se incompreensivelmente superior ao da região atravessada. A própria praga de mosquitos – carapanãs, piuns e *manta-blancas,* que a jusante torturavam tanto o viajante, ali desaparecera – e numa constância admirável, sem repentinas transições de temperatura e sem a pesada umidade que até então suportávamos – o regime geral tem

uma ação tonificante cujos efeitos para logo sentimos no mesmo reanimar-se a nossa disposição para a sulcada.

Infelizmente, neste trecho outro incidente lamentável prejudicou a cordialidade que devíamos sustentar, eu e o chefe peruano.

Como verá V. Exª pelo desenho anexo, a montante de Curanja sucedem-se os postos peruanos, alguns, como o Chamboiaco e o Cocama com a feição de pequenas vilas. Estes lugares eram para mim objeto de grande curiosidade, e desde o primeiro deles, Santa Rosa (na confluência do Curumaá de Chandless), eu não perdia a oportunidade de saltar conversando as gentes inteiramente novas para mim que ia deparando. Ainda neste ponto me afastava do Sr. Buenaño que nunca saltou num posto brasileiro, embora no último deles, o de Sobral, o respectivo proprietário, a meu pedido, viesse até à barranca oferecer-lhe a sua casa.

Sem rancores depressivos, nessas visitas eu era animado de uma grande ansiedade de conhecer uma sociedade rudimentar e interessante. Assim saltei em Santa Cruz, povoado de caucheiros que se indica na palavra anexa – e tive o primeiro desapontamento ao notar uma animadversão inteiramente destoante da maneira por que fora recebido nos demais postos. Como sabe V. Exª o peruano tem uma gentileza quase mecânica: sorrisos, oferecimentos, saudações, lisonjarias arrojadas fá-los ao primeiro que chega, como quem recita uma velha lição de cor. Sem exagerar a frase, têm o automatismo da cortesia. De sorte que nossa indução natural nos leva a admitir que somente o império de um sentimento poderoso fá-lo perder este característico hábito de agradar. Ora, naquela ocasião, o sentimento (comecei a notá-lo em Santa Cruz, e vi-o depois confirmado por todos os fatos ulteriores) que não disfarçou a adestrada galanteria daquela gente foi – desgraçadamente – o ódio ao brasileiro.

Notei-o em tudo. Na frieza com que nos receberam, na parcimônia das respostas que nos davam e até nos preços simplesmente fantásticos que nos marcavam as coisas insignificantes.

Por outro lado, o Comissário peruano – e faço-lhe a justiça de admitir que agiu inadvertidamente – não soube atenuar esta impressão. Tendo chegado e saltado primeiro do que eu, não teve a minha atitude em Sobral. Mal me apresentou ao dono da casa a que se acolhera e retirou-se antes de mim sob o pretexto de ter de mandar fotografar o sítio.

E resolvi – por evitar qualquer contrariedade – não me abeirar mais dos povoados peruanos sem um convite preliminar.

Além disto, eu os ia atravessando numa incorreção forçada: o Sr. Buenaño na longa travessia do baixo e médio Purus nunca saudou a nossa bandeira hasteada à frente nos barracões. Revidei não saudando nunca as bandeiras peruanas profusamente hasteadas em todos os pontos à passagem das duas comissões.

Prossegui de Santa Cruz e, obediente à resolução anteriormente exposta, passei a marchar de modo a distanciar-me da Comissão peruana, prevendo o constrangimento da chegada num povoado em que ela houvesse de parar e eu de prosseguir. Assim passei em Independência e Cocama, estando neste último o comissário peruano que me alcançara na véspera e se avantajara em viagem, rápida. Não tocando no povoado, tomei de novo a frente, só sendo alcançado pela comissão peruana no dia..., na véspera de chegarmos ao sítio Campa de Cinco Reles. Acampadas na mesma praia as duas comissões, nada revelava a mínima desarmonia. Ao anoitecer, recebi a vista do Sr. Zavala y Zavala que em nome do Sr. Buenaño me avisava que entrávamos em regiões povoadas de "infieles", sugerindo o alvitre – prontamente aceito – de se organizarem sentinelas nos dois campos. No amanhecer seguinte, como não pudéssemos seguir com os peruanos tão matinalmente, por se achar enfermo o engenheiro A. da Cunha, e para que isto não desse lugar à falsa interpretação, mandei comunicar o fato ao chefe peruano, ainda em terra – e este requinte de atenção certo só lhe poderia indicar do meu lado as melhores intenções. Mas creio que produziu efeito contrário. S. Sª, que se molestara com o adiantamento que eu lhe tomara dias antes, parece ter visto naquele ato algo de subordinação ou fraqueza de meu lado – e quis pôr à prova uma ou outra.

Nem de outro modo se explica este caso, que exponha a V. Exª, para que analise bem as fontes de nossa discórdia deplorável, que profundamente lamento e para a qual me dói a consciência que absolutamente não concorri.

Quando avistei Cinco Reales às... horas do dia..., já lá se achava há muito o comissário peruano. S. S. levava um *campa* domesticado – e graças a este intérprete, pusera-se em amistoso trato com o "Curaca" Vinésio ou Vicenzio, que ali domina, irradiando a sua influência e império

sobre todos os demais chefes da região. O povoado – muito pitoresco com o seu desmedido bananal desenrolado em torno e avassalando um morro que lhe empina à direita – tinha, com as embarcações peruanas numerosas no porto e a população adensada na praia em roda dos visitantes inesperados, uma feição animadíssima, e seria altamente estranhável que eu, firme no propósito anterior, não o visitasse e fosse prosseguindo, parecendo menosprezá-lo e dando ensejo a interpretações prejudiciais.

Evitei-as. Mandei parar as canoas – e por mera formalidade desembarquei dirigindo-me logo ao chefe peruano que até teve a gentileza de me apresentar o "Curaca" Vicenzio. Entretanto, quando, depois de alguns minutos, eu voltava para a minha canoa, a fim de reatar a marcha, fui surpreendido por uma interpelação veemente do Sr. Buenaño, inquirindo-me em voz alterada da minha atitude nos últimos dias, e exigindo-me que eu lhe explicasse e desejando saber por que eu não saltara em Cocama, e passara de modo que toda a gente, lá, lhe perguntara se estávamos brigados, etc.

Dominando a surpresa, aproximei-me do interlocutor e negando-lhe o direito de inquirir-me de tal modo porque éramos perfeitamente iguais, dei à minha palavra uma tonalidade mais alta que a sua afirmando-lhe que a desproporção de nossas forças e a circunstância de estar entre estrangeiros só me poderiam dar maior vigor na repulsa enérgica e pronta a qualquer palavra ou ato destoantes dos que exigiam a seriedade do meu cargo e a nobreza natural da minha qualidade de brasileiro.

Não podia proceder de outro modo. Estava diante da minha gente reduzida e qualquer sintoma de fraqueza seria o absoluto desânimo, a extinção de minha força moral, e por fim a impossibilidade completa dos grandes esforços e até sacrifícios que se faziam indispensáveis à subida. O diálogo continuou largo tempo no mesmo tom – terminando por explicações recíprocas que pareceram atenuar o ressentimento anterior. Prosseguimos juntas as duas comissões, deixando os *campas* absortos, e no anoitecer deste dia, como nos distanciássemos, demorados, o Sr. Buenaño teve a delicadeza de mandar colocar um farol no extremo da praia onde acampara, para nos mostrar o rumo. Volveu a afabilidade antiga, e quando chegamos no dia... à confluência do Curiúja, foi certo,

por sugestão sua que o Sr. Carlos Sharf, proprietário do sítio Alerta, ali erecto, mandou ao litoral um dos seus empregados convidar-me para saltar ali – ao que acedi assim como aos repetidos e muito insistentes pedidos de hospedar-me na sua casa. Aceitando esse agasalho obedeci principalmente o propósito de evitar a todo o transe quaisquer elementos de discórdia. Não devia relutar numa recusa que talvez se afigurasse numa animadversão que mesmo no caso de existir (e não existia) eu não devia revelar.

Permanecemos neste ponto do dia... ao dia... intervalo que aproveitei para a regularização segura dos cronômetros. Era a primeira que realmente se faria porque de fato, a de Curanja, pelas condições anormalíssimas em que se realizara, não tinha valor algum. Chamei a atenção do Sr. Comissário peruano para isso: ele testemunhava as condições desfavoráveis em que eu trabalhava e que iam dos céus em geral nublados a uma indefinida série de trabalhos de outra ordem, agravados pela circunstâncias de ter adoecido seriamente naquele lugar o meu único auxiliar Dr. A. da Cunha. Entretanto S. S. guardou a ata respectiva, apesar de sua nenhuma importância – e este fato ligou-se a outros no demonstrar uma atitude bem pouco compatível com a solidariedade de esforços que devíamos manter.

Ora, este antagonismo até então velado – à parte a platônica intimação de Cocama – desvendou-se, afinal, inteiramente, quando procuramos acordar acerca do que devíamos realizar depois daquela escala. Estávamos na Forquilha, onde principiavam as grandes, as inumeráveis dificuldades anteriormente indicadas. Para onde quer que avançássemos, ou para o norte, pelo Curiuja, ou para o sul, pelo Cujar, a travessia era impossível. É o que se afirmara em Manaus; é o que o comissário peruano monotonamente repetira pelos caminhos; é o que se confirmara em Cataí; é o que novas informações haviam fortalecido em Curanja; é, afinal, o que se punha de manifesto diante dos informes quase no sítio de todos os habitantes da Forquilha. Não podíamos avançar. No Cujar, que leva ao varadouro por assim dizer oficial, incessantemente preferido pelos que comunicam com Iquitos, aguardavam-nos, à parte os bancos de areia e paus, 75 cachoeiras uma das quais de 2 metros de alto. Se as vencêssemos chegaríamos ao Cavaljani onde as dificuldades aumentariam, ao lado dos mesmos empecilhos das quedas d'água; depois, a passagem

penosa do Pucani, para afinal chegar-se ao varadouro. No Curiúja idênticos empecilhos... Depois – os "infieles". Duas horas antes de chegarmos àquele ponto, víramos lançada à barranca esquerda do rio, num claro entre as frecheiras, o cadáver de uma amanhuaca. Fora, ao que soubemos depois, trucidada pelos bárbaros que andavam por perto, segundo nos afirmavam, numa ameaça permanente e surda.

Era natural que deliberássemos a respeito de nosso procedimento modelado por circunstâncias tão especiais – e a resolução que se afigurava lógica e irresistível era a da volta.

Considerando o estado da minha gente e principalmente a escassez dos nossos gêneros (que não puderam ser renovados na Forquilha porque lá não encontrei naquela ocasião um só paneiro de farinha) eu não relutaria em aceitá-la. Volveria tranqüilo: fizera já um grande esforço para chegar até lá depois de... dias de marcha penosíssima, em canoas.

Mas fui surpreendido pela atitude nova do Sr. Buenaño. De fato, precisamente na ocasião em que se deviam realizar os seus velhos vaticínios, S. Sª mudou. Transformação inexplicável: enquanto as dificuldades e perigos apontados eram vagos, inconsistentes, pouco aceitáveis, em Manaus, nos caminhos, em Cataí, mesmo em Curanja – S. S. decretava: nós não poderemos passar os *varaderos*, e quando aquelas dificuldades e perigos se afirmavam eloqüentemente, impressionadoramente, pela voz dos que com eles lidavam quase diariamente, pela própria observação, porque de uma janela contemplávamos os dois rios num crescente esgotamento, e pela evidência de um assassínio altamente impressionador, S. Sª revestiu-se de um otimismo espantoso – e afirmou de modo categórico e firme: podia atravessar os varadouros... Mas não foi generoso. A afirmativa não se limitava a ir egoisticamente no singular, completava com uma negativa por igual imperiosa: eu não os atravessaria. A situação era clara. A Comissão Mista cindia-se num desequilíbrio de energias. A comissão peruana, forte, disposta, abnegada, estava pronta a seguir mas não o podia fazer porque o comissário brasileiro, sacrificado por um naufrágio, com o pessoal reduzido, rudemente trabalhado e sem gêneros suficientes, não podia absolutamente marchar. Isto afirmou-se bem alto.

Compreendi que o Sr. Buenaño conhecia bem a nossa situação real. Era gravíssima. Não tendo podido refazer os nossos víveres em Curanja, onde nada havia, segundo nos afirmaram; perdida a esperança de os refazer ali, onde nos afirmavam nada existir – afirmo a V. Exª que eu duvidava se tinha gêneros mesmo para a volta. Além disso, salteado por uma polinevrite, que ainda perdura, desanimava-me o pensamento de que a moléstia me impossibilitasse às ações decisivas que o momento exigia.

O nosso colega, porém, pusera a questão de um modo preponderantemente inaceitável: a volta devia-se realizar firmando-se uma ata em que, expostas as condições das duas comissões, ficasse expresso que não se continuara a investida exclusivamente por nossa causa. Vingava-se a ata abortícia de Manaus... E argumentava: tinha ubás apropriadas à subida, tinha gêneros para muito tempo, tinha um pessoal triplo do meu; podia passar, estava pronto a passar, ao passo que nós, desaparelhados, não o podíamos. Deslembrara-se que na ata de Manaus se preestabeleceria o recuo e acreditou que a... milhas daquela cidade, quase sem recursos e encravado no deserto, eu seria forçado a formar – isolado – o que recusara fazer em sua companhia. Desiludi-o. Recusei a proposta. Declarei-lhe que iria ao encontro da impossibilidade tangível que não duvidava inexistisse mas que ainda não vira de frente; e apresentei-me para a partida que se efetuou no dia 24 de julho, pelo Cujar acima em busca dos varadouros do Ucaiali.

Não exagero dizendo que seguimos à meia-ração. Demandávamos extensa região inteiramente desabitada e os víveres que levávamos – no máximo para 25 dias – se redividiram em carne-seca, farinha, que se acabou ao fim de 12 dias, um pouco de açúcar, que só durou três dias, 1/2 garrafão de arroz e uns restos de bolacha comprados em Curanja. Propositadamente faço esta lista. É expressiva. Por ela se avalia senão a boa vontade no cumprirmos o dever ao menos a temeridade de um avançamento que foi sobretudo uma repulsa energética a uma afirmativa desafiadora e impertinente.

Partimos a 24 de julho e vimos logo o fundamento das informações obtidas. Na parte inferior, antes do 1º rápido, numa extensão de... o Cujar, distendendo-se em estirões alargando-se às vezes de maneira desproporcionada às suas águas dificultosas e traiçoeiras pelos longos e

continuados bancos de areia, indo de uma a outra margem, sem o mais estreito canal que evitasse o pesado serviço do arrastamento das canoas, tão difícil que por vezes eu mesmo tive de saltar para auxiliar os trabalhadores naquela penosíssima tarefa. Um obstáculo novo, aparentemente desvalioso, surgira na vegetação característica de suas margens orladas de buquitivas *(Callaiandra trinervia),* cujos ramos, estendidos horizontalmente sobre as águas, cobrem em longos trechos os pontos de mais fácil acesso. Desse modo, antes mesmo de atingirmos a zona das cachoeiras, tivemos redobrada a luta que quase ininterruptamente trazíamos desde a boca do Chandless – e vinha agravada pela impropriedade de nossas embarcações muito diferentes das ubás ligeiras, únicas que se aplicam àquele rio. Infelizmente, todos os esforços que eu fizera na Forquilha para conseguir uma sequer por qualquer preço – onde as havia em grande número – tinham sido inúteis e tivemos de enfrentar tais obstáculos com o agravamento apontado.

Atingimos o primeiro rápido no dia... e vimos para logo, à parte a grande série de inconvenientes próprios à sua passagem – uma causa forçada de demora na baldeação por terra, ao longo da margem, dos nossos instrumentos já tão duramente batidos pela acidentada navegação anterior. Transmontá-lo em... e daí por diante, numa intercadência inflexível, numa sucessão intervalada de degraus, se nos antepuseram aquelas barreiras que não raro foram vencidas a pulso, lentamente arrastando as canoas sobre as pedras, quando não exigiam a aplicação da sirga e cabos de segurança reagindo à violência das águas.

A natureza geológica do terreno mudara repentinamente desde a Forquilha, e embora nenhuns traços de formações primitivas, tudo nos indica a crer que pisávamos camadas bem mais antigas que as das bacias inferiores, e caracterizadas por uma ação metamórfica intensíssima. As pedras que afloram em toda a parte, formando quase contínuo ao leito do rio, revelam-no. Rochas evidentemente sedimentárias, sob os dois aspectos únicos em que se mostram em finamente granulados ou em grosseiros conglomerados, recordam entretanto na consistência e na dureza excepcional os quartzitos e granitos. A combinação ou separação de ambos forma os vários aspectos das quedas que ora tombam *ex abruptu,* num salto único, ora em degraus sucessivos e ora reduzidas a fortes corredeiras, em planos clivosos eriçados de pontas ou

atravancados de blocos desmantelados. Assim variávamos os processos para vingá-las. Não os pormenorizarei. Não quero abusar da paciência de V. Exª, relatando monotonamente a subida de 73 (setenta e três) cachoeiras, 46 grandes e 27 pequenas, achando-se entre as pequenas o grande salto de 2 m de alto que se indica na planta.

Era o ponto em que devíamos estacar. Lá chegamos no dia 28 de julho encontrando a comissão peruana, já livre daquele obstáculo, acampada a montante.

Reconheci de pronto as dificuldades. O rio represado por um afloramento do falso conglomerado a que me referi não deve transmontá-lo nas enchentes numa queda importante. Naquela ocasião, porém, em plena vazante, derivava todo por uma depressão à direita, caindo num salto único, cuja violência se aumentava na angustura que o cerrava. Deste modo, à esquerda até à margem, estendia-se revolta, lastreada de blocos, sulcada de fendas e crivada de boqueirões, a maior parte do leito, em seco – e compreendi de pronto que por ali se deviam levar, arrastadas, as nossas canoas, depois de descarregadas. A tarefa, porém, parecia superior às forças de um pessoal tão reduzido. E o comissário peruano deixou transparecer esta convicção ao declarar-me que seguiria indo acampar muito perto, apenas duas praias na frente.

Como de costume não me ofereceu o mínimo auxílio, nem eu, como de costume, lho solicitei. Disse-lhe – por disfarçar o meu próprio desânimo – que "ou montaria ou desmontaria a cachoeira", e ao fim de... de trabalhos chegava ao acampamento peruano. Dominado este passo, era evidente que nenhuma dificuldade natural nos faria mais recuar. Comecei então a notar a ação paradoxalmente favorável que exercem estas quedas para a subida do rio, na vazante. São verdadeiras reclusas, regularmente escalonadas e sem as quais todo ele diminuiria impraticável, em baixios rasos. Por fim, os nossos varejadores exaustos de arrastarem as canoas pelos estirões esgotados, ouviam com satisfação o ruído da queda à montante, que lhes imporia um redobrar de esforços mas compensado por algum tempo de navegação franca e folgada.

Assim avançamos até à confluência do Cavaljani, onde chegamos no dia... depois de... dias, a partir da Forquilha. Estávamos nas cabeceiras do Purus. O rio ainda ali, como revela a planta, expõe a sua dicotomia interessante tão bem expressa na forquilha do Acre, na do Curanja e

na do Curiúja. Divide-se em dois galhos quase iguais, um para o sul, o Cavaljani, outro para o norte, que lhe conserva o nome. Foi por este que penetrou W. Chandless estancando poucas milhas adiante. Não devíamos penetrar pelo outro. Vínhamos do Cujar, esgotados, e deduzíamos todas as condições desfavoráveis do afluente em que ele se bipartia. E certo não iríamos por diante com os nossos batelões, que até lá chegaram com assombro de todos os que por ali mourejam – se uma circunstância inesperada não nos favorecesse.

Pouco depois da Comissão peruana que se nos avantajara de duas horas, chegaria àquele ponto o correio de Iquitos em quatro ubás pequenas, adrede modeladas à sulcada e a serem arrastadas pelos varadouros. O Sr. Pedro Buenaño resolveu aproveitá-las, julgando impróprias, tal a escassez de águas do Cavaljani, as suas próprias ubás. E conseguiu-o. O correio aguardá-lo-ia naquele ponto. Cedeu-lhe as suas embarcações. O comissário peruano, em pessoa, procurou-me, na minha barraca, para dar-me a nova feliz que tanto melhorava as suas condições já tão incalculavelmente superiores às minhas, e depois de as expor, pediu-me, por um requinte de galanteria, oriundo da satisfação do momento, instruções. Respondi-lhe que no-las tinham dado os nossos governos e que subordinado a elas só lhe poderia responder: para a frente. Neste momento. S. S. sem perder a linha de sua educação esmerada, repetiu-me o doloroso estribilho que adotara desde a Forquilha: passaria, estava preparado para passar – e eu, não.

Contravim-lhe com a minha "impossibilidade tangível" e pedi-lhe, na presença do Sr. Engenheiro Arnaldo da Cunha, a quem mandei chamar para deliberarmos, duas das ubás que se tinham julgadas impróprias. S. S. em ofício ulterior disse que mas ofereceu. A verdade, porém, é que ele relutou ligeiramente em atender ao meu reclamo, temendo pelos barcos que não lhe pertenciam e que muito podiam sofrer na travessia, etc. Mas cedeu-mos, não podia deixar de cedê-los, tendo-os deixado como absolutamente impróprios.

Permita-me V. Exª que eu insista nestes pormenores que são bastante expressivos.

De posse das duas ubás e baldeados para elas os materiais estritamente necessários – depois de vencida a relutância justificável de meu pessoal desanimado ante a perspectiva de novos e maiores trabalhos

com recursos tão escassos, no 31 de julho às 8 horas da manhã procuramos penetrar no Cavaljani – passando-se então o período de maior constrangimento de toda a nossa viagem. As duas canoas, ao defrontarmos a confluência, encalharam ainda em águas do Cujar e durante 48 minutos resistiram, imóveis, enterradas na areia, aos esforços desesperados que fazíamos. Isto sucedia a cerca de quatro metros da comissão peruana, cujas barracas não se tinham desarmado. O seu pessoal e os chefes contemplavam-nos mudos, a dois passos, e dali não se estendeu um braço, um braço único que nos auxiliasse.

Abria-se, a pás, um sulco na areia e fomos de rastros penetrando no Cavaljani. Uma hora depois passaram por nós as ubás peruanas, também arrastadas, porém muito mais facilmente. Ainda estávamos na confluência. Três horas depois havíamos andado apenas 20 metros. Eram 11 horas e a comissão peruana desaparecera na frente.

Pensei em seguirmos a pé, carregando cada um dos gêneros que pudesse, mas [diante de] toda a extensão a percorrer o alvitre era inexeqüível. Resolveu-se, então, reduzir ainda mais o que levávamos, aplicando-se todo o pessoal numa única ubá pouco carregada, ficando a outra com o resto do material entregue ao sargento, ali. Assim resolvemos o problema. Às 3 horas da tarde alcançamos a comissão peruana e acampamos na mesma praia.

Ao cabo de... dias, a... chegávamos afinal à entrada da última quebrada que leva ao varadouro e não preciso descrever o transe que passamos.

Ali chegamos às 12 horas e 50 minutos – e às 12 e 55 desembarcamos, penetramos a pé no sulco estreito do Pucani. Este intervalo é expressivo. Não podíamos parar: os nossos gêneros, gêneros para nove homens em região absolutamente deserta, reduziam-se a 4 latas de leite concentrado, duas de chocolate e 3 quilos, no máximo, de carne-seca. E estávamos em pleno deserto.

Ao passar pela barraca do chefe peruano comuniquei-lhe a resolução de avançar quanto antes em procura do varadouro “porque de modo algum podia demorar-me”, repugnando-me expor-lhe as dolorosas aperturas em que nos achávamos e que suportamos melhor do que suportaríamos os gêneros que nunca nos ofereceu.

O Pucani, tortuoso, estreito de 3 metros e em geral raso, foi atravessado a pé – transpostos os profundos poços em que intermitentemente se afunda em atalhos ladeando-lhes as barrancas, pelo mato. Sem um guia não nos transviamos por uma outra quebrada igual que lhe aflora à margem esquerda, graças às latas vazias de conservas e pólvora que íamos encontrando – de sorte que às 3h15min, ao chegarmos ao último poço, deparamos relitíneo, ousadamente lançado por uma vertente fortíssima, o sulco do varadouro.

Extremam-no quatro *tambos* de paxiúba onde se acolhem os viajantes e se guardam as mercadorias. Em torno, por todos os lados, latas vazias de conservas de toda espécie, garrafas vazias, e trapos de roupa, delatavam a escala forçada dos que por ali passam e um tráfego relativamente grande. O varadouro, largo de um metro, abre-se adiante, para o sul. Empina-se logo em ladeira, e muito mais íngreme de nosso lado, desce depois mais suavemente, em três *[aqui termina o incompleto manuscrito]*.

**próxima página**

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *A viagem*

Cumprindo o expresso nas instruções, as comissões de reconhecimento, reunidas na cidade de Manaus, depois de verificados os seus títulos, compararam os seus cronômetros, e prolongaram a sua estada até o dia 5 de abril, em que a Comissão Mista de Reconhecimento do Alto Purus seguiu em demanda do seu destino. Esta demora obrigatória foi ocasionada pelo atraso das Instruções, recebidas poucos dias antes da partida, de sorte que o tempo despendido em Manaus nos desalentava, tornando problemático o chegarmos ao termo da viagem de que nos encarregávamos, sobre aumentar grandemente as suas dificuldades, porque a vazante começava naquela quadra e as facilidades da navegação a vapor diminuíam ao mesmo passo que aumentavam as distâncias que deveríamos transpor em canoas num rio de tão dilatado curso.

Apesar disto, aproveitou-se o tempo em predispor os elementos de mobilização do melhor modo possível – e ambas as comissões, anelando um exato e rápido cumprimento do dever, estiveram prontas ao mesmo tempo para seguirem conjuntamente desde que se cumpriram os preliminares das referidas instruções.

Partíamos na quadra mais imprópria, precisamente quando ia cessar a navegação regular para o Alto Purus, subordinada, como se

página anterior

sabe, aos períodos das vazantes e das enchentes que todos os anos se sucedem de abril a novembro e de novembro a março.

Entretanto, a subida até à confluência do Acre se fez com a maior regularidade ainda que excessivamente morosa.

Reunida toda a comissão mista na confluência do rio Purus, às 7 horas da manhã do dia 9 de abril, concertaram os dois comissários, peruano e brasileiro, quanto às linhas gerais dos processos que deviam adotar para o início dos trabalhos, o que tudo consta da ata que na ocasião se lavrou.

Deveriam continuar navegando dia e noite, efetuando-se o levantamento hidrográfico somente durante o dia, de modo que as seções percorridas à noite, e que, portanto, não poderiam ser marcadas, se incluiriam no contralevantamento que se realizaria na volta.

Esta medida visava, essencialmente, ressarcir o tempo que se perdera e aproveitar uns restos da enchente, que seriam de todo perdidos com as demoras impostas por um trabalho regular.

Estávamos, além disto, ainda nas regiões mais bem conhecidas do Purus e devíamos fazer quanto em nós coubesse para atingirmos os longínquos pontos de suas cabeceiras, que constituíam o objeto essencial da nossa missão.

Estes lineamentos gerais modelando os nossos trabalhos futuros seriam, ademais, como realmente o foram, modificados consoante as circunstâncias e uma experiência maior das coisas.

Assim, desde logo, a comissão peruana, a quem uma embarcação única facultava mobilização mais regular, iniciou o levantamento ininterruptamente dia e noite, no que foi a breve trecho acompanhada pela brasileira, desde que se contratou o reboque do batelão *Manuel Urbano* pelo vapor *Tracuá*, no dia 13 de abril, em Boavista do Bacuri.

Até este ponto a viagem fora extremamente morosa. Melhorou depois, navegando ligadas as duas lanchas brasileiras, por maneira a estabelecer-se maior uniformidade na marcha e verificar-se com maior exação o levantamento contínuo acima referido.

Infelizmente o vapor, que rebocava aquele batelão, dando sobre um pau e ficando a pique de um naufrágio, muito contribuiu para maior demora da marcha; de sorte que somente a 5 de maio, exatamente

um mês depois da nossa partida de Manaus, prosseguimos da boca do Acre para as cabeceiras.

Ali, aproveitando uma parada de três dias, de 2 a 5 de maio, se fizeram pela primeira vez os regulamentos dos cronômetros, assim como as primeiras observações acerca do regímen e caracteres físicos dos rios. Como estes trabalhos requerem longa demora, acordamos (já que as instruções só exigiam um ligeiro levantamento do Baixo Purus e os motivos expostos nos impunham uma avançada célere) em começar as observações de coordenadas e de outros pormenores somente do Acre para montante. Havia também a causa fundamental de estar bem estudado o trecho que percorrêramos, além de existirem, mais para cima, pontos de posição bem determinada que permitiriam com mais segurança a definição das marchas cronométricas, sujeitas não só às causas ordinárias de variação como a outras, acidentais, que, certo, ofereceriam as condições especiais em que realizávamos a viagem.

Combinaram-se novos dispositivos, de acordo com a vazante crescente e menor volume do Purus depois da perda do seu maior tributário – ficando estabelecido que só viajássemos durante o dia, dados os perigos da subida, à noite, em virtude dos paus que começavam a repontar em maior número à flor das águas. Ao mesmo tempo convencionou-se um código de sinais de modo que os dois elementos da comissão se correspondessem facilmente, consoante as circunstâncias. E a viagem prosseguiu sem incidente digno de nota, adstrita às paradas obrigatórias para compra de lenha, e os resguardos, cada vez maiores, no sentido de evitarem os choques perigosíssimos dos paus que, num crescendo, iam aparecendo em vários pontos nos canais.

A fim de uniformizar a navegação e, conseqüentemente, o levantamento que se operava dependente em parte da regularidade da marcha, ligaram-se as duas lanchas, *Cahuapanas* e *Nº 4,* acompanhando-as a *Cunha Gomes* com o batelão rebocado.

Depois da embocadura do Iaco, que foi alcançada a 11 de maio, e em cujas cercanias encontramos o *Netuno* (o último vapor que conseguira descer livrando-se da vazante excessiva do rio) a singradura tornou-se irregularíssima, impondo constantes sondagens e paradas, em virtude não somente dos paus, que avultavam, numerosíssimos, desde Novo Destino, como também dos baixios de argila vermelha endureci-

da, que com os nomes locais de "torrões" e "salões" iam continuamente tornando mais duvidosa a travessia. Em Terruã e Catiana a *Cunha Gomes* imobilizou-se encalhada nesses bancos.

Prevíamos o fim da navegação na foz do Chandless, de onde não poderiam avantajar-se as nossas embarcações, pois os seus calados cada vez mais se impropriavam à escassez das águas. Mas precisamente no dia em que devíamos alcançá-la, quando nos achávamos pela manhã de 21 de maio na volta de São Brás, um acidente desastroso modificou todo o curso da viagem. A passagem ali, a exemplo de outras que já se tinham transposto, oferecia a alternativa do encalhe ou do naufrágio – quer procurássemos a convexidade da praia, onde derivava a corrente, rasa, sobre as areias, quer navegássemos pela parte côncava, da barranca, onde a vantagem de uma maior profundidade se anulava completamente ante numerosos madeiros de pontas ameaçadoras que dificilmente poderiam ser evitadas.

Preferia-se, naturalmente, o último caso, em que pese aos perigos foi o que realizaram a *Cahuapanas* e a *Nº 4,* atravessando, incólumes, o trecho perigoso, mas sem se forrarem ao encalhe (às 7h50min) na curvatura extrema da volta – de onde escaparam depois de algumas manobras.

A *Cunha Gomes* rebocando o pesado batelhão, vinha ligeiramente atrasada; de sorte que ainda lutavam, aquelas, por se livrarem do baixio em que se tinham imobilizado, quando a última, às 9 horas, apareceu e penetrou pela passagem única do canal, onde a violência da corrente e os paus submersos, ou repontando salteadamente, tornavam tão precária a navegação. Apesar disto atravessou-o sem incidente. Ao montar a volta da praia, porém, como – apesar de uma sondagem preliminar – encalhasse ligeiramente num baixio, deu atrás a fim de safar-se, o que conseguiu sem dificuldades. Mas sendo a corrente muito impetuosa, a lancha, logo depois de retroceder, devia seguir avante, vencendo prontamente as águas, de modo que ela e seu pesado reboque não fossem sobre os paus ainda próximos. Não se conseguiu isto, falhando a máquina no momento em que se devia agir mais poderosamente; de sorte que a lancha, com o batelão *Manoel Urbano* à jusante, derivou à feição da corrente indo a breve trecho esbarrar num enorme madeiro de cumarurana,

onde o último, arrombado, quedou preso, fazendo logo água e afundando num naufrágio irremediável.

Grandemente auxiliada pela tripulação da lancha peruana, *Cahuapanas,* a comissão brasileira, depois da faina tumultuária, própria de tais ocasiões, conseguiu salvar pouco mais de metade dos gêneros que levava, não havendo nenhum desastre pessoal a lamentar.

Deste modo a comissão mista, imobilizada toda, um dia antes de alcançar a confluência do Chandless – porque a *Cahuapanas*, por sua vez não conseguira desencalhar – teve que se reorganizar e ao mesmo passo traçar novos dispositivos que lhe favorecessem a missão.

Assim se reduziu a brasileira, numerosa demais para recursos que repentinamente diminuíram de metade.

As medidas combinadas foram prontas: a brasileira apenas formada pelo comissário, o auxiliar técnico, o médico, o subalterno da força, 11 soldados e trabalhadores, prosseguiu no dia seguinte, 22, para o Chandless, onde alcançou, a 23, a peruana, que se não modificou, diminuída apenas da tripulação da *Cahuapanas*.

Ficara em São Brás o resto do pessoal da primeira, sob a direção do ajudante substituto.

Reunidos no dia 25 de maio na boca do Chandless, combinaram os comissários acerca das medidas que a situação exigia, e entre estas a de uma comunicação circunstanciada aos governos peruano e brasileiro, apresentando-lhes o quadro real das dificuldades que se lhes antolharam e que pelo seu caráter imprevisto talvez justificassem ou originassem novas instruções.

Era uma medida indispensável. As notícias do estado do rio, a montante, chegavam desanimadoras. O Purus grandemente esgotado impropriara-se à navegação. Tinham parado, poucas milhas adiante, em abarracamentos provisórios, as Comissões Mistas administrativas peruano-brasileiras. Três vapores – o *Santos Dumont,* a *Fênix* e o *Cacianã* – jaziam não muito afastados, presos pelas areias. Diariamente desciam em canoas e em montarias, para Manaus, os seus tripulantes ou passageiros, e o que deles se colhia, sem variantes, era a mesma certeza do regímen desfavorável das águas.

Tudo isto justificava uma comunicação urgente, de que foi encarregado o subalterno da força brasileira, que no dia 26 de maio des-

ceu para Manaus, levando também a incumbência de adquirir novos gêneros para a comissão respectiva.

Entretanto, feita a comunicação meramente preventiva, não cogitamos em parar ali ou voltar – mas sim no avançar quanto antes, organizando-se em canoas e pequenos batelões a flotilha de subida.

Não nos iludíamos quanto às dificuldades que nos aguardavam.

Aparentemente, à simples inspeção de um mapa, já havíamos avançado muito.

Estávamos a cerca de 1.500 milhas intinerárias da foz, ou sejam, aproximadamente, três quartos de todo o Purus já percorrido.

Restavam-nos no rumo médio de sudoeste apenas pouco mais de 2º em longitude e menos de 2º em latitude, numa distância itinerária inferior a 450 milhas. Mas o novo meio de transporte, imposto pelos acontecimentos, ligado ao estado do rio, tornava de todo e em todo ilusória esta aparente aproximação do nosso objetivo, que devíamos, demais, atingir ao arrepio da corrente.

De fato, argumentando com a velocidade média de 5 milhas diárias, e não era pequena dada a natureza dos nossos trabalhos que seriam maiores à medida que nos internássemos, concluímos que somente em 90 dias de navegação esforçada chegaríamos às nascentes.

Assim nos dispusemos para esta viagem dilatada, deixando a confluência do Chandless no dia 30 de maio, ao meio-dia, com uma marcha de todo contraposta ao dilatado do nosso rumo: no dia 30, 3.200 metros (1,7 milha); do dia 31, 8.200 metros (4,40 milhas); a 1ª de junho, 9.992 metros (5,3 milhas).

Esta morosidade era sobretudo oriunda do processo que adotáramos para o levantamento hidrográfico, em que os rumos tomados com a bússola se ligavam às distâncias indiretamente conseguidas com a luneta de Lugeol – o que nos impunha paradas obrigatórias em todas as inflexões. O persistirmos no sistema acarretaria a extinção dos gêneros que levávamos, muito antes do nosso objetivo. Modificamo-lo, substituindo as medidas indiretas da luneta, pelas que obtínhamos, avaliando as velocidades das canoas, por meio de repetidas bases medidas diretamente ao longo das praias afeiçoadas a esta operação. E graças a esta deliberação,

a nossa marcha aumentou, progredindo numa aceleração crescente até às cabeceiras.

No dia 2 de junho, à uma hora da tarde, chegávamos ao acampamento do Refúgio, onde acampara a comissão administrativa peruana, dirigida pelo Sr. Coronel Manuel Bedoya, imobilizada pelo encalhe da lancha *Fênix* que a transportara; e no dia seguinte, à noite (depois de um rápido avançamento, passando pelos barracões de Triunfo Velho, Porto Mamoriá, Cacianã e Triunfo), a Novo Lugar, onde, pelos mesmos motivos, estacionara provisoriamente a comissão administrativa brasileira, dirigida pelo Sr. Capitão-Tenente Borges Leitão, depois do encalhe do *Santos Dumont,* em que viera de Manaus.

Normalizara-se a nossa viagem e firmara-se de vez o rude regímen que nos impuséramos para cumprir a nossa missão: as jornadas iniciadas invariavelmente ao primeiro alvorecer só se encerravam, feitas duas pequenas escalas para as refeições, quase à boca da noite.

Acampados geralmente uns ao lado de outros, na mesma praia, peruanos e brasileiros estimulavam-se deste modo pelo exemplo recíproco, numa emulação que nunca degenerou em discórdia e só trazia como conseqüências uma rapidez excepcional, que nunca prevíramos. De fato, ao cabo de alguns dias, decampava-se desde que o primeiro albor da antemanhã permitia a leitura da bússola e avançava-se até à noite. Ao mesmo tempo, de pronto adestradas no manejo dos varejões, as tripulações das canoas porfiavam numa sulcada que dia a dia lhes exigia maiores cuidados e maiores esforços, pelos perigos crescentes dos abatises submersos e extensos bancos de areia, exigindo, não raro, o arrastamento, a pulso, das canoas. A estes estímulos mútuos, que nunca diminuíram, devemos a rapidez da nossa viagem, sem embargo das escalas obrigatórias que a natureza dos trabalhos nos impunha.

A primeira foi em Novo Lugar, de onde a comissão brasileira só decampou a 7 de junho pela manhã (demorada pela necessidade de transportar 30 volumes que tinha a bordo da *Fênix*) precedendo de dois dias a peruana, que partira a 5 e seguira vagarosamente, a fim de aguardá-la em caminho.

Em Novo Lugar estava emergente a epidemia de beribéri, que tantos estragos fez, depois, naquele posto, e esta circunstância engravecida pela moléstia do médico da comissão administrativa, falecido poucos

dias depois, fez que o comissário brasileiro atendesse ao pedido que lhe fez, oficialmente, o Sr. Comandante Borges Leitão, para que ali ficasse o médico da brasileira.

As comissões reunidas novamente a 9, além do sítio do Funil, prosseguiram até Sobral, onde chegaram no dia 11, depois de terem passado a 7 pelo sítio do Cruzeiro, a 8 pelo barracão Hosanã, posto peruano abandonado, a 9 pelo impropriamente denominado Furo de Juruá, igarapé de onde se passa por um varadouro para o Jurupari, afluente do Tarauacá.

Passado o sítio de Sobral, último barracão brasileiro do Alto Purus – agravaram-se as dificuldades nos paus e encalhes nos bancos ou *salões*. No dia 13, a duas horas de canoa de Sobral, chegamos a Muronal, primeira barraca peruana do Alto Purus.

Felizmente nenhum caso sério de enfermidade aparecera até então nos dois acampamentos, enrijadas as tripulações pelo próprio regímen severo a que se submetiam, e também pela sensível melhora do clima a despeito de repentinas variações de temperatura, sucedendo-se aos dias ardentíssimos as noites enregeladas e úmidas, nas quais, às vezes, se tornavam penosíssimas as observações, sem embargo da serenidade dos céus.

Assim, no dia 14 de junho tivemos de acampar às 3 horas, violando o programa preestabelecido. A manhã rompera fria depois de chuva torrencial que despertara, à noite, os dois acampamentos, arrancando-lhes as barracas em fortíssimas lufadas, e, contra o que era de esperar-se, a temperatura, ao invés de subir, começou a descer pelo correr do dia. Marcando 24º às 9 horas da manhã, indicava o termômetro 21,5º às 11 horas e 21º às 2 da tarde, continuando nesta descensão até à noite, em que deve ter caído consideravelmente, porque reatamos a marcha, na manhã de 15, às 6 horas e 20 minutos, com a temperatura absolutamente anômala em tal latitude, de 13,8º C.

Passamos a 16 de junho pelos sítios abandonados por peruanos, de União e Fortaleza, chegando no dia 17 à 1 hora da tarde, a outro "tambo" de caucheiros peruanos, Santa Rosa, na confluência do rio que se indica na carta de William Chandless sob a denominação de Curinaá. Prosseguimos no dia seguinte.

Entre Santa Rosa e Cataí, a região é aparentemente deserta: só caucheiros trabalham internados na mata. Nada revela antigas barracas ou postos. Atravessamo-la em pouco mais de quatro dias, reunindo-nos a 22 de junho em Cataí, sede das Comissões Fiscais administrativas peruano-brasileiras.

Falhando naquela escala o dia 23, prosseguimos a 24, chegando no dia 25 pelas 10 horas da manhã ao sítio de San Juan, habitado por índios piros e peruanos loretanos que se dedicam à extração do caucho.

Em todos estes trechos os encalhes e súbitas esbarradas nos paus já se tinham tornado coisas triviais, sem causarem os alarmes ou contrariedades do princípio.

A 25 a comissão brasileira ficou reduzida a 9 pessoas apenas, inclusive o comissário e o engenheiro auxiliar, tendo sido remetidos presos para Cataí 5 soldados, que se revelaram pouco obedientes às ordens que lhes foram dadas. Entretanto este desfalque de pessoal, que reduziu aquela comissão a 9 homens, não alterou sensivelmente a marcha, que prosseguiu na ordem primitiva até à chegada em Curanja, no dia 28 de junho à tarde. Curanja é o Curumaá, de W. Chandless.

Demoramo-nos 5 dias nesta escala obrigatória, onde pela primeira vez depois do naufrágio, se compararam os cronômetros das duas frações das comissões, efetuando-se as observações indispensáveis. Ali se confirmaram, mercê de informes plenamente fidedignos, as previsões que fizéramos em Manaus quanto à impropriedade da quadra em que havíamos partido, e outros empeços perturbadores. Era muito tarde, porém, para recuar; e uniformes no mesmo pensamento, resolvemos prosseguir na subida, o que se realizou no dia 6 de julho.

Mas contra o que esperávamos, as dificuldades naturais não aumentaram muito, tornando-se mesmo pouco sensível a enorme redução das águas do Purus, depois da perda de um tributário do porte do Curanja. De sorte que a nossa viagem se manteve com a celeridade primitiva, como se verifica à simples consideração das escalas que fomos percorrendo: a 10 de junho, pela manhã, passamos em Santa Cruz; a 11, em Cocama; a 13, em Independência; a 14, por Samboiaco; a 15, pelo povoado Campa de Tingoleales; a 16, por um outro, Kaki; a 17, pelo posto denominado Ordem; chegando finalmente a 18 na Forquilha do

Purus, onde se erige o sítio Alerta, o mais avantajado posto de todo o rio na direção do sul.

Aí nos quedamos até o dia 23 de julho, principalmente para se efetuarem as observações indispensáveis ao novo regulamento dos cronômetros, aproveitando-se a situação, que é de coordenadas definidas. E embora palpássemos, por assim dizer, as sérias dificuldades da subida (gravíssimas sobretudo para a Comissão Brasileira, cujos gêneros eram demasiado escassos, não havendo na localidade como supri-los), resolvemos efetuá-la, seguindo no dia 24 para as coberturas, pelo rio Cujar.

Compreendem-se as dificuldades que tivemos a vencer, neste avançar por um dos últimos galhos do grande rio, precisamente na quadra do seu máximo esgotamento; e se considerarmos além disto que ele, em virtude do caráter geognóstico do terreno, é como uma corredeira única, tão numerosos e sucessivos são os pequenos rápidos que o perturbam, avaliam-se bem todos os esforços despendidos até o dia 30, ao anoitecer, em que se reuniu a comissão mista na confluência do Cavaljani, na última das divisões dicotômicas tão características do Purus.

Estávamos, finalmente, no ponto do grande rio de onde avançaríamos para lugares nunca cientificamente explorados. De fato William Chandless, com a sua prodigiosa tenacidade, chegara até ali; mas no prosseguir tomara rumo diverso daquele que deveríamos seguir. Avançará pelo ramo extremo do norte, do qual apenas percorreu mui poucas milhas, ao passo que nós prosseguiríamos pelo que investe francamente com o sul. Esta circunstância não pouco contribuiu para que nos refizéssemos de alentos. Tratava-se, realmente, de longo trecho do Purus, por certo bem conhecido de todos os *caucheiros* daquelas bandas, mas não apresentando ainda à ciência geográfica, como o revela a mesma circunstância de termos deparado ali o primeiro, e talvez o único erro do ilustre Chandless no traçar o Cavaljani, como rumo de todo falso de leste para oeste.

O estado deste pequeno tributário, porém, extremamente esgotado, exigiu outros dispositivos à sulcada. Assim a comissão peruana se aparelhou com as pequenas ubás do correio de Iquitos, que lá encontrarmos, o que lhe permitiu ceder à brasileira uma das suas antigas ubás, muito mais afeiçoada à subida que as pesadas canoas de itaúba em que aquele navegara. Mas apesar destes resguardos a viagem se fez com extraordinárias fadigas. Salvante bem poucos trechos, nos poços que salpintam o rio, po-

de-se afirmar que as embarcações foram levadas a pulso, em um moroso arrastamento sobre as areias até à confluência do Pucani, o ramo mais meridional do Purus. Mas para isto em muitos pontos tivemos de substituir os remos e varejões pelas alavancas, sendo as embarcações lentamente empurradas pelo rio acima, nos longos trechos esgotados.

Deste modo a distância itinerária percorrida no Cavaljani, de pouco mais de 20 quilômetros, exigiu três dias e meio (de 31 de julho a 3 de agosto), o que corresponde a cerca de três milhas diárias.

Chegando no dia 3 de agosto à confluência do Pucani, que certamente define a mais meridional de todas as nascentes do Purus, não só demoramos em realizar o reconhecimento do "varadouro". Efetuamo-lo facilmente nos dias 3 e 4, e voltamos logo, com a rapidez imposta pela escassez crescente de víveres, para a Forquilha, onde, reunidas outra vez no dia 10 de agosto, as duas frações das comissões concertaram quanto à execução da última parte do seu objetivo – a subida do Curiúja.

A vazante deste rio, porém, ia na sua fase mais intensa, e dificilmente poderia admitir-se que o singrassem outras embarcações, além das *ubás* apropriadas às suas águas rasas. A exemplo do que acontecera antes da nossa subida no rio Cujar, todas as opiniões firmavam de modo concludente a impossibilidade da subida – e vimos para logo, diante do progresso da vazante, que não poderíamos contrariá-las vitoriosamente, como o havíamos feito na sulcada anterior. Estavam, além disto, francamente esgotados os víveres da comissão brasileira, que na localidade só pode refazê-los com as *iucas* (mandiocas), de duração limitada e impróprias como alimentação exclusiva.

Apesar disto foi tentado o último esforço, partindo a comissão mista para o último e pequeno trecho que lhe restava conhecer, no dia 14 de agosto pela manhã. A braços com o sério problema da alimentação de seu pessoal, mui escassamente garantida para cinco dias, no máximo, o comissário brasileiro levava o intento de uma avançada célere capaz de lhe permitir, em tão estreito prazo, a subida e a descida. Era a solução única à dolorosa e irremediável conjuntura em que se achava.

---

Os brasileiros no dia 3, os peruanos no dia 4.

Ela, porém, só se verificaria na hipótese de uma navegação franca ao Curiúja, que absolutamente não podia existir naquela quadra. O rio esgotado e intermitentemente repartido em extensos baixos, quase ganglionado, às vezes, pelos bancos que se avantajavam dominando-lhe o leito e apertando-o em estreitos canais acompanhando-lhe as barrancas, patenteava para logo dificuldades de que irrompiam duas conseqüências deploráveis: o esgotamento das últimas energias de um pessoal longamente sacrificado e a morosidade obrigatória de uma viagem que devia ser rápida para que se garantisse a própria vida dos que a realizavam.

Ora, desde as primeiras horas do primeiro dia de viagem verificou-se impossível a celeridade indispensável e a Comissão Brasileira voltou, sendo-lhe materialmente impossível continuar uma viagem que na hipótese mais favorável duraria no mínimo dez dias, o dobro, portanto, do tempo que os seus recursos facultavam.

Tendo a comissão peruana formado o seu depósito de víveres em Curanja, dispunha somente dos necessários para chegar ao varadouro, e a fundada presunção de perder parte deles em uma navegação perigosa, não lhe permitiu oferecê-los a seus colegas.

Assim impossibilitada, a comissão brasileira contramarchou e se lavrou a ata respectiva, e como segundo as instruções os trabalhos feitos separadamente careciam de valor oficial, se empreendeu o regresso em rumo para Manaus, continuando-se sempre as observações e o contralevantamento, que deviam comprovar os trabalhos feitos na subida.

Felizmente a parte que ficou sem ser estudada não era grande nem de importância, pois se tratava do varadouro do Curiúja, aberto recentemente pelo caucheiro Sr. Sharff, sem resultado prático, porque além das dificuldades que oferece à navegação daquele rio, tem mais o inconveniente de ser o caminho por terra muito acidentado e com tantos obstáculos que bem se pode dizer – está abandonado.

Julgamos necessário explicar o que se chama varadouro. Assim se denominam as veredas ou trechos rapidamente abertos e que têm por objeto passar de um rio para outro em curtíssimo tempo, às vezes encurtam grandes distâncias, comunicando seções de um mesmo rio.

O varadouro deve oferecer a vantagem, pelo menos na região que temos andado, de ter o seu declive suave e plano, de modo que per-

mita ao caucheiro transladar-se com embarcações e carga. Tal sucede com o do Cujar. O viajante que o atravessa passa das águas do Ucaiali para as do Purus, e vice-versa, e continua navegando na mesma embarcação que passou por esse istmo. Isto, que ele só com muitas dificuldades praticaria no do Curiúja, faz que este perca por completo toda a sua importância. Abandona-o, preferindo dar uma grande volta para atravessar o do Cujar, que se acha situado mais para o sul.

Felizmente existindo acerca do diminutíssimo trecho a percorrer as mais seguras e pormenorizadas informações, este contratempo não teve importância apreciável no remate dos nossos trabalhos, volvendo definitivamente a comissão mista para Manaus, onde chegou nos últimos dias de outubro.

Aí se dedicou aos trabalhos de escritório, enfeixando-se as suas observações nos resultados que vamos sucintamente apresentar.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *O rio Purus e seus afluentes*

Rio de baixada, a exemplo de todos os grandes afluentes da margem do Amazonas, o Purus, logo ao primeiro lance de vistas, afigura-se perfeitamente estável, como se já houvesse adquirido um perfil longitudinal invariável, resultante de um perfeito equilíbrio entre a força erosiva da corrente e o atrito sobre o leito. Desenrola-se extensíssimo e contorcido em múltiplas curvaturas, algumas muito forçadas, outras em formas de ferradura, até às cercanias de suas últimas cabeceiras, numa distância itinerária de 1.733 milhas, sem que uma corredeira, um redemoinho apreciável ou um pego profundo lhe denunciem, mesmo em ligeiros traços, a feição perturbada dos cursos de água que ainda preparam o seu leito, constituindo-se poderosos agentes geológicos no modelarem os mais notáveis fácies topográficos.

Mas esta primeira aparência, que ante uma observação ligeira o colocaria entre os rios mais navegáveis da Terra, é bastante alterada pelos resultados de uma observação mais longa.

Assim, em primeiro lugar, a despeito da sua extraordinária massa de águas, ele patenteia oscilações de nível extremamente exageradas, variando na confluência de 17m da vazante para as enchentes; na boca do Acre, de 23m; na do Iaco de 20m a 20’80.[1]

---

1 Esta subida, anormal, de águas é propriamente do Acre represada.

Deste modo o seu aspecto sofre uma primeira variação nos estreitos períodos das estações anuais: o viajante que o sulca nos primeiros dias do ano, passando quase ao nível dos sítios que o marginam – ao voltar, apenas transcorridos alguns meses, vem pelo fundo de uma calha desmedida, que as mesmas vivendas sobranceiam, dominantes, sobre a crista de barrancas altíssimas.

Ao mesmo tempo a navegação que de dezembro a abril pode ser efetuada até Curanja e mesmo até a Forquilha pelas embarcações de grandes calados, fica reduzida, até para as menores lanchas, à escala extrema da boca da foz, parando na Cachoeira as embarcações maiores. A esta larga variação de regímen, conseqüência imediata da vasta bacia de captação do grande rio e do clima excessivamente úmido da Amazônia, liga-se outra certo mais demorada, mas de efeitos igualmente sensíveis.

De fato, comparando-se a carta de William Chandless, de 1865, com a nossa, anexa a este relatório, vê-se que, conservada a orientação geral do rio, sofreram os seus trechos, parceladamente examinados, modificações profundas, ora definidas pelos circos de erosão conhecidos sob os nomes locais, peruano e brasileiro, de *tipiscas* e *sacados,*[2] ora pela intensa degradação das partes côncavas onde se aprumam os barrancos coincidindo com os aterros das partes convexas onde se dilatam as praias.

Este fenômeno, largamente generalizado, dá ao Purus o caráter de rio *divagante,* consoante o dizer da fisiografia moderna. Favorece-o em grande parte o seu traçado característico, em meandros, que tão díspares lhe torna as distâncias itinerárias e geográficas.

De fato, dada essa disposição especial, a componente centrífuga desenvolvida pela corrente ao longo das partes côncavas, faz que o curso d’água a pouco e pouco vá obliquando para o exterior, corroendo lentamente a margem contra que embate, e exagerando a amplitude de sua sinuosidade à medida que se estreitam os istmos das pequenas e numerosas penínsulas que se ligam no seu traçado caprichoso, até que uma delas se destaque e o rio, abandonando a larga volta em que derivava, deslize pelo novo leito menos curvo.

---

2 Vocábulo representado pelo termo *abunini* na língua dos pamaris.

A simples inspeção de nossa planta, confrontada com a de Chandless, mostra numerosos pontos em que o fato ocorreu, originando muitas das divergências secundárias que existem entre elas.

Destas erosões resulta, evidentemente, um encurtamento de traçado. Nota-se, entretanto, que ao mesmo tempo que elas se operam, se realizam em outros pontos curvaturas compensando por um alongamento do leito, a redução efetuada. Aponta-se, incisivo, um caso destes nas cercanias de Santa Rosa onde, coincidindo com o sacado formado em União, se operou em complicada curvatura uma dilatação do leito junto à confluência daquele tributário que tem na carta do notável explorador inglês o nome de Curinaá.

O confronto é sobremaneira expressivo e dispensa-nos de citar outros fatos, alongando demais esta informação.

De todos eles resulta que o Purus, ao revés do que indica uma observação ligeira, é um rio em plena evolução geológica, modificando ainda de maneira sensível o seu traçado.

Também é digno de nota a especialidade que este rio, não obstante o dilatado do seu curso, oferece, e que não se vê em outros: é o diminutíssimo número de ilhas, o que se poderia atribuir à sua formação relativamente recente.

Não são, pois, de admirar os entraves que do seu curso médio para as cabeceiras perturbam a navegação, nas vazantes. Consistem em numerosos pauis e baixios de argila endurecida, que a partir de Novo Destino vão num crescendo até Curanja. Uns e outros são um feito imediato da degradação das barrancas, tombando, fortemente solapadas, na quadra das enchentes. Os lanços de floresta marginal, arrastados pelas águas, acumulam-se, em geral, ao longo de todas as voltas, entrecruzando não raro as suas galhadas à maneira de abatises, entre os quais, às vezes, é difícil a travessia à mais ligeira montaria; enquanto as massas de terra desmoronadas, acumulando-se por sua vez nos trechos em que a corrente diminui, formam os denominados “salões”, sobre que passam as águas extremamente rasas.

Ao mesmo tempo, destruídas as margens e rotos os istmos a que nos referimos, o rio ao tomar um outro rumo deixa no primitivo leito abandonado, como um sinal de sua passagem, uns restos das suas águas. Formam-se, assim, os lagos tão numerosos a pouca distância das

duas bandas do Purus, permanentemente renovados, já pelas chuvas fortíssimas da região, já pela comunicação que estabelecem com o rio principal, por ocasião das cheias. Estes lagos de forma anular, rodeando uma porção de terra, são uma forma topográfica pouco vulgar e característica não só do Purus, como da maioria dos tributários da margem direita do Amazonas.

Este aspecto geral do Purus bem pouco varia desde a sua embocadura até à sua última subdivisão, do Cujar-Curiúja; e todos os seus afluentes até aquele ponto remoto copiam a mesma disposição geral e as modificações apontadas.

Estes, como o revela rápido golpe de vista, obedecem a partir do Acre, a uma dicotomia interessante – repartindo-se, de um modo geral, o grande rio em sucessivas forquilhas em que predominam, como mais sensíveis, a do Acre, a do Curanja e a última do Cujar-Curiúja.

Nesta última o Purus parece repartir-se exageradamente pela metade, não se podendo de pronto dizer qual dos dois galhos extremos merece conservar-lhe o nome.

Duas condições apreciáveis, porém, dão a primeira ao Cujar: 1ª) a sua extensão geográfica e itinerária, realmente maior que a do Curiúja; 2ª) a direção-geral que melhor do que a do outro prolonga a do rio principal. Ambos ascendem progressivamente para o *divortium aquarum* do Ucaiali – e esta lenta ascensão é quase insensível em todo o extenso traçado de 1.667 milhas que vai da última forquilha até ao Amazonas, onde uma diferença de nível de 265 metros aproximadamente determina um desnivelamento insensível de 1m/11,650m ou 0m, por milha. Mas da confluência do Cujar-Curiúja para cima, a subida acentua-se incisivamente. Assim a diferença de 154 metros de altura, da foz do Cavaljani sobre a do Cujar, indica um declive de 1m/613m ou 3 metros por milha; e a de 35 metros da confluência do Pucani sobre a última, uma queda de nível aproximadamente igual, por milha.[3]

Ora, em ambos os galhos extremos estas cotas díspares são conseguidas quase que exclusivamente mercê das numerosas corredeiras e pequenas quedas.

O regímen é de todo diferente do do Purus.

---

3 Estes últimos declives determinam o caráter torrencial das cabeceiras.

Vai-se em uma intercadência invariável de estirões[4] estagnados e cachoeiras pequenas pouco intervaladas.

O rio desce, caindo por sucessivos degraus:

O Cavaljani para o Cujar com 15 pequenas cachoeiras; este para o Purus com 73; O Curiúja para a mesma confluência com 24.

Daí um caráter torrencial bem acentuado; os repiquetes formam-se rápidos, ao cair de qualquer chuva, desaparecendo às vezes com a mesma presteza, à maneira de uma onda única a descer pelas vertentes abruptas. À nossa volta do Cavaljani fomos em parte favorecidos por uma destas cheias instantâneas e inesperadas.

Apontados estes traços gerais, que não pormenorizamos para não nos alongarmos demais, resta-nos citar uma outra circunstância imanente à grande artéria, que rapidamente percorremos...

Referimo-nos ao traçado original da grande maioria dos seus afluentes que, sobretudo a partir do Acre, impõem, claríssima, uma tendência raro desviada, de convergirem nas cabeceiras do rio principal, como se ilhassem os próprios vales.

Assim o Acre, lançado primitivamente para o sul, volve para o ocidente numa deflexão fortíssima, indo abrolhar as suas nascentes perto do istmo de Fiscarrald; e por um dos afluentes da margem direita do Cujar alcança-se um varadouro que o atinge em seis dias. Seguindo-se pelo ShamboIaco (Manuel Urbano, de Chandless), ao arrepio da corrente, vara-se em poucos dias para o Chandless. Do Furo do Tarauacá não se vai apenas para o Juruá, por intermédio do Juripari, senão também para o Santa Rosa (Curinaá) muitas milhas a montante; e das cabeceiras deste último passa-se para as do Curanja (Curunaá) em um dia.

Nesta disposição anormalíssima vê-se bem que o vale do grande rio, estreitíssimo demais para o seu comprimento, não se abriu em virtude de movimentos orogênicos profundos, senão por uma fraca erosão na desmesurada planície amazônica, descendo as águas vagorosamente, apenas obedientes às longínquas sublevações do sul, últimos reflexos da expansão andina.

Infelizmente a natureza da nossa missão, se não a nossa própria incompetência, não nos permitiu indagações geognósticas capazes de

---

4 Chamam-se assim os raros trechos retilíneos do rio.

elucidarem melhor o assunto, de acordo com a íntima relação entre as formas topográficas e a estrutura dos terrenos. Apenas conseguimos notar, como fator geológico preponderante desde a confluência do Solimões até à foz do Chandless, o mesmo grés limonítico que sob o nome, cientificamente consagrado, de *Parasandstein* forma a base dos terrenos amazônicos.

É a mesma rocha, já finamente granulada, já com seixos conglomerados pelo óxido de ferro – e uma disposição estratigráfica idêntica. E como ela, francamente sedimentária, se originou no seio de vastas massas de água doce, conclui-se com segurança que o Purus até quase às suas cabeceiras, a exemplo da maioria dos tributários do Amazonas, se traduz como um resto de amplíssimo lago que na época terciária, após a sublevação dos Andes, cobria tão desmedidas superfícies.

Da confluência do Cujar-Curiúja para cima, a natureza mais consistente dos terrenos, as pedras duríssimas à feição de verdadeiros quartzitos, que afloram em todos os pontos, constituindo o elemento essencial das pequenas quedas em que tombam os rios – revelam uma exposição mais antiga: as margens fortemente degradadas do grande mar interior, que por tão dilatado tempo encobriu essas paragens.

Deste modo, as nossas apagadas observações se ajustam às conclusões bem conhecidas da geologia clássica acerca deste aspecto especial do vale do Amazonas.

## A corrente e as distâncias

Pela exposição da nossa viagem, vê-se que efetuamos o levantamento hidrográfico continuamente. Variaram, porém, os processos adotados.

A princípio, até a foz do Chandless,[5] aplicaram-se o "compasso de levantamento para os rumos" e "barquinha" corrigida da influência da corrente, para as distâncias.

Do Chandless para cima, efetuando-se a viagem em canoas, modificou-se o método adotado, com a aplicação da luneta de Lugeol, para as distâncias, e a mesma bússola para os rumos.

Verificamos, porém, desde logo, que este meio, acarretando constantes paradas em todas as inflexões do rio, era de todo contraposto ao dilatado da nossa viagem, porque no máximo nos permitiria um avançamento de cinco milhas diárias. Além disto as manhãs em geral brumosas e os dias bruscos dificultavam os golpes de mira, ou tornavam a sua exação contestável. Assim, forçados a abandonar este processo, apelamos para o único que nas nossas condições poderia ser adotado com êxito relativo.

Substituímos as distâncias adquiridas com a Lugeol pelas que obtínhamos mercê do tempo e das velocidades das canoas, aferidas estas últimas por numerosas e sucessivas bases, medidas diretamente nas

5 Arara, de W. Chandless.

praias que íamos perlongando. Este processo, judiciosamente aplicado, deu resultados que ultrapassaram a nossa própria expectativa. Assim, não raro, trabalhando separadamente as duas comissões, tivemos ocasião de verificar a quase justaposição de alguns trechos que se desenhavam. Sobretudo merece especial referência o que vai da confluência Cujar-Curiúja à foz do Cavaljani. À parte ligeiras divergências em latitude, os dois desenhos peruano e brasileiro coincidiram sem que absolutamente se pudesse notar a mais breve diferença em longitude. Citamos o caso para que se definam os cuidados que tivemos em tal trabalho, e para que se veja quão dignas de confiança devem ser as médias dos trabalhos de ambas as comissões, sem embargo do caráter expedito dos mesmos.

Além disto, como um corretivo permanente ao desvio da agulha magnética, às influências locais, aos descuidos naturais das leituras de azimutes, operávamos, sempre que os céus eram propícios, observações astronômicas que, de um modo geral, dia a dia iam amarrando os resultados parcelados e impedindo a acumulação de erro, que ao fim de um longo itinerário seriam insanáveis.

Ainda mais, não satisfeitos com estas cautelas, resolvemos efetuar um contralevantamento de baixada, que nos serviria para o esclarecimento de quaisquer dúvidas que aparecessem.

A concordância dos levantamentos de subida, porém, tornou dispensável, salvante alguns pequenos trechos, o traçado daquele contraventamento. Não precisaríamos acrescentar que, não raro, realizamos todos os trabalhos complementares que as circunstâncias permitiam, quer relativos às larguras dos vários trechos do rio, quer à dos próprios istmos e sacados que às vezes medíamos diretamente para servirem de contraprova ao levantamento.

Nos anexos apresentamos também o resultado das medições efetuadas em vários afluentes e várias observações relativas a seus caracteres físicos mais comuns.

Uma das primeiras conclusões que tiramos deste serviço que, sem embargo das nossas instruções, efetuamos com um excesso de cuidados bem superior aos dos levantamentos ligeiros – foi a exação relativa, mas surpreendedora, da carta de William Chandless.

As considerações que fizemos acerca da evolução do Purus mostram, evidentemente, que seria impossível uma perfeita justaposição de traçados feitos com um intervalo de quarenta anos. De 1864-1865, data dos trabalhos daquele explorador, até hoje, o Purus variou consideravelmente as suas incontáveis voltas, já dilatando-as, já encurtando-as, já destruindo-as em "sacados", ou encurvando antigos "estirões" em praias recentíssimas. Em Anori, no baixo Purus, em Concórdia e União, no médio, e pouco abaixo de Cocama, no alto, o notável cientista inglês navegou sobre lugares hoje cobertos de embaúbas (céticos) e nós atravessamos em canoas os trechos de terrenos em que ele contemplou belos recantos de floresta.

A comparação das duas plantas denuncia de pronto estas divergências. Mas podemos dizer que elas discordam porque estão certas. E quando se considera que William Chandless, avantajando-se de muito a Manuel Urbano, foi o primeiro a efetuar aquela exploração, uma das maiores da América, investindo com regiões que de Sobral ou Santa Rosa para cima eram de todo desconhecidas, não se refreia o entusiasmo e a veneração que merece o notável emissário da Real Sociedade de Geografia de Londres.

Cumprimos o dever imperioso de deixar neste relatório, escritas, as impressões que tantas vezes trocamos, à medida que íamos observando na progressão dos nossos trabalhos o critério superior, o tino científico e, sobretudo, a admirável honestidade profissional do grande homem, um nome que ficará perpetuamente vinculado a este trecho da fisiografia americana.

O que dissemos quanto aos resultados gerais do levantamento aplica-se aos das observações para a determinação das coordenadas geográficas.

Efetuamo-las de acordo com o caráter que lhes deram as instruções, com a aplicação exclusiva dos cronômetros e do sextante.

A condição de rapidez, preponderante em nossos trabalhos, e, até certo ponto, a inconsistência dos terrenos ribeirinhos em que agíamos, tornavam de todo impossível o adotarmos outros instrumentos, como o teodolito astronômico, do qual a mesma estação, nos raros postos em que se pudesse realizar, exigiria operações demasiado demoradas.

Além disto as aproximações do sextante, que como se sabe hoje podem ir quase aos limites da certeza, bastavam amplamente às exigências das instruções.

Restava-nos, porém, o problema muito sério do transporte do tempo por meio de tão dilatada distância, onde às causas de variação instrumentais, à estrutura dos cronômetros e às constantes oriundas das pressões, da temperatura e do tempo, se aditavam sem-número de outras, completamente imprevistas e que iam desde os choques inopinados nos paus ou pedras do rio ao transporte incômodo e penosíssimo, por terra, perlongando os barrancos das cachoeiras.

Comparados em Manaus os cronômetros das duas partes da comissão mista, é natural que as comparações ulteriores revelassem pequenas divergências, devidas essencialmente às vicissitudes do transporte, entre as quais, para os cronômetros brasileiros, houve até a mudança repentina e forçada, por meio do tumulto de um naufrágio, completada pela exposição ao sol em praia desabrigada.

Assim, após vários regulamentos de resultados indecisos, a primeira comparação definitiva entre os *Standards* peruano e brasileiro na confluência Cujar-Curiúja, no dia 24 de julho, revelou uma diferença de doze segundos que deve ser atribuída na sua maior parte àquelas vicissitudes.

Esta discordância, porém, não era de natureza a exigir um longo processo para que se lhe definissem claramente as origens e verificar-se rigorosamente quanto concorre cada cronômetro para que ela surgisse, porque sendo as cordenadas de Chandless dignas da máxima confiança puderam, aqueles, ser, vantajosamente, referidos a elas.

Foi este, dizemo-lo com toda a segurança, o melhor auxílio que tivemos em nossos trabalhos. Desde muito, desde a confluência do Acre, notáramos a segurança rara das posições fixadas pelo grande explorador. É que ele bem aparelhado e dispondo de um tempo indefinido para os seus trabalhos conseguira chegar aos longínquos pontos que buscara retificando as suas cuidadosas determinações cronométricas, graças a cinco longitudes absolutas em Beruri, Tapauá, Canotama, Arumã e cercanias da confluência do Chandless – que diminuíram bastante todas as causas de erros de operações, como estas, tão delicadas e sérias. Assim, não se pode negar que os seus cronômetros, retificados por uma

observação de eclipse perto do Chandless, acerca de 1.450 milhas da confluência do Purus e do Solimões, forneceriam todas as longitudes dos pontos a montante do observado com mais rigor que quaisquer outros vindos daquela confluência, por maiores que fossem os cuidados no se notarem as suas marchas diárias.

É natural, portanto, que as pequenas diferenças que tivemos entre as nossas observações e as dele em Curanja e na Forquilha fizessem que lhe déssemos, como demos, a preferência uniformizando-se em tais pontos as nossas determinações. E nem de outro modo poderíamos agir, desde que, dado o caráter das nossas instruções, não nos era lícito uma longa parada, aguardando ocasiões propícias em que vantajosamente se aplicassem os conhecidos processos para a determinação de longitudes absolutas.

Devemos ainda pôr em relevo a confiança que nos inspiravam os trabalhos de Chandless – a princípio nascente da coincidência quase perfeita das latitudes, que determinávamos, com as dele, e depois fortalecida por todos os demais resultados que íamos obtendo. Por isto mesmo não nos surpreende o fato de serem as cartas todas do Purus, que consultamos, uma cópia não raro grosseira, dos trabalhos do notável geógrafo. É que eles, afinal, eram os únicos dignos de atenção.

A nossa carta, feita independentemente (à parte os pontos precitados), completa-os, em parte, nas cabeceiras, corrigindo-os, além disto, em modificações secundárias em toda a extensão do grande rio.

Foi à luz das considerações anteriormente expostas que regulamos os nossos cronômetros de modo a obtermos quanto aos pontos principais observados os mesmos resultados.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *O clima*

Não podíamos obter elementos que estabelecessem, mesmo palidamente, as características do clima local do Alto Purus, destacando-o no quadro geral da climatologia amazônica. Observamos em condições de todo desfavoráveis – num tempo muito curto e numa mobilidade constante quando as deduções meteorológicas exigem precisamente circunstâncias opostas.

Os escassos dados obtidos mal nos permitem algumas conclusões gerais.

Assim, quanto à temperatura, notamo-la em contínuo decrescer claramente explicável pelas influências combinadas das altitudes e latitudes crescentes. Mas não podemos defini-la em números precisos, sendo evidentemente inexpressivos e falhos os quadros que apresentamos apenas para que se destaquem alguns casos anômalos observados.

É o que sucede, por exemplo: com a *friagem,* tão própria deste climas e de causas ainda hoje controvertidas.

Suportamo-la por duas vezes e em ambas o mesmo cortejo de fenômenos nos inclina às opiniões dos que a relacionam de qualquer modo com uma influência remota da atmosfera frigidíssima que envolve as cumuladas dos Andes, e se desloca às vezes para as regiões de N. e N.E., já em virtude de repentinas mínimas barométricas nelas operadas,

já em virtude da ação dos ventos do S.W., que se afiguram os reguladores preponderantes do clima em tais paragens.

Como quer que seja, foi no dia 13 de agosto, às seis horas da manhã, na confluência Cujar-Curiúja, que observamos a temperatura rara de 11,8ºC, de todo anômala em semelhante latitude.

Dois dias antes, a 11, o calor crescera continuamente, de 18ºC pela manhã e 28,8ºC a 1h p. m. permanecendo nesta altura até às cinco da tarde, em que repentinamente caiu para 23,2ºC, às 6 p. m., ao mesmo tempo que uma depressão barométrica de 0,004m prenunciava grande mudança de tempo.

De fato, no dia 12 (em que se manifestaram desde cedo grandes aguaceiros sulcados de impetuosas rajadas) a temperatura, atingindo a um máximo de 21,8ºC às 10h p. m., caiu a 16ºC ao meio-dia e foi insensivelmente diminuindo até às 6h da manhã de 13, em que se observou o grau térmico talvez nunca registrado em semelhante zona, 11,8ºC.

Releva notar que a partir dele começou a melhorar o tempo, cessando totalmente as chuvas, de sorte que ao meio-dia, estando os céus inteiramente claros, notamos a temperatura de 24,5º. A pressão era de 754m/m, 0, maior de 0,0028m, que a da hora homóloga da véspera, 751,2.

Num quadro anexo apresentamos, pormenorizadamente, as principais observações realizadas do dia 11 ao dia 14, relativas àquele fato.

Das observações regulares com os aneróides, resulta que as marés atmosféricas da foz do Chandless para cima se realizam com as máximas às 9 e 30 a. e p. m., e as mínimas às 3 e 3 a. e p. m.

Graças ao influxo moderador das vastíssimas florestas que cobrem totalmente a região, o clima tem quase que a fixidez de um regímen marítimo sem as variações de grandes amplitudes dos climas continentais. Mesmo por ocasião da fortíssima crise térmica da *friagem*, vimo-lo há pouco, não se registra uma diferença de 15º em 24 horas.

A umidade é, como em toda a bacia amazônica, excessiva. Pela manhã até às 8h, quase invariavelmente, uma forte condensação encobre os objetos a poucos passos de distância, e desde que anoitece a exposição fora das barracas é bastante para que se molhem as vestes e todos os objetos mal resguardados. Esta copiosa precipitação de orvalho

realiza-se muitas vezes sem que nenhuma aparência a revele. As observações, à noite, realizavam-se não raro facilmente, ante a transparência perfeita dos ares e o brilho nítido das estrelas. Entretanto de momento em momento fazia-se mister enxugar os vidros das lunetas, e ao fim de uma hora volvíamos às barracas com as vestes quase gotejantes.

Completamos estas informações com as seguintes prestadas pelo Sr. Dr. Tomás Catunda, médico da Comissão Brasileira:

> O bom êxito da nossa expedição ao Purus, sob o ponto de vista sanitário, é prova de que aquela região é perfeitamente habitável, bastando para isso a observância de regras muito comezinhas de higiene tropical. – Nem outra coisa fizemos nós, não tendo entretanto a Comissão, composta de 42 pessoas, a partir da Boca do Acre, nenhuma perda de vida a lamentar. E parte dela, de abril a outubro, viajou constantemente rio acima e rio abaixo.
>
> Devemos ponderar que, sendo o grau térmico e hidrométrico muito favoráveis ao desenvolvimento da microfauna e microflora, os germes patogênicos encontram ali o seu *otimismo* de prosperidade, podendo provocar com facilidade epidemias mais ou menos graves. Paralelamente criam-se e multiplicam-se os insetos parasitários, hoje increpados de propagação de certo grupo de moléstias infecciosas. Há farto pábulo nas fermentações para todos os pequenos seres.
>
> As infecções são por lá tanto mais de temer quanto os germes patogênicos surpreendem muitas vezes um estado *minoris resistentiae nos* organismos combalidos por má alimentação, por exaustão de forças, por afrouxamento nervoso, por míngua ou supressão das funções secretoras e excretoras, etc. Em tais condições os que vingam penetrar na corrente circulatória pululam fabulosamente e... ganham a partida.
>
> Na região compreendida entre São Brás e Sobral, onde melhores pesquisas me foi possível fazer, não encontrei nenhuma espécie de anófeles. Também não achei casos autóctones de impaludismo; os poucos que se me depararam, provinham do interior ou de outros pontos.
>
> Releva considerar que à conta de impaludismo se enxertam numerosos casos de tifismo e de pseudotifismo. Colhi algumas vezes esplêndido resultado em casos de febres intermitentes, que se atribuíam ao impaludismo, unicamente com a aplicação de purgativos, antissepsia intestinal e modificação do regímen alimentício.
>
> Antes da nossa partida dei algumas instruções escritas a respeito das normas a observar, insistindo mui particularmente sobre o uso de meios de proteção mecânica contra o carapanã (telas, mosquiteiros), a administração sistemática dos sais de quinino, a variedade do regímen alimentício, moderação do trabalho, ainda nas horas de maior calor, e supressão completa de bebidas alcoólicas.
>
> Também insisti porque fossem maiores de 18 anos todos os indivíduos que deveriam compor a nossa expedição, visto serem os menores dessa idade mais freqüentemente vitimados nas zonas endemoepidêmicas.

Nem sempre foram mantidas com o devido escrúpulo as minhas prescrições higiênicas, mas logo aos desvios dessa ordem seguia-se alguma manifestação mórbida, aviso natural ou punição da imprudência. Os casos patológicos de maior gravidade na Comissão foram devidos ao uso do álcool e a excesso do trabalho. O álcool irritando a mucosa gástrica, congestionando as vísceras e mais acentuadamente o fígado, e deprimindo o sistema nervoso, o esforço material prolongado amofinando o *tonus* muscular e acumulando na economia toxinas que se deveriam ir eliminando à medida de sua produção, entibiam a resistência orgânica e franqueiam, afinal, entrada aos gérmens parasitários de auto ou de heteroinfecção.

Com o contingente e com a tripulação da lancha *Cunha Gomes* foram alguns indivíduos atacados de moléstia contagiosa e outros impaludados, o que a inspeção médica logo revelou. Graças à prontidão com que foram medicados vimo-lo em breve curados e afastado assim o perigo da propagação desses estados mórbidos por contágio ou por infecção.

Tive logo em começo da viagem quatro casos de pequena cirurgia (úlceras, abscessos) e vários de medicina (bronquites, boubas, gonorréias, febres terçã e quartã, impaludismo crônico, eczema e sarna). Múltiplos casos tive depois; eram quase todos, afortunadamente, de pouca importância: supressão de transpiração, manifestações reumática, gastroenterite, etc.

Muito freqüentes são as dermatoses, particularmente de forma impetiginosa e eczematosa, talvez produzidas por seres parasitários microscópicos de que é riquíssima a água do rio.

## *A região e seus povoadores*

Em páginas anteriores mostramos que bem pouco tempo nos restou para nos dedicarmos a outros estudos além dos que constituíam a nossa tarefa principal. Assim, quanto à estrutura da terra, à flora que a reveste, à fauna que a povoa, bem pouco podemos avançar com segurança.

Sobre a natureza dos terrenos, os materiais que coligimos, fósseis e rochas, remetemo-los ao Museu do Pará, entregando-os aos raros competentes no assunto. Mas conforme nos ponderou judiciosamente o Sr. Dr. Emílio Goeldi, digno diretor daquele estabelecimento, "a colaboração científica dos materiais coligidos está às vezes numa desproporção quase incrível com o tempo gasto em reuni-los". Somente mais tarde poderemos ter, portanto, quaisquer conclusões a este respeito, quedando-nos por enquanto na dedução que firmamos em páginas anteriores, relativa ao dilatado horizonte geológico da formação própria do Pará.

Considerando vários cortes, que anotamos pela observação das barrancas do rio, vemos que comprovam aquela formação até muito além da confluência do Chandless, a existência das três camadas características da Amazônia – de grés estratificado, argila e grés ferruginoso –, cujos estratos numa justaposição variada formam os vários aspectos dos terrenos.

Em S. Miguel e pontos convizinhos, este último grés, dispondo-se em largos estratos de espessura insignificante, sobre formações argilosas, tem pela sua cor escura e brilhante, lembrando uma fusão superficial, um aspecto francamente eruptivo.

Pensamos que esta rocha mais bem estudada derramará muita luz na fisiografia da Amazônia.

Dela resultam vários trechos perigosíssimos na vazante do Baixo Purus – em Cachoeira e no Pacoval, em Botafogo, onde o estreitíssimo canal passa encostado à pedra; em Caçadua, em Guajaraã, em que se vêem os destroços de seis lanchas; em Taquaquiri, Cantagalo, etc.

De Curanja para cima, estas condições estruturais se transmudam, sendo os terrenos formados principalmente de um conglomerado muito consistente e de uma espécie de quartzito duríssimo, talvez ainda não definido pela ciência. De ambos trouxemos espécimens que entregamos aos mais competentes, para que se forme breve uma opinião a este respeito. O mesmo diremos quanto à vasta cópia de seixos rolados, de quartzo, oriundos, certo, de terrenos primitivos, graníticos. A sua ocorrência em tais lugares mostra-se de todo inexplicável.

Assim, sob este aspecto, a nossa contribuição se limita aos espécimes que colhemos, e confiamos à definição ulterior dos especialistas, sendo desvaliosas quaisquer considerações a este respeito.

As mesmas restrições quanto à flora. Vimo-la sempre a relanços na travessia célere das nossas embarcações. Observações parceladas, sem a continuidade de esforço seguido e com a atenção sempre desviada para o nosso objetivo principal, nenhuns dados mais íntimos nos poderiam fornecer sobre tão amplo departamento das ciências naturais. Restringimo-nos por isto a indicar os gêneros que pela predominância do número, ou pelos seus caracteres incisivos, mais se nos impuseram à contemplação.

Notamos para logo uma circunstância que a uniformidade estrutural da região em grande parte explica: *a constância do aspecto geral da floresta,* que até às cercanias de Cataí não varia, dilatando-se por todo o desenvolvimento do rio com inalterável monotonia; o mesmo tom verde-escuro das folhagens e os mesmos renques de árvores de troncos quase retilíneos e unidos, distendidos pelo alto das barracas.

A pequena altura relativa da mata, onde se destacam de momento em momento, à feição de grandes calotas esféricas, as frondes dominantes das *samaumeiras,* reflete bem a exuberância do solo que, favorecendo a multiplicidade das espécies, prejudica o desenvolvimento próprio de cada uma delas.

Além disto, as condições naturais do meio de algum modo se contrapõem à *grande* altura dos *tipos vegetais*. Realmente, estes dispondo, graças à umidade excessiva, de todos os elementos de vida, não precisam de os procurar nas camadas mais profundas do subsolo. Assim as árvores, de um modo geral, não têm o eixo descendente. As suas raízes irradiam diferenciadas em radículas faciculadas, quase à flor da terra inconsistente e úmida que ao mesmo passo lhes favorece o crescimento e se opõe a uma exagerada altura capaz de as tornar instáveis. De fato, as que se destacam desta grandeza uniforme, a qual desdobra num plano quase de nível as frondes das matas amazônicas – criam dispositivos que lhes explicam o porte excepcional.

Consistem na formação tão características das *sapopembas*, mercê das quais se alteiam as copas alterosas da *samaúma* e do *caucho.*

Apesar disto, às menores rajadas de uma tormenta é vulgaríssimo o fato da queda de numerosas árvores, desabando largos lances de floresta.

Não precisamos acrescentar que as matas só se desenvolvem nas zonas de terreno denominadas "terras firmes", e que são as inacessíveis às enchentes comuns, claramente distintas dos igapós, sujeitos à invasão das águas nas enchentes médias; e sobretudo da vegetação característica das praias, verdadeiras restingas desenvolvidas em todas as voltas e somente visíveis nas vazantes.

Considerando-se as continuadas mudanças de leito, que notamos no Purus, vê-se que a função primacial desta última flora consiste numa lenta e permanente conquista do solo. Assim que a constituem as *oiranas (salix humboldtiana),* as *imbaúbas* e as *frecheiras* viçando – ora associadas, ora isoladas – em todos os lugares de formação recente, numa lenta evolução que vai preparando o *igapó* (prenunciado pelo aparecimento ulterior de uma laureácea, a que chamam louro-do-igapó), do mesmo modo que este, mais tarde, se transforma em floresta.

É tão bem pronunciada esta função da vegetação inferior, das praias do Purus, que, não raro, nós percebíamos, independente de nosso levantamento hidrográfico, um trecho recém-abandonado pelo rio à simples aparição de um largo trecho coberto de imbaúbas.

Esta floresta marginal desenvolve-se quase sem variante até pouco acima de Curanja, onde, conforme uma exata observação de Chandless, desaparecem as *oiranas,* substituindo-a uma *mimosa* altamente artística, a *calliandra trinervia,* de longos ramos flexíveis, horizontalmente distendidos sobre as águas a ponto de se tocarem os que se defrontam, interrompendo a passagem dos rios estreitos, como observamos no Cujar, a montante da confluência do Cavaljani.

Nada mais podemos acrescentar, com segurança, além destas conclusões gerais, a que anexamos rápida notícia dos principais gêneros que nos foi dado observar.

Compreende-se que fora de tais considerações bem pouco poderemos dizer sobre as inumeráveis espécies que constituem a flora admirável da região. Apontaremos as que se nos impuseram mais à observação.

Assim, entre as palmeiras: a *paxiúba,* que desde a foz do Purus até às suas cabeceiras é a árvore mais empregada nas construções conhecidas daqueles lugares, onde as casas, barracões, ou *tambos,* desde a cobertura ao soalho e aos esteios são exclusivamente feitas de suas folhas e estípites; a *jaci* e o *uricuri,* empregados na defumação da borracha; o *jauari,* profusamente disseminado e distinguido por este fato aquela flora da do Baixo Amazonas, onde escasseia; a *jarina* e o *pataná,* também aplicados na cobertura das vivendas; o *muru-muru*, de estípite e folhas espinhosas; o *buriti,* aparecendo em geral afastado dos rios às margens dos igarapés; os *açaís,* de troncos flexíveis e altos. São os mais comuns. Escusamo-nos de dar-lhes os nomes científicos por demais sabidos, assim como as variadas e complexas aplicações que fazem os habitantes, de suas fibras, folhas e frutos.

Sucedem-se-lhes pelo número incalculável em que aparecem em todas as convexidades do rio, sobretudo no trecho que vai da confluência do Iaco à do Curanja, as *imbaúbas* destinadas, talvez, a vasto destino industrial na fabricação de papel e tecidos, mas reduzidas ali à função de garantir a terra contra a degradação exercida pelas águas.

Destacam-se na "terra firme", sobranceiras às outras árvores, as conhecidas bombáceas *samaúma* e *embiruçu,* de cujo líber se extraem fibras e estopa; mas reduzidas ao emprego local do calafeto das canoas e barcos.

Emparelham-se-lhes no avantajado do porte algumas leguminosas em que se distingue a colossal *cumaru,* tendo em seu nome científico, *dipterix adorata,* denunciado o seu maior emprego industrial; e uma lecitídea, a alta e reforçada *tauari*, de alburno que substitui entre os caboclos as palhas dos cigarros.

Quanto às madeiras de construção: o *pau-mulato,* as *perobas,* a *maçaranduba,* a *itaúba* – proeminente no fabrico de canoas –, os *ipês* e os *cedros*, surgem em todos os pontos, principalmente o primeiro, com o tronco de um polido rebrilhante, ora pardo-avermelhado, ora levemente escuro, destacando-se de pronto entre os das outras árvores.

Ao mesmo tempo, uma observação mais íntima, mesmo para quem não se afasta muito das duas bordas do rio, revela outros tipos vegetais de porte mais humilde, mas de importância igual ou maior. Assim, sobretudo a partir do "Furo do Juruá" às últimas cabeceiras do Purus, se vêem numerosos cacauais *(theobroma cacao),* adensados às vezes em agrupamentos de plantas sociais, em tal cópia que não exageramos prevendo um largo destino à sua cultura naquela região. Noutros pontos – e destacamos as cercanias de Cataí e de Curanja – é a *baunilha (camilla aromatica)* claramente distinguida entre as outras e numerosíssimas orquídeas.

A par destas plantas tão úteis poderíamos colocar outras, altamente nocivas, se não temêssemos alongarmo-nos demais. Citemos apenas, de passagem, uma que se encontra em profusão no Alto Purus. Chamam-na *marona* ou *paca,* em quíchua, e viçando às beiras do rio, é grandemente temida em virtude das crudelíssimas feridas que produzem seus espinhos de forma igual à das unhas-de-gato, e escondidos como as deste animal.

Os poucos momentos de que dispusemos para estas observações não nos permitiram maior cópia de dados acerca de uma flora que exigirá dilatados anos de investigações botânicas.

Propositadamente deixamos para o fim deste apanhado ligeiro as duas espécies que determinaram o desbravamento e o povoamento

de tão extenso território em tempo relativamente curto: *a seringueira (hevea brasiliensis),* e o *caucho (castilloa elastica)*. Dispensamo-nos de longas considerações botânicas ou técnicas sobre ambas, que têm sido objeto de muitas monografias especiais.

Sujeitos sempre aos dados das nossas próprias observações, indiquemos desde já, no último, um caráter mais cosmopolita que o da primeira. De fato enquanto a *castilloa,* a partir dos vales do Madre-de-Dios e do Ucaiali, se derrama para o norte transpondo o *divortium aquarum* do Amazonas para ir florescer quase até além do Ituxi e outros rios do Baixo Purus – a *hevea* parece ir apenas até Cataí.

A natureza de ambas determinou a do povoamento.

De fato é geralmente sabido que o caucho, depois dos golpes oblíquos com que o sangram, e dos talhos nas sapopembas, mui poucas vezes resiste. A árvore morre de incisão, onde se geram logo inúmeros carunchos que a atrofiam. Por isto o caucheiro não a conserva numa exploração permanente: derruba-a logo para aproveitar, por meio de incisões circulares, de meio em meio metro, todo o leite que ela possui.

A seringueira, pelo contrário, resiste indefinidamente quase aos talhos metodicamente dispostos nas *arriações* conhecidas – embora a degenerescência da casca nos pontos feridos e, ao fim de alguns anos, o aspecto das frondes estioladas e pobres de folhas, denunciem o enfraquecimento geral da árvore. De qualquer modo, porém, resiste; e um trabalho inteligente atenua consideravelmente os males destas sangrias anuais. Por isso o seringueiro a conserva.

Destas circunstâncias resultam, exclusivamente, os atributos das duas sociedades novas e originais que tratamos naqueles lugares.

O *caucheiro* é por força um nômade, um pesquisador errante, estacionando nos vários pontos a que chega até que tombe o último pé de caucho. Daí o seu papel no desvendar paragens desconhecidas. Todo o alto Madre-de-Dios e todo o alto Ucaiali foram entregues à ciência geográfica pelos audazes mateiros, de que é Fiscarrald a figura mais completa.

Nestas largas peregrinações, sendo inevitável o continuado encontro de tribos variadas, educou-se-lhes a combatividade em constantes refregas contra o bárbaro, que lhes deram, conseguintemente, mais incisa que a feição industrial, a feição guerreira e conquistadora.

O seringueiro é por força sedentário e fixo. Enleiam-no, prendendo-o para sempre ao primeiro lugar em que estaciona, as próprias estradas que abriu, convergentes na sua barraca, e que ele percorrerá durante a sua vida toda. Daí o seu papel, inegavelmente superior, no povoamento definitivo.

De qualquer modo não podemos negar a ambos uma função notabilíssima no atual momento histórico da América do Sul.

De fato, sem ele toda a vasta região que vai de norte a sul das últimas cabeceiras do Inambari à foz do Tarauaca, numa extensão de 7º de latitude, e a que de leste a oeste se desdobra dos Pampas do Sacramento às margens do Madeira, com 13º de longitude, seria ainda o deserto.

Demonstrá-lo-ia, claramente, um esboço do povoamento do Purus.

Foi muito rápido e deve-se o princípio a alguns homens abnegados: William Chandless, de serviços que jamais cessaremos de relembrar; Manuel Urbano, um mestiço inteligente e bravo que inegavelmente guiou os primeiros passos do grande explorador; e Fiscarrald e Collazos que desceram da parte alta do Purus.

Efetuada em 1865 a viagem utilíssima de Chandless, as conseqüências dos informes que prestou não se fizeram esperar.

Baste notar que já em 1870, Canotama centralizava as primeiras barracas esparsas que em breve se estenderiam pela máxima extensão do grande rio. Precisamente naquela época ali aparecera um homem, Antônio Rodrigues Pereira Labre, que completou os esforços dos dois primeiros notáveis pioneiros.

Não precisamos alongar-nos na relação conhecida de suas fecundas explorações geográficas visando essencialmente uma comunicação do Purus com o Beni, ligando o Amazonas com os vastos campos bolivianos de Exaltação e de Los Reyes.

A cidade de Lábrea atestará perenemente o seu valor e a influência que exercia nesses lugares – ao mesmo passo que a travessia do istmo Sepaua e as explorações no Madre-de-Dios constituirão a eterna glória de Fiscarrald e Collazo.

Infelizmente não podemos fixar em números positivos os povoamentos quer do baixo, quer do Alto Purus, pelo temor natural de quaisquer lacunas ou enganos cujas responsabilidades avaliamos.

Reservamo-nos, por isto, para apresentar aos nossos governos os dados que obtivemos, desde que no-los reclamem, ou se tornem eles necessários.

Neste relatório timbramos em avançar apenas as proposições de que estamos plenamente seguros. Podíamos tê-lo feito maior, mas não mais firme no travamento de suas conclusões.

Por isso terá, certo, muitas lacunas, mas acreditamos que não poderá ser contestado em nenhuma de suas conclusões gerais.

E a convicção de que trabalhamos com a melhor boa vontade pelas nossas pátrias, aliando o amor que cada uma delas nos inspirará mais completa imparcialidade no terreno profissional, esta convicção é o melhor prêmio dos nossos esforços e dos nossos sacrifícios.

Manaus, 15 de dezembro de 1905.

## A geografia real e a mitológica

A exemplo da grande maioria dos tributários da margem direita do Amazonas, o Purus parece inteiramente estranho à nossa história. Surge, incidentemente, numa ou noutra referência fugitiva. A frase do Padre João Daniel, no seu imaginoso *Tesouro Descoberto,* resume, quanto a este ponto, todo o saber dos nossos velhos cronistas: "Entre o Madeira e o Javari, em distâncias de mais de duzentas léguas, não há povoação alguma, nem de branco, nem de tapuias mansos, ou missões."

Entretanto, este abandono figura-se-nos devido menos às condições reais que às lacunas lamentáveis das nossas tradições. Aos nossos antigos cronistas faltou sempre uma visão superior, de conjunto, permitindo-lhes abranger outras relações além da marcha linear dos roteiros que seguiam, ou dos objetivos definidos que buscavam. E a este propósito poderíamos citar numerosíssimos exemplos que poriam de manifesto os aspectos particularíssimos em que se fracionam, desunidos, os fastos amazônicos, quer despontem nos dados rigidamente positivos dos astrônomos das demarcações reais, quer das narrativas ingênuas dos missionários, uns e outros adstritos aos regimentos que os norteavam.

O próprio Alexandre Rodrigues Ferreira, o maior polígrafo dos nossos tempos coloniais, em sua *Viagem Filosófica,* tacanheou um belo espírito em desvaliosas minúcias e raro lançou um olhar para fora das instruções que o manietavam. E como estas, em geral, impunham

aos exploradores o caminho pelo eixo da grande artéria fluvial, apenas com as variantes do rio Negro ou do rio Branco, por ali ficaram também, na sua grande maioria, os narradores, alheios aos fatos ocorridos noutros pontos que, embora de menor monta, talvez contribuíssem bastante para uma urdidura mais firme de sucessos que ainda hoje mal se definem, parcelados e discordes.

Como quer que seja, traçando-se uma linha irregular das serras setentrionais da Amazônia para o ocidente, a buscar numa inflexão para o sul as cabeceiras do Napo, e descendo por este e pelo Amazonas até o Pará, tem-se delimitado quase o cenário dos fatos amazônicos.

Para o sul – excluindo-se o Madeira, historicamente ligado a Mato Grosso, feito a mais arrojada diretriz da expansão paulista – ficava o deserto, *waste of waters,* como ainda escrevia em 1877 William Hadfield, copiando, num lamentável exagero, as velhas fantasias que há muito imprimiam naquelas paragens uma feição misteriosa e estranha.

O Purus, sobretudo, foi desde o começo vitimado pelos antigos cronistas. Entrou pela primeira vez na história com um traçado maravilhoso e singularíssimo.

Realmente, todos os fatos o apontam como sendo aquele surpreendente "Rio dos Gigantes", a que se refere o Padre Cristóvão d'Acuña:[6]

> ... um famoso rio, que os índios chamam Cuchiguara.[7] 'É navegável, ainda que em partes com algumas pedras; tem muito pescado, grande quantidade de tartarugas, abundância demais e mandioca e tudo o necessário para facilitar a sua entrada.

Refere-se depois aos que o povoam, e cita, entre as numerosas tribos, a dos *curucurus,* corrutela evidente de *purupurus,* e a dos *curiquerês...*

> ... gigantes de dezesseis palmos de altura e mui valentes e andam nus; trazem grandes pateras de ouro nas orelhas e narizes e para chegar a seus povos são necessários dois meses contínuos de caminho desde a boca do Cuchiguara.

---

6 *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, Tomo 28.

7 Nome que se mudou em Cuchiuara ou Cusiura.
Diz Osculati: *Il 30 si superarono nel mattino a Cuchiuara, le foci del Purus conosciuto anchi sotto il nome di Cuchibará.* E o Capitão-Tenente Lourenço de Sousa Araújo e Amazonas, no seu *Dicionário Topográfico, Histórico e Descritivo da Comarca do alto Amazonas (1852):* "Desagua este rio [o Purus] por quatro bocas, das quais a segunda, Coxiuara, conserva o nome que ele teve primitivamente."

Lançada neste rumo a geografia mitológica do Purus, não maravilha que pouco tempo depois um cartógrafo de excepcional responsabilidade, Guillaume de Lisle – primeiro geógrafo da Academia Real de Ciências de Paris –, ao resumir, em 1703, as noções sobre o Brasil, desse ao grande rio tão caprichoso desenho. A sua carta mostra-nos o Purus sob um outro nome, "R. des Omépalens", estirando-se no rumo vivo do sul até a latitude de 18°, onde se esgalha em nascentes que vão além de La Paz. E nessas origens uma ligeira nota explicativa acerca de novos seres singulares que as povoam:

> *Mutuanis, que l'on dit être des géans riches em or, habitants à 2 mois de Chemin de l'embouchure de la Rivière.*

Persistiam, como se vê, a novela do crédulo cronista do Capitão-Mor Pedro Teixeira.

Entretanto, estes deslizes nada mais revelam além do propender para o maravilhoso, próprios daqueles tempos. O mesmo Padre João Daniel, no mesmo livro de onde extratamos a frase a princípio citada, dá acerca do Purus uma indicação tão justa, que elimina a conjetura de ser ele de todo o desconhecido no século XVIII:

> É o rio Purus tão grande, que tem para cima de trinta dias de boa navegação, porque não tem as trabalhosas catadupas dos demais...

Aí estão dois elementos, a extensão e a natureza geral do leito, sugerindo a existência de explorações ou antigos esforços, aos quais talvez houvesse faltado um historiador.

Também os sugere a carta de Antônio Pires da Silva Pontes Leme, astrônomo das reais demarcações.[8] Contemplando-a, notam-se as embocaduras do Purus com a disposição que hoje têm e, embora uma delas, a de Paratari, se alongue, destacada como se fosse um outro rio, vê-se que o rio principal se deriva até à latitude de 6° 30' com um traçado muito próximo ao verdadeiro, perdendo o rumo do sul, que até então lhe davam, à aventura, os cartógrafos, e descambando para S. O., paralelamente ao Madeira.

Ainda se observa no mesmo mapa um lago Paranamirim (lat. 5° 40'), misturando, por meio de um tributário, rio Capana, as águas do Madeira e do Purus. Ora, aquela coordenada coincide quase com a da foz do Paranapixuna, e apesar de não existir a comunicação referida,

---

8 Vide a *Carta Geográfica de Projeção Ortogonal Esférica da Nova Lusitânea ou América Portuguesa e Estado do Brasil, 1798.*

esta identidade de posições é mais um indício da existência de alguns dados superiores às vagas informações dos selvagens.

Mais recentemente, Aires do Casal, na sua *Corografia Brasílica* (1817), embora incidisse num erro que viria até o nosso tempo, apresenta, acerca das nascentes, dúvidas que o colocam, como geógrafo, na vanguarda de outros mais modernos.

> ... que esses rios [o Tefé e o Purus] não descem das serras do Peru, onde alguns disseram que eles principiavam, prova-se com a existência da comunicação do Ucaiali com o Mamoré pelo rio da Exaltação e lago Roguagoalo; mas, se eles saem desses lagos, como outros querem, ou se tem as suas origens mais do sententrião, é o que não podemos asseverar.[9]

O lago Roguagoalo foi muito tempo a inexaurível matriz de numerosos rios, cujas nascentes demoram na *montaña* boliviana entre os paralelos de 10° e 15°.

Assim é que, ainda em 1852, o Capitão-Tenente Amazonas, referindo-se às origens do grande rio e considarando "prejudicada a pretensão de serem nas serras de Cuzco pela da comunicação do Ucaiali com o Momoré por meio do rio da Exaltação", inclina-se aos que julgam ser o Purus um desagradouro do precipitado lago.[10]

O professor James Orton, em 1868, substituiu este erro por um outro, maior, mais surpreendente entre todos: presumiu ser o Purus o lendário Maru-Maiú ou "Rio das Serpentes", dos Incas; e traçou-o a partir dos Andes fertilizando o vale romântico de Paucar-Tambo antes de derivar pelos terrenos complanados da Amazônia.[11]

Gibbon e Hincke consideravam-no um prolongamento do Madre-de-Dios, contravindo neste ponto à cinca inexplicável de Paz Soldán, que, em 1862, na sua *Geografia do Peru* e no Atlas respectivo, apresenta o Madre-de-Dios e o Inambari como afluentes do Marañón.

Diante de juízos tão contrapostos, compreende-se que a Royal Giographical Society, de Londres, comissionasse, em 1864, um de seus membros, William Chandless, para resolver o controvertido assunto, ou, como se usou dizer por muito tempo – o problema do Madre-de-Dios e do Purus.

---

9 Aires do Casal. *Corografia Brasilíca*. Volume II, página 330. 1817.

10 Capitão-Tenente Lourenço de Sousa Araújo e Amazonas. *Dicionário Tipográfico, Histórico e Descritivo da Comarca do Alto Amazonas*. Ano de 1852.

11 *The Andes and the Amazon,* 1870, … *It is probably the Amaru-Mayu or "Serpent River" of the Incas.*

Mas antes disto no Brasil firmara-se, sistematicamente, o reconhecimento do último.

De fato, à parte as viagens infrutíferas de João Cametá (1847?) até ao Ituxi, e de Serafim da Silva Salgado (1852) até além do Iaco, abriu-se, em 1861, com Manuel Urbano da Encarnação, uma quadra fecunda de trabalhos notáveis.

Manuel Urbano, um cafuz destemeroso e sagaz, tinha, a par do ânimo resoluto e sobranceiro aos perigos, uma vivacidade intelectual, *a great natural intelligence,* no dizer de Chandless, que muito contribuiu para o ascendente que teve sobre todas as tribos ribeirinhas, e para que se abrisse naquelas bandas um dos melhores capítulos da nossa história geográfica.

Os serviços que prestou foram extraordinários e merecem outras páginas além das rápidas linhas desta resenha.

Obediente às instruções do governo provincial do Amazonas, a primeira de suas dilatadas viagens levava o objetivo de verificar a existência, há longo tempo propalada, de uma comunicação entre o Purus e o Madeira, a montante de zona encachoteirada deste último.

Manuel Urbano, efetuando-a, traçou quase todo o itinerário das explorações ulteriores.

Partindio de Manaus a 27 de janeiro daquele ano, chegou, depois de cinqüenta e cinco dias de viagem morosa, em canoas, à boca do Ituxi, de onde alcançou, trinta e dois dias depois, a do Acre (Aquiri). Penetrou por este e subiu-o durante vinte dias de navegação esforçada, estacando apenas quando o extremo abaixamento das águas anulou todos os esforços dos dedicados *panaris,* que lhe arratavam a canoa. Volveu então, águas abaixo, ao rio principal; e durante quarenta dias percorreu-o ao arrepio da corrente, até além do Rixala (*quebrada* San Juan, dos peruanos), chegando perto da foz do Curumaá (Curanja), a cerca de 2.800 quilômetros da do Purus, distância que até então não se percorrera.

Como efeito imediato desta expedição, firmou-se definitivanente a ausência da citada comunicação naqueles pontos e tornaram-se conhecidos novos tributários entre o Acre e o Curinaá (hoje Santa Rosa). Além disto, descobriu-se um igarapé conduzindo a um varadouro para o Juruá (por intermédio do Jurupari-Tarauacá) – e, como a travessia se operara acima das cabeceiras do Tefé e do Coari, esta simples circunstância

bastou a corrigir-se os cursos destes últimos, até então exageradamete avaliados.

Manuel Urbano dirigiu, depois, as suas pesquisas a outros rumos, sempre em procura da comunicação precipitada. Entrou pelo Mucuim e numa viagem de vinte e poucos dias, vingando sucessivas cachoeiras e captando a confiança dos *pammanás* esquivos, alcançou a margem esquerda do Madeira, no salto do Teotônio, após um "varadouro" de dez léguas. Volvendo ao Purus, seguiu em demanda do Ituxi e investiu-o até ao trecho encachoeirado, além da embocadura do Punicici.

Efetuadas por um homem inculto, apenas aparelhado de um tipo admirável, essas viagens, entretanto, forneceram os primeiros dados seguros a respeito do Purus de três dos seus maiores afluentes, assim como das tribos que os povoavam. As mesmas distâncias itinerárias entre os vários pontos e as direções gerais dos vários segmentos do rio surpreenderam pouco depois a William Chandless,[12] e as notícias relativas à disposição geral das terras, número e caracteres das tribos, bem poucas alterações ulteriormente sofreram.

É natural que elas influíssem por tanta maneira no espírito do Governo, que este resolvesse persistir num esforço tão brilhantemente iniciado.[13] Foi o que sucedeu, de fato, a 13 de fevereiro de 1862, data das instruções entregues pelo Dr. Carneiro da Cunha, Presidente do Amazonas, ao Engenheiro J. M. da Silva Coutinho encarregado de um reconhecimento do Alto Purus e dos seus afluentes mais importantes. A missão era completa. Além do levantamento hidrográfico, tinha aquele profissional de atender à estrutura geológica do vale, à flora, às propriedades dos terrenos mais aperfeiçoados às culturas; ao número e caracteres das tribos e meios mais eficazes para vinculá-las à civilização; e, como remate, à tentativa de uma passagem ao Juruá, pelo varadouro descoberto por Manuel Urbano.

Este último acompanhou aquele profissional, assim como o botânico alemão Wallis, o primeiro representante da ciência européia que penetrou no Purus.

---

12 ..*from the rising of the sun he formed a much better estimate of the general course than I should gave thought possible in so tortuous river, and not a bad one of the distance in leagues*. (Chandless, *Notes on the River Purus.*)

13 Ofícios de 24 de novembro de 1861 e 23 de janeiro de 1865, do Engenheiro Silva Coutinho ao Presidente do Amazonas. Relatório da Secretaria da Agricultura, 1865.

O engenheiro Silva Coutinho enfeixou as suas observações num pormenorizado relatório, datado de 1º de março de 1863, onde, além de um estudo geral do rio, se discriminam os afluentes, lagos, ilhas, barreiras, casas e rochedos, que se encontram desde a sua foz até ao Rixala (San Juan), além de ampla notícia dos índios, produção, natureza dos terrenos, etc.

Este trabalho, em que a colaboração de Manuel Urbano se manifesta claramente, é por muitos títulos notável, sendo para lamentar que as circunstâncias não permirissem a de Wallis.

Silva Coutinho, além dos dados interessantes que apresentou, teve um largo descortino do futuro naquelas paragens. Apesar de ter subido apenas até Hiutanaã – de onde voltou o pirajá que o conduzira, por falta de víveres – , desenhou com eloqüente simplicidade a grandeza das paragens ignoradas:

> A importância do Purus é muito grande para que se abandone a idéia de seu reconhecimento. Quando na Europa com tanto interesse se discute a questão do Madre-de-Dios, não devemos nós, particularmente interessados na questão, cruzar os braços indiferentemente. A região mais rica do Peru e da Bolívia só pode se comunicar com o Amazonas por meio do Purus e do Iuruá (Juruá), rios que não têm cachoeiras e que oferecem fácil comunicação em quase todo o curso.[14]

Ora, William Chandless veio, um ano depois (1864), precisamente para resolver essa "questão do Madre-de-Dios" – um dos aspectos do velho problema de ligação das bacias do Amazonas e do Prata – e posto que a deixasse sem um remate definitivo, realizou a mais séria entre todas as explorações do grande rio. Pela primeira vez fixaram-se em coordenadas astronômicas os seus pontos principais – e quando muitas outras indagações ele não fizesse, aquela simples circunstância bastava para dar-lhe um dos primeiros lugares não já entre os cientistas que estudaram a Amazônia senão entre todos os que têm perlustrado o nosso país.

Dificilmente se encontra um outro tão pertinaz, tão consciencioso, tão lúcido e tão modesto.

A sua viagem penosíssima, de oito meses, em que teve como únicos auxiliares os índios bolivianos e os *ipurinãs,* que lhe impeliam a canoa, é talvez a mais tranqüila das grandes expedições geográficas. Não

---

14 Vide Relatório da Secretaria da Agricultura, 1865.

tem um incidente, um episódio emocionante ou um quadro surpreendente, dos que sempre aparecem nessas investidas com o desconhecimento. É assombroso e interessante apenas pelos grandes resultados que teve, desdobrados com raro rigorismo das mais simples leituras barométricas às mais sérias determinações de coordenadas.

Sob este último aspecto, principalmente, são o melhor modelo dos trabalhos geográficos em nossa terra.

Avalia-o quem quer que tenha subido um dos rios amazônicos, encarregado de idêntica tarefa. Realmente, bem poucas regiões se lhes emparelham no criar obstáculos a um observador: a umidade extrema impropria, geralmente, os céus, mesmo quando o tempo é constante e claro, exatamente nas horas mais aptas às observações de alturas; porque os melhores dias começam quase sempre densamente e bruscos, até às 8 horas a. m., tornando indecisos os contactos do sol para as determinações horárias, e encerram-se num misto de treva e neblina, por meio das quais mal palejam as estrelas; nas cabeceiras, a estreiteza dos rios, afogados entre as grandes árvores, reduz o campo para a escolha dos astros, trancando o firmamento até 45º de altura, o que corresponde a anular a maioria das situações mais propícias aos trabalhos; os paus que da parte média para as nascentes atravancam o leito, determinando conttinuados choques, determinam continuados "saltos", tão prejudiciais às marchas dos cronômetros, já prejudicadas pelos intermitentes transportes destes últimos por terra, ao longo das barrancas, nas passagens dos rápidos e das cachoeiras; as sinuosidades caprichosas dos traçados exigem uma atenção permanente e exaustiva na leitura dos rumos, que mudam a todo instante, e acumula-os, numerosíssimos, nas cadernetas, aumentando todas as causas de erro no desenho ulterior; as anomalias barométricas, ainda hoje inexplicáveis, não só tornam duvidosas todas as altitudes, senão diminuem a importância de uma das correções dos cálculos de altura, e, ao cabo, como se não bastassem tantos empecilhos, falta ao observador (obrigado não raro a empanar as vistas com um véu) a serenidade indispensável que lha tiram, na menor ocasião, a sucção dos *piun*s durante o dia, as ferroadas dos *carapanãs* durante a noite e os cáusticos das *mantas brancas* e *meruins invisíveis,* torturas que às vezes têm de suportar, estoicamente imóvel, para não perder no momento preciso a passagem de uma estrela ou um contacto do sol.

William Chandless dominou isolado (nem tinha quem lhe lesse o cronômetro) estas dificuldades.

Balanceando bem os erros inevitáveis, que sumariam cada vez maiores no cálculo de suas longitudes por meio do transporte do tempo e em condições tão desvantajosas, não só os atenuou por meio de longitudes absolutas de lugares longamente intervalados, como os compensou por meio de observações duplas, nos mesmos pontos, na subida e na baixada.

Deste modo retificava o levantamento hidrográfico, à medida que o efetuava, e tornava solidários os trabalhos topográficos e astronômicos numa urdidura rigorosa.

Compreende-se que sua carta tivesse, depois, bem poucas modificações e se constituísse molde único aos numerosos geógrafos-copistas que a aproveitaram, ajeitaram e não raro deturparam.

Infelizmente esta exploração notável não teve o desfecho que merecia. Tendo estudado com segurança quase todo o Purus e o Aquiri, Chandless em virtude de um ligeiro desvio de sua rota, nas cabeceiras do primeiro, não pôde assegurar, de um modo decisivo, o *divortium* entre elas e as dos mananciais do Madre-de-Dios e do Ucaiali.

Deduziu-o apenas. Não apresentou o fato positivo, que só lhe daria a observação direta.

Assim sobre as nascentes diz:

> *From the small size of both branches (Cujar and Curiuja) at the farthest points I reached (10º 36' 44" lat. 72º 09' 00" W.G.) and ( 10º 52' 52" lat. 72º 17' 00" long. W.G.) and their rapid diminution, it is pretty clear that they cannot come from any very great distance; in my opinion little, if at all, to S., of 11º lat.; certainly not from the cordillera.*

Esclarece-o, quanto a este último ponto, o não ter encontrado, ali, nenhuns espécimes de granito ou de qualquer outra rocha plutônica.

Conclui:

> ... *then the Madre-de-Dios is certainly not the course of the Purus.*

E logo depois, revelando certa inseguridade num juízo definitivo sobre o assunto:

> *Certainly the simplest solution of the problem would be a descent of the Madre-de-Dios from the Cordillera...*

Estes extratos são bem eloqüentes, mas não invalidam, ou diminuem, os esforços do notável explorador, traído nos seus últimos passos por uma circunstância de todo fortuita.

Realmente, cotejando-se nas cabeceiras, a carta de W. Chandless e a nossa, põe-se de manifesto que o ilustre geógrafo, ao alcançar a última bifurcação da South York (Cujar 72º 20' 41" long. W. G. 10º 51' 16" L. S.), prosseguiu, infletindo para a direita, pelo rio de maior volume e que prolonga melhor o Cujar, deixando à esquerda, desatado no quadrante de S., o Cavaljani, isto é, o caminho que em menos de oito dias o levaria simultaneamente aos vales do Ucaiali e do Madre-de-Dios, depois de transmontar o diminuto cerro por onde derivam da nossa banda o ribeirão do Pucani, último galho meridional do Purus, e do outro a "quebrada" Machete, um dos últimos galhos setentrionais do Ucaiali.

O desenlace de seus esforços seria então surpreendedor, porque ao mesmo passo e num só dia chegaria a muitas conclusões valiosíssimas:

*a)* Mostraria a independência da bacia do Purus e o alongamento máximo das suas origens para o sul, sem atingir o paralelo de 11º;

*b)* Veria que as nascentes do Madre-de-Dios e do Ucaiali, naquelas bandas, divergentes a partir do estreito istmo de Fiscarrald, justificam com tal proximidade, em parte, os velhos erros que sobre elas durante tantos anos perduraram;

*c)* Comparando-as com as do Purus, que ali apenas se separam por uma ondulação de menos de dois quilômetros de *varadouro*, não só justificaria os que tantas vezes confundiram o grande afluente amazônico com o Madre-de-Dios, como revelaria o fato geográfico, absolutamente sem par, desse irradiar das origens de três grandes artérias fluviais, a partir de uma reduzíssima área, fora da sublevação andiana, de altura relativa inapreciável, e não tendo talvez sobre o nível dos mares a diferença de quinhentos metros.

Apesar disto, a sua exploração é ainda hoje a mais séria de quantas houve no Purus. As que se lhe sucederam em nada modificaram os resultados gerais.

Citemos apenas as grandes explorações por terra (1870-1872) do Coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre e Engenheiro Alexandre Haag para o traçado de uma estrada entre o porto de Lábrea e o de Flórida, no Beni; a viagem meramente descritiva, de Barrington Brown e William Lidstone (1873), que chegaram apenas até a barreira de Huitanaã;[15] e a Comissão Mista Brasileira-Boliviana, em 1897, para a implantação dos marcos da linha Beni-Javari.

Em resumo, a geografia do Purus durante longos anos ficou inscrita nas linhas traçadas por William Chandless em 1867. Depois, o que é inverossímil, retrogradou. Forrando-nos a uma empresa malévola, não explanaremos um caso originalíssimo de cartografia; a planta do notável viajante, copiada de todos os modos, calcada e recalcada por sem-número de fabricantes de mapas, acabou de todo falseada. A geografia do Purus volvia, regressiva, aos tempos anteriores a Manuel Urbano. À medida que surgiam as cartas – dos que nunca se afoitaram com o grande rio – embaralhavam-se novas linhas, apagavam-se outras, retorcia-se caprichosamente o leito principal, esticava-se seu traçado até 12º ou mais, revolviam-se afluentes de uma para outra margem, alteravam-se nomes, trancavam-se embocaduras...[16]

Não exemplifiquemos. Sem exagero pode-se dizer que o Purus, com tanta lucidez definido por W. Chandless, ia a pouco e pouco voltando a ser o fabuloso Cuchigura velado nos absurdos que aprouve emprestar-lhe a fantasia maravilhosa dos cronistas e cartógrafos que se sucederam de Cristóvão d'Acuña e Guillaume de Lisle.

Depois de W. Chandless, o único reconhecimento que se fez no ramo principal do Purus até as cabeceiras foi o da comissão Mista Brasileiro-Peruana, de reconhecimento, sendo os seus resultados em grande cópia um complemento dos esforços daquele explorador.

---

15 *Fifteen Thousand Miles on the Amazon and its Tributaries.*

16 Consultem-se, por exemplo, o *Mapa Geográfico do Estado do Amazonas,* organizado em 1901 por Ermano Stadelli, de acordo com as notas de trinta e tantos geógrafos exploradores ou a carta anexa do Tomo XIII do *Boletín de la Sociedad Geográfica de Lima*.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *As cabeceiras*

Nas páginas anteriores vimos as dúvidas que sempre houve relativamente às origens do Purus, a par da grande confusão dos geógrafos, indicando-o como um prolongamento do Madre-de-Dios; e notamos, de relance, na estreita vizinhança das cabeceiras daqueles rios, uma das causas dos erros perpetrados.

De feito, os últimos galhos meridionais do Purus (Cujar e Curiúja), orientais do Urubamba (Sepaua e Mishua), e setentrionais do Madre-de-Dios (Caspajali e Caterjali), podem ser ligados por um segmento de meridiano menor de 20'.

É natural que os esclarecimentos relativos às suas respectivas origens se travassem, vinculados, completando-se reciprocamente.

Foi o que aconteceu. As explorações realizadas no Madre-de-Dios foram em pouco tempo completadas pelas do Purus.

Deixando de lado a notável expedição do Inca Yupangui, descendo com dez mil guerreiros o fabuloso Maru-Maiú, desde o Tono até a província de Moxos – pode-se datar de 1860-1861 a primeira exploração regular do Madre-de-Dios, precisamente no mesmo ano em que se iniciou a do Purus.

Na mesma ocasião em que Manuel Urbano punha ombros às suas grandes tarefas, Faustino Maldonado partia de Nauta, varava o vale

de Paucartambo, prolongava a margem do Tono, até a foz do Pitama, que atravessou, indo parar na embocadura do Pinipini.

Aí, apenas auxiliado por alguns índios *conibos,* construiu uma jangada e veio ao som das águas até a confluência do Beni, de onde pelo Mamoré chegou ao Madeira, continuando a descida.

Infelizmente, a arrojada empresa teve lastimável desfecho no "Caldeirão do Inferno", onde o brilhante pioneiro naufragou, perecendo com a maioria dos que o acompanhavam. Mas os resultados obtidos foram admiráveis – e nem se compreende como por tanto tempo ainda se confundisse o Madre-de-Dios com o Purus, e fosse exatamente o maior geógrafo peruano o maior propagador de tão exagerado absurdo.

É que naquelas bandas não houvera a continuidade de esforços que existiu entre nós, mal podendo citar-se, em vinte anos de interregno, a exploração malograda do Coronel Latorre, sucumbindo aos assaltos dos *chunchos,* quanto ia ainda pouco distante de Cuzco (1873).

Em 1880-1881, o Dr. Edwin Heath[17] completou os esforços de Maldonado numa penosa viagem de ida e volta de Reyes à confluência Beni–Madre-de-Dios.

Tinha-se, afinal, um juízo seguro acerca dos dois grandes rios que, por tão longo tempo, haviam desafiado a argúcia dos cartógrafos.

As investigações continuaram. Em 1890, um caucheiro peruano, Carlos Fiscarrald,[18] vencendo extraordinárias dificuldades, descobriu o "varadouro" do Misauau (último dos galhos orientais do Urubamba) ao Caspajali (último dos afluentes setentrionais do Madre-de-Dios) e arrastando por ali a lancha *Contamana,* em que subira o primeiro, passou, graças aos robustos *piros* que o acompanhavam, para o segundo. Passara, assim, das águas do Ucaiali para as do Madre-de-Dios; e o istmo Fiscarrald, desvendado, mostrava a estreita faixa de terras que separava as duas imensas bacias.

Deste modo, em 1891, estavam francamente conhecidas as origens e direções gerais dos rios que demoram naquelas bandas.

Restava, ao norte, o Purus.

---

17 Sobre a viagem notável do Dr. Heath, leia-se o 8º volume do *Proceeding of the Royal.* Geographical Society. Londres, 1883

18 O nome original é Fitz-Carral, deturpado aqui para Fiscarrald.

Uma versão peruana muito opinável indica um loretano, Leopoldo Collazos, como o descobridor da passagem entre o Purus e o Ucaiali. Partindo, em meados de 1899, de um *puesto* no Urubamba o explorador, encalçado de trinta *infieles,* navegou pelo Sepaua acima; enfiou pelos seus últimos tributários, que se esgalham até à "quebrada" Machete; e foi seguir em fins de agosto, transmontada uma pequena condução de terreno, no Pucani e no Cavaljani, nas cabeceiras do Purus.

Outros, porém, com mais visos de verdade, afirmam que esta glória cabe toda a um digno irmão de Fiscarrald, D. Delfin Fiscarrald, que se estabelecera em 1892 no Urubamba, associado a um brasileiro, o Tenente-Coronel José Cardoso da Rosa.

Como quer que seja, em 1900, ultimara-se a grande questão geográfica: os três grandes rios eram de todo independentes, mas tinham algumas de suas origens tão próximas que a passagem de umas para outras podia efetuar-se, conduzindo-se não já as ubás aligeiradas dos selvagens senão as mesmas lanchas dos exploradores.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Os "varadouros"*

Foi o que em grande parte verificou a Comissão Mista, brasileiro-peruana, de reconhecimento do Alto Purus, em 1905. No relatório que motivou estas notas complementares sumariam-se as dificuldades que ela debelou, sobretudo a partir da Forquilha do Purus, no dia 24 de julho de 1905.

Previam-se, de fato, todos os obstáculos, não só pelo adiantado da vazante como pelo reduzido das águas, dividindo-se o grande rio quase igualmente nos seus dois últimos tributários.

Em qualquer deles, a corrente derivara ora muito rasa, sobre dilatados bancos de areia, entre os quais mal serpeavam diminutos canais de dois pés, no máximo, de profundidade; ora tumultuariamente, em rápidas e pequenas cachoeiras mercê das quais o rio Cujar vence em 50 milhas de curso uma queda total de 154 metros, da confluência do Cavaljani à Forquilha.

Deste modo, a subida realizou-se em condições que se extremavam – passando dos longos estirões quase estagnados para o torvelinho dos "rápidos", o que acarretava a variação dos meios para realizá-la. Nos primeiros, os expedicionários, abandonando as canoas, arrastavam-nas a pulso, sendo por vezes forçados ao emprego de alavancas, com um supletivo dos varejões e dos remos, o que por si só caracteriza os empecilhos encontrados. Nos segundos, o esforço, embora maior,

era mais pronto e menos exaustivo. Adotavam-se sirgas e cabos de segurança para as corredeiras comuns; e nas três cachoeiras maiores, a varação das canoas, vazias de toda a carga, sobre as pedras, expostas ao longo das barracas marginais.

Transpondo o primeiro rápido, nas cercanias da Forquilha, sucedem-se, pouco intervalados, estes degraus, em que o Cujar vence uma diferença de nível relativamente exagerada.

A natureza do terreno muda e bem que não se descubram traços de formações primitivas, tudo induz a crer que se vai sobre camadas muito mais antigas que as da parte inferior da bacia e talvez caracterizadas por ações metamórficas intensíssimas. As pedras que repontam em toda a parte, ora desmanteladas, nos "rápidos", ora contínuas, formando o leito do rio, são evidentemente sedimentárias. Mas nos dois aspectos invariáveis, que patenteiam, ora finalmente conglomerados de uma dureza extraordinária, recordam verdadeiros quartzitos e granitos. A aliança ou separação delas constitui as várias formas das quedas, que às vezes tombam, abruptas, num salto único, em pequenos e numerosos degraus, ou então, reduzidas a fortes itaipavas, derivando vertiginosamente em planos clivosos eriçados de pontas vivas no atravancamento dos blocos desmantelados. Assim se formam, da Forquilha à foz do Cavaljani, e desta à do Pucani, 88 corredeiras,[19] entre as quais avulta a queda mais alta de todas, com 2,20m, constituindo verdadeira *hurmana,* consoante a denominação local.

O rio, represado ali por um afloramento de resistente conglomerado, deve transpô-lo nas enchentes em uma queda imponente. Mas, na vazante, deriva por uma depressão, à direita, caindo em um salto de 1,50m, cuja violência se agrava na calha que o constringe. A travessia realiza-se, arrastando-se as embarcações em seco, pela esquerda, sobre a parte desvendada, cheia de fraguedos, estalando em fendas e crivada de pequenos boqueirões.

Dominado este passo, começa-se a observar a ação paradoxalmente favorável, que têm aquelas barreiras para a subida do rio, na vazante. Realmente, são verdadeiras eclusas, que se escalonam em intervalos regulares e sem as quais a corrente derivaria impraticável, sobre os baixios rasos nos longos "estirões" quase inteiramente esgotados.

---

19 83 no Cujar e 5 no Cavaljani.

Foi em grande parte mercê desta disposição que os expedicionários chegaram no dia 30 de julho à foz do Cavaljani.

Estavam nas cabeceiras do Purus.

O rio então expõe pela última vez a sua dicotomia interessante. Reparte-se em dois galhos quase iguais, um para o sul, o Cavaljani, outro para o norte, que lhe conserva o nome. Foi para este que prosseguiu W. Chandless, estacando poucas milhas adiante.

A Comissão Mista prosseguiu pelo outro e, suplantando dificuldades que dia a dia se tornavam maiores, alcançou no dia 3 de agosto a confluência do Pucani, a origem mais meridional do Purus.

O pequeno ribeirão tem a feição característica de todos os cursos de água de cabeceira. É uma torrente. Desce, tortuoso, com 2m, de largura média, de S. O., procurando a pouco e pouco o rumo de E. em que aflui no Cavaljani. As árvores trançam-se-lhe por cima dando-lhe por vezes, em largos tratos, a obscuridade de um túnel, e a travessia faz-se obrigatoriamente acompanhando-lhe o eixo, por dentro d'água, rasa de 0,20m, exceto em quatro ou cinco pontos em que ele de chofre se aprofunda, ganglionando em poços invadeáveis, que se evitam por meio de atalhos laterais pelo alto das barrancas.

As águas muito límpidas diminuem sensivelmente reduzidas a uma descarga máxima de 03,100m por segundo, capaz de se conter no entalhe de um vertedor regular, tão reduzido ali se acha aquele remotíssimo prolongamento do Purus.

O viajante, subindo-o no rumo aproximado de S. O., percebe a sua ascensão lenta. Ao mesmo tempo impressiona-o sensível mudança no aspecto geral da região: as embaúbas, as buquiticas e as frecheiras, tão abundantes poucas milhas a jusante no Cavaljani e no Cujar, rareiam ou desaparecem substituídas em parte por inextricáveis tabocas, de haste espinescentes e longas, enredadas, dominando em largos trechos toda a vegetação. As pedras, tão numerosas nas corredeiras anteriores, acabam de súbito: compreende-se bem que ali ainda as encobrem as camadas superpostas de argila compacta que no Cavaljani, no Cujar e no Curiúja, no Purus, foram há muito destruídas pelas erosões, desvendando, no desmantelo de blocos que apontamos, a ossatura mais antiga dos terrenos. Esta transição estrutural é muito viva e induz à conjetura de pisar-se, afinal, uma das margens, ainda intacta, ou menos transmudada

pelos agentes exteriores, de uma terra antiga, conservando ainda os contornos dos velhos tempos terciários que a formaram.

Calca-se, de fato, uma argila avermelhada, quase pura e tão consistente que forma a única pequena queda do Pucani (0,50m de alto) resvalando-lhe, sem a degradar, pelas camadas firmes e unidas como se foram de pedra.

Aos lados as barrancas, altas de três a quatro metros, caem, por vezes, a pique como muros, e o pequeno rio coleia entre elas à maneira de um *canón* estreitíssimo e contorcido. Mas não abandona a sua direção geral até cerca de 2.300 metros da confluência do Cavaljani. Daí para cima o traçado principia a infletir para o sul, e vai em deflexões insensíveis por espaço de um quilômetro até alcançar todo aquele rumo. Então, repentinamente, se alarga num último poço um círculo irregular de uns trinta metros de diâmetro, profundo, escavado entre os taludes fortes das encostas consistentes. O ribeirão expande-se daquele modo precisamente quando o explorador o imagina cada vez mais estrangulado entre as barrancas, tendendo cada vez mais a fracionar-se nos últimos manadeiros das nascentes. Figura-se acabar no diminutíssimo lago. E como sobre este arqueiam os céus desafogados e claros, quem surge da meia penumbra do Pucani tem a impressão de chegar a um ponto culminante. Mas está no sopé de uma montanha, ou melhor, de um cerro cujas proporções se exageram demais para quem ali chega avançando por meio de 3.200 quilômetros de planura quase invariável.

Na encosta deste cerro destaca-se um recorte de picada. largo de um metro, descendo-a vivamente, sem uma curva, despenhado por um declive de 28º.

É o *varadouro*.

Extremam-no quatro *tambos* de paxiúba, que assim se chamam naquelas bandas as palhoças ou *papiris* da Amazônia, onde se abrigam viajantes e mercadorias. Em torno, acervos de latas vazias, de toda a sorte de conservas, pedaços de ferramentas e trapos esparsos, delatam para logo a escala dos caminhantes, e um tráfego seguido.

O *varadouro* principia no rumo certo do sul, em ladeira íngreme, permitindo que em cinco minutos de subida esforçada se vingue o ponto culminante – cinco minutos apenas de marcha para alcançar-se o *divortium* de dois entre os maiores rios da Terra.

Infelizmente o cerrado das árvores, abreviando as vistas, não faculta, daquele ponto, uma observação bem clara do conjunto dos terrenos em volta. Nota-se apenas que aquela serrania inapreciável com uma altura relativa de 50 metros no máximo sobranceia todos os lugares próximos para onde descem, o Purus para N. E., o Sepaua e o Urubamba para o ocidente e os últimos tributários do Madre-de-Dios para o levante e para sudeste.

Dali se prossegue descendo sempre no rumo do sul (compensadas as breves deflexões a S. O. e S. E.) para o vale do Sepaua, último dos galhos setentrionais do Ucaiali. O chão argiloso e escorregadio denuncia no polido da superfície o constante deslizamento das *ubás* que sobre ele se arrastam, a pulso, sem nenhum dispositivo a facilitar a *varação*. À parte o corte de uma ou outra árvore, não se distingue o mínimo preparo ou conservação necessária à passagem de tal importância. Em raros pontos alguns paus roliços transversalmente alinhados em estivamento imperfeito corrigem a inconsistência do solo; e em seus sulcos de erosão que retalham a vertente, algumas árvores derribadas a esmo servem de pontes, perigosíssimas, requerendo marcha cautelosa e atenta. Toda esta descida, muito mais longa que a ascensão do lado do Pucani, efetua-se sobre três largos socalcos cindidos de ravinas estretíssimas e fundas. Realiza-se em meia hora, tendo todo o *varadouro* com as suas pequenas curvas pouco mais de 1.500 metros.

Assim, retificando-se e reduzindo-se ao horizonte esta faixa ondulada de terras, que ali separa tão enormes bacias, vê-se que a sua largura de mui pouco ultrapassa um quilômetro. Escapa às escalas comuns dos mapas geográficos. O Purus e o Ucaiali quase unidos naquele ponto abarcam um quinto da Amazônia e no desmedido trato de continente que parecem ilhar envolvem completamente as grandes bacias do Tefé, Coari, Jutaí, Javari.

O *varadouro* termina na quebrada Machete, onde se vê um outro *tambo* maior, à esquerda dela, sobre uma breve rechã, fechada ao fundo por um cerrado tabocal.

A planta que anexamos a estas notas completa-as mostrando o prosseguimento do itinerário que acompanha as quebradas Acha e União, até ao Sepaua, ao Urubamba e ao Ucaiali.

O outro *varadouro* do Purus é o do Curiúja, em região idêntica à do interior. Quem parte da Forquilha, alcança-o, em qualquer quadra, ao fim de 62 horas de viagem, ou seja, pouco mais de seis dias. Mais longo que o do Cujar, como o revela a planta, a sua travessia é feita pelos caucheiros em duas horas. Alcançam então o Mapuaia, que descem em três dias até ao Inuja; e num dia e meio por este até à sua confluência no Urubamba.

Na mesma planta indicamos o *varadouro* que liga o Ucaiali ao Madre-de-Dios.

Considerando-a, vê-se que o mesmo viajor, na mesma embarcação, pode hoje, em prazo diminutíssimo, passar das águas do Purus para as do Ucaiali – pelo istmo Sepaua – e das deste para as do Madre-de-Dios – pelo istmo de Fiscarrald –, justificando-se então, amplamente, todas as divergências e dúvidas, e mesmo os maiores erros, que se agitaram durante tanto tempo a respeito das origens dos três grandes rios.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *O povoamento: da foz às cabeceiras*

Lendo-se as "notícias da voluntária redução de paz e amizade de feroz nação do gentio mura" nos anos de 1784, 1785 e 1786; e, principalmente, as longas correspondências entre o tenente-coronel primeiro comissário da 4ª Partida, João Batista Mardel, e João Pereira Caldas, acerca da prática com o gentio "que pelo centro e lagos habita desde o Purus até o Juruá" – evidenciam-se antigos e persistentes esforços para o povoamento daquelas regiões.[20] Mas fora sobremaneira longo este perquirir de antigos documentos. Baste-nos saber que desde 1787, por efeito de belíssima campanha em que não entraram outras armas além das dádivas mais apetecidas do selvagem, se congraçaram os aborígines daqueles pontos, inteiramente captados pelas gentes civilizadas. O Purus, sobretudo, abrira-se desde logo à faina, infelizmente desordenada e primitiva que ainda hoje impera na Amazônia. Revela-o um fato, bastante eloqüente na sua mesma extravagância: em 1818 o último governador do Rio Negro, Manuel Joaquim do Paço, trancou-o; proibiu que o sulcassem os pesquisadores de drogas,

> indo-se-lhe os olhos cegos de sua ambição atrás dos preciosos frutos, porque queria antes ficassem as suas untadas com o copioso do seu produto.[21]

---

20 Rev. do *Instituto Histórico e o Geográfico Brasileiro,* T. XXVI, 1873

21 Cônego André Fernandes de Sousa, *Notícias Geográficas. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo X, 1848.

A Junta Governativa do Pará logo depois revogou a curiosa resolução que é, afinal, muito expressiva no delatar a importância que já naqueles tempos ia assumindo o grande rio.

Infelizmente, durante largos anos as "entradas" que, certo, continuaram pelo Purus acima não deixaram documentos. Vislumbraram em frágeis e discordes reminiscências de seus mais anosos povoadores, que pouca confiança inspiram.

Apenas em 1854 principiaram os primeiros dados seguros a tal respeito com o Relatório do presidente do Amazonas, Conselheiro Herculano Pena, onde há referências à missão do Purus (S. Luís de Gonzaga) confiada a Frei Pedro de Ciariana.

Daquela data em diante o povoamento foi contínuo e tão sensível que em 7 de setembro de 1858 um outro presidente, Dr. Francisco Furtado, justificou no seu Relatório a necessidade de estabelecer-se a navegação regular naqueles lugares. Crescera, de fato, a população que, ainda instável, ou errante em território desconhecido, não facultava um cômputo sequer aproximado, conjeturando-se apenas que não era diminuta pela circunstância de se haver criado em junho de 1857, próximo a Guajaratuba, uma enfermaria para os atacados de febres perniciosas que grassaram naquelas bandas.

Ora, entre estes primeiros povoadores estava um homem que os próprios antecedentes étnicos aparelhavam a fundar a sociedade nova na paragem recém-desvendada, Manuel Urbano da Encarnação. Já lhe vimos o papel admirável como batedor de desertos. Mas a sua ação como fundador de povoados é maior, sendo ainda hoje tradicionais no Purus o seu atilamento e a sua pertinácia, a par de uma grande inteireza de caráter e uma bondade excepcional.

Foi o mediador entre as gentes novas que buscavam aquele rio e as tribos bravias que lhe ocupavam as margens. E esta simples circunstância eleva-o consideravelmente.

Basta considerar-se que o Purus foi talvez a maior estrada por onde passavam e repassavam, há muitos séculos, as tribos mais remotas dos extremos do continente. Os *muras* erradios e broncos, que tanto alarmaram o governo colonial, não são autóctones: desceram da Bolívia, pelo Mamoré, e são talvez colaterais dos *moxos* sucessivamente batidos pelas expedições dos incas e pelas outras tribos do sul do nosso país es-

pavoridas pelos paulistas; os *jamamadis* parece guardarem ainda hoje, entranhados nas terras e evitando as margens dos rios, a lembrança das antigas *bandeiras de resgate* que os expeliram do rio Negro; nos *hipurinãs* Silva Coutinho lobrigou hábitos dos *ubaias* do Paraguai; e o aspecto e as vestes dos *canamaris,* como no-los descreve Manuel Urbano, recordam-nos vivamente a envergadura rija e a *cusma* inconsútil dos *campas* que vimos nas cabeceiras.

Estas tribos fervilhavam nas duas orlas do Purus.

Os *muras,* da foz ao Paraná-Pixuna, aldeados em Beruri, no lago Hiapuá,[22] a Campina e em Arimã, onde desde 1854 os reunira Fr. P. de Ciariana. Da foz do Jacaré a Huitanaã espalhavam-se os *pamaris e juberis* sob o nome geral de *purupurus*. Habilíssimos fabricantes de ubás e incomparáveis remadores, viviam exclusivamente da pesca de tartarugas e piraras, de onde lhes provinha a moléstia singular que lhes salpintava a pele de numerosas manchas brancas. Os robustos e bravos *hipurinãs* amalocavam-se no Paciá ao Iaco, em amplos barracões circulares contendo, às vezes, cem pessoas às ordens de um tuxaua. Dali para cima os *canamaris* e *maneteneris*, à parte os *pamanás* e *jamamadis*, escondidos nas selvas.

Quem hoje sobe o Purus não os vê mais como os viram Silva Coutinho, Chandless e Manuel Urbano. Os *hipurinãs* figuram-se mais numerosos, mas sem os caracteres de outrora; e os *purupurus* (pamaris), que nos apareceram, em nada mais relembram aqueles curiosos selvagens, de todo despeados das terras marginais e vivendo em enormes malocas flutuantes, numa permanente viagem, ancorando ao acaso pelas praias e “barreiras”.

É que cederam o lugar a uma imigração intensiva, ou foram absorvidos por ela. Já em 1862 Silva Coutinho, avançando somente até Huitanaã, passara por 14 sítios ou barracas, desde a foz (sítio do Picanço), onde está hoje Redenção, até Canutama (costa de Canutamã), que Manuel Urbano desbravara com auxílio dos pamaris.

Em 1866 o diretor-geral dos índios, Gabriel Guimarães, no relatório daquele ano, refere-se a cinco diretorias parciais estáveis: Alto Purus, Ituxi, Tapauá, Arimã e Hiapuá.

---

22 Hoje Aiapuá.

Compreende-se que naquele mesmo ano o presidente da província, Dr. Epaminondas Melo, renovasse a antiga tentativa de uma navegação regular – que ao cabo se contratou com a Companhia Fluvial do Alto Amazonas, realizando-se a primeira viagem em dezembro de 1869.

A sociedade, a princípio errante, fixava-se normalizando-se: uma Coletoria estabelecida em Canotama arrecadava no ano financeiro de 1867-1868 a renda de 16:023$540, o que era evidente progresso, dado que a renda toda do Purus nos quinze anos anteriores (1852-1867) fora apenas de 29:155$864. E por fim criava-se por ato de 24 de março de 1868 a subdelegacia de polícia do Alto Purus.[23]

Apareceram novos pioneiros. Antes de 1870 Caetano Monteiro e Boaventura Santos avançaram na lancha *Canamari* até aos mais remotos pontos, e um sertanista desassombrado, Leonel Joaquim de Almeida, constitui-se modelo admirável aos rijos cearenses que em breve o encalçariam.

De feito, logo depois de inaugurada a navegação a vapor (1869), espraiou-se pelo Purus afora, progredindo em avançamento ininterrupto, uma poderosa vaga povoadora que ainda hoje não parou, pertinaz e intorcível, firmando-se no domínio estável das terras sobre que vai passando e animada de um ritmo que a impelirá às últimas cabeceiras.

Este movimento começou em 1870 e teve um guia, o Coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre. Eficazmente auxiliado por Manuel Urbano, que o agasalhara em Canotama, o aventuroso maranhense pouco tempo depois prosseguiu pelo Purus acima, passando Huitanaã, *terminus* da navegação incipiente – e foi estacar nas vizinhanças da confluência do Ituxi.

Naquele ponto, sobre uma "barreira" sobranceando a margem direita do rio, derribou um lanço de floresta e alevantou num dia um *papiri* de folhas de palmeiras.

Plantara uma cidade. Lábrea surgira em breve no deserto, perpetuando-lhe o nome, e tornando-se o mais avantajado ponto de apoio à conquista que prosseguia.

23 Relatório da Presidência do Amazonas, 1888.

Não maravilha que em 1873, B. Brown e W. Lidstone, viajando pelo Purus, notassem a toda a hora, filtrando-se nas folhagens da mata marginal, os rolos de fumo revelando as barracas em que se defumava o látex das seringueiras; e que em Mabidiri e Sepatini, distantes mais de 1.300 quilômetros da foz, deparassem opulentos seringais exportando 18.000 e 30.000 quilogramas de borracha.[24]

Para não nos delongarmos demais não acompanharemos em todas as suas fases esta expansão povoadora, uma das mais enérgicas não já da nossa terra senão de toda a América do Sul.

O quadro estatístico[25] junto substituirá com o seu rigorismo aritmético a mais minuciosa descrição. Traçando-o escolhemos propositadamente os mais remotos pontos explorados no grande rio, e neles um trecho tendo apenas um décimo da sua enorme extensão de 2.624 quilômetros, toda ela exclusivamente povoada por brasileiros. Ora, considerando-se esse quadro, vê-se que na década de 1873-1883 o povoamento se alastrou até Triunfo Novo (1.375 milhas da foz), impulsionado por infatigáveis exploradores em que se destacam Antônio Francisco Bacelar, Casimiro Pereira Caldas e Antônio Leonel do Sacramento.

Quanto ao desenvolvimento de todo o rio, inclusive o Acre, em cuja foz o vapor chegou pela primeira vez em 1878 –, simples confronto de sua exportação nos últimos três anos daquele decênio com a do Madeira põe de manifesto que o Purus já era o mais rico entre todos os rios da Amazônia.

EXPORTAÇÃO DE 1881-1883

| | **do Purus** | **do Madeira** |
|---|---|---|
| Borracha ........................ | 5.423.164kg | 3.543.995kg |
| Castanhas ........................ | 40.749hl | 10.913hl |

24 C. Barrington Brown and W. Lidstone, *Fifteen Thousand Miles on The Amazon and Its Tributaries*.

25 Vide o quadro anexo, abrangendo somente os vinte e cinco seringais que se acham entre Macapá e Sobral, e que são os mais longínquos do Purus. Estão, de fato, com aproximação razoável, num décimo apenas da extensão do Purus entre a sua foz e o último sítio brasileiro, Sobral.

EXPORTAÇÃO DE 1881-1883

| | | |
|---|---|---|
| Óleo de copaíba ........................................................... | 34.253kg | 11.908kg |
| Pirarucu seco ............................................................... | 307.103” | 26.438” |
| Salsaparrilha ................................................................ | 5.729” | 281” |
| Cumaru ........................................................................ | 1.073” | 970” |

Esta progressão assombrosa, salvo insignificantes intermitências, continuou, ao menos quanto à produção da borracha, averbando-se: 1.950.000 quilos, em 1884; 1.648.000, em 1885; 1.967.000, em 1886; 1.990.000, em 1887...

Como se verificara também, num simples lance de vista sobre a carta anexa a este relatório, já naquele tempo se estendiam pelas duas margens do Purus (não contando as do Ituxi, do Pauini, do Inauini, as do Acre, do Iaco, etc.) mais de 400 seringais, além de uma cidade, Lábrea, erigida em comarca pela lei provincial de 14 de maio de 1881, e uma pequena vila, Canotama.

Advirtamos desde já que alguns desses sítios são verdadeiros povoados, onde se distinguem sólidas construções, certo desgraciosas, mas amplas e cômodas, contrastando bastante com as primitivas barracas de *paxiúba* e *ubuçu*.

Itatuba com 22 vivendas, na maioria cobertas de palha, adensadas sobre alta barreira, a cavaleiro das maiores enchentes; Parepi, 25 casas numa indecisa abra do Purus que ali se alarga de mais de um quilômetro; Aliança, perto e a montante de Canotama, com 14 habitações; Forte de Veneza; Nova Colônia, com 16, coberta, na maioria, de telhas; Açaituba, em situação admirável sobre uma barreira de argila colorida, extremando um “estirão dilatado”; Providência, com dois sobrados, e casas dispostas em arremedo de ruas; São Luís de Cacianã, o maior seringal do Baixo Purus; Sebastopol, locada em “terra firme” complanada e alta, onde as vivendas se alinham bem construídas, extremadas por uma pequena igreja; Cachoeira, com mais de 30 casas, um sobrado, uma capela recém-construída, e vastos armazéns; Realeza, com 8, de telhas, grande armazém e muitas barracas; São Luís do Mamoriá, 16; Ajuricaba, em terras onduladas e firmes, tendo 12 casas além da vivenda senhoril; Seruri, 16 casas; Canacuri, com vastas habitações, cobertas de telha; Boca do Acre, em terreno alto de vinte e qua-

tro metros sobre o rio, nas vazantes, mas cuja área não bastará à cidade que ali se há de erigir em virtude da sua situação privilegiada; Porta Alegre; Arapixi, 9 casas e um sobrado recém-construído; São Miguel e Redenção, quase fronteiros, com 20.[26] Campo Grande, com 8, estremando larga altiplanura; Novo Amparo; Talismã e Boa Esperança, que se ligam na margem, com 18 vivendas, à parte as barrancas menores; Macapá, com os lotes próximos, 15 vivendas, sendo o barracão solidamente construído com os demais dos outros sítios; Catiana; Barcelona; Concórdia, um dos maiores estabelecimentos do Alto Purus; Novo Destino, com as suas 22 habitações orlando alta barranca; Santa Maria Nova; Liberdade, com 12 boas casas, além de numerosas barracas; Aracaju e São Brás, defrontando-se, com mais de 20 vivendas; Porto Mamoriá, em terrenos altos e ondulados, onde, além de notável extração de caucho e seringa, se distinguem culturas dos cereais mais comuns, etc.

No período subseqüente (1882-1892) o povoamento não perdeu a marcha adquirida. Considerando-se o último trecho do rio a que nos referimos, verifica-se que só naquelas remotas paragens se fundaram doze novos sítios. A exportação total do Purus em 1892 pesava sobre os mercados com 3.459.455 quilogramas de borracha, mais do que o dobro da de 1885; e Lábrea aparecia com as maiores parcelas nos quadros demonstrativos das receitas e despesas das intendências do Amazonas, inclusive a de Manaus. Ao mesmo tempo, amortecido o tumulto das primeiras entradas, a sociedade recém-estabelecida nas novas terras

---

26 Maripuá, casas de telhas e uma pequena igreja; Cuajaraã, barracões de telha; Caçaduá, com dois grandes agrupamentos de casas; Ajuricaba, entre cujas vivendas se destaca grande sobrado de pedra e cal; Quisiã, sobrado coberto de telhas, grandes armazéns, vasto pomar; Peri, muito bem construído, com extensa ponte até ao porto; Sepatini, muitas casas de telha e grande sobrado senhoril, de pedra e cal; Penha do Tapauá, sólidas vivendas e uma capela.
Em São Luís do Mamoriá está o 4º juizado de casamento de Lábrea e existe uma escola, o que acontece em muitos outros.

equilibrava-se, disciplinada;[27] e ia generalizando a sua atividade, forrando-a à faina exclusiva do preparo da borracha, com a pequena cultura de gêneros mais comuns, ainda que numa escala reduzida ao consumo local. Em volta dos barracões fizeram-se as primeiras derrubadas, desafogando-os e aformoseando-os com as plantações regulares que vinculavam os povoadores à terra.

Mas a exportação da borracha sob as suas variadas modalidades, que vão dos mais finos produtos da *hevea* ao caucho e ao sernambi, continuou a ser o mais seguro estalão no aferir-se o processo geral – que duplicou no decênio de 1892-1902, como o revela a simples referência das produções anuais nos últimos três anos daquele período: 5.520.000 quilogramas em 1900; 6.016.000 em 1901, e, em 1902, 6.750.000, isto é, mais de um terço da produção total do Estado do Amazonas.

As levas povoadoras avassalavam quase todo o Alto Purus. À parte os demais afluentes e entre eles o Acre, onde, naquele período, o ímpeto das entradas determinou grave conflito com a Bolívia, que não vem ao nosso propósito historiar – adstringindo-nos ao curso principal do Purus, vemos que de 1898 a 1900 se fundaram mais cinco estabelecimentos nos mais afastados pontos.

Sobral, erguido em 1898, a 9º 15’ 07" de latitude, demarca hoje a mais avançada atalaia dessa enorme campanha com o deserto. Quem o alcança, partindo da foz do Purus e percorrendo uma distância itinerária de 1.417 milhas ou cerca de 400 léguas, tem a prova tangível de que quatro quintos do majestoso rio estão completamente povoados de brasileiros, sem um hiato, sem a menor falha de uma área em abandono, ligadas às extremas de todos os seringais – estirando-se unida por toda aquela longura, que lhe define geometricamente a grandeza, uma sociedade rude porventura ainda mais vigorosa e triunfante.

Porque se realizou ali, e ainda se realiza, uma vasta seleção natural. Para esse afoitar-se com o desconhecido não basta o simples anelo das riquezas: requerem-se uma vontade, um destemor estóico, e até uma compleição física privilegiada.

---

27 Extrato do Relatório do Chefe de Segurança do Amazonas apresentado, em 1880, ao governador do Estado: “Consignou, porém, que durante longo período abrangido por este relatório não se reproduziram as lutas sanguinolentas travadas quase sempre por motivos de posse de seringais, nos rios Purus, Madeira, Juruá e outros”.

Lá persistem apenas os fortes. E sobrepujando-os pelo número, pelo melhor equilíbrio orgânico de uma aclimação mais pronta, pela robustez e pelo garbo no enfrentarem perigos, os admiráveis caboclos cearenses que revelaram a Amazônia.

Há, certo, aquela sociedade principiante, os vícios e os desmandos imanentes aos grandes deslocamentos sociais – e que ali repontam como repontaram nos primeiros tempos do Transvaal e na azáfama tumultuária das *rushs* no *far-west*, ou nas minas da Califórnia. A propriedade mal distribuída, ao mesmo passo que se dilata nos latifúndios das terras que só se limitam de um lado pelas beiras do rio, reduz-se economicamente nas mãos de um número restrito de possuidores. O rude seringueiro é duramente explorado, vivendo despeado do pedaço de terras em que pisa longos anos – e exigindo, pela sua situação precária e instável, urgentes providências legislativas que lhe garantam melhores resultados a tão grandes esforços. O afastamento em que jaz, agravado pela carência de comunicações, redu-lo, nos pontos mais remotos, a um quase serviço, à mercê do império discricionário dos patrões. A justiça é naturalmente serôdia ou nula.

Mas todos esses males, que fora longo miudear, e que não velamos, provêm, acima de tudo, do fato meramente físico da distância. Desaparecerão, desde que se incorpore a sociedade seqüestrada ao resto do país, e para isto requer-se, desde já, como providência urgentíssima, o desenvolvimento da navegação até ao último ponto habitado, completada pelo telégrafo, ao menos entre Manaus e Boca do Acre.

Veremos que tais medidas – sobradamente compensadas com as próprias rendas atuais daquelas regiões – não demandam dispêndios e esforços extraordinários.

**próxima página**

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *A entrada dos peruanos*

Resumindo: a marcha ascensional do povoamento do Purus está hoje em Sobral.

Entretanto a carta anexa indica, a montante daquele sítio, outros: Santa Rosa, Cataí, São João, Curanja, Santa Cruz...

São *puestos* ou *caseríos* peruanos.

Mas não significam por maneira alguma o domínio definitivo e regular da terra. Já o demonstramos no Relatório misto e nada nos resta aditar à límpida concisão com que definiram a inconstância proverbial dos caucheiros as linhas que têm o alto valor de serem também subscritas pelo digno comissário peruano.

Não fora generoso renovar um assunto em que a nossa vantagem é integral e fulminante.

Notemos apenas, a correr, várias circunstâncias muito significativas.

Os peruanos só se localizaram no Purus depois de 1900, ocupando apenas três sítios aquém de Sobral, os de Hosanã, Cruzeiro (Independência) e Oriente, na foz do rio Chandless – insinuando-se mansamente pelas terras desde muito ocupadas por brasileiros.

Permitiu-lhe isto a inata generosidade dos rudes sertanejos, que neles viam menos o estrangeiro que sócios na mesma empresa contra

página anterior

as dificuldades naturais. Mas, transcorridos dois anos (1903), pretendeu-se sancionar politicamente o que era apenas uma benévola tolerância: tentou-se estabelecer, com todo o aparato oficial, uma *comisaría* peruana na foz daquele último rio.

Então despontaram as disparidades de caráter, que tanto separam "seringueiros" e "caucheiros", tornando-se inevitável o conflito que nos inibimos de descrever, por demais sabido e em muitos episódios implicativo da serenidade imanente a estas páginas. Observe-se apenas, ainda muito de relance, que os invasores, refugiados à luta, cederam todo o terreno que se lhes permitira calcar, e recuaram até Santa Rosa, na foz do Corinaã, extremo setentrional da sua ocupação.

Entre os dois sítios, Sobral e Santa Rosa, estira-se hoje a faixa neutra onde ainda se distinguem os restos de dois *puestos,* Unión e Fortaleza, abandonados pelos caucheiros.

Mas este abandono, imposto pela luta, efetuar-se-ia, em curto prazo e tranqüilamente, desde que se derribassem as árvores de caucho mais vizinhas. Porque os sítios peruanos, mesmo os maiores, como Curanja ou Cocama, são simples abarrancamentos.

Não há em toda a extensão que vai de Santa Rosa às últimas cabeceiras do Purus uma única casa de telhas. As vivendas de palha, construídas em dez dias, denunciam a existência instável da sociedade nômada que despoja a terra e vai-se embora. Caracteriza-a a inconstância irrequieta dos *infieles* predominantes em maioria esmagadora. Contam-se 5 peruanos, em geral loretanos, para 100 *piros, campas, amauacas, conibos, sipivos, samas, coronauas* e *jaminauas,* que todos se deparam vários nas usanças e na índole, uns e outros, já "conquistados" a tiros de rifle, já iludidos por extravagantes contratos, jungidos à mais completa escravidão.

A família não existe: não se aponta um casal unido legalmente na maioria dos sítios, senão em todos; e pressente-se em tudo o desensofrido e uma perpétua véspera de viagem naquelas escalas provisórias em que o homem predetermina ficar, um, dois, três anos no máximo, para enriquecer e partir, e não voltar.

Os *tambos* erigem-se de repente numa clareira; animam ruidosamente durante algum tempo um recanto da mata; e esvaziam-se, e arrumam-se, e desaparecem no abafamento das lianas.

Curanja há dois anos tinha cerca de mil habitantes. Tem agora uns cento e cinqüenta, e estará abandonada dentro em pouco se os caucheiros não vingarem suplantar os *coronauas* bravios ainda senhores das cabeceiras do rio que ali aflui.

Cataí, sítio aberto por um brasileiro, o velho João Joaquim de Almeida, de fronteira do Cacianã, estaria em ruína se não o escolhessem para sede da Comissão Mista Administrativa.

Em Shambolaco, quase fronteiro à foz do rio Manuel Urbano, a melhor cultura, um vasto mandiocal sobre pequena colina, é de um índio *campa,* [28] o "curaca" Antônio, estabelecido acima do *puesto* peruano.

Cocama e Santa Cruz, animadíssimos hoje, têm a duração ligada aos últimos troncos das *castilloas* que profusamente ainda viçam nas suas cercanias e não durarão três anos.

Em Tingoleales um imenso bananal e uma cultura mais permanente de algodão pertencem ainda a um campa, o "curaca" [29] Venâncio, emigrado do Ucaiali.

Por fim, Alerta, na confluência Cujar-Curiúja, onde a própria residência principal se reduz a um vasto *tambo* de paxiúba, não tem outra cultura digna de nota além das *iucas* e canas plantadas pelas mulheres amauacas.

Entretanto naquela estância a terra é de exuberância rara e ondula, em suave serrania, alongando-se pelas margens do Purus e do Cujar, oferecendo magnífica base a uma fazenda mais duradoura e próspera. Mas para isto exigem-se outros estímulos além do anseio da riqueza fácil, dos que ali chegam dispostos a penarem durante três anos para fazerem jus à existência opulenta noutros climas.

Nada mais além dessa preocupação exclusiva, fora da qual não se vislumbram outros agentes de coesão social.

---

28 *Os campas*, graças à bravura pessoal, conservam a primitiva liberdade, apenas iludida nas tortuosidades dos contratos que aceitam.

29 *"Curaca*", corresponde a *tuxaua* dos índios amazônicos: é o chefe.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *A navegabilidade**

Da Foz do Purus para as suas cabeceiras notam-se modificações na estrutura do leito e regímen das águas, que se sucedem em transições as mais das vezes insensíveis através de dilatadas distâncias. A princípio preponderam as várzeas quaternárias, que o desafogam nas enchentes, e por onde divagam os canais que o prendem ao Solimões, refletindo na inconstância das suas correntes que ora, na vazante, vão do tributário para o rio principal, ora deste para aquele, nas cheias, os últimos traços da evolução geológica da Amazônia que se encerra. Enredam-se os *furos* e *paranamirins,* certo ainda em complicadas malhas distendidas sobre vastas superfícies, mas cada vez menos fartos e extinguindo-se escondidos pelos *igapós.* À medida que o esforço contínuo e imperceptível da flora exuberante, dominando a violência intermitente das águas, vai construindo a terra, sobre que ficam como fugitivos esboços, cada vez mais apagados, de seu fácies antigo, os numerosos lagos que a salpintam.

Estes últimos, às duas margens do Purus, já existem hoje à custa das sobras do grande rio. Verdadeiros reservatórios compensadores, alimentam-nos as cheias transbordantes; e, quando o nível daquele desce, rompem-se-lhes as estreitas barragens marginais, volvendo as águas para o Purus, cuja vazante em parte se atenua com essas reservas das enchentes.

---

* *Rev. Academia Brasileira de Letras*, nº 12, abr. 1913, RJ, 10 mar. 1906.

As terras firmes, de quinze a vinte metros de altura relativa, constituídas invariavelmente de possantes camadas de argila colorida, caindo em taludes vivos para o rio, aparecem sob o nome local de "barreiras" em pontos ainda longamente espaçados até às cercanias de Canotama.

De sorte que todo este primeiro trecho, de 543 milhas, a contar da foz, derivando numa planura quase uniforme e de diminuto declive que imprime às águas uma correnteza insignificante, é francamente acessível à grande navegação, mesmo nas maiores vazantes em que só a perturbará um ou outro baixio nas vizinhanças do Tapuauá e Caratiá.

No intervalo de 110 milhas, entre Canotama e Lábrea, vão desenhando-se novos aspectos de uma estrutura mais definida. Alargam-se as "terras firmes" sobretudo nas altas barrancas de Açaituba, Umani e Paciá; e no leito do rio, ao fim das vazantes, repontam as primeiras pedras de grés ferruginoso *(Parasandstein)*, desvendadas pela erosão, principalmente em Apituã e na volta de Jadibaru.

De Lábrea para Cachoeira (153 milhas) vai num crescendo a nova conformação dos terrenos e surgem mais numerosos os sítios inacessíveis às enchentes: Lábrea, São Luís, Sebastopol, Catatiá, Huitanaã e muitos outros onde já se delineiam diminutos parfins de cerros ondeantes. Ao mesmo tempo diminuem os *furos;* define-se melhor o traçado do rio; e as formações de grés aumentam, substituindo-se os baixios e raros paus das grandes estiagens, pelas pedras que se mostram não já longamente intervaladas senão cada vez mais próximas à medida que se avança, avultando em Cacianã e tornando numerosíssimas da Cachoeira para montante. O nome deste lugar revela a transição do leito, embora as pedras que aí o perturbam não impossibilitem a passagem das lanchas mesmo nas vazantes, e mal apontam à flor das águas em montículos dispersos de blocos fraturados.

Lá está, porém, a estação *terminus* da atual navegação a vapor[30] e dos navios de mais de seis pés, no período que vai de fins de abril a princípios de novembro; e isto não em virtude da cachoeira (porque a denominação é exageradíssima) senão porque dali por diante

30 Amazon Steam Navigation Company, Limited. (Subvencionada.)

até Boca do Acre raro se aponta um "estirão" ou uma "praia" onde não abrolhem, ora ilhadas em acervos, ora arremessando-se em pequenos promontórios, as mesmas pedras de grés de que tratamos. Citam-se de Cachoeira para cima como paragens mais perigosas, onde, de fato, se vêem muitos restos de embarcações naufragadas – as do *Pacoval, Peri, Ermida, Botafogo, Ajuricaba, Caçaduá, Santa Quitéria, Canto da Fortuna, Guajarraã, Santa Cruz, Terruã, Seruri, Tenha Medo, Tacaquiri, Cantagalo, Quiriã,* etc., até à foz do Acre.

Entretanto, apesar desta resenha alarmante, pode-se afirmar que todo este enorme tratado do Purus, da sua foz à do Acre, com 1.060 milhas, é navegável, mesmo em plena estiagem, para vapores de 60 a 80 toneladas, desde que eles se construam mais afeiçoados aos caracteres técnicos do rio, e se façam pequenos reparos nos pontos que citamos.

Há hoje embarcações do porte de 40 toneladas, e mais, calando, no máximo, 2 pés; e para estas sem nenhuns reparos aquela travessia só exigirá as cautelas de um prático qualquer.

Os reparos indispensáveis a franquear-se inteiramente, em qualquer estação, o grande rio até aquele ponto não acarretarão, além disto, despesas excepcionais, atenta a natureza da rocha e a sua fratura generalizada, limitando-se o trabalho a uma remoção de blocos. Porque as demais condições são altamente favoráveis: o curso das águas é tranqüilo, sem contracorrentes ou remoinhos, derivando com uma velocidade cujo máximo, 3 milhas, só é atingido, em raros pontos, nas enchentes: a largura decresce contínua e insensivelmente de 1.660 metros na foz para 1.300 metros em Paricatuba, para 600 metros perto do Tapauá, para 320 na Cachoeira e 236 na confluência do Acre; a profundidade que diminui também uniformemente, nas enchentes, de 25 metros na foz para 16 metros na Cachoeira, comporta, como vimos, na vazante, os calados das embarcações normais; e afinal, a despeito de um traçado sinuosíssimo, não há voltas vivas capazes de perturbarem a passagem dos maiores vapores.

Da foz do Acre para as cabeceiras modifica-se ainda o regímen do rio. As pedras diminuem, embora ainda aflorem, sobretudo, em São Miguel, Pau do Alho, até além da Liberdade, onde o grés ferruginoso é substituído por um conglomerado duríssimo.

As “terras firmes” são mais altas, expandindo-se em maiores áreas, correndo o rio mais encaixado entre barrancos, que não assoberba nas maiores enchentes.

Ao mesmo passo aumenta a força da corrente que fixaremos em 3,3 milhas por hora, nas cheias.[31] Daí a conseqüência inevitável de um mais intenso ataque das partes côncavas das margens e o desabamento delas em grandes lances arrastando as árvores, que sustêm, indo arrebatados pela correnteza troncos e galhos numerosos que não raro obstruem o leito, enquanto as “terras caídas” formam os “torrões” e baixios.

Estes novos entraves substituem as pedras do Baixo Purus e são mais sérios, porque, originando-se de um esforço permanente das águas, exigem serviço de conserva organizado e constante, que nunca ali houve. As mui raras lanchas que vão além do Iaco evitam a subida durante a estiagem, de sorte que as comunicações se fazem apenas à custa das montarias e *ubás,* aptas a se insinuarem entre os paus ou a deslizarem sobre os bancos.

Entretanto, ainda nesta seção, não seria muito dispendioso um serviço sistemático de melhoramento, que pouco a pouco a afeiçoasse a uma navegação mais regular e rápida.

Não precisamos dar maiores destaques à imperiosa necessidade de um tal serviço. Basta considerar-se que do Iaco para cima, onde se erigem mais de 120 seringais brasileiros, os transportes e comunicações estão adstritos à passagem aleatória de raríssimas lanchas, e de uma ou outra canoa, em travessia escoteira. Entretanto, a remoção parcial dos paus, que em trechos salteados atravancam o rio, seria facílima, facultando desde logo, em qualquer tempo, um tráfego de viagens seguidas, mesmo para as lanchas de três pés de calado."[32]

---

31 É um *maximum* atingido em raríssimos pontos.
No *estirão* logo acima do Acre, encontramos pouco mais de uma milha por hora em princípios de maio, numa enchente média.

32 Mesmo no estado atual de completo abandono do rio, a nossa lancha *Cunha Gomes* e a peruana *Cahuapanas,* calando cerca de 5 pés subiram em plena estiagem quase, em fins de maio, até São Brás; e a *N. 4,* da nossa marinha, calando mais de três pés, foi de São Brás à confluência do Chandless em poucas horas.

Estes reparos poderiam, depois, ser completados por um outro de efeitos admiráveis ante as pequenas despesas que acarretará. Referimo-nos à retificação de muitos trechos por meio da seção dos "sacados", estas formas tão curiosas dos rios amazônicos que não escapam à mesma incuriosidade dos selvagens, que lhes deram, numa e noutra banda, no Brasil, e no Peru, os nomes de *tipiscas* e *abuninis*.

Realmente, do Acre para cima as sinuosidades características do Purus são mais sensíveis, mercê da menor largura do leito, tornando-se também mais delgados os sucessivos istmos que separam as suas margens fundamente recortadas. Deste modo, a travessia de um para outro ponto da mesma borda, que exige em alguns trechos muitas horas de navegação, efetua-se, em poucos minutos, por terra.

Considerem-se na planta que apresentamos, entre muitos outros, os seguintes pontos, da confluência do Acre para montante:

1º) Pau do Alho–Cametá: distam, por terra, cerca de uma milha, e mais de dez por água. Um caminhante, a pé, em passo natural, faz em vinte minutos a viagem de um dia de navegação a remo.

2º) Vista Alegre–Santa Maria: o istmo tem 462 metros de largo (5 minutos de marcha), enquanto a curvatura do rio tem um desenvolvimento de 15 quilômetros.

3º) Silêncio–Silêncio de Cima: atravessa-se o istmo em meio minuto, tempo requerido, no máximo, a percorrer-se a sua largura de 30 metros, ao passo que a navegação é de 6.500 metros, em volta quase fechada.

4º) S. Jorge–Novo Mirador: vai-se em 22 minutos, folgadamente, de um destes pontos ao outro, o que pelo rio demandará muitas horas.

Poderíamos prolongar a lista enumerando outros nas cercanias da foz do Chandless, no Funil, no Muronal, em Santa Rosa, e de Curanja para cima. Mas os exemplos referidos são bem significativos. Deles se colhe ainda que além do encurtamento das distâncias essas aberturas dos istmos acarretarão outras vantagens. Realmente, em todos os trechos que se retificaram, as quedas de nível que se distribuíam em longas curvaturas irão efetuar-se, mas de golpe, em diminutos traçados retilíneos. Assim a correnteza aumentará sensivelmente e com ela, consoante

um fato conhecido,[33] a escavação do leito, o que será um elemento favorável para a desobstrução dos lugares a jusante. É certo que pouco e pouco o rio irá readquirindo a situação de equilíbrio anterior, por um alongamento do traçado, degradando outras barrancas e torcendo-se em outras voltas; mas os efeitos do primeiro desnivelamento já estão completos, sendo facilmente mantidos por uma conserva regular e contínua.

Estes cortes não exigem dispendiosos trabalhos. Efetuam-nos por vezes os sitiantes ribeirinhos com os diminutos recursos que possuem.

O processo é primitivo e simples. Consiste em descobrir na arqueadura a montante o ponto atacado pelo rio, abrindo-se nela um vale ou cava em toda a altura da barranca, completada em cima, na mata, por uma picada em linha reta que vá interferir a mesma margem a jusante, na outra volta. É o trabalho único. O resto entregam-no ao próprio rio. Sobrevém a enchente; as águas, cuja violência cresce com a correnteza, torvelinham penetrando no pequeno vale e solapam-no numa corrosão fortíssima desde a base, atacando-o em todos os pontos à medida que sobem e determinando as *caídas de terra* que o reprofundam e alargam. E se dominam a crista da barranca, espraiando-se pela mata, acompanham, naturalmente, formando às vezes verdadeira correnteza, e desimpedindo do trilho que se abriu atravessando o istmo.

Desta sorte o canal vai abrindo-se por um duplo esforço de efeitos extraordinários ao fim de algumas enchentes.

É processo primitivo e geralmente em uso.

Mas é lento e pode ser melhorado, sobretudo considerando-se o permanente auxílio do próprio rio. Baste-nos notar que este pela sua ação exclusiva vai retificando-se sensivelmente em muitos pontos.

Compare-se a carta atual com a de W. Chandless, e ver-se-ão divergências oriundas apenas desse fato. Assim para citar apenas um pequeno número, se destacam entre os sacados mais modernos: o de Quibeburiã, aberto pelo só esforço das águas em 1884; o S. Joaquim, perto de Mapiá, em 1883; o de Caratiá, abaixo do Canotama, em 1900, onde a direção do rio se deslocou, de golpe, de quase 90º; e o de Jurucuá, em 1903.

---

33 A retificação do Izar determinou (23 out. 1878 e 4 fev. 1885) um abaixamento do leito de 1,443m em cinco quilômetros de extensão.

Neste último passam hoje, mesmo na estiagem, embarcações calando 5 pés, e reduz-se a pouco mais de uma milha a travessia anterior que se alongava numa volta de 6, aproximadamente.[34]

Noutros pontos ainda não se ultimou o esforço persistente das águas, mas o seu progredimento é visível. Comparem-se, por exemplo, as duas cartas, nas cercanias da foz do Sepatini: ver-se-á que os complicados meandros que ali se retorcem já acentuaram vivamente as suas voltas, não sendo difícil prever-se em poucos anos um grande encurtamento do traçado, pelo rompimento de dois istmos e formação simultânea de dois vastos circos de erosão, mais dois lagos anulares centralizados por uma ilha, a exemplo dos que no Anori, na Providência e em Vera Cruz vão ajustando-se às duas bandas do Purus e desenhando, numa imprimidura fidelíssima, todas as fases da sua evolução geológica notável.

Da Forquilha para as nascentes, pelos dois galhos Cujar e Curiúja, as viagens, em qualquer tempo, podem realizar-se em *ubás* e mesmo em grandes montarias. Nós a efetuamos em plena estiagem (julho e agosto) em pesadas canoas de *itaúba*. Mas a navegação ali jamais perderá esta forma primitiva. As numerosas itaipavas e quedas, talhadas de ordinário em rocha viva duríssima, exigirão trabalhos excepcionais, que redundariam talvez em maiores dificuldades e estorvos – porque, como já o notamos, na extrema escassez de águas daqueles dois rios as pequenas cachoeiras têm o efeito de barragem, anulando a montante longos e sucessivos baixios. Os nossos canoeiros e varejadores reanimavam-se quando as encontravam. Vinham sucumbidos de cansaço na lenta travessia dos rasos "estirões" – onde as quilhas embebidas na areia exigiam o emprego de alavancas – e estavam certos de que transpondo-as teriam a montante um ou dois quilômetros de navegação desafogada e livre.

Nas enchentes todas as pedras dos rápidos são cobertas pelas águas, favorecendo a passagem a vapores de regular calado. Mas isto com maiores riscos porque o nível delas pode baixar de súbito deixando-os, em seco, no alto de uma barranca, além de que talvez não vençam a rápida correnteza capaz de arremessá-los de encontro às concavidades

---

34 Da Boca do Acre à Forquilha desenvolvem-se 607 milhas, ao passo que em linha reta há 200 milhas. Assim, a distância itinerária, ali, é mais do dobro da geográfica, sendo fácil concluir-se que os trabalhos precipitados poderão reduzir consideravelmente esta diferença notável.

das numerosas voltas em extremo vivas, em que coleiam os dois pequenos rios. Os mesmos índios, nas *ubás* aligeiradas, aguardam naqueles pontos que se atenuem as enchentes para reatarem as jornadas interrompidas pelos grandes repiquetes.

Terminando estas breves considerações, advirtamos que elas visam sobretudo atrair a atenção dos poderes públicos para este assunto de relevância intuitiva. A incumbência honrosíssima que nos levou àquele departamento do nosso país era, por sua natureza, expedita: não comportava vagares para estudos que nos aparelhassem a apresentar esclarecimentos pormenorizados e seguros acerca dos caracteres técnicos das várias seções que apontamos, ou a definir a importância dos melhoramentos requeridos com as parcelas de um orçamento rigoroso. No quadro que aditamos a estas páginas, indicamo-los sob um aspecto geral. É um esboço em largos lineamentos, mas absolutamente fiel. Poderá ser avivado em vários pontos; em nenhum, corrigido.

Dele se colige que o Purus pode ser francamente acessível à grande navegação regular, ininterrupta, até à Forquilha, numa distância itinerária de 1.667 milhas, desde que a sua navegabilidade incomparável se remate apenas com alguns reparos de todo alheios a processos ou serviços excepcionais de engenharia.

Ora, só neste trecho (3.087 quilômetros) não incluindo os seus numerosos tributários, ele domina todo o desenvolvimento de famosos cursos d'água entre os maiores da Terra[35] e ocupa, como rio navegável, o primeiro lugar entre todos os do nosso continente, excluído o Amazonas e o Prata.

---

35 Notem-se ao acaso. O Danúbio (2.860 quilômetros), o Reno (1.300), o Dnieper (2.150), o Orenoco (2.250), o Ganges (3.000), o Amu-Daria (2.200), o Murray (2.870), o Orange (2.050), o Zambeze (2.660), etc.

Vejamos os maiores afluentes do Amazonas: o Madeira é interrompido pela seção encachoeirada que começa em Santo Antônio (670 milhas da foz); o Tapajós, depois de 1.300 quilômetros, interrompe-se no salto Augusto; o Tocantins, mais perto ainda da confluência, de onde dista 133 milhas da cachoeira dos Guaribas; o rio Negro, depois de São Gabriel, não é um rio navegável, etc.

O Purus desenvolve-se em 3.087 quilômetros sem a mais diminuta queda, ou águas quebradas.

A do Reno, na planície alemã perto de Alsácia, diminuindo o percurso de 23% (81 quilômetros) motivou o abaixamento do leito, de mais de dois metros, entre Rheinweiler e Neuenburg... (A. de Lapparent, *Géographie physique*.)

Vimos, por outro lado, embora muito de relance, em páginas anteriores, a sua considerável importância econômica.

Não precisamos prosseguir, demonstrando a necessidade, a urgência imperiosa e a vantagem, sob todas as formas incalculáveis, de uma navegação que em breve há de transfigurar as paragens por onde se alonga a mais dilatada diretiva da expansão do nosso território.

Rio, 10 de março de 1906.
(Conclusão do Relatório encaminhado por
Euclides ao Barão do Rio Branco.)

---

O presente Relatório foi publicado na *Revista da Academia de Ciências Brasileira*, nº 12, abril de 1913.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Uma entrevista*

### Euclides falando da sua viagem

*Que houve de mais importante na dificultosa viagem da comissão brasileira de reconhecimento do Alto Purus?*

– Responderei apenas à sua primeira pergunta, fazendo-o de modo a dar uma apagada resenha da nossa viagem – e assim procedo porque, avaliando as reservas que devem existir em trabalhos desta natureza – reservas que ao meu ver devem estender-se aos últimos pormenores técnicos – não desejo romper com uma utilíssima praxe.

Farei, portanto, uma breve narrativa, restringindo-a a assuntos que entendam o menos possível com os deveres profissionais.

Partindo de Manaus a 5 de abril aqui aportamos, de volta, a 23 do corrente: seis meses e meio. Para muitos isto foi um prodígio de celeridade, dada a quadra imprópria em que seguimos.

Mas o fato explica-se pela própria natureza da comissão. Íamos em trabalhos dessa engenharia expedita em que uma vasta série de observações e estudos colhidos no menor tempo possível compensem largamente o grau inferior de precisão nos resultados conseguidos. De fato, o que importava, sobretudo, era um juízo claro e pronto, de conjunto, das regiões atravessadas, uma síntese enfeixando-lhes os aspectos

predominantes – relegando-se naturalmente a indagações ulteriores, pormenorizadas e lentas, todas as outras faces, numerosíssimas, que nos patenteia qualquer paragem perlustrada, e que vão, numa complexidade crescente, do simples fato astronômico da determinação das coordenadas às manifestações variadíssimas da vida.

Realmente, para o engenheiro, num reconhecimento, a rocha, a flor, o animal surpreendido numa volta do caminho, um recanto de floresta, um pedaço de rio enovelado em corredeira ou desatado em estirões, e as mesmas estrelas que ele prende por um instante nas malhas dos retículos, tudo o que se lhe agita em roda deve impressioná-lo e interessá-lo, mas não o prende, não o manieta e não o remora.

Nós podíamos avançar aforradamente, e fizemo-lo visando ressarcir o tempo que se perdera em Manaus.

Entretanto, levamos ainda um mês para chegarmos à boca do Acre; e quinze dias depois, a 21 de maio, tivemos de estacar antes da confluência do Chandless, em virtude do lamentável naufrágio do batelão *Manuel Urbano,* onde iam os nossos gêneros. Retidos pelo doloroso incidente, que nos desaparelhava de recursos precisamente à entrada do deserto, e impunha a reorganização da comissão enfraquecida justamente na ocasião em que deviam multiplicar-se as suas energias para investir com o desconhecido – somente em começos de junho abalamos da boca do Chandless para a frente.

Íamos em canoas, e se considerardes que os seus tripulantes empunhavam pela primeira vez os varejões e os remos, se atenderdes que o rio, esgotado, impunha os máximos resguardos no se evitarem choques em paus e encalhes nos baixios, e se somardes todas as paradas obrigatórias nas estações em que avaliávamos as distâncias com a luneta de Lugeol – ajuizareis de todo o nosso desapontamento e quase desânimo resultantes de um confronto da nossa marcha ronceira de três a quatro milhas diárias e o desmedido da distância a percorrer.

Estas coisas, porém, foram melhorando em marcha: o soldado ou o trabalhador bisonho a pouco e pouco se transmudou no varejador desempenado, e a observação persistente do regime das águas esclareceu os proeiros no se desviarem dos sucessivos obstáculos, de sorte que, duplicada a breve trecho a nossa marcha, fomos atingindo as principais escalas do roteiro.

A 3 de junho, chegamos a Novo Lugar, onde estacionara a comissão administrativa brasileira, tolhida pela vazante; a 21, estávamos em Cataí; a 29, em Curanja. Compensáramos bem, nessa arrancada, parte do tempo que se perdera.

Partimos de Curanja a 5 de julho, depois de breve demora para se regularem os nossos cronômetros, e zarpamos para a Forquilha longínqua do Purus.

Íamos para o misterioso. Não pode negar-se que até aquela data existia entre nós e as nascentes do Purus, descido um desmesurado telão, escondendo-no-las. Ademais, no *caserío* de Curanja, onde fomos bem acolhidos, avultavam, mais desanimadores, os informes relativos aos lugares que íamos atravessar.

Concluía-se que eram impenetráveis, somente acessíveis às ubás ligeiras dos caucheiros tripuladas pelos amauacas mansos. Multiplicavam-se os paus, as pedras e baixios que trancavam o rio. Repontavam os obstáculos novos das cachoeiras, no leito, e grandes tremedais às margens dos rios esgotados, e, cumulando tais empeços, ao cabo, o antagonismo formidável dos *campas* destemerosos. Citava-se o homicídio de um empregado da casa Arana, desta cidade, e apensos a este caso verídico, sem-número de outros vinham engravescer os desalentos, dando-nos a quase certeza de que não poderíamos ir muito longe. E como experimentado caucheiro de Curanja nos marcara 17 dias para chegarmos a Forquilha, imaginamos efetuar esta travessia em 25, pelo menos.

Fizemo-la em 13. A diferença é expressiva e dispensa maior comentário no delatar o afogado da sulcada.

Contribuiu, certo, para isso a mudança do clima que rapidamente varia, tornando-se muito superior ao dos lugares a jusante.

A própria praga de carapanãs, piuns e *mantas blancas*, que para baixo tortura por tanta maneira o viajante, ali desaparece; e numa constância admirável, sem repentinas transições de temperatura e sem a pesada umidade que para logo sentimos no mesmo reanimar-se das nossas disposições para o avançamento. Mas por outro lado, lá estavam, tangíveis, as grandes dificuldades contra as quais combateríamos, impotentes.

Duvidávamos da subida. No rio Cujar, que conduz ao varadouro por assim dizer oficial, percorrido até hoje pelos que demandam

Iquitos, pelo Ucaiali, aguardavam-nos, à parte dos bancos de areia e paus, 74 cachoeiras. Se as transpuséssemos, chegaríamos ao Cavaljani, onde os entraves redobrariam ao lado dos mesmos empecilhos das quedas-d'água... Depois viria a passagem penosíssima do Pucani, para afinal entrar-se no "varadouro".

No Curiúja, idênticos obstáculos.

Sobre tudo isto, a ameaça dos *infieles*. Duas horas antes de alcançarmos aquele ponto, tínhamos visto, atirado no barranco esquerdo do rio, num claro, entre as frecheiras, o cadáver de uma mulher, uma amauaca. Fora, ao que colhemos depois, trucidada pelos bárbaros, que rondavam por perto numa ameaça permanente e surda.

Vede bem: íamos como na complicada urdidura de um conto oriental; os trabalhos cresciam-nos à medida que os vencíamos.

Assim partimos da Forquilha, confluência do Cujar e do Curiúja, para a frente.

E fomos à meia estação. Demandávamos paragens despovoadas e os víveres que levávamos, no máximo para 25 dias, reduziam-se a carne-seca, farinha que se acabou ao fim de 12 dias, um pouco de açúcar que, tenazmente poupado, durou 3, meio garrafão de arroz, uns restos de bolacha esfarinhada, que uma chuva repentina diluiu, e algumas latas de leite condensado.

Propositadamente, apresento esta lista. É eloqüente.

Prosseguimos a 24 – e vimos logo o fundamento das informações obtidas. Na parte inferior, antes do primeiro rápido, o Cujar, desenrolado em estirões, alargando-se não raro de modo desproporcionado às suas águas escassas, dificultou a passagem pelos longos e contínuos baixios, indo de uma a outra margem, sem o mais estreito canal que evitasse o exaustivo serviço do arrastamento das canoas. Um empeço novo, aparentemente desvalioso, aparecera na vegetação característica de suas margens, orladas de "buchiticas" (*Calliandra trinervia*), leguminosa admiravelmente artística, cujos ramos distendidos horizontalmente e repousando sobre as águas, tomavam em largos tratos os trechos de melhor acesso. Desta sorte, antes mesmo de galgarmos a parte encachoeirada, tivemos tresdobrada a luta que traváramos desde a confluência do Chandless e vimo-la engravescida pela impropriedade das nossas

embarcações, mui diversas das ubás aligeiradas, únicas que se afeiçoam àquele rio.

Atingindo o primeiro rápido, vimos para logo, à parte os inconvenientes próprios à sua passagem, uma causa inevitável de demora na baldeação, por terra, prolongando os barrancos dos nossos cronômetros, já tão duramente batidos pela navegação anterior.

Transmontamo-lo; e dali por diante, numa intercadência invariável, numa sucessão intervalada de degraus, se nos antepuseram aquelas barreiras, vencidas não raro a pulso, lentamente arrastadas as canoas sobre as pedras, quando não exigiam o supletivo de sirga ou cabos de segurança, reagindo à violência tumultuária da correnteza.

A natureza do terreno mudara.

Revelaram-no as pedras que afloram por toda a banda, formando quase todo o leito do rio.

São evidentemente rochas sedimentárias, mas sob os dois aspectos que patenteiam, já finamente granuladas, já em grosseiros conglomerados, recordam na consistência e rijeza os quartzitos e granitos. A combinação ou separação de ambos forma os vários tipos de quedas, que ora tombam, *ex abrupto*, de um salto único, ora em repetidos socalcos, ou então em planos clivosos, eriçados de pontas ou atravancados de blocos desmantelados.

Assim varávamos os meios para vencê-las. Não os apresentarei para não dilatar esta resenha – assim como nada direi sobre sofrimentos, que se prevêem, para fugir à triste contingência de fazer reclame de sacrifícios.

No dia 30 de julho, alcançamos a confluência do Cavaljani. Estávamos nas cabeceiras do Purus.

Prosseguimos – chegamos no dia 3 de agosto, às 12 e 55 minutos, à entrada do Pucani; e às 12 e 58 desembarcados, penetrávamos na estreita quebrada que leva ao varadouro. Note esse intervalo. Não podíamos parar. Os nossos gêneros esgotavam-se e estávamos em pleno deserto...

O Pucani tortuoso, estreito de uns três metros e em geral raso, foi percorrido a pé, transpostos os profundos poços em que intermitentemente se afunda, pelos atalhos que lhe ladeiam os barrancos, dentro do mato. Sem guias, não nos transviamos por uma outra quebrada

igual, que lhe aflui à esquerda, graças às latas vazias, de conservas e de pólvora, que íamos a espaços encontrando – de sorte que, às 3 e 15, ao chegarmos a um último poço, deparávamos, retilíneo, atrevidamente arremessado por uma vertente fortíssima – o sulco do varadouro...

Extremam-no quatro *tambos* de paxiúba, onde se acolhem os viajantes e se guardam as mercadorias. Em roda, por todos os lados, latas vazias de conserva, garrafas, e uma velha ferragem espalhada, delatavam a escala forçada dos que por ali passam e um tráfego relativamente grande.

O varadouro, largo de um metro, abre-se adiante, para o sul. Empina logo em ladeira e muito mais íngreme do nosso lado, descamba depois, mais suavemente, em três pequenos socalcos, para o vale do Ucaiali. Em alguns minutos estávamos no seu ponto culminante, e não conseguimos, absolutamente, observar o aneróide.

O sol descia para os lados do Urubamba... Os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três do maiores vales da Terra; e naquela dilatação maravilhosa dos horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distingui, irrompendo de três quadrantes dilatados e trancando-os inteiramente – ao sul, ao norte e a leste – foi a imagem arrebatadora da nossa Pátria que nunca imaginei tão grande.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Entre os seringais**

Abertura de um seringal, no Purus, é tarefa inacessível ao mais solerte agrimensor, tão caprichosa e vária é a diabólica geometria requerida pela divisão dos diferentes lotes. De feito relegado a um *minimum* extraordinário o valor próprio da terra, ante a valia exclusiva da árvore, ali se engenhou uma original medida agrária, a "estrada", que por si só resume os mais variados aspectos da sociedade nova, à ventura abarracada à margem daqueles grandes rios.

A unidade não é o metro – é a seringueira; e como em geral 100 árvores, desigualmente intervaladas, constituem uma "estrada", compreendem-se para logo todas as disparidades de forma e dimensões do singularíssimo padrão que é, não obstante, único afeiçoado à natureza dos trabalhos.

Não há gizar-se um outro. Perdido na mata exuberante e farta, com o intento exclusivo de explorar a *hevea* apetecida, o seringueiro compreende, de pronto, que a sua atividade se debaterá inútil na inextricável trama das folhagens, se não vingar norteá-la em roteiros seguros, normalizando-lhe o esforço e ritmando-lhe o trabalho tão aparentemente desordenado e rude. É-lhe, ademais, indispensável que os seus numerosos camaradas, *fregueses* ou *aviados,* destinados a agirem isoladamente, não se embaralhem, às tontas, iludidos pelos desvios da floresta.

---

* *Kosmos*, Rio de Janeiro, 3 (1): jan. 1906

As "estradas" resolvem a questão. Mas o seu traçado é, de si mesmo, o primeiro problema imposto a quem quer que intente abrir um sítio de borracha.

Assim é que, erguida rapidamente a primeira vivenda do barracão, sempre à beira do rio principal, na barranca de uma *terra firme* a cavaleiro das águas – e feito um reconhecimento preliminar do latifúndio que o rodeia, o sitiante procura um sertanista experimentado a quem confia o encargo de dividir-lhe e avaliar-lhe a fazenda.

E o *mateiro* lança-se sem bússola no dédalo das galhadas, com a segurança de um instinto topográfico surpreendente e raro. Percorre em todos os sentidos o trecho de selva a explorar; nota-lhe os acidentes; apreende-lhe a fisiografia complexa, que vai dos *igapós* alagados aos *firmes* sobranceiros às enchentes; traça-lhe os *varadores* futuros; avalia-lhe, rigorosamente, as "estradas"; e vai no mesmo lance, sem que lhe seja mister traduzir complicadas cadernetas, escolhendo à beira dos igarapés todos os pontos em que deverão erigir-se as pequenas barracas dos trabalhadores.

Feito este exame geral, apela para dois auxiliares indispensáveis – o *toqueiro* e o *piqueiro;* e erguendo num daqueles pontos predeterminados, com as longas palmas da *jarina*, um *papiri*, onde se abriguem transitoriamente, metem mãos à empreitada.

O processo é invariável. Segue o mateiro e assinala o primeiro pé de seringa, que se lhe antolha ao sair do *papiri*. É a *boca da estrada*. Aí se lhe reúnem o toqueiro e o piqueiro – prosseguindo depois, isolado, o mateiro, até encontrar a segunda árvore, de ordinário pouco distante, a uns cinqüenta metros. Avisa então com um grito particular, ao toqueiro, que parte a alcançá-lo junto da nova *madeira,* enquanto o piqueiro, acompanhando-o mais de passo, vai tirando a facão a picada, que prefigura a "estrada". O toqueiro auxilia-o por algum tempo, abrindo por sua vez um *pique* para o seu lado, enquanto um outro grito do mateiro não o chame a reconhecer a terceira árvore; e assim em seguida até ao ponto mais distante, a *volta da estrada*. Daí, agindo do mesmo modo, retrogradando por outros desvios, vão de seringueira em seringueira, fechando a curva irregularíssima que termina no ponto de partida.

Ultima-se o serviço que dura ordinariamente três dias, ficando a "estrada" *em pique*. Partindo do mesmo lugar, e adstritos ao mesmo

sistema, abrem noutro rumo uma segunda estrada; e tantas, ao cabo, quantas comporte a natureza da floresta circundante, centralizadas todas pela mesma boca, junto do tepujar que localiza uma barraca. Busca então o mateiro um outro lugar, inteligentemente escolhido, e reproduz a mesma operação, até que, estudado todo o terreno, fique completamente repartido o seringal como o revela este esboço, onde, presas pelos *varadores* do barracão erguido à beira do rio, se vêem as barracas e as estradas que as envolvem, contorcidas à maneira de tentáculos de um polvo desmesurado.

É a imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens. O cearense aventuroso ali chega numa desapoderada ansiedade de fortuna; e depois de uma breve aprendizagem em que passa de *brabo* a *manso,* consoante a gíria dos seringais (o que significa o passar das miragens que o estonteavam para a apatia de um vencido ante a realidade inexorável) – ergue a cabana de *paxiúba* à ourela mal destocada de um igarapé pinturesco, ou mais para o centro numa clareira que a mata ameaçadora constringe, e longe do barracão senhoril, onde o seringueiro opulento estadeia o parasitismo farto, pressente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso de sua faina fatigante e estéril.

A *pieuvre* assombradora tem, como a sua miniatura pelágica, uma *boca* insaciável servida de numerosas *voltas* constritoras; e só o larga quando, extintas todas as ilusões, esfolhadas uma a uma todas as esperanças, queda-se-lhe um dia, inerte, num daqueles tentáculos, o corpo repugnante de um esmaleitado, caindo no absoluto abandono.

Considerai a disposição das “estradas”.

É o diagrama da sociedade nos seringais, caracterizando-lhe um dos mais funestos atributos, o da dispersão obrigatória.

O homem é um solitário. Mesmo no Acre, onde a densidade maior das seringueiras permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta vastíssima área é folgadamente explorada por oito pessoas apenas. Daí os desmarcados latifúndios, onde se nota, malgrado a permanência de uma exploração agitada, grandes desolamentos de deserto...

Um seringal médio de 300 estradas, corresponde a cerca de vinte léguas quadradas; e toda essa província anônima comportará, no máximo, o esforço de 150 trabalhadores.

Ora, esta circunstância, este afrouxamento das atividades distendidas numa faina dispersiva, a par de outras anomalias, que mais para adiante revelaremos, contribui sobremaneira para o estacionamento da sociedade que ali se agita no afogado das espessuras, esterilmente – sem destino, sem tradições e sem esperanças – num avançar ilusório em que volve monotonamente ao ponto de partida, como as "estradas" tristonhas dos seringais...

Rio, 1906.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *Fronteira sul do Amazonas*

### Questão de limites

A antiga catipania de São José do Rio Negro destacou-se em 1755 do governo do Grão-Pará e Maranhão, precisamente em fase inicial do nosso desenvolvimento autônomo. E aquela resolução de metrópole acompanhando, embora com intervalos de poucos anos, a que separara o Mato Grosso e Goiás do governo de São Paulo, parece haver obedecido a estímulos mais elevados.

A nova capitania não se erigia centralizada por uma mina de ouro. Nenhum sertanista enérgico – como Pascoal de Araújo, nas cabeceiras do Tocantins, Miguel Subtil em Cuiabá ou Bartolomeu Bueno em Meia-Ponta – havia desvendado o seu seio opulento, mostrando um desses tesouros de atração irresistível, cujo influxo é preponderante em nossa história pelo impulso dado à expansão colonizadora, levando impetuosamente para o recesso dos sertões, transmigrando em massa a gente do litoral. Em que pese a todo o desassombro sempre manifestado, os bandeirantes que os encalçaram haviam embatido e parado nos últimos contrafortes da serra dos Parecis ou, descambando mais para o levante, nas orlas setentrionais de Camapuã.

As riquezas incalculáveis daquelas paragens, satisfaziam-lhes à larga a vertigem minéria.

Além disto, como uma barreira mais forte que os acidentes orográficos, as novas tribos, despertas pelo tropear das *entradas* aventureiras, afiguravam-se-lhes mais indomáveis e cruéis do que as até então conhecidas: os gaicurus dispartindo velozes, como centauros montando em cavalos selvagens pelas chapadas desmedidas e as flotilhas de canoas dos paiaguás bravios, derivando, à voga arrancada por todos os rios, à feição ou ao arrepio das correntes – eram obstáculo sério sofrendo o passo a todos os cometimentos.

Deste modo, o extremo norte, a região desconhecida para onde avançavam, promanando de um *divortium aquarum* quase imperceptível todos os rios, permanecia inacessível à marcha das bandeiras do sul, embora estivessem naquele rumo o *Eldorado* deslumbrante criado pela fantasia de Raleigh e as paragens lendárias perlustradas por Acuna e atravessadas pelos companheiros de Orellana.

Apenas os jesuítas, partindo do Pará, investiam com as suas grandes matas, varando para o sul até o Tocantins ou para o poente até a confluência do rio Negro. Mas aqueles cujo antagonismo nascente com a metrópole agravara a luta irreconciliável com os sertanistas, seguiam surdamente, tornando secretos os maiores descobrimentos.

Coube, então, a um viajante ilustre, em 1742, desdobrar ante o velho mundo deslumbrado a opulência da Amazônia.

O que não fizeram as ousadias de *Mandu-açu* ou as arremetidas revoltantes do *Anhangüera,* conseguiu-o a coragem tranqüila de La Condamine. A sua viagem memorável feita ao rumo do levante, através de trinta graus de longitude, da baía de Tumbez, no Pacífico, à de Belém no Atlântico, dá-lhe a feição nobilitadora de um precursor de Humboldt.

Naturalista e astrônomo, ao mesmo tempo que, registrando as distâncias zenitais das estrelas e culminações lunares, firmava nas cartas que traçava as coordenadas dos pontos principais atravessados, voltava-se para a terra assombradora que o rodeava. Vinha, à mercê das correntes, numa canoa de voga.

Storio, imperturbável, o investigador tranqüilo venceu afinal a rota perigosa que não puderam balancear a ganância e o heroísmo selvagem de três gerações de aventureiros – ao revelar, na Europa, os resultados da travessia, foi como se notificasse a aparição de um novo mundo.

E, sem o querer, sem o saber, ampliara singularmente sua missão; o invejável esforço feito em prol da ciência teve um prolongamento inesperado na História.

O arruído de suas descobertas precedera de perto a ascensão de Pombal ao governo supremo da metrópole e esta circunstância feliz transformou-o num colaborador dos nossos destinos. O grande ministro, a que devemos o ter desfechado o golpe de misericórdia num feudalismo tacanho e anulado, na política colonial, o dualismo pernicioso originado pela preponderância exagerada das capitanias meridionais, foi, certo, na atenção constante dispensada às regiões do Norte, em grande parte, inspirada pelas investigações do notável membro da Academia de França.

Desfeita então, de todo, a miragem da Índia portentosa, as notícias que daquele modo lhe chegavam das possessões incontestadas, do Ocidente, deram-lhe alento para, partindo o molde rotineiro em que se delineavam as deliberações do conselho ultramarino, generalizar, extremando-o ao Equador, o movimento progressista que no sul tinha a garantia da tenacidade e tino admiráveis de Gomes de Andrade.

Datam desta quadra as primeiras explorações sistemáticas do vale do Amazonas, de que se podem erigir modelo as investigações preciosas, sumariadas, mais tarde, nos trabalhos brilhantes e ainda inéditos de Alexandre Rodrigues Ferreira – um grande homem sacrificado a uma obscuridade iníqua.

As correntes colonizadoras que largavam do sul compuseram-se, assim como as que pelo norte, irradiando para os galhos do grande rio, demandavam em cheio o poente ou as terras ainda ignoradas que lhe demoravam anexas.

E estas últimas transmigrações, ao revés do que sucedera com as primeiras, não avançavam rastrejando as ruinarias das tabas ou despertando o alarido confuso das tribos apavoradas.

Mudavam-se os tempos. Fechava-se a pouco e pouco o ciclo brutalmente heróico das monterias, selvagens das *bandeiras* e, alumiando as estradas aos novos povoadores, novos *pioneers,* haviam substituído ao mesmo tempo o bandeirante e o padre.

A capitania do Rio Negro apareceu em 1755, como uma resultante forçada daquelas forças civilizadoras.

A sede do governo, muito afastada, em Belém, impunha à recente população, em suas relações com aquele, longas e penosíssimas viagens, de modo que a cisão se operou não mais por um motivo local e secundário, mas, logicamente, revelando uma diferenciação de funções, inevitável e indicadora de um movimento evolutivo.

Foi então, pela carta régia de 3 de março daquele ano, incumbido o capitão-general do Pará, Francisco Xavier Furtado de Mendonça, de fixar as fronteiras do novo território. E, ao inverso do que era de esperar – considerando, principalmente, a escassez de indicações geográficas precisas – a demarcação realizada foi clara, lucidamente exposta, traçada de modo a evitar o mais possível futuras controvérsias.

É o que demonstra o belo trabalho do Dr. Manuel Tapajós sobre a fronteira do Sul do Amazonas, em litígio com o Mato Grosso.

Eu não acredito que haja nas questões de limites, ora emergentes entre quase todos os Estados, alguma tão simples e menos fatigante. As que surgiram entre a Bahia e Pernambuco, baseadas na posse da antiga comarca de São Francisco, brilhantemente discutida por Pereira da Costa; as que se debatem entre Sergipe, Bahia e Alagoas, esclarecidas pelas pesquisas do Dr. Felisbelo Freire; as que existem entre São Paulo e Minas, e outras; todas estas controvérsias, travadas em torno de seguimentos indecisos de fronteiras – velhas rixas de capitães-mores que, latentes na estagnação monárquica, irrompem inopinadamente agora – são quase inabordáveis rodeadas de documentos numerosos e não raros contraditórios, passíveis das mais opostas interpretações e dasafiando, muitas vezes, vitoriosamente a paciência provada dos mais tenazes respingadores de velharias históricas.

Obrigam a um esforço exaustivo e estéril; sai-se, em geral, absolutamente desfibrado depois da penitência rude imposta ao espírito, pela leitura incômoda desses velhos documentos amarelados, em que idéias cambaleiam, claudicantes, mal firmes nos períodos frouxos de uma redação bárbara, e onde, como se fossem adrede preparados para futuras questões, avultam, quase sempre, linhas geográficas incorretas e truncadas.

Ora, isto não se verifica na questão de limites do Amazonas com Mato Grosso. Ao contrário de todas as outras, repousa afinal sobre um documento único – a carta de 10 de maio de 1758 de Furtado Mendonça

ao primeiro governador da capitania recém-formada, Melo Póvoas, expondo-lhe em observância à carta régia de 3 de março, as raias do seu governo.

Demarcada no quadrante de noroeste pelos domínios da Espanha, a leste pelo Pará, segundo o *thalweg* do Ianundá linha de cumeadas das serranias de Maracá-Açu, pelas bandas do sul atinge a borda extrema do governo do Mato Grosso ao qual se divide pelo rio da Madeira pela grande cachoeira chamada de São João ou de Araguaí.

Como se vê, as fronteiras bem definidas em três pontos cardeais faziam apenas no último, ao sul, aparentemente indecisas, presas por um ponto único. Mas, defluindo o Madeira e seus tributários, embora em obdiência rigorosa aos meridianos, para o norte e sendo, pelo próprio sentido da demarcação, a linha limítrofe orientada ao rumo de E. O., aquele ponto único definia o paralelo da latitude correspondente.

Esta conclusão é irrefutável.

Nem outro processo era, as mais das vezes, exeqüível naqueles tempos quando a carência das divisas naturais dos rios ou dos visos das montanhas obrigava o traçado de grandes retas imaginárias que, lançadas através de sertões desconhecidos, não poderiam, certo, passar por qualquer verificação ulterior se não correspondessem às linhas astronômicas inalteráveis.

Naquele recanto mesmo da América do Sul (para só indicar os exemplos mais próximos) despontam vários casos desta delimitação cartográfica substituindo a falta de recursos para a geográfica. A nossa fronteira com a Venezuela, um largo trato de muitas léguas, é um traço do paralelo 130', o Equador separa-se, ao norte, da Colômbia e ao sul, do Peru, por duas extensíssimas retas ligeiramente convergentes; e esta última república da Bolívia por outra baliza ideal, extensíssima, riscada à régua, caprichosamente, interferindo perpendicularmente os cursos de água e arremetendo com todos os acidentes do terreno.

Além disto, muito pouco tempo antes dos trabalhos de Furtado Mendonça, dera-se um exemplo expressivo que ele não podia desconhecer. Pelo tratado de Madri (1750) a linha demarcadora entre o Brasil e a Bolívia, partindo de um único ponto definido, que se devia fixar no Madeira, desdobrava-se deste até a borda oriental do Yavaz seguindo

uma reta, independente como ainda hoje está, do fácies topográfico daquela enorme região.

Nada mais natural, portanto, que houvesse sido inspirado o primitivo demarcador da fronteira sul do Amazonas pelo processo corrente, que ademais correspondia admiravelmente aos intuitos da metrópole porque, seguindo aquele rumo, a linha divisória progredia pelas cabeceiras dos afluentes e estes, correndo para o norte facilitariam as comunicações com a sede do novo governo.

A eloqüência dos próprios documentos que apresenta dispensava o Dr. M. Tapajós do largo desenvolvimento que deu ao assunto, completado ainda pela contraprova da citação de numerosos atos administrativos que, do século passado aos nossos dias, evidenciam a posse e jurisdição do Amazonas na região contestada.

Contribuíram, porém, para dar ao seu livro maior valor.

A transcrição das notáveis instruções régias de 19 de janeiro a Rolim Moura e as considerações feitas a propósito da fronteira boliviana, destacam-se sobre todas, formando páginas atraentes e valiosas.

Assim fez mais do que prestar um serviço ao seu Estado, prestou um bom serviço a nossa terra.

Artigo sobre o livro do mesmo título, da autoria de Manuel Tapajós.

Publicado em *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 14 de novembro de 1898.

## *O Inferno Verde**

Amazônia, ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecemo-la aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas, e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando o maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino desafogado do conjunto. Mesmo nos recantos das especialidades realizam-se, ali, diferenciações inevitáveis: aos geólogos, iludidos a princípio pelas aparências de uma falsa uniformidade estrutural, ainda não lhes sobrou o tempo para definirem um só horizonte paleontológico; aos botânicos não lhes chegam as vidas, adicionadas desde Martius a Jacques Huber, para atravessá-las à sombra de todas as palmeiras... Lemo-los; instruímo-nos; edificamo-nos; apercebemo-nos de rigorosos ensinamentos quanto às infinitas faces, particularíssimas, da terra; e, à medida que as distinguimos melhor, vai-se-nos turvando, mais e mais, o conspecto da fisionomia geral. Restam-nos muitos traços vigorosos e nítidos, mas largamente desunidos. Escapa-se-nos, de todo a enormidade que só se pode medir, repartida: a

* Prefácio de Euclides ao livro de Alberto Rangel, 1907.

amplitude, que se tem de diminuir, para avaliar-se; a grandeza, que só se deixa ver, apequenando-se, através dos microscópios: e um infinito que se dosa, a pouco e pouco, lento e lento, indefinidamente, torturantemente...

Mas ao mesmo passo, convém-se em que esta marcha sobremaneira analítica, e de longo discurso remorado, é fatal. A inteligência humana não suportaria, de improviso, o peso daquela realidade portentosa. Terá de crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la. O exemplo de Walter Bates atesta-o. O grande naturalista assistiu mais de um decênio na Amazônia, realizando descobertas memoráveis, que estearam o evolucionismo nascente; e, durante aquele período de aturado esforço, não saiu da estreita listra litorânea desatada entre Belém e Tefé. Dali, surpreendeu os Institutos da Europa; conquistou a admiração de Darwin; refundiu, ou recompôs, muitos capítulos das ciências naturais; e ao cabo de tão fecunda empresa poderia garantir que não esgotara sequer o recanto apertadíssimo em que se acolhera. Não vira a Amazônia. Daí o ter visto mais que os seus predecessores.

É natural. A terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton: esconde-se em si mesmo. Anula-a a própria amplidão, a extinguir-se, decaindo por todos os lados, adscrita à fatalidade geométrica da curvatura terrestre, ou iludindo as vistas curiosas com o uniforme traiçoeiro de seus aspectos imutáveis. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la. Tem-se que a reduzir, subdividindo-a, estreitando e especializando, ao mesmo passo, os campos das observações, consoante a norma de W. Bates, seguida por Frederico Hartt, e pelos atuais naturalistas do Museu Paraense. Estes abalançam-se, hoje, ali, a uma tarefa predestinada a conquistas parciais tão longas que todas as pesquisas anteriores constituem um simples reconhecimento de três séculos.

É a guerra de mil anos contra o desconhecido. O triunfo virá ao fim de trabalhos incalculáveis, em futuro remotíssimo, ao arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa, onde hoje se nos esvaem os olhos deslumbrados e vazios.

Mas então não haverá segredos na própria natureza. A definição dos últimos aspectos da Amazônia será o fecho de toda a História Natural...

Imagina-se, entretanto, uma inteligência heróica, que se afoite a contemplar, de um lance e temerariamente, a Esfinge.

Titubeará na vertigem do deslumbramento. Mostra-no-lo este livro.

Linhas nervosas e rebeldes, riscadas no arrepio das fórmulas ordinárias do escrever, revelam-nos, graficamente visíveis, as trilhas multrívias e revoltas e encruzilhadas lançando-se a todos os rumos, volvendo de todas as bandas, em torcicolos, em desvios, em repentinos atalhos, em súbitas paradas, ora no arremesso de avanços impetuosos, ora, de improviso, em recuos, aqui pelo clivoso abrupto dos mais alarmantes paradoxos, além, desafogadamente retilíneas, pelo achanado e firme dos conhecimentos positivos de uma alma a divagar, intrépida e completamente perdida, entre resplendores.

O *Inferno Verde*, a começar pelo título, devia ser o que é: surpreendente, original, extravagante; feito para despertar a estranheza, o desquerer, e o antagonismo instintivo da crítica corrente, da crítica sem rebarbas, sem arestas rijas, lisa e acepilhada de ousadias, a traduzir, no conceito vulgar da arte, os efeitos superiores da cultura humana.

Porque é um livro bárbaro. Bárbaro, conforme o velho sentido clássico: estranho. Por isso mesmo, todo construído de verdade, figura-se um acervo de fantasias. Vibra-lhe em cada folha um doloroso realismo, e parece engenhado por uma idealização afogueadíssima. Alberto Rangel tem a aparência perfeita de um poeta, exuberante demais para a disciplina do metro, ou da rima, e é um engenheiro adito aos processos técnicos mais frios e calculados. A realidade surpreendedora entrou-lhe pelos olhos através da objetiva de um teodolito. Armaram-se-lhe os cenários fantásticos nas redes das trianguladas. O sonhador norteou a sua marcha, balizando-a, pelos rumos de uma bússola. Conchavavam-se-lhe os mais empolgantes lances e os azimutes corrigidos. E os seus poemas bravios escreveram-se nas derradeiras páginas das cadernetas dos levantamentos.

Inverteu, sem o querer, os cânones vulgaríssimos da arte. É um temperamento visto através de uma natureza nova. Não a alterou. Copiou-a, decalcando-a. Daí as surpresas que despertará. O crítico das cidades, que

não compreender este livro, será o seu melhor crítico. Porque o que aí é fantástico e incompreensível, não é o autor, é a Amazônia...

A sua impressionalidade artística tentou abranger o conjunto da terra e surpreender-lhe a vida maravilhosa. Deve assombrar-nos. Não lhe entendemos o exagerado panteísmo.

O escritor alarma-nos nas mais simples descrições naturais. O que se diz natureza morta, agita-se-lhe poderosíssima, sob a pena; e imaginamos que há fluxos galvânicos nas linhas onde se parte a passividade da matéria e as coisas duramente objetivas se revestem de uma anômala personalidade.

Matas a caminharem, vagarosamente, viajando nas planuras, ou estacando, cautas, à borda das barreiras a pique, a refletirem, na desordem dos ramalhos estorcidos, a estupenda conflagração imóvel de uma luta perpétua e formidável; lagos que nascem, crescem, se articulam, se avolumam no expandir-se de uma existência tumultuária, e se retraem, definham, deperecem, sucumbem, extinguem-se e apodrecem feito extraordinários organismos, sujeitos às leis de uma fisiologia monstruosa; rios pervagando nas solidões encharcadas, à maneira de caminhantes precavidos, temendo a inconsistência do terreno, seguindo com a disposição cautelosa das antenas dos "furos".

São a realidade, ainda não vista, a despontar com as formas de um incorrigível idealismo, no claro-escuro do desconhecido...

Um sábio no-la desvendaria, sem que nos sobressalteássemos, conduzindo-nos pelos infinitos degraus, amortecedores, das análises cautelosas. O artista atinge-a de um salto; adivinha-a; contempla-a, d'alto; tira-lhe, de golpe, os véus, desvendando-no-la na esplêndida nudez da sua virgindade portentosa.

Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênese.

Tem a instabilidade de uma formação estrutural acelerada. Um metafísico imaginaria, ali, um descuido singular da natureza, que após construir, em toda a parte, as infinitas modalidades dos aspectos naturais, se precipita, retardatária, a completar, de afogadilho, a sua tarefa, corrigindo, na paragem olvidada, apressadamente, um deslize. A evolução natural colhe-se, no seu seio, em flagrante.

O raio da vida humana, que noutros lugares não basta a abranger as vicissitudes das transformações evolutivas da terra e tem de dilatar-se no tempo, revivendo, nas profecias retrospectivas, as extintas existências milenárias dos fósseis – ali abarca círculos inteiros de transmutações orogênicas expressivas. A geologia dinâmica não se deduz, vê-se; e a história geológica vai escrevendo-se, dia a dia, ante as vistas encantadas dos que saibam lê-la. Daí, as surpresas. Em toda a parte afeiçoamo-nos tanto ao equilíbrio das formas naturais, que já se apelou para uma tumultuária hipótese de cataclismos, a fim de se lhes explicarem as modificações subitâneas, na Amazônia, as mudanças extraordinárias e visíveis ressaltam no simples jogo das forças físicas mais comuns. É a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo...

Agita-se, vibra, arfa, tumultua, desvaira. As suas energias telúricas obedecem à tendência universal para o equilíbrio, precipitadamente. A sua fisionomia altera-se diante do espectador imóvel. Naquelas paisagens volúveis imaginam-se caprichos de misteriosas vontades.

E, ainda sob aspecto secamente topográfico, não há fixá-la em linhas definitivas. De seis em seis meses, cada enchente, que passa, é uma esponja molhada sobre um desenho malfeito: apaga, modifica, ou transforma, os traços mais salientes e firmes, como se no quadro de suas planuras desmedidas andasse o pincel irrequieto de um sobre-humano artista incontentável...

Ora, entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem. O livro é, todo ele, este contraste.

Assim, o assunto se engravesce. A atitude do escritor delineia-se, forçadamente, em singularíssimo destaque. O seu aspecto anômalo, de fantasia, acentua-se, no ajustar-se, linha por linha, às aparências terríveis da verdade.

Mas exculpemo-lo, aplaudindo-o. Alberto Rangel agarrou, num belo lance nervoso, o período crítico e fugitivo de uma situação, que nunca mais se reproduzirá na História.

Esta felicidade, compensa-lhe o rebarbativo dos assuntos.

No Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel antilogia: sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo...

Não a descreveremos. Temos este livro. Ele enfeixa os sinais comemorativos das moléstias. E melhor do que o faríamos em maciços conceitos, vibram-lhe os comoventes lances de uma deplorável agonia coletiva, em onze capítulos, que são onze miniaturas de Rembrandt, refertas de apavorante simbolismo.

Contemplando-as vereis como se sucedem e se revezam – entre as gentes pervagantes no solo, que lhes nega a própria estabilidade física, escapando-se-lhes nas “terras-caídas” e nas inundações – todos os anseios, cindidos de proditórias esperanças, que as trabalham, e as aviventam sacrificando-as.

“Maibi” é a imagem da Amazônia mutilada pelas miríades de golpes das machadinhas dos seringueiros. Na “Hospitalidade”, o homem decaído, volve, em segundos, por um milagre de atavismo, à tona da humanidade, antes de mergulhar de uma vez na sombra, dia a dia mais espessa, da sua decrepitude moral irremediável.

“Teima da Vida” é a comunidade monstruosa, sem órgãos perfeitos, recém-nascida e moribunda, vegetando por um prodígio da natureza mirífica, cujos dons ela monopolizou em detrimento de raças mais robustas, que noutros territórios sucumbem, combalidas, esmagadas pelos antagonismos.

Nos demais o mesmo traço pessimista e lúgubre. É compreensível.

Na terra extraordinária conchavam-se, por vezes, os elementos físicos mais simples e os mais graves da ordem moral, para exprimirem a mesma fatalidade. Lede, por exemplo: a “Obstinação”.

A tragédia decorre sem peripécias, a desfechar logo, fulminantememte. Um potentado ambiciona as terras de um caboclo desprotegido. Toma-lhas, emparceirando-se à justiça decaída. O caboclo obstina-se; e vence num lance de loucura a tremenda iniqüidade: para ficar na sua terra, e para sempre, enterra-se vivo e morre. É simples, é inverossímil; mas é um aspecto da organização social da Amazônia. A grei selvagem copia, na sua agitação feroz, a luta inconsciente, pela vida, que se lhe mostra na ordem biológica inferior.

O homem mata o homem como o parasita aniquila a árvore. A *Hylaea* encantadora, de Humboldt, dá-lhe esta lição medonha:

> O apuizeiro é um polvo vegetal. Enrola-se ao indivíduo sacrificado, estendendo por sobre ele um milhar de tentáculos. O polvo de Gilliat dispunha de oito braços e quatrocentas ventosas; os do apuizeiro não se enumeram. Cada célula microscópica na estrutura de seu tecido, se amolda numa boca sedenta. E é uma luta sem um murmúrio. Começa pela adaptação ao galho atacado de um fio lenhoso, vindo não se sabe donde. Depois, esse filete intumesce, e, avolumado, se põe, por sua vez a proliferar em outros. Por fim, a trama engrossa e avança constringente, para malhetar a presa, a que se substitui completamente. Como um sudário, o apuzeiro envolve um cadáver; o cadáver apodrece, o sudário reverdece imortal.
>
> O abieiro teria vida por pouco. Adivinhava-se um esforço de desespero no mísero enleado, decidido a romper o laço da distinção, mas o maniatado parecia fazer-se mais forte, travando com todas as fibras constritivas o desgraçado organismo, que um arrocho paulatino e inaudito ia estrangulando. E isto irremediavelmente. Com um facão poder-se-ia despedaçar os tentáculos e arrancá-los. Bastaria, porém, deixar um pequeno pedaço de filamento capiláceo colado à árvore, para que, em renovos, o carrasco recometesse a vítima, que não se salvaria. O pólipo é um polipeiro. Vivem gerações num só corpo, numa só parte, numa só esquírola. Tudo é vida por menor que seja o bloco. Não há reduzi-la a um indivíduo. É a solidariedade do infinitamente pequeno, essencial, elementar, inseparável na república dos embriões sinérgicos. O que fica basta sempre à revivescência, reproduz-se fácil, na precipitação latente e irrefreável de procriar sempre.
>
> A copa de pequenas folhas coriáceas e glabas do abieiro sumia-se, quase, na larga folharia da parasita monstruosa.
>
> Representava, na verdade, esse duelo vegetal, um espetáculo perfeitamente humano. Roberto, o potentado, era um apuizeiro social...

Um botânico descrever-nos-ia, certo, com maior nitidez, a maligna morácea, começando por inquirir-lhe, gravemente, o gênero (*ficus fagifolia?...ficus pertusa?...*). Porém não no-la pintaria tão viva, nos seus caracteres golpeantes. Por outro lado, um sociólogo não depararia conceitos a balancearem a eloqüência sintética daquela imagem admirável.

Aquele extrato resume o estilo do livro. Vê-se bem: é entrecortado, sacudido, inquieto, impaciente. Não se desafoga, distenso, em toda a amplitude das ondas sonoras da palavra, permitido a máxima expansão aos pensamentos tranqüilos. Constringe-se entre as pautas, cinde-se numa pontuação inopinada, estaca em súbitas reticências...

Na interferência acústica os pontos silenciosos explicam-se pelo próprio cruzamento dos sons. Há interferências mentais naqueles períodos breves, instantâneos, incompletos às vezes, feridos constantemente pelas próprias incidências das idéias, numerosas demais. Sente-se que o escritor está entre homens e coisas, uns e outras dúbios, mal aflorando às vistas pela primeira vez, laivados de mistérios. O pensamento faz-se-lhe, adrede, vibrátil, ou incompleto, a difundir-se de improviso no vago das reticências, por não se desviar demasiado das verdades positivas que se adivinham. As imagens substituem as fórmulas. Realmente, fora impossível subordinar a regras prefixas, efeitos de longos esforços culturais, as impressões que nos despertam a terra e as gentes, que mal se descortinam, agora, aos primeiros lampejos da civilização.

Além disto, Alberto Rangel é um assombrado diante daquelas cenas e cenários; e, num ímpeto ensofregado de sinceridade, não quis reprimir os seus espantos, ou retificar, com a mecânica frieza dos escreventes profissionais, a sua vertigem e as rebeldias da sua tristeza exasperada.

Fez bem; e fez um grande livro.

Vão respingar-lhe defeitos. Devem-se distinguir, porém, os do escritor dos do assunto.

Quem penetrou tão fundo o âmago mais obscuro da nossa *gens* primitiva e rude, não pode reaparecer à tona, sem vir coberto da vasa dos abismos...

Ademais, o nosso conceito crítico é de si mesmo instável e as suas atuais sentenças transitórias. Antes de o exercitar em trabalhos desta espécie, cuja aparência anômala lhes advém de uma profunda originalidade, cumpre-nos não esquecer o falso e o incaracterístico da nossa estrutura mental, onde, sobretudo, preponderam reagentes alheios ao gênio da nossa raça. Pensamos demasiado em francês, em alemão, ou mesmo em português. Vivemos em pleno colonato espiritual, quase um século após a autonomia política. Desde a construção das frases ao seriar das idéias, respeitamos em excesso os preceitos das culturas exóticas, que nos deslumbram – e formamos singulares estados de consciência, *a priori,* cegos aos quadros reais da nossa vida, por maneira que o próprio

caráter desaparece-nos, folheado de outros atributos, que lhe truncam, ou amortecem, as arestas originárias.

O que se diz escritor, entre nós, não é um espírito a robustecer-se ante a sugestão vivificante dos materiais objetivos, que o rodeiam, senão a inteligência, que se desnatura numa dissimulação sistematizada. Institui-se uma sorte de mimetismo psíquico nessa covardia de nos forrarmos, pela semelhança externa, aos povos que nos intimida e nos encantam. De modo que, versando as nossas coisas, nos salteia o preconceito de sermos o menos brasileiro que nos for possível. E traduzimo-nos, eruditamente em português, deslembrando-nos que o nosso orgulho máximo devera consistir em que ao português lhe custasse o traduzir-nos, lendo-nos na mesma língua.

De qualquer modo, é tempo de nos emanciparmos.

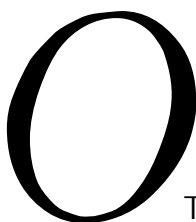
Nas ciências, mercê de seus reflexos filosóficos superiores estabelecendo a solidariedade e harmonia universais do espírito humano, compreende-se que nos dobremos a todos os influxos estranhos.

Mas nenhum mestre, além das nossas fronteiras, nos alentará a impressão artística, ou poderá sequer interpretá-la. A frase impecável de Renan, que esculpiu a face convulsiva do gnóstico, não nos desenharia o caucheiro; a concisão lapidária de Herculano depereceria, inexpressiva, na desordem majestosa do Amazonas.

Para os novos quadros e os novos dramas, que se nos antolham, um novo estilo, embora o não reputemos impecável nas suas inevitáveis ousadias.

É o que denuncia este livro.

Além disto, enobrece-o uma esplêndida sinceridade.

É uma grande voz, pairando, comovida e vingadora, sobre o inferno florido dos seringais, que as matas opulentas engrinaldam e traiçoeiramente matizam das cores ilusórias da esperança...

O Tratado de Limites de 23 de outubro de 1851, entre a República do Peru e o Império do Brasil, foi, antes de tudo, uma troca de excepcionais favores.[36]

Ali se vendeu a pele do urso equatoriano...

O Império, admitindo a divisória pelo Javari, fortaleceu, com o seu grande prestígio, as pretensões peruanas, que se estendiam até aquele rio, tendo como só elemento de prova a controvertida cédula de 1802, a que se contrapunham, vitoriosamente: o atlas de Restrepo (1827); a carta geral da Colômbia, de Humboldt (1825); e, saliente-se este argumento extraordinário, o *Mapa físico y político* do Peru, impresso em 1826 por ordem do governo daquele país. Poderíamos ir além: a que se contrapunha um Tratado, o de 1829, pactuado com a Confederação colombiana e estabelecendo que os limites das terras austrais, do Equador, abrangiam as províncias de Jaens e de Maynas, isto é, eram

> *los mismos que tenían antes de su independencia los antigos virreinatos de Nueva Granada y del Perú, según el* uti possidetis *de 1810.*[37]

Como quer que seja, as vantagens conseguidas pelo Peru foram enormes. Reduzimo-las, anteriormente, a números: apropriou-se de

---

36 Antonio Raimondi. *El Perú.* Tomo III, p. 108

37 F. Michelena y Rojas. *Exploración Oficial, etc.* 1807, p. 515.

503.430 quilômetros quadrados, ou seja, dois terços do Equador, conforme os cálculos de Teodoro Wolf.[38]

Em compensação a República submeteu-se ao Império na retrógrada tentativa deste para monopolizar a navegação amazônica, excluindo-a do comércio universal.

É uma história de ontem, que se não precisa rememorar, tão vibrante ela aí está, ao alcance de todos, nas páginas revoltadas de F. Maury e de Tavares Bastos.[39]

Registre-se este único incidente: enquanto os enviados extraordinários e ministros plenipotenciários brasileiros, mandados à Bolívia, ao Equador e à Colômbia, com o objetivo de firmarem, com estes países, o direito preeminente do Brasil à navegação de seus tributários amazônicos, não lograram sequer entabular as negociações, o Peru, sem opor o mais breve embaraço a este alastramento da política imperial – naquele caso realmente imperialista – aceitava-o e sancionava-o, solenemente, com o Tratado de 1851. Desta arte se aliou ao Império no propósito obscurantista, que F. Maury denunciou à humanidade, em frases admiráveis blindadas de uma lógica irresistível: isto é, na missão de frustrar todas as tentativas das relações comerciais de outros mercados com aquelas repúblicas, feitas pelos tributários do grande rio – e destinada a estancar aquela artéria maravilhosa, perpetuando, num monopólio odioso, o marasmo que durante três séculos entibiara o desenvolvimento econômico da Amazônia.

O Peru deixou-se lograr e fez o Tratado exigido,[40]

conceituou o esclarecido oficial da Marinha.

E iludiu-se. Iludiu-se palmarmente.

Vemo-lo agora.

Mas não lhe malsinemos a perspicácia. Qualquer observador mais bem apercebido de acurada malícia, ou sutil argúcia, subscreveria, naquele tempo, aquela frase. Fora preciso gizar-se a mais absurda entre as mais complexas maranhas internacionais, para conjecturar-se que no Tratado de 1851, onde os limites brasílio-peruanos se traçam de maneira tão

---

38 T. Wolf. *Geografía y geología del Ecuador*. 1892, p. 12.

39 T. Bastos. *Cartas de um solitário*.

40 F. Maury, Tenente da U.S. Navy. *O Amazonas e as Costas Atlânticas, etc.* Rio de Janeiro, 1853, p. 35.

límpida, houvesse, latentes, tantos germens de dúvidas capazes de justificarem o presente litígio – por maneira a prever-se a inversão da frase do *yankee*, ao fim de meio século.

O Brasil deixou-se lograr, no Tratado que firmou...

Realmente, as nossas relações eram muito conhecidas, ao celebrarem-se os Convênios de 1851 e de 1867, com o Peru e com a Bolívia. De um lado, para com o primeiro, em tanta maneira maleável aos caprichos da política imperial, todas as simpatias; de outro, para com a segunda, perenemente recalcitrante e rebelde e agressiva, todas as animadversões e azedumes. Ainda em 1867 um dos luminares da nossa história diplomática, Antônio Pereira Pinto, conceituava que "na Bolívia as tradições adversas ao Brasil passavam em seu governo de geração em geração".[41]

Datavam de 1833 as cizânias entre ela e o Império, no tocante às questões de limites; e nunca mais cessaram, engravescendo-se, crescentemente, com outras: em 1837 a propósito das sesmarias outorgadas em territórios brasileiros; em 1844, oriundas das tentativas bolivianas, visando franquear a navegação para o Amazonas; em 1845, 1846 e 1847, até 1850, relativas todas, em última análise, ao domínio amplo do Madeira; em 1853-1858, irrompendo dos decretos declarando livres ao comércio e navegação estrangeiros todos os rios que regam o território boliviano, fluindo para o Amazonas e para o Prata; e firmando, expressivamente, com os Estados Unidos, um convênio, onde de estatui que todos aqueles cursos d'água eram caminhos livres, "abertos pela natureza ao comércio de todas as nações...".

Durante esse tempo abortavam as conferências e propostas para se resolverem os deslindes internacionais – desde 1841, em que se frustrara a missão especial do Conselheiro Ponte Ribeiro. E os malogros, assim como as demais discórdias, de relance precipitadas, provinham, sobretudo, ao parecer de Pereira Pinto, "de não quererem as autoridades supremas da República arredar-se das estipulações do Tratado de 1777, estipulações caducas depois da guerra de 1801".

Destaquemos bem a razão, que aí está entre aspas, sob a responsabilidade do lúcido internacionalista. O Império, esteando-se no argumento (aliás opinável e frágil, porque há outros mais sérios, como já

---

41 Pereira Pinto. *Estudo sobre algumas Questões Internacionais*. São Paulo, 1867

o vimos) da guerra de 1801, obstinadamente repelia, ou negava, as divisas do Tratado de Santo Ildefonso, para guiar-se nas demarcações modernas; e como a Bolívia

> era um dos Estados sul-americanos mais pertinazmente interessados na vigência daquele tratado,

ensina-nos o publicista nomeado, resultaram destes critérios, diametralmente contrários, os empeços dilatórios no se pactuarem os limites respectivos.

A consideração é capital, máxime se a defrontarmos com as docilidades e lhanezas, que favoreceram o convênio de 1851 com o Peru.

Com efeito, deduz-se, lisamente, que o grande empecilho contraposto ao curso da política imperial, naqueles deslindamentos – o pacto de Santo Ildefonso e a sua famosa divisória e principalmente a sua famosa divisória Madeira-Javari –, se eliminou de todo no acordo brasileiro-peruano.

É a lógica singela e forte dos fatos. Aparece, irresistível ao cabo de antecedentes históricos, que se não iludem.

O Império não celebraria a Convenção de 1851, com a República do Pacífico, se houvesse de respeitar a caduca demarcação que desde 1841 tanto o desarmonizava com a Bolívia.

A evidência é luminosa.

E, se lhe restassem ensombros, delir-nos-ia este fato sabidíssimo: o fracasso de todas as negociações com a Bolívia subsecutivas aos Convênios brasílio-peruanos, de 1851 e 1858, até aos reiterados esforços de nosso Ministro Rego Monteiro, em 1863.

Entretanto, este transigira. Ao fim de 20 anos de notas contrariadas, o Império cedera, em parte, à pertinácia boliviana. Em conferência de 17 de junho daquele ano, o seu plenipotenciário propôs a base que mais tarde, quase sem variantes, se refletiria nos deslindamentos de 1867: a linha limítrofe, após seguir o Paraguai, o Guaporé e o Madeira até à foz do Beni,

> seguiria dali para oeste por uma paralela tirada da margem esquerda, na latitude de 10º 20’ até encontrar o rio Javari; e se este tivesse as suas nascentes ao norte daquela linha, seguiria por uma reta, tirada da mesma latitude, a buscar a nascente principal do mesmo rio.

Era, como se está vendo, não já o embrião do Tratado de 1867, senão todo ele, íntegro.

A Bolívia, porém, repulsou a proposta. Não cedeu um passo nas antigas exigências. Insistiu na sua divisória intangível, de Santo Ildefonso.

As negociações romperam-se.

Interpretem-se, agora, os fatos. Havia doze anos (1851-1863) que se celebrara o pacto com o Peru, à luz de um princípio novo, removendo os deslindes anacrônicos das metrópoles. A política imperial via-os renascer, contrariando-a, nas suas negociações com a Bolívia. Demasiara-se nos maiores esforços, durante dois decênios, por eliminá-los. Não o conseguindo, transigiu, alterando-os ligeiramente, e deslocando a leste-oeste para o ponto indicado pelos antigos comissários portugueses. Apesar disto a Bolívia não aquiesceu. Manteve, pertinazmente, o que julgava ser-lhe direito claro, exclusivo, inalienável. As negociações fracassaram ruidosamente. Engravesceram as relações dos dois países... E durante todo esse tempo o Peru mandava os seus comissários, emparceirados aos nossos, a demarcarem as linhas do Javari, consoante o acordo de 1851, ratificado em 1858. Não emitiu, ou boquejou, o mais balbuciance juízo no debate fervoroso, que se lhe travara às ilhargas. Não insinuou, no decurso de doze anos, em que coexistiram os seus convênios tranqüilos e as negociações perturbadíssimas da Bolívia, o mais remoto interesse, prendendo-o aos territórios, onde se abria o campo da discórdia. Não disse aos contendores que o seu parecer, embora consultivo, era indispensável.

Fez isto: naquele mesmo ano, quatro meses apenas depois de baquearem as nossas tentativas com a Bolívia, porque a Bolívia impunha o traçado completo da linha de Santo Ildefonso, porque a Bolívia recalcitrava, exigindo todas as terras amazônicas ao sul daquele paralelo, porque a Bolívia não cedera, obstinadamente, um só hectare da *zona hoje litigiosa* – o Peru celebrou com a Bolívia o Tratado de Paz e Amizade de 5 de novembro de 1863, onde não se cogita, sob nenhum aspecto, dos deslindamentos gravíssimos, cada vez mais insolúveis ao cabo das mais longas, das mais repetidas, das mais demoradas, das mais infrutíferas

conferências, em que surgiam, como elemento único de desarmonia, precisamente os *territórios constituintes do atual litígio*.[42]

Como explicar-se esta atitude?

Resta um doloroso dilema: ou o Peru reconhecia, de modo tácito, que se lhe alheavam de todo aquelas terras, sobre as quais não poderia exercitar o mais apagado direito – ou aguardava que a Bolívia, devotando-se ainda uma vez ao seu papel de cavaleira andante da raça espanhola, e intrépida amazona da Amazônia, se esgotasse nos debates diplomáticos, e sucumbisse, ao cabo, dessangrada em uma guerra desigual prestes a romper, para alevantar um direito tardio, entre as ruínas...

Não há fugir às proposições contrastantes. Estamos afeitos às deduções rispidamente matemáticas. Para quebrar-se a ponta que lanceia, aí, a honra nacional de uma terra timbrosa de suas tradições cavalheirescas, é forçoso admitir-se a infragilidade da outra. Admitimo-la de bom grado: o Peru, em 1863, data em que se firmaram as suas relações com a Bolívia, reconhecia o direito exclusivo desta última à posse das terras hoje controvertidas.

E o reconhecimento acentuou-se. Progrediu. Rotas as negociações, o nosso Ministro pediu os passaportes e retirou-se da República incontentável.

Entre os dois países, as relações, turvando-se, assumiram esse sombrio aspecto crepuscular, que não raro se rompe aos repentinos brilhos das espadas. Além disto, o micróbio da guerra envenenava o ambiente político, germinando nas sangueiras do Paraguai. A América estremecia na sua maior campanha. Toda a nossa força molificava-se ante a retratibilidade de Solano Lopes e a inconsistência dos "esteros" empantanados...

---

42 Realmente o Tratado perúvio-boliviano, de 5 de novembro de 1863, quanto a limites, se reduziu a confirmar o *status quo* firmado no de 3 de novembro de 1847, onde ambos os Governos se comprometeram a nomear comissões para levantarem as cartas topográficas das fronteiras, com a cláusula de que *la demarcación estipulada sólo tendrá por objecto la restitución de los terrenos compreendidos entre las fronteras actuales del Perú y Bolivia*. Estavam certo, longe de cogitarem na Amazônia, onde seriam ridículas as plantas topográficas antes das linhas geográficas. Além disso a mesma cláusula, confirmando a limpidez daquelas *fronteras actuales*, adita que a restituição não visa *cederse territorio, sino para restabelecer sus antigos amojonamientos, a fin de evitar dudas*...
*Mojon*e, quer dizer *marco divisório*, o que certo não havia, e sobretudo antigos, naquelas terras ignotas.
(Aranda, *Collección de Tratados del Perú*. Tomo II, p. 309. 293, 287, etc.).

A ocasião surgia a talho a que a política imperial resolvesse, de um lance, dois problemas capitais, na conjuntura apavorante em que se via: captar o bem-querer do Peru, cuja antiga cordialidade resfriara, trocando-se por simpatias ao Paraguai, a ponto de ocasionar a retirada, de Lima, do nosso representante Francisco Varnhagen; e revidar, triunfantemente, à tradicional adversária, que nos ameaçava pelos flancos de Mato Grosso. Para isto um meio infalível: atrair o Peru à posse das maravilhosas terras da Amazônia meridional.

Mas não se aventou sequer este alvitre.

O Império manteve-se, nobremente, no plano superior das nossas tradições.

Submeteu-se à retitude do nosso passado político. Não repudiou os ensinamentos austeros dos nossos velhos cronistas e dos melhores geógrafos, que estabeleciam, unânimes, o direito boliviano naquelas terras.

Abandonou, galhardamente, o desvio que o favorecia; e firmou o Tratado de Ayacucho, de 27 de março de 1867, decalcando-o, linha por linha, pelas bases propostas em julho de 1863.

Decalcando-o, frase por frase, pelas bases propostas em 1863 – é indispensável repetir, porque em várias páginas de lídimo castelhano se tem garantido, humoristicamente, que o firmamos urgidos, ou aguilhoados, das dificuldades que nos assoberbavam sob o alfinetar das baionetas paraguaias...

O fato é que em 1867, a despeito das vicissitudes de uma guerra – gravíssimas, embora o nosso Exército já se houvesse imortalizado em Tuiuti –, o Brasil manteve a base oferecida cinco anos antes, quando a sua hegemonia militar no continente era incontestável, aparecendo entre o desmantelo da ditadura suplantada de Rosas e os triunfos, a passo de carga, da campanha do Uruguai.

Ora, pactuado aquele convênio, pelos plenipotenciários Filipe Lopes Neto e Mariano Duñoz, os bolivianos, em massa, protestaram. A consciência nacional rebelou-se contra o governo que deslocara a velha linha histórica.

Explodiu em panfletos violentíssimos.

A ditadura de Melgarejo reagiu, discricionária. Lavraram-se proscrições...

E durante a crise tempestuosa o Peru quedou na mais imperturbável e cômoda quietude.

Protestou, afinal, transcorridos nove meses. O protesto, subscrito pelo Ministro das Relações Exteriores, J. A. Berrenechea, é de 20 de dezembro de 1867. Nove meses justos, que a noção relativa do tempo torna sobremodo longos na precipitação acelerada dos acontecimentos...

Mas protestou; e no protesto transluz, notavelmente, a insubsistência das pretensões peruvianas. Raras vezes se encontrará documento político onde se contrabatam, às esbarradas, as maiores antilogias e se abram, em cada período, tão numerosas frinchas à mais fácil crítica demolidora.[43]

O Ministro, ao termo da penosa gestação, começa ponderando que sempre

> *havia creido que era conveniente para las Repúblicas aliadas darse comocimiento de sus negociaciones diplomáticas,*

quando havia 25 anos, desde 1841, que as negociações brasílio-bolivianas, ruidosas, alarmantes, cindidas no intermitir de sucessivos fracassos, preocupavam a opinião geral sul-americana... E talvez não demonstrasse que os acordos anteriores, do Peru, houvessem satisfeito à conveniência de uma consulta prévia à Bolívia. Depois, doutrina professoralmente que o princípio do *uti possidetis*, estabelecido no Tratado de 1867, embora se pudesse invocar com justiça nas controvérsias territoriais das nações hispano-americanas oriundas de uma metrópole comum, não poderia se aplicar tratando-se de países dantes submetidos a metrópoles diversas, entre as quais havia pactos internacionais regulando-lhes os domínios – deslumbrando-se que aquele mesmíssimo princípio expressamente aceito pelo Peru fora o único em que se baseara o Convênio de 1851, ratificado em 1858. Apesar disto preleciona:

> *Asi el* uti possidetis *no podia tener lugar entre Bolívia y Brasil*...

Prossegue. Refere-se à semidistância do Madeira. Esclarece-lhe a posição verdadeira.[44] Argúi amargamente a Bolívia de permitir que ela

43 Veja-se o Apêndice final.

44 Em flagrante desacordo com o parecer atual da Sociedade Geográfica de Lima!...

se mudasse tanto para o sul, o que importava na perda de dez mil léguas quadradas de terrenos, incorporados ao Brasil, onde se deparam

> *ríos importantíssimos, tales como el Purús, el Yuruá y Yutay, cuyo porvenir comercial puede ser inmenso;*

e, logo adiante, esquecido da semidistância, tão pecaminosamente deslocada pela complacente Bolívia, que se não devera mudar tanto para o sul (porque ela deveria interferir o Javari em 6º 52', consoante o juízo de Raimundi, restaurado, às cegas, nas atuais pretensões peruanas), escreve que, conforme o Pacto de 1851, entre o Brasil e o Peru.

> ... *todo el curso del rio Javary es limite común entre los Estados contratantes*...

É um jogo estonteante de incongruências curiosíssimas.

Por fim, a serôdia impugnação não afirma, não precisa, não acentua um juízo claro dos prejuízos peruanos. Não diz o que reclama. O protesto é o murmúrio vacilante e medroso de uma conjectura; é a expressão anódina de um interesse aleatório: o governo boliviano cedeu ao Brasil territórios.

> *que pueden ser de la propriedad del Perú.*

*Que pueden ser*...

Aí está o corpo de delito direto da maior e mais insensata cinca da política internacional sul-americana.[45]

Este documento, que não resiste à mais romba e desfalecida análise, devia ser o que foi e o que é: contraditório, frágil, bambeante, sem nenhuma pertinência jurídica, e a destruir-se por si mesmo na decomposição espontânea da própria instabilidade, advinda, a um tempo, do contraste e divergência dos seus conceitos, que ora se anulam, entrechocando-se, ora, disparatando, desagregam-se e pulverizam-se.

O período gestatório de nove meses, há pouco considerado longo, achamo-lo, agora, apertadíssimo. Em nove meses apenas, o mais prodigioso gênio conceberia paralogismos, para iludir três séculos, escrevendo quatro ou cinco páginas capazes de embrulharem toda a história sul-americana.

Não vale a pena prosseguir. Deste lance em diante o assunto decai. Baste-se dizer que, por paliar, ou rejuntar, superficialmente, estes estalos

---

45 "Nota protesto" do Peru, de 20 de dezembro de 1867, por J.A. Berrenechea.

na estrutura de seu protesto e das suas exigências, apela o governo peruano para o adiáforo, o vário, o insubsistente, dos dizeres de algumas instruções aos comissários demarcadores dos limites, entre 1863 e 1874. Não nos afadiguemos na tarefa inútil de apurá-las. Satisfaz-nos, a este propósito, uma consideração única: quaisquer que elas fossem, aquelas instruções debateram-se, balancearam-se, longos anos, por maneira a prevalecer, naturalmente, o critério das deliberações finais.

Pois bem – o comissário brasileiro que, de harmonia com o peruano, implantou o "marco definitivo" dos nossos deslindamentos com o Peru, em 1874, nas cabeceiras do Javari, foi o venerando Barão de Tefé; e ele, que com o maior brilho repelira as constantes propostas de seu colega, M. Rouaud y Paz Soldán, para adotar-se a célebre linha média, do Madeira ao Javari, mesmo escandalosamente deslocada para 9º 30' de latitude sul, conforme, reiteradamente, aquele lhe oferecera em documentos oficiais inequívocos e límpidos – o Barão de Tefé, a quem se pode cortejar desafogadamente, porque na sua quase existência histórica é apenas uma relíquia sagrada do nosso passado, sem a mais breve influência nos negócios públicos – ao implantar o marco definitivo do Javari manteve, integral, o parecer vitorioso que o impusera ao comissário peruano, consistindo nestes pontos essenciais:

1º) Que o Peru nenhum direito possuía à margem direita do Madeira;

2º) Que a República do Peru no Tratado solene celebrado com o Império do Brasil estabelecera como limite *todo o curso do rio Javari;* por isto considerou nulo o art. 9º do Tratado de Santo Ildefonso, que fixava o extremo sul da fronteira do Javari no ponto cortado pela linha leste-oeste, tirada à meia distância do Madeira, que é o mesmo paralelo dos 7º 40' dos comissários de 1781.

Nestas palavras ultimaram-se para sempre os nossos negócios territoriais com o Peru.

O prolongamento natural destas linhas consistiria em desvendar o cenário da recentíssima expansão daquela República, a estirar-se pelas cabeceiras do Juruá e do Purus – obscura, temerosa e criminosamente –, escondida no afogado das *selvas oscuras* das *castilloas,* por onde vai alastrando-se a rede, aprisionadora de territórios, entretecida pelas trilhas tortuosas e fugitivas dos *caucheiros*.

Mas estes, reclamam-no-los outras páginas...

Terminemos.

Estes artigos têm a valia da própria celeridade com que se escreveram. São páginas em flagrante. Não houve, materialmente, tempo para se ataviarem frases, expostas na cândida nudez de uma esplêndida sinceridade.

Fomos apenas eco de maravilhosas vozes antigas. Partimos sós, tateantes na penumbra de uma idade remota. Avançamos; e arregimentou-se-nos em torno uma legião sagrada, mais e mais numerosa, onde rebrilham os melhores nomes dos fastos de uma e outra metrópoles. Chegamos ao fim, malgrado a nossa desvalia, a comandar imortais.

Daí a absolvição desta vaidade: não nos dominaram sugestões. Num grande ciúme de uma responsabilidade exclusiva, não a repartimos. O que aí está – imaculada e íntegra – é a autonomia plena do escritor.

Muitos talvez não compreendam que, em uma época de cerrado utilitarismo, alguém se demasie em tanto esforço em uma advocacia romântica e cavalheiresca, sem visar um lucro ou interesse indiretos. Tanto pior para os que não o compreendam. Falham à primeira condição prática, positiva e utilitária da vida, que é o aformoseá-la...

De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo. Basta-nos. Afeiçoamo-nos há muito, aos triunfos tranqüilos, no meio da multidão sem voz dos nossos livros. Hoje, como ontem, obedecendo à finalidade de um ideal, repelimos, do mesmo passo, o convívio e o aplauso, o castigo e a recompensa, o desquerer e a simpatia.

Não combatemos as pretensões peruanas. Denunciamos um erro.

Não defendemos os direitos da Bolívia.

Defendemos o Direito.

(Trecho de *Peru Versus Bolívia*.)

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Terceira parte*

# Cartas da Amazônia

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## *As cartas e a viagem de Euclides*

*A viagem de Euclides da Cunha com destino ao rio Purus, demorando-se algum tempo em Manaus para os preparativos necessários ao seu difícil trabalho de geógrafo, representou para o autor de* Os Sertões *um acontecimento marcante em sua vida. Para empreendê-la, teve de renunciar a todos os seus interesses e hábitos de homem do asfalto e da civilização – abdicando a tudo, ao convívio do lar e dos amigos, e particularmente à vida de escritor em torno de quem, depois do livro imortal, gravitavam todas as expectativas... A tudo isso ele renunciou, para cumprir o que no próprio íntimo sentia como um destino, sem deixar de ser um dever, um compromisso consigo mesmo, de brasileiro cem por cento. E o desconforto vivido não foi mais suportável do que o da campanha de Canudos. Não agia por exibicionismo, por espírito de aventura para ser contada aos outros – pois lá permanecera no silêncio, apenas rompido pelas cartas, as poucas em relação à sua demora na Amazônia, que aos amigos mais chegados escrevera. E não posava de herói. O que o preocupava e o avassalava – na totalidade do seu ser – era aquela espantosa contradição: um mundo abandonado dentro de outro, um paraíso perdido a ser habitado como o das Escrituras. As cartas dão conta do seu estado de espírito em face do que via, do que constatava, e vemos por suas entrelinhas, que da*

*dura experiência de uma viagem tão sacrificante, poderia realmente rebentar um livro ainda maior que* Os Sertões. *O livro, pensado e esboçado por ele, não veio como queria que fosse, isto é, um outro livro denunciador e vingador. Mas, para substituí-lo ficaram os estudos, artigos, relatórios, cartas que hoje aqui se apresentam englobados num volume único ou unificado. Hoje, a verdade histórica nos confirma que Euclides vira o Brasil em mais um dos seus imensos pedaços, com um olho não de visionário, mas provavelmente de profeta – nós repetiríamos – o profeta da Amazônia. Nas cartas que seguem, apesar de poucas, acompanharemos todo o desenvolvimento de sua expectativa de notável viajante, e talvez nos ajudem a compreender melhor as páginas frementes e realistas que as antecedem nesta seleção em que foi reunido tudo que ele escreveu sobre a Amazônia – ou com referência à sua pequena e admirável epopéia de bandeirante armado de lápis e papel.*

H. R.

### A REINALDO PORCHAT

*RJ, 10 out. 1904.*

Porchat, / Envio-te um abraço de despedida. Sigo no dia 13 para Manaus de onde abalarei para as nascentes do Purus. Não te escrevi nos últimos tempos por ter de atender a toda a ordem de trabalhos – e isto mesmo faço-o a correr, entre as atrapalhações dos últimos aprestos para a partida. Melhor: não agravarei as minhas saudades numa longa carta a um verdadeiro amigo. / A minha família fica morando aqui, na Rua Cosme Velho, 91 (Laranjeiras). Escreve-me para Manaus. Endereço: F. Chefe da Comissão de Reconhecimento do alto Purus. – Manaus. E até breve, meu bom amigo. Dentro de uns dez meses te apertará num longo abraço o teu / *Euclides.*

### A ARNALDO PIMENTA DA CUNHA

*19 out. 1904.*

Recebi a tua carta, onde se reflete a tua louvável disposição para o trabalho, mesmo à custa dos maiores riscos. Diante dela perdi os últimos temores que me tolhiam e creio que ainda há tempo para incluir-te na Comissão. Não te afirmo isto de modo positivo, porque nada se pode afirmar neste tumulto de candidatos. O que te peço é que não recuses de modo algum, depois de nomeado, porque isto causará muita perturbação e contratempos. Assim ficamos entendidos: desde que surja a oportuni-

dade, que – aguardo e julgo inevitável – indicarei o teu nome, bem convencido de que aceitarás o cargo.

**AO PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

*S.d. dez. 1904.*

Exmo. Sr. Presidente da Academia Brasileira de Letras, / Impossibilitado de tomar posse, em sessão solene, do meu lugar, nessa Academia, pelos motivos que V. Exª conhece, faço-o, de acordo com o artigo 22 do Regimento Interno, por meio deste ofício. / Apresentando a V. Exª os protestos da minha mais elevada consideração, subscrevo-me, / Confrade at.º obrg.º e admirador / *Euclides da Cunha*.

**A FRANCISCO ESCOBAR**

*RJ, 11 dez. 1904.*

Escobar, / Recebi a tua carta no meio dos precipitados aprestos da partida. Mal posso respondê-la. Adeus. Até a volta. Escreve-me para Manaus onde nos demoraremos uns vinte dias para regularizar os cronômetros. Endereço: F. Chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus. Manaus. Estado do Amazonas. / Levo uma enorme boa vontade e a disposição franca para os máximos sacrifícios. / De lá te escreverei. Muitas recomendações e saudades aos amigos daí. Recomendações aos teus. E um abraço, um grande abraço de despedida do / *Euclides*.

**A MANUEL R. PIMENTA DA CUNHA**

*Manaus, 30 dez. 1904.*

Meu Pai,/ Muitas felicidades é o que lhe desejo e a todos. / Acabamos de chegar e como temo que o vapor volte amanhã muito cedo, escrevo esta ainda de bordo para não perder a oportunidade de mandar notícias. Fizemos sempre boa viagem, embora o meu estômago incorrigível me trouxesse um meio enjôo intolerável desde a partida do Rio! / Foi bom. Preciso afeiçoar-me ao mal-estar. / Considero estas coisas como um preparatório à minha empresa arrojada. Em todos os portos onde saltei fui gentilmente recebido graças à influência do seu grande neto *Os Sertões*. Realmente nunca imaginei que ele fosse tão longe. No Pará tive uma lancha especial oferecida pelo Senador Lemos e alguns rapazes de talento. Passei ali duas horas inolvidáveis – e nunca esquecerei a surpresa que me causou aquela cidade. Nunca São Paulo e o Rio terão as suas avenidas monumentais, largas de 40 metros e sombreadas de filas sucessivas

de árvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil o que é a cidade de Belém, com os seus edifícios desmesurados, as suas praças incomparáveis e com a sua gente de hábitos europeus, cavalheira e generosa. / Foi a maior surpresa de toda a viagem. Na volta, hei de demorar-me ali alguns dias. / Nada lhe direi sobre o Amazonas. Não teria tempo. Escrevo na atrapalhação do desembarque. Peço-lhe que me mande notícias suas. Devemos permanecer aqui mais de um mês, porque os peruanos chegaram com as lanchas desarranjadas e mandaram-nas para Belém onde estão consertando-se e ainda não os vi. / Direi depois sobre a impressão que me causaram estes desconhecidos, com os quais terei de passar tantos dias na mais estreita intimidade. / Peço-lhe dizer ao Otaviano que lhe escreverei, infalivelmente, pelo primeiro vapor. Ele que mande também notícias suas e de todos. Mandei-lhes brevíssimas de todos os portos onde estivemos, em cartões-postais. Não sei se aí chegaram. Felizmente reina boa harmonia entre todos os da comissão, entre esta e a do Coronel Belarmino. / Estou animado. Avalio bem as minhas responsabilidade. Não vacilo. Hei de cumprir inflexivelmente o meu dever e, tanto quanto possível, corresponder à confiança com que me honraram. / Receba saudades do / Filho e Amigo / *Euclides*.

### AO DR. RODRIGO OTÁVIO

*Fortaleza, 22 dez. 1904.*

Exmo. Sr. / Dr. Rodrigo Otávio / Rua da Quitanda, 47 / Rio de Janeiro / (verso)

*Minha jangada de vela,*
*Que vento queres levar?*
*– De dia vento de terra*
*De noite vento de mar!*

Não resisto ao desejo de transmitir-te esta belíssima quadra, que neste momento ressoa ao meu lado, na boca de um rude filho deste Ceará admirável... / Felicidades. Lembranças a todos. / *Euclides*.

### A AFONSO ARINOS

*Manaus, dez. 1904.*

Afonso Arinos / Somente hoje posso mandar-te uma breve notícia – tais as atrapalhações, tais os embaraços que me salteiam aqui nesta ruidosa, ampla, mal arranjada, monótona e opulenta capital dos seringueiros. Escrevo-te doente, este delicioso, clima do ilustre e ingênuo Bates resume-se

num permanente banho de vapor – à noite, pela madrugada, pela manhã, durante o dia todo em que reina a canícula, livremente oscilando de 29 a 30º. Deve ser admirável para o organismo das palmeiras. / Daí a minha ânsia de partir – buscando a forte distração do meu duelo com o deserto, nesta majestosa arena de quinhentas léguas que me oferece o Purus. / Mas esta ansiedade vivo a matá-la todos os minutos, vendo a todo instante a minha grande boa vontade a tropeçar e a cair, batida por não sei quantos pormenores, minúsculas questões de detalhe com que não contava. Felizmente a gente é boa. Em que pese ao cosmopolitismo desta Manaus, onde em cada esquina range o português emperrado ou rosna rispidamente o inglês e canta o italiano – a nossa gente ainda os suplanta com as duas belas qualidades nativas de coração – e, certo, uma das minhas impressões de sulista está no perceber que o Brasil ainda chega até cá. / Em outra carta serei mais extenso. Qualquer ponto que escolhesse me levaria longe e o fim único desta é mandar-te as minhas saudades e um grande abraço (um abraço com quase 22 de latitude!) do teu / *Euclides*.

### A DOMÍCIO DA GAMA

*Manaus, s.d. 1905.*

Mal tenho tempo de escrever-te. Manaus, onde eu julgava ficar tão poucos dias e onde estacamos de improviso, a braços com os maiores empecilhos na aquisição de meios de transporte, é hoje para mim uma Cápua abrasadora, trabalhosa, que me devora energias, menos pelo excesso de felicidade que pela sobrecarga de preocupações. Imagina esta situação de parada forçada e inaturável na minha engenharia de César. Quis chegar, observar e voltar, mas cheguei e parei. Estaquei à entrada de meu misterioso deserto do Purus; e, para maior infelicidade, depois de caminhar algumas três milhas, caí na vulgaridade de uma grande cidade estritamente comercial de aviadores solertes, zangões vertiginosos e ingleses de sapatos brancos. Comercial e insuportável. O crescimento abrupto levantou-se de chofre fazendo que trouxesse, aqui, ali, salteadamente entre as roupagens civilizadoras, os restos das tangas esfiapadas dos tapuias. Cidade meio caipira, meio européia, onde o tejupar se achata ao lado de palácios e o cosmopolitismo exagerado põe ao lado do *yankee* espigado... o seringueiro achamboado, a impressão que ela nos incute à de uma maloca transformada em Gand. / Imagina como atravesso estes dias agravados pela canícula de 30º à sombra e à noite... na constância formidável de uma estufa. Daí a moléstia, em que pese à minha organização de salamandra. / Escrevo-te com febre, uma febre monótona

em que o termômetro se arrasta traiçoeiramente, com uma lentidão medrosa, a 37 e 38º – resolvi diariamente solicitar a aliança perigosa de um médico. Do teu / *Euclides*.

**A JOSÉ VERÍSSIMO**

*Manaus, 13 jan. 1905.*

José Veríssimo / Meu bom amigo – escrevo-lhe dissentindo abertamente da sua opinião sobre este singularíssimo clima da Amazônia – e embora ela, já de si mesma valiosa, tenha o reforço de Wallace, Walleis, Maury e quantos cuidaram deste assunto, não posso forrar-me à experiência dolorosa que neste instante – menos pela sujeição da coluna mercurial desde ontem firme em 30º, que por um completo aniquilamento orgânico – mas revela as exigências excepcionalíssimas de uma aclimação difícil. Em carta neste momento escrita ao Arinos disse que quem resiste a tal clima tem nos músculos a elástica firmeza das fibras dos buritis e nas artérias o sangue frio das sucuriúbas. E, sem o querer, achei o traço essencial deste portentoso *habitat*. É uma terra que ainda se está preparando para o homem – para o homem que a invadiu fora de tempo, impertinentemente, em plena arrumação de um cenário maravilhoso. Hei de tentar demonstrar isto. Mostrarei, talvez, esteiando-me nos mais secos números meteorológicos, que a natureza, aqui, soberanamente brutal ainda na expansão das suas energias, é uma perigosa adversária do homem. Pelo menos em nenhum outro ponto lhe impõe mais duramente o regímen animal. Neste perpétuo banho de vapor todos nós compreendemos que se possa vegetar com relativa vantagem, mas o que é inconcebível, o que é até perigoso pela soma de esforços exigidos, é a delicada vibração do espírito e a tensão superior da vontade a cavaleiro dos estimulantes egoísticos. É possível que uma maior acomodação me faça pensar de outro modo, mais tarde. Neste momento, porém – em que a pena me escorrega dos dedos inundados – não sei como traduzir o *glorious clime* de Bates. Não há exemplo de um adjetivo desmoralizado (felizmente em inglês)! / Falta-me o tempo para continuar neste desabafo, o único que me permite o ambiente irresponsável. Preciso dar-lhe breve conta de mim. / Entreguei a sua carta ao Dr. Goeldi[1]

1 Emílio Augusto Goeldi, naturalista suíço, nasceu em Sennwald, cantão de Saint-Gall, a 28 ago. 1859. Veio para o Brasil em 1884. Faleceu na Suíça a 10 jul. 1917. Foi diretor do Museu que hoje tem o seu nome, no Pará.

e não preciso dizer-lhe como me recebeu ele, e que duas horas inolvidáveis passei a seu lado pelos repartimentos e entre as maravilhas de um dos mais notáveis arquivos do mundo. Mais tarde, e talvez pela imprensa, direi a minha impressão integral. / Escrevo-lhe às carreiras, sem tempo e sem saber como... não dizer, como evitar o tumulto de coisas que desejava contar-lhe. Se o fizesse, deixaria de escrever não sei quantas outras cartas e não sei quantos ofícios. / Levo – nesta Meca tumultuária dos seringueiros – vida perturbada e fatigante. Ao mesmo tempo que atendo a sem-número de exigências do cargo, sofro o assalto de impressões de todo desconhecidas. Foi um mal esta parada obrigatória, que não sei até quando se prolongará: perdi uma boa parte de movimento adquirido, para avançar no deserto. Mas resigno-me, bem certo de que a minha velha boa vontade não afrouxará com tão pouco e confiante na minha abstinência espartana no reagir ao clima. Alguns graus de febre que tive, ao chegar, passaram – e espero que não tenham sido um lugubremente gentil cartão de visita do impaludismo, pressuroso em atender ao hóspede recém-chegado. / Em outra carta serei bem mais extenso. Agora, é impossível. Escrevo-lhe apenas para dizer-lhe que estou bom, animado e seguro de cumprir a missão. Quero que abrace por mim ao nosso grande e querido mestre Machado de Assis, Araripe Júnior, Graça Aranha e João Ribeiro. Recomende-me muito à Exma. Senhora e filhos – e creia que é com as maiores saudades que lhe mando um abraço / *Euclides da Cunha*.

**A REINALDO PORCHAT**

*Manaus, 18 jan. 1905.*

Muito de propósito, Porchat, escrevo-te nas aperturas deste cartãozinho para mandar-te notícias minhas. Tenho medo da saudade... Temo que ela se expanda livremente em quatro páginas. É o que mais me dói nesta vida aventureira: as imagens dos amigos constantemente evocadas e cada vez mais impressionadoras à medida que se aumentam as distâncias. Quero escrever-te a correr, como quem foge de uma tortura. – Como vão os teus? / Eu, firme na minha envergadura esmirrada e seca, faço neste clima canicular prodígios de salamandra. Vou bem. Nem o mais ligeiro abalo, agora. Fiz as pazes com o sol do Equador e adapto-me admiravelmente na atmosfera úmida e quente, feita para as fibras das palmeiras e os nervos dos poetas. Manda-me notícias de todos e não te esqueças nunca do / *Euclides*.

### A EDGARD JORDÃO[2]

*Manaus, 22 jan. 1905.*

Dr. Edgard Jordão, / Recebi a sua conferência, aqui, nesta cidade, onde me prendem os trabalhos preparatórios para a próxima viagem às cabeceiras de Purus; e, apesar das perturbações do momento, não me forrei à ansiedade de a ler. / Foi uma felicidade. Não o digo sob o grande abalo, muito compreensível, que [me] causou a sua tão nobilitadora simpatia, senão inspirado pela imagem surpreendedora de um belo e robusto espírito que irrompe daquelas páginas tão desassombradamente triunfantes. / Permiti-me um lance de vaidade; revi-me um pouco naquelas ousadias e no fulgor da sua palavra, e, por momentos, volvidos perto de quinze anos, escutei o eco longínquo de muitos ideais desaparecidos. Ora, esta só evocação justificaria o meu mais fervente agradecimento, excluída a cativante gentileza com que [me] nomeou, alevantando-me aos mais altos cimos do espírito nacional. / Mas o que sobretudo me surpreendeu na sua oração foram o desgarre revolucionário, o aprumo de pensar e uma esplêndida rebeldia de conceitos, revelando-me, improvisadamente, um desses trabalhadores muito jovens, mas aos quais nós, que vamos enfraquecendo no meio da jornada, cedemos de muito nosso bom grado o passo, confiando-lhe – com o maior carinho e com o maior entusiasmo – a defesa da nossas mesmas aspirações. / Não o lisonjeio; não quero agradá-lo. / Estou a dois passos do deserto e nas vésperas de uma viagem, inçada de tropeços, dessas em que a gente leva carta de prego para o Desconhecido. / Talvez, não volte. Falo, portanto, como quem se confessa. Falta-me até o tempo para alisar a sensaboria dessa falsa delicadeza entrajada das frases engomadas do bom-tom. / Escrevo-lhe como a um irmão mais moço, a quem nunca vi – e sinto-me verdadeiramente feliz, considerando que ele será em breve uma componente nova das nossas energias intelectuais, tão desfalecidas nestes dias. / Manda-lhe um grande abraço de amigo e admirador. / *Euclides da Cunha.*

### A REINALDO PORCHAT

*Manaus, 22 jan. 1905.*

Porchat, / Mando-te um grande abraço e muitas recomendações a todos os teus. Escrevo-te à carreira e por não lutar inutilmente com as sau-

2 O Dr. Edgard Jordão, orador de formatura, enviara a Euclides o seu discurso: "Entremos Desassombradamente na Arena da Vida".

dades. Falta-me de todo o tempo – totalmente absorvido pelos mil nadas de profissão. De sorte que esta carta – uma carta escrita por mim, e do Amazonas! – que deveria aí chegar dilacerada de pontos de admiração – aí chega maçudamente familiar só para te dizer que estou bom e desejo notícias tuas. Mais tarde, então, conversaremos. / Quero também pedir-te um favor; recebi do Dr. Edgar Jordão um belo discurso, e nesta data escrevi-lhe, agradecendo. Não sabendo, porém, onde ele assiste – enderecei a carta para a Tipografia Andrade e Melo, onde foi impresso o trabalho. Quero que veles sobre esta carta de modo que seja recebida. / Perdoa-me o laconismo. Mais tarde – ainda que escreva das tristes solidões onde me vou perder – hei de dar-te longas notícias. / Adeus. Muitas saudades aos teus. Um abraço a todos os amigos. Creia sempre no teu / *Euclides*.

### A JOSÉ VERÍSSIMO

*Manaus, 2 fev. 1905.*

Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, / Felicidades, muitas felicidades e a todos os seus. Escrevi-lhe talvez há uns dez dias, de sorte que posso ser breve neste bilhete destinado apenas a apresentar-lhe os meus bravos companheiros de expedição. Lá estou ladeado pelo Tenente Argolo Mendes (ajudante-substituto) e Dr. Arnaldo Cunha[3] (auxiliar técnico). Aos lados destes, os comandantes da nossa tropa de trinta praças (dez vezes menos do que a dos imortais de Leônidas!), Alferes Antônio Cavalcanti e Francisco Lemos. Ao fundo, em ordem sucessiva da direita, o encarregado do material, Coronel R. Nunes, o Dr. M. da Silva Leme, secretário, o Dr. Tomás Catumba, médico, e o fotógrafo E. Florence. Aí estão os homens. Quantos voltarão? Qual o primeiro a desertar do pequeno grupo cheio de desassombro e de esperanças?... / Aqui estamos, aguardando ainda o dia da partida que talvez ainda se delongue, tão vagarosamente se estão aplainando as dificuldades que encontramos. A propósito ocorre-me um confronto bem eloqüente. O grande explorador W. Chandless, inglês, quando chegou a Manaus, a fim de explorar este mesmíssimo rio Purus, encontrou da parte do Governo provincial e até do povo o mais eficaz e poderoso auxílio. E estávamos em pleno fervor da Questão Chrystie! e Chandless era inglês! e Chandless era um simples sócio viajante da Sociedade Geográfica de Londres! / Nós,

---

3 Primo de Euclides.

brasileiros, revestidos de uma comissão oficial, encontramos empeços indescritíveis! Certo, temos mudado muito, meu ilustre amigo... / Corrijo um tópico da minha carta anterior: Escrevendo-a sob uma temperatura exaustiva de 30 graus, não tolhi algumas amargas considerações sobre este clima. Era uma impressão passageira. Já estou meio reconciliado com ele. Já compreendo um pouco o *glorious clime* de Bates, o *delightful clime* de Wallace e até o céu de opalas de Mourcroy. Desde o dia 13 que não aponto a temperatura sequer de 28°! e neste janeiro afogueado temos tido manhãs primaveris e admiráveis. / Noutra carta conversaremos melhor. Isto é um bilhete, à carreira. / Muitas lembranças a todos os seus. Saudades a todos os amigos – e creia sempre no / *Euclides da Cunha*.

### A COELHO NETO

*Manaus, 10 mar. 1905.*

Quando fui hoje ao correio para assistir à abertura da mala do *Gonçalves Dias* levava a preocupação absorvente de encontrar cartas de casa porque vai para dois meses que não as recebo. Nem uma! Mas (temperamento singular o meu, feito para todas as dores e para todas as alegrias!) recebi toda garrida, embora vestida de preto, a tua carta gentilíssima. E foi como uma janela que se abrisse de repente no quarto de um doente... Obrigado, meu esplêndido companheiro de armas! Jamais avaliarás os resultados da tua *verve* tumultuária neste meu tédio lúgubre de Manaus. Manaus – há uma onomatopéia complicada e sinistra nesta palavra – feita do soar melancólico dos barés e da tristeza invencível do Bárbaro. Não te direi os dias que aqui passo, a aguardar o meu deserto, o meu deserto bravio e salvador onde pretendo entrar com os arremessos britânicos de Livingstone e a desesperança italiana de um Lara, em busca de um capítulo novo no romance mal arranjado desta minha vida. E eu já devia estar dominando as cabeceiras do rio suntuoso, exausto nos primeiros boléus dos Andes ondulados. Mas, que queres? Manietaram-nos aqui as malhas da nossa administração indecifrável e só a 19 ou 20 deste receberemos as instruções que nos facultarão a partida. Imagina, se puderes, as minhas impaciências. Esta Manaus rasgada em avenidas, largas e longas, pelas audácias do Pensador,[4] faz-me o efeito de um quartinho estreito. Vivo sem luz, meio apagado e num estonteamento. Nada te direi da terra e

4 Eduardo Ribeiro, ex-governador do Amazonas, assim cognominado por haver redigido no Maranhão, sua terra natal, o jornal *O Pensador*.

da gente. Depois, aí, e num livro: *Um Paraíso Perdido,*[5] onde procurarei vingar a *Hylaea* maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVII. Que tarefa e que ideal! Decididamente nasci para Jeremias destes tempos. Faltam-me apenas umas longas barbas brancas, emaranhadas e trágicas. Vamos a outro assunto. Chegou tarde o teu pedido sobre a próxima eleição da Academia. Já o Veríssimo me comunicara a renúncia do Vicente, indicando-me a Sousa Bandeira. Mandei-lhe o meu voto pelo vapor passado. Entretanto da tua carta à dele medearam apenas 30 e poucas horas que foram do avançamento do *São Salvador* sobre o *Gonçalves Dias*. Caprichos da fortuna. / Não te esqueças de ir com tua senhora visitar as minhas quatro enormes saudades na minha fazendinha de Laranjeiras. Escreve-me sempre e sempre. As tuas cartas serão recebidas mesmo no Alto Purus. / 12º filho! Não sei se devo dar-te parabéns por esse transbordamento de vida. Neste tempo e nesta terra as criancinhas deviam nascer de cabelos brancos e coração murcho, meu velho Coelho Neto. De mim penso que uns restos de mocidade nacional estão nas almas de meia dúzia de sexagenários dos bons tempos de outrora. Entre esses desfibrados e jovens imbecis tenho, às vezes, vontade de perguntar a um Andrade Figueira, a um Lafaiete e a um Ouro Preto se já fizeram vinte anos. Mas façamos ponto alto neste rolar pelo declive do meu pessimismo abominável. / Adeus. Até a volta, porque – infalivelmente – ainda te apertará em um abraço o teu / *Euclides da Cunha*.

### A ARTUR LEMOS

*Manaus, s. d. 1905*

Se escrevesse agora esboçaria miniaturas do caos, incompreensíveis e tumultuárias, uma mistura formidável de vastas florestas inundadas e de vastos céus resplandecentes. / Entre tais extremos está, com as suas inúmeras modalidades, um novo mundo que me era inteiramente desconhecido... / Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição do espaço de Milton: esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem. / Ela só lhe aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente. É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas; é um infinito que

5 Desse livro deu notícia Euclides a Coelho Neto de um capítulo, o qual parece estar definitivamente perdido na forma primitivamente projetada. A esse livro se destinariam os capítulos de "Terra Sem História", primeira parte d'*À margem da História*.

deve ser dosado. / Quem terá envergadura para tanto? Por mim não a terei. A notícia que ali chegou num telegrama de um meu novo livro, tem fundamento; escrevo, como fumo, por vício. Mas irei dar a impressão de um escritor esmagado pelo assunto. E, se realmente conseguir escrever o livro anunciado, não lhe darei título que se relacione demais com a paragem onde Humboldt aventurou as suas profecias e onde Agassiz cometeu os seus maiores erros. / Escreverei um *Paraíso Perdido,* por exemplo, ou qualquer outro em cuja amplitude eu me forre de uma definição positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira.

### A JOSÉ VERÍSSIMO

*Manaus, 10 mar. 1905.*

Meu ilustre amigo Dr. José Veríssimo, / Não lhe posso definir a satisfação que me causou a sua carta – magníficas palavras de amigo que as 3.000 e tantas milhas que nos separam tornaram, mais solenes e ouvidas por mim com verdadeira comoção. Aqui estou no meu posto sempre animado, sempre pronto à minha arrancada atrevida com o desconhecido. Mas que torturas, meu amigo, nesta longa parada com que eu não contava! Podia estar longe, podia estar nesta hora dominando as cabeceiras do Purus! E ainda não parti – e somente no dia 19 deste chegarão aqui as nossas instruções! Pontos de admiração deveria espalhar nestas linhas? Como é difícil o ter-se boa vontade e disposição para servir a este país! O que sobretudo me impressiona, agora, é o havermos perdido a melhor quadra para a subida. Estamos em plena vazante – e temo que muito antes da foz do Chandless a nossa marcha, por mais aforrada que ela seja, tenha de encalhar na vasa dos baixios. Certo não se me fraqueará o ânimo: marcharei a pé para o meu objetivo. Mas nem quero imaginar os empeços, as dificuldades, os perigos e até as torturas que nos esperam... / Vou, felizmente, bem. A minha reconciliação com o clima de Manaus é completa; e isto eu já disse na segunda carta que lhe escrevi, e que já deve ter recebido. Não tenho, infelizmente, tempo para continuar neste assunto. Preciso responder a outros tópicos da sua carta. / Também senti muito não ter conhecido o Dr. Barroso Rebelo. Saltei em Belém como um cego – numa lancha oferecida pelo Senador Lemos –; tomei um carro oferecido pelo mesmo e andei vertiginosamente

pelas majestosas estradas acompanhado por um representante do mesmo senhor. Não tive um minuto para procurar o oposicionista destemeroso. Assim mesmo fiz uma das minhas rebeldias: ao passar por uma rua, li num letreiro *Folha do Norte* – e com surpresa do companheiro mandei parar o carro, saltei e fui cumprimentar a redação. Afirmo-lhe que "o homem[6] não me empolgou". Fiquei-lhe grato pela gentileza, nada mais. / Quanto à eleição da Academia, lamentei o recuo do Vicente.[7] Penso como o Sr.: voto no Dr. Sousa Bandeira que sempre considerei um belo espírito, sincero e robusto. Nos tempos desfalecidos que atravessamos precisamos de tais companheiros. / Não se esqueça de ir com a sua família, sempre que desejarem dar um passeio, até a minha fazendinha de Laranjeiras,[8] onde vivem as minhas quatro grandes e permanentes saudades. / Acha bom o título *Um Paraíso Perdido* para o meu livro sobre a Amazônia? Ele reflete bem o meu incurável pessimismo. Mas como é verdadeiro!? / Machado de Assis, Araripe Júnior, João Ribeiro, Teixeira de Sousa (aliás, de *Melo*), Jaceguai, Domício da Gama, de nenhum deles me esqueço. Abrace-os por mim. E adeus. Muitas recomendações a todos os seus. / Creia sempre na afeição sincera do / *Euclides da Cunha.*

### A MACHADO DE ASSIS

*Manaus, 14 mar. 1905.*

Ao distintíssimo Mestre e bom amigo Machado de Assis, Euclides da Cunha, muito afetuosamente, e com as maiores saudades, saúda-o; promete escrever-lhe breve mais longamente e envia-lhe o seu voto para a próxima eleição da Academia.

### A DOMÍCIO DA GAMA

*Manaus, 17 mar. 1905.*

Domício da Gama, / Beijo-lhe as mãos pela grande bondade com que atendeu ao meu telegrama pedindo notícias da minha família. Passei-o coagido, sob o império de preocupações torturantes: há quase dois meses que não tinha uma carta de casa! / Felizmente, estou tranqüilo e posso

---

6 Antônio Lemos.

7 Vicente de Carvalho, que concorrera à vaga de Martins Júnior com Sousa Bandeira e Osório Duque-Estrada, retirou depois a candidatura.

8 Euclides da Cunha estabelecera a família na Rua Cosme Velho, 91 (Águas Férreas).

devotar-me, folgadamente, à minha tarefa. Estou pronto. Aguardo apenas as instruções (que chegarão depois de amanhã, no *Espírito Santo*) para seguir. Infelizmente o chefe peruano, do Purus, insistentemente me pede para seguirmos juntos, e como a sua lancha talvez se demore um pouco, já estou contando com mais alguns dias de demora, aqui. De qualquer modo, ao chegar esta aí, já estarei bem avantajado no rumo temerário da minha empresa. Vou animado, e bem firme na convicção de dominar as cabeceiras do grande rio; e como não creio que os hematozoários e filárias cobicem a minha organização estéril e seca, de nervoso, o triunfo será inevitável. / Às voltas com preocupações e trabalhos de toda a sorte, esquecem-me às vezes os meus próprios interesses. Exemplo: o Sr. Barão do Rio Branco, espontaneamente, entendeu mandar gratificar-me pelos serviços que prestei, aí, antes da nomeação. Nunca mais pensei nisto. Recebi um telegrama da minha mulher, a este respeito, para mandar-lhe uma procuração que aí devia chegar antes do fim do mês, para que não caísse em exercícios findos aquela gratificação, que importa em quatro contos e duzentos. Mas não atendi a tempo o pedido. A procuração que vai por este vapor, só aí estará de 6 a 8 de abril. / Para remover o inconveniente passei ontem a ela um telegrama autorizando-a a receber aquela quantia, no Tesouro. Não sei se será eficaz. No caso contrário peço a sua intervenção, expondo o caso ao Ministro, que providenciará com a justiça habitual. / Nada posso contar desta terra. Escrevo num batelão em consertos, no meio de um estrépido estonteador de martelos e serrotes. Nem sei como alinhavo estas linhas. Escreverei de mais longe. Creia sempre na afeição sincera do / *Euclides da Cunha*.

### A MACHADO DE ASSIS

*Manaus, 18 mar. 1905.*

Meu grande Mestre e Amigo Machado de Assis, / Felicidades! / Em carta registrada, que lhe mandei por intermédio de José Veríssimo, já tive o prazer de enviar o voto ao Dr. J. C. de Sousa Bandeira, para a vaga de José do Patrocínio,[9] obedecendo ao que me recomendou em telegrama o Barão do Rio Branco. / Este voto vai em duplicata, refletindo uma situação dúbia em que me acho, e que o Sr. terá de resolver aí, conforme as circunstâncias. Realmente, remeto para uma mesma vaga dois votos, um

9 À vaga de Patrocínio concorreram Mário de Alencar, Domingos Olímpio e o ex-padre José Severiano de Resende.

para Vicente de Carvalho, outro para Heráclito Graça. / A razão é que, havendo eu sugerido ao primeiro a apresentação de sua candidatura na eleição passada, firmei, de algum modo, com ele, um compromisso permanente. Despertei-lhe uma aspiração; não posso abandoná-lo. Trata-se de um querido amigo a quem estimo pelo coração e pelo talento – e como pode acontecer que ele (a despeito do insucesso anterior) se apresente ao novo pleito, entendo que devo ir, espontaneamente, ao encontro desta hipótese. / Confio à sua argúcia finíssima de adestrado psicólogo o justificar esse exagero da afeição, ou mais esta minha esquisitice no considerar as coisas desta vida. / De qualquer modo a solução é simples: se o Vicente for candidato na eleição para a cadeira do Patrocínio, é dele o meu voto; se não for (o que é quase certo), voto com o máximo prazer em Heráclito Graça, a quem não conheço pessoalmente, mas a quem tanto admiro e prezo como notável sabedor da nossa língua. / Estou nas vésperas da partida; e não lhe posso contar as preocupações que me lavram o espírito, num entrechocar de coisas tão opostas e que vão das grandes esperanças, que me arrebatam fortemente para o desconhecido, às saudades dolorosíssimas, que tanto me atraem às paragens onde está neste momento toda a minha felicidade. / Propositadamente abrevio as cartas às pessoas que estimo. Doem-me muito, neste momento, todas as boas recordações... A dureza da minha missão temerária quase que me impõe o olvido dos belos corações que tanto desejo que batam, um dia, outra vez, ao meu lado. Felizmente me alenta uma certeza absoluta e inexplicável de que voltarei. Hei de voltar. Hei de abraçá-lo ainda e aos bons amigos aos quais peço que transmita as minhas saudades. Creia sempre na maior veneração e verdadeira estima do *Euclides da Cunha*.

### A JOSÉ VERÍSSIMO

*Manaus, 19 mar. 1905.*

José Veríssimo, meu ilustre amigo, / Desejo-lhe muitas felicidades e a todos os seus. – Depois de escrita a carta que lhe mandei pelo vapor passado, recebi uma outra do Dr. Sousa Bandeira e um telegrama do Barão do Rio Branco relativamente às próximas eleições da Academia. Já remeti os votos: o de Sousa Bandeira na carta precitada, que seguiu registrada – e o da eleição seguinte (vaga de José do Patrocínio) por este vapor. Votei em Heráclito Graça – condicionalmente – isto é, desde que Vicente de

Carvalho não seja candidato. Explico bem o caso na carta que nesta data envio ao nosso querido mestre. Aproxima-se o dia da minha partida; e, certo, eu a realizaria logo depois da chegada das instruções, se não houvesse de aguardar que se aparelhem os peruanos. Não sei bem que tempo gastarão ainda. Noto que têm pouca pressa. Não se agitam. Quedam numa adorável placidez, em que se partem todas as minhas impaciências. Espanhóis ardentíssimos, álacres e ruidosos para as zarzuelas e para todas as requintadas troças desta desmandadíssima Manaus – são quíchuas, quíchuas morbidamente preguiçosos quando se trata de partir. Chego a imaginar que não os interessa a empresa ou que mal a toleram, contrariados. E como nos querem mal! O interessante é que cheguei a esta conclusão, paradoxalmente, mercê da minha finura nativa de caboclo ladino. Porque cada um desses amáveis sujeitos, ao encontrar-nos, todo se desfaz em sorrisos, em multiplicados cumprimentos e em dizeres açucarados. Fica-lhes velado, no âmago, o malquerer traiçoeiro. Afinal me ajeito à mesma esgrima; disfarço-me; e vibro, como posso, a ironia terrível da cordialidade hipócrita e temerosa em que vivemos. O futuro confirmará, talvez, estas conjecturas; e sem o aguardar, eu, se fosse governo, trataria de garantir as três largas brechas do Javari, do Juruá e do Purus, por onde deslizarão um dia, ao som das águas, as suas frotas velozes de lanchas e de canoas... Não veja nisto apreensões patrióticas, que não tenho. Mas uma conclusão positiva: não há país no mundo que como o Peru e o Brasil vizinhem em paragens tão majestosamente opulentas. O conflito – quaisquer que sejam os paliativos da arbitragem – arrebentaria como uma larga generalização das rixas insanáveis do seringueiro e do caucheiro, absolutamente irreconciliáveis. / Peço-lhe muito – e estendo o pedido muito particularmente à sua Exma. Senhora – que visitem sempre as minha 4 imensas saudades, no retiro das Laranjeiras onde, idealmente, passo o melhor do meu tempo. / Não sei se ainda lhe escreverei daqui. Não cessarei de dar-lhe notícias. Faça o mesmo, porque é sempre com a satisfação mais íntima que recebe notícias suas, o seu, muito cordialmente, / *Euclides da Cunha*.

**A ALBERTO RANGEL**

*Manaus, 20 mar. 1905. (10 1/2 da noite).*

Rangel, / Só, inteiramente só, na saleta estreita da tua bucólica tebaida...[10] Ou melhor, eu e algumas sombras: Frei João de São José, o estrê-

10 Rangel cedera a E. da C. a sua casa em Manaus, "uma casita alpendrada com largo panorama de mata baixa", onde ficaram ele e Firmo Dutra.

nuo Ricardo Franco, o meticuloso Lacerda e Almeida e não sei quantos outros mais... Calcula, se puderes, a nossa orgia silenciosa e formidável de velhos sucessos acabados e estupendos lances para todo o sempre extintos. O velho frade, castamente voltairiano, com o seu belo dever castíssimo, conta-me os casos antigos da Amazônia velha; o impávido tenente-coronel de engenheiros,[11] as suas quatro ou cinco odisséias sertanejas, e o maior explorador[12] de todos os tempos e de todos os países, o molde secular de todos os Livingstones e de todos os Stanleys, a sua peregrinação maravilhosa do "Equador visível" aos últimos rebentos meridionais da Mantiqueira! / E vão-se lentamente escoando as horas nesta palestra esquiliana e sem palavras... O F. saiu; está neste momento prosaicamente decaído sob o olhar adoravelmente fulminante de uma noiva. / Lá dentro – o Manuel, cotovelos fincados na mesa, cabeceia deploravelmente sobre uma cartilha de A B C amarrotada; e um grande, um misterioso silêncio rendilhado de fugitivos rumores de folhagens agitadas de leve – torna mais solene esta esmagadora quietude. Certo, se de momento em momento, um angustiado espirro da bronquite crônica do teu galinho, o "louquinho" no diagnóstico do F., não me chamasse à realidade chatamente térrea, eu veria abrir-se misteriosamente à tua estante da esquerda e dela irromper o torturado Rollinat, de braço dado com *"...l'éternelle dame en blanc / Qui voit sans yeux et rit sans levres"*, / tal augusta placidez que, nesta hora, avassala inteiramente a tua encantadora vila... – Então, lembro-me de ti, imagino-te ao lado do melhor entre os melhores corações que te idolatram – e toda a minha saudade se extingue numa grande e nobilizadora inveja – tão grande que só este pecado de invejar a tua felicidade de filho bastaria para que se me abrissem todos os céus (se os céus existissem) – com toda a minha incorrigível impiedade. / A nossa partida está próxima. Chegaram ontem as instruções e, desde que se realize a reunião dos comissários, iremos rumo feito para o desconhecido. / A minha frota: duas lanchas (uma ainda problemática), um batelão e seis canoas – flutua triunfalmente no extremo do igarapé de São Raimundo – e teve ontem o batismo de uma tempestade. / Nunca imaginei que este rio morto escondesse, traiçoeiramente, ondas tão desabridas. Uma rajada viva de sudoeste imprimiu-lhe

11 Ricardo Franco de Almeida Serra.

12 Lacerda e Almeida.

as crispações ensofregadas de um mar, e que mar! um mar entre barrancos, em que as vagas desencadeadas se desatam em cordilheiras impetuosas de torrentes. / Felizmente resistiram galhardamente os meus navios. / É que dentro deles está a "fortuna de César". Realmente creio tanto no meu destino de *bandeirante,* que levo esta carta de prego para o desconhecido com o coração ligeiro. Tenho a crença largamente metafísica de que a nossa vida é sempre garantida por um ideal, uma aspiração superior a realizar-se. E eu tenho tanto que escrever ainda... / Li na *Província do Pará*[13] as tuas generosas palavras a meu respeito. És um coração! Não exultou, lendo-te, a minha vaidade – uma infeliz sacrilegamente apedrejada em toda a parte e que nem sei como ainda vive! – mas o orgulho, o grande orgulho de possuir a tua simpatia. / Um favor, mas favor sacratíssimo, de irmão. Na Rua Cosme Velho, 91 (atual Rua de Francico Otaviano), Laranjeiras – moram as minhas quatro enormes saudades – a minha mulher e os meus três pequenos. Peço-te que os procures e lhes dês notícias minhas. / Antes de seguir, hei de escrever-te outra vez. / Responde-me. Receberei a carta mesmo em caminho, por intermédio do F., que a enviará. / Adeus, Rangel. Apresenta os meus respeitos a tua boa mãe; peço-te que me recomendes aos amigos (não terás grande trabalho nisto) – e que te não esqueças nunca do / *Euclides da Cunha*.

O Firmo é o que desde o primeiro dia imaginei: um companheiro adorável. / Mas sob outros pontos de vista – um paradoxo, o mais estranho paradoxo vivo que tenho encontrado: atravessa os dias a esbravejar, à maneira de Schopenhauer, contra o sexo frágil – e invariavelmente, das 7 às 10, todas as noites entoa o *mea culpa* do noivado, contrito, sob o olhar carinhoso e vigilante da futura sogra... Magnífico.

**A JOSÉ VERÍSSIMO**

*Boca do Chandless, 25 mai. 1905*

José Veríssimo, meu bom amigo. / Tenho dois minutos para lhe dizer: estou bom e a braços com inopinadas dificuldades resultantes de uma partida tardia de Manaus. / O Purus, daqui para cima, mal tem profundida-

13 Esse artigo (carta a Carlos Dias Fernandes) foi reeditado na *Revista do Grêmio Euclides da Cunha,* agosto de 1921.

de para uma montaria modesta. A montante estão onze vapores e lanchas encalhados! As nossas seguiram o destino comum. O deserto agarrou-me convardamente, pelas costas, meu bom amigo! Mas não vacilo. Hoje conferenciarei com o comissário peruano sobre a situação – e hei de apresentar-lhe o meu alvitre único: para a frente, mesmo que seja a pé. Felizmente estou forte, ou melhor, com a minha saúde invariável, de sempre. Muitas saudades a todos os seus – e se puder dê estas notícias minhas aos meus. Lembranças aos amigos. Seu sempre / *Euclides da Cunha*.

### A MANUEL R. PIMENTA DA CUNHA

*Boca do Chandless, 25 mai. 1905*

Meu Pai, / Mal tenho tempo de dizer-lhe que estou bom. Aproveito um portador apressado que desce em canoa para Manaus, porque o Purus vazou exageradamente, prendendo no seu leito quase seco os vapores que aqui estavam. O mesmo sucedeu às nossas lanchas. Teremos que continuar em canoas. Começam os trabalhos. Felizmente estou bom, assim como todos os companheiros. O clima é benigno, neste ponto; e se não fossem os mosquitos infernais que nos devoram, estaríamos perfeitamente. / Muitas saudades a Adélia e Otaviano. É impossível escrever-lhes agora. Ao Sr. mesmo não sei como consegui mandar estas linhas escritas sobre a bota e diante de um portador que me pede pelo amor de Deus para terminar. / Saudades, muitas saudades! / Abençoe ao Filho e Amº. / *Euclides*.

### AO MESMO

*5 jun. 1905*[14]

Meu pai, / Desejo-lhe muitas felicidades. Aqui cheguei bem, assim como os companheiros. Viemos em viagem penosíssima, de canoas, mas não tenho um só doente, um só escoriado entre a minha gente. Continuo animado, apesar do naufrágio do nosso batelão, no dia 21 de maio, que me obrigou a dividir a comissão. Sigo somente com o Arnaldo[15] e o médico.[16] E vamos melhor. Estamos agora em regiões povoadas por peruanos. Mas neste sentir-me fora da nossa terra tenho novo alento, maior en-

---

14 Novo lugar (Acampamento que reunia os integrantes da Comissão Administrativa Brasileira).

15 Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha, primo-irmão de Euclides e sub-chefe da Comissão.

16 Dr. Tomás Catunda, amigo de Euclides e Vicente de Carvalho.

tusiasmo e segura resolução de seguir. Conto com o êxito. No máximo em dois meses atingiremos as cabeceiras e estaremos de volta. / Não posso, infelizmente, conversar mais longamente com o Sr. O portador que encontrei vai muito apressado e apenas me concedeu poucos minutos de uma notícia. / Lembranças e saudades a todos. / Abençoe ao Filho e amigo. / *Euclides*

### A JOSÉ VERÍSSIMO

*Manaus, 8 nov. 1905*

José Veríssimo, meu ilustre amigo, / Afasto por um momento a papelada que me esmaga, para escrever-lhe esta, num cantinho da minha mesa de trabalho. Mas ainda desta vez nada lhe poderei contar, senão que estou bom, embora pressinta que os longos dias de ansiedade, de misérias e triunfos passados nas cabeceiras do Purus me prejudicaram a vida. Misérias e triunfos... somente à viva voz lhe poderei contar como fundi aquelas coisas antinômicas, numa batalha obscura e trágica com o deserto. Além disto, estas coias não se podem contar quando se tem a cabeça a doer de logaritmos. / Até breve. Saudades – profundas saudades a todos. Muitas recomendações à sua Exma. família e receba apertado abraço do / *Euclides da Cunha*.

### A RODRIGO OTÁVIO

*Manaus, 2 dez. 1905.*

Rodrigo Otávio, / Felicidades! Pedi ao meu colega, Dr. Adolfo Luís, para te entregar a triste figura que aí vai. / Até breve. Dentro em breve te abraçará o / *Euclides da Cunha*.

# *Índice Onomástico*

**C**

**D**



**E**



**F**



**G**

**H**



**I**



**J**



**K**



**L**



**M**

**N**



**O**



**P**

**T**



**U**



**V**



**W**



**Y**



**Z**